



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração de obras em sete campi de quatro
universidades federais do Rio Grande do Sul**

Santa Maria-RS, 03 de setembro de 2010

Meu querido companheiro, ex-governador do estado do Rio Grande do Sul, ex-prefeito de Porto Alegre, ex-ministro do meu governo e ex-presidente do Sindicato dos Bancários, companheiro Olívio Dutra,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação, Magnífico reitor Felipe Martins Müller, da Universidade Federal de Santa Maria,

Prefeito Cezar Schirmer, de Santa Maria,

Erlí Pozzebon, de Silveira Martins, por intermédio de quem cumprimento os demais prefeitos aqui presentes,

Nosso querido companheiro, estudante, Pedro Sérgio da Silveira, por meio de quem cumprimento todos os alunos da Universidade Federal de Santa Maria,

Quero cumprimentar a magnífica reitora Maria Beatriz Luce, da Universidade Federal do Pampa, lá em Dom Pedrito,

Os prefeitos Francisco Alves Dias, de Dom Pedrito, e Cláudio Martins, de Jaguarão,

E também cumprimentar a estudante Ariane (incompreensível), por meio de quem saúdo os demais alunos da Universidade Federal do Pampa,

Lá em Rio Grande, eu quero cumprimentar o magnífico reitor João Carlos, da Universidade Federal do Rio Grande, e o senhor Fábio de Oliveira Branco, prefeito de Rio Grande, e o estudante Alexandre Islabão Bandeira, por intermédio de quem cumprimento os demais alunos da Universidade Federal do Rio Grande,



E em Porto Alegre, cumprimentar o magnífico reitor Carlos Alexandre Netto, da Universidade Federal do Rio Grande [do Sul], e o estudante Renan Arthur, por meio do qual saúdo os demais alunos da Universidade Federal do Rio Grande [do Sul],

Companheiros e companheiras de Santa Maria,

Companheiros das cidades da região,

Meus amigos da imprensa,

Companheiros estudantes, professores, funcionários das universidades da região,

Não seria necessário fazer uso da palavra, depois de ouvir tantos reitores, de ouvir prefeitos e de ouvir o nosso Ministro. Mas eu penso que muitos de vocês, daqui alguns anos, serão autoridades no meu país, serão autoridades nas cidades brasileiras e serão autoridades nas universidades e também nos estados brasileiros. E eu queria dizer para vocês a grande lição de vida e o grande legado que eu poderia deixar, depois de oito anos de mandato, e que pudesse servir de lição de vida para quem vier a governar as cidades, os estados e a União depois de mim, para quem assumir cargos importantes. Tem uma palavra mágica, e é uma palavra simples, que todo mundo sabe, mas que muitas vezes nós nos esquecemos. A palavra do sucesso é a palavra “óbvio”. Se cada um de nós fizesse apenas o óbvio, quando estamos no governo, nós não erraríamos e faríamos a revolução que estamos fazendo neste país nesse momento.

Uma vez, lá na Secretaria de Assuntos Estratégicos do governo, nós encomendamos um estudo para saber qual era a mais importante prioridade da sociedade brasileira, e essa pesquisa foi feita por telefone, pelos [com os] mais diferentes segmentos da sociedade, e entrevistamos milhares de pessoas, e só tinha uma unanimidade: todo mundo queria uma educação de qualidade. Era unânime: 100% dos pesquisados achavam que a solução do Brasil passava



por uma educação de qualidade. E aí, quando você perguntava se era possível atingir essa educação de qualidade, mais de 80%... Veja, 100% queriam educação de qualidade e mais de 80% não acreditavam que nós pudéssemos fazer educação de qualidade no Brasil, ou seja, era um povo que sabia o que queria, mas era um povo que tinha convicção de que os seus governantes não seriam capazes de atender aquilo que era a necessidade maior da sociedade brasileira.

Foi por isso que nós tomamos uma decisão no governo. Quando você vira governo – e vale para prefeito, vale para governador, vale para Presidente da República e vale para Reitor também –, você tem a parte do governo que quer fazer investimentos, você tem a parte do governo que quer fazer contenção de despesa para poder pagar aquilo que o Estado deve, e você tem aqueles que são os responsáveis pela arrecadação. Então, tudo o que você tenta fazer em um governo, aparece uma ou mais pessoas do governo dizendo: “Olha, não pode gastar. Nós não podemos aumentar o salário dos professores porque não podemos gastar mais. Nós não poderemos comprar equipamento para a universidade porque não podemos gastar. Nós não podemos dar dinheiro para saúde porque não podemos gastar”. Ou seja, tudo vira gasto e nada é tratado como se fosse investimento.

No primeiro ano de governo, nós, em uma reunião ministerial, eu tomei a decisão de que seria proibido, nas reuniões ministeriais e nas reuniões comigo, qualquer ministro utilizar a palavra “gasto” quando se tratasse de investimento em educação. Era proibido. Ora, porque nós éramos induzidos a entender que o principal de alguém que vai governar uma cidade, um estado, a União, é você fazer uma contabilidade, que no final do ano zere: você não tem despesa, você não fez nada, mas você não tem dívida. É isso que algumas pessoas gostam. Quando, na verdade, todo mundo sabe que para você colher no futuro, você tem que fazer investimento hoje e às vezes é preciso fazer alguma dívida para você poder ter retorno amanhã, depois de amanhã. Então, nós mudamos duas



décadas em que, no Brasil, só se pensava em ajuste fiscal e, quando nós ouvimos a palavra “ajuste fiscal”, significa aumentar imposto e significa reduzir salário. Toda vez que alguém falar em ajuste fiscal, vocês podem ter certeza que significa aumentar imposto e reduzir salário. Salário de quem? Da máquina pública, que, muitas vezes, foi acusada de ganhar muito, mas eu estou cansado de ver, como Presidente da República, gente de qualidade do governo, da máquina pública, que era tido como marajá há dez anos, ganhando R\$ 20 mil e ser cooptado por uma empresa multinacional para ganhar R\$ 200 mil, R\$ 300 mil por mês. Inclusive, gente, Fernando, de qualidade, de uma empresa como a Petrobras, que a gente que ganha muito quando ganha R\$ 40 mil e é convidado para ganhar US\$ 100 mil, US\$ 80 mil, para prestar serviço a empresas multinacionais.

Então, nós invertemos esse quadro. Quando se tratar de educação, nós temos que fazer investimento e não temos que medir as consequências desse investimento; temos apenas que ter a certeza que o dinheiro será bem aplicado e que nós teremos um retorno, com um grande cientista, com um grande pesquisador, com alguém que vai contribuir para o desenvolvimento do país.

A outra coisa que nós tomamos como decisão: no Brasil, Presidente da República e ministro da Educação não se reuniam nem com os estudantes e muito menos com os reitores. Eu não sei qual era o medo que os reitores causavam em ministros da Educação, que tinham sido reitores. É inacreditável. Possivelmente fosse o mesmo medo que os presidentes tinham de receber prefeitos, e vocês, prefeitos, sabem que a visão que se tinha na época é que, se o presidente fosse conversar com vocês, vocês iam pedir dinheiro para o presidente. Então, ele também não recebia prefeito. Então, imaginem o absurdo do absurdo: eu sou presidente de um país, em que eu não recebo reitores, em que eu não recebo prefeitos, em que eu não recebo estudantes, em que eu não recebo trabalhadores, não recebo as suas entidades; que diabo



eu estou fazendo na Presidência da República? Para quem eu estou governando? Afinal de contas, para quem é que nós governamos?

Veja, eu fui, desde 2003, em todas as marchas que os prefeitos fizeram em Brasília; eu não esperava o prefeito pedir uma audiência comigo, eu pegava todo o meu ministério – e vocês são testemunhas - e levava 30 ministros para participar da Marcha dos Prefeitos. Eles apresentavam as suas reivindicações; a gente, olhando um no olho do outro, dizia: “Nós podemos ou nós não podemos”. Mas por que um presidente haveria de ter medo de um prefeito? Por que um presidente haveria de ter medo de um reitor? Por que o presidente deveria ter medo de um estudante? Nesses dias, em Caruaru, o companheiro Fernando Haddad e eu tivemos uma surpresa: o Yann, presidente da Ubes, ele foi - preocupado - conversar comigo e com o Fernando Haddad e falar: “Olha, ministro, nós estamos com um problema aqui, porque, quando o presidente Lula tomou posse, nós apresentamos 13 pontos de reivindicação, 13 coisas, e agora vocês já atenderam tudo. O que é que a gente faz?”.

Na verdade, quando uma pessoa qualquer, por falta de inteligência política, acha que o governo cooptou a UNE ou a Ubes, na verdade, foram eles que cooptaram o governo para fazer aquilo que tinha que ter feito, como pagamento de dívida aos estudantes brasileiros.

Nós só aprendemos conversando com reitores. O que os reitores queriam? Antes de eu ser presidente, eu cansei de passar em universidade, em que o reitor me convidava para visitar banheiro sem papel higiênico, não tinha dinheiro; azulejo caindo, não tinha dinheiro para reparar; fiação toda caindo aos pedaços; grama na porta da reitoria, desse tamanho, porque não tinha dinheiro para comprar. Ou seja, era essa a situação da universidade brasileira. Como é que a gente poderia melhorar o país, se a gente não chamasse a sociedade para dizer: “Vamos ajudar a consertar esse país”. E tenho muito orgulho de dizer, meus caros magníficos reitores que estão assistindo pela TV, que não quero ser eu, o único, mas já carrego a primazia



de ser o primeiro Presidente da República que se reuniu todo ano com todos os reitores das escolas... das universidades federais, todos reitores dos Ifets e, mais ainda, com todos os estudantes representados pela União Nacional dos Estudantes, e não me tiraram um pedaço. Este dedo eu perdi, eu tinha 17 anos de idade, nem pensava ser Presidente da República.

É com muito mais orgulho ainda que, ao deixar a Presidência da República, eu assisto ao meu Ministro de Ciência e Tecnologia ir à SBPC, e ser aplaudido de pé. Fernando, não é novidade o ministro da Saúde, eles não tinham coragem de ir a uma universidade no dia da posse, imagina no final do mandato. E nós temos ido toda semana a universidade brasileira. Porque, na nossa cabeça, uma democracia, nela existe espaço para a pessoa levantar um cartaz contra, existe espaço para a pessoa levantar um cartaz a favor, existe espaço para uma vaia, existe espaço para um aplauso, nós não temos que ter medo disso. Nós não temos que ter medo dessas coisas; essas coisas é que vão consolidando, dentro de nós, a questão da democracia, o fortalecimento da democracia. Aquele Palácio do Planalto, bonito do jeito que era, aquele Palácio nós... Alguns falam que nós avacalhamos, quando, na verdade, nós democratizamos, porque ali era chique, ali era só para rei, rainha, príncipe e princesa, banqueiro ou empresário. E, ali, nós começamos a colocar todo mundo.

Eu lembro de um dia, Prefeito, que começou uma briga sobre a questão dos portadores de deficiência visual e os seus cães-guia, que a igreja não queria que entrasse, lá em Brasília, que o metrô não queria deixar os portadores de deficiência entrar com o cachorro no shopping, que o metrô estava proibindo as pessoas entrarem com o cachorro no shopping. O que eu fiz para mostrar que era preciso agir diferente? Eu trouxe para dentro do Palácio os portadores de deficiência visual e os seus cachorros, e nenhum desrespeitou o Palácio do Planalto e fez qualquer sujeira no Palácio do Planalto. Aliás, como é que a gente quer proibir alguém de entrar no Palácio e



deixar os seus olhos do lado de fora, que era o cachorro? Ali naquele Palácio entrou catador de papel, que nunca imaginou entrar. Ali naquele Palácio entraram moradores de rua, que nunca - e não precisaram trocar de roupa, não foi exigido trocar de roupa e nem [vir] de gravata, vieram do jeito que quiseram vir. Ali entrou sem-teto... Para que a gente estabelecesse uma nova relação entre o Estado e a sociedade, para que a gente não tivesse medo. Porque o político, ele tem uma deficiência mental, ou seja, na época da eleição, ele anda na rua de carro aberto fazendo assim para todo mundo, abraça todo mundo. Todo político, em época de eleição, fala mal de banqueiro, fala mal de empresário, fala mal de latifúndio, e fala bem do pobre. Não tem nada mais sagrado do que o pobre em época de eleição, não tem nada mais sagrado. Coloca uma criança rica e uma criança pobre, e coloca um político na frente, que ele vai logo na pobrezinha pegar para dar um beijinho. E depois que terminam as eleições, quem vai jantar com eles são os ricos e não os pobres.

Então, o que nós estamos querendo é mudar essa lógica, essa lógica preconceituosa que levou este país a tantos anos de atraso, a lógica perversa de que a inteligência era confundida com o conhecimento ou com anos de escolaridade, a lógica perversa de que Brasil deveria ser governado para 35% da sua população, e o resto é o resto. O preconceito que não permitia que um operário pudesse chegar à Presidência da República, no Brasil; um negro, a presidente na África do Sul; um índio, a presidente na Bolívia, e assim por diante, os preconceitos vão sendo derrubados, e agora um negro é eleito presidente nos Estados Unidos, para mostrar que é possível, através da democracia, a gente conquistar mais espaço.

A mim, me inquieta, companheiros, reitores, prefeitos e meu Ministro da Educação. A mim, me inquieta, muitas vezes, uma universidade não estar preocupada com o que está acontecendo fora da universidade, na sua cidade, num bairro. Às vezes, a universidade é encostada a uma favela, e você pergunta quantas vezes os alunos e professores foram passar um dia



conversando com aqueles favelados. Não foram porque não faz parte do *habitat* natural.

Eu acho que nós estamos num processo de evolução da consciência política da espécie humana no Brasil. As pessoas já não têm mais preconceito, porque o preconceito é uma doença. Ainda haverá alguém capaz de inventar uma ressonância magnética para descobrir preconceito, e dar uma injeção na cabeça do cidadão, e tirar o preconceito da cabeça dele, porque a mais perversa doença é o preconceito. A segunda é a inveja.

Bem, eu vou deixar, daqui a... Você me tirou vinte e poucos dias de mandato, meu! Eu perdi três eleições para poder ganhar, e você já me diminuiu para três meses. Faltam três meses e um pouquinho de dias. E cada dia vale ouro, porque nós temos muita coisa para inaugurar. Nós temos muita coisa, nós temos ainda umas 70 escolas técnicas para inaugurar antes de terminar o meu mandato, e nós vamos inaugurar uma a uma, porque quem vier vai ter que fazer mais, vai ter que fazer mais, porque o Brasil mudou de paradigma. A gente, antes... O Fernando Haddad não disse uma coisa aqui importante, que ele diz em outros lugares, que é o seguinte: não é... eu acho que hoje já estamos com 117 ou 118 extensões universitárias, tentando levar para todo o território nacional, de Manaus a Coari, de Pernambuco a Garanhuns, ou seja, tentando levar para o todo o território nacional braços das universidades federais, que eu não sei por que foram criadas só para capitais. Então, nós queremos, como diria Olívio Dutra, espriar, espriar por todo o território nacional as nossas universidades federais. Para quê? Porque nós estamos entrando num momento em o que Brasil já não pode se contentar em ser o maior exportador de carne do mundo, o maior exportador de minério de ferro do mundo, o maior exportador de suco de laranja do mundo, o maior exportador de café do mundo. Não, isso para nós já era, isso é coisa do século passado. No século XXI, nós temos que exportar outra coisa, nós temos que



exportar conhecimento, nós temos que exportar inteligência, e é isso que nós estamos fazendo, como estamos investindo aqui.

E queria terminar dizendo uma novidade, uma novidade que é o seguinte: nós, quando criamos o PAC da Ciência e Tecnologia, nós colocamos 41 bilhões no PAC. Foi a primeira vez, na história do Brasil... eu vou dizer assim: Nunca, antes, na história do Brasil, um programa de ciência e tecnologia tinha sido feito pelos cientistas. E o nosso programa foi feito pelos cientistas, que entregaram ao Ministério da Ciência e Tecnologia, e nós adotamos o programa. Quando nós aprovamos, por unanimidade, no mundo acadêmico, eu criei uma comissão de acadêmicos para acompanhar a execução do programa. Nós vamos chegar, agora, em 31 de dezembro, investindo cada centavo do dinheiro que nós disponibilizamos. O que é mais importante é que este ano, na formação de doutores, as mulheres já são 51% contra 49% dos homens.

Essa é uma coisa, para mim, extraordinária porque, definitivamente, a natureza já tinha nos dado uma bordoadada quando fez as mulheres serem maioria que os homens na sociedade. E ela dá essa segunda bordoadada, mostrando que aquela história de neurônios, de massa encefálica mais desqualificada, de sexo fraco, tudo isso era coisa do machismo arraigado na cabeça de muitos homens que governaram a Humanidade. A mulher não veio... A mulher, ela não está de passagem pelo Planeta, ela não está de passagem na universidade, ela não está de passagem no comando das empresas, ela não está de passagem nos grandes escritórios, e muito menos ela está de passagem nas políticas. Elas vieram para ficar e, se permitirem, elas podem comandar.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser!

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
sessão de abertura da Cúpula Brasil-Comunidade Econômica dos
Estados da África Ocidental (Cedeao)**

Ilha do Sal, Cabo Verde, 03 de julho de 2010

Excelentíssimo senhor Pedro Pires, presidente da República de Cabo Verde,

Excelentíssimo Primeiro-Ministro de Cabo Verde,

Excelentíssimo senhor Goodluck Jonathan, presidente da República da Nigéria e presidente em exercício da Cedeao,

Senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo,

Senhor presidente da Comissão da Cedeao, James Victor Gbeho,

Senhoras e senhores chefes de missões,

Senhoras ministras e senhores ministros,

Senhoras embaixadoras e senhores embaixadores,

Senhores e senhores jornalistas aqui presentes,

Amigos e amigas,

Quero homenagear Cabo Verde pela realização desta Cúpula da Comunidade Econômica dos Estados da África do Oeste com o Brasil.

Aqui estamos reafirmando o compromisso comum de construir uma zona de paz e prosperidade unindo as duas margens do Atlântico. Nos une uma história construída com o sacrifício de milhões de africanos. Compartilhamos traços físicos, espirituais e culturais, que fazem do Brasil a segunda maior nação negra do mundo.

Mas hoje estamos unidos, sobretudo, por uma visão de futuro. Um Brasil que encontrou o caminho do desenvolvimento com justiça social e uma África que dá provas de maturidade e determinação para superar décadas de



estagnação e conflito.

Por essa razão, faço minha oitava viagem ao continente. Até o final do meu mandato terei visitado 25 países. Cultivei uma intensa relação com vários líderes africanos. Por isso posso afirmar que o século XXI testemunhará o renascimento africano.

Senhoras e senhores,

A África está determinada a traçar seu próprio destino, livre do ranço do colonialismo, livre de novas formas de dominação.

Os países do continente vêm assumindo compromissos que reforçam a democracia e plantam as sementes do desenvolvimento: transparência administrativa, fortalecimento institucional, proteção dos direitos humanos e prioridade governamental para a educação e para a saúde.

Sabemos que esses esforços não frutificarão sem paz e segurança. A União Africana tem estado na vanguarda das iniciativas regionais de pacificação duradoura de tensões sociais, políticas e étnicas que tanto retardaram o progresso do Continente.

A Cedeao tem sido fundamental nos esforços de mediação para resolver conflitos internos, como os da Libéria e de Serra Leoa. A pronta atuação da Comunidade ajudou a reverter a instabilidade na Guiné e no Níger, e criou condições para retomar o caminho da democracia e do desenvolvimento.

Senhores Presidentes,

O Brasil é parceiro da África nessa empreitada. Somos países em desenvolvimento, lutamos para oferecer vida digna a milhões de pessoas. Conhecemos o desafio de garantir que todos possam se alimentar de forma digna. Sabemos que é fundamental promover um desenvolvimento rural sustentável e preservar o meio ambiente.

Nossos solos, nosso clima tropical e nossos recursos genéticos também nos aproximam. O cerrado brasileiro, onde se desenvolve uma pujante agricultura e pecuária, guarda fortes semelhanças com a savana africana. Em



muitos países do Continente, inclusive os da Cedeao, podemos reproduzir a revolução da agricultura brasileira.

Convertemos terras improdutivas em espaços agrícolas férteis, graças à intervenção articulada da investigação agrícola aplicada e a um leque de políticas públicas.

Geramos convivência harmoniosa entre uma agropecuária empresarial moderna e uma agricultura familiar robusta. A produção do pequeno agricultor responde por 10% do nosso PIB. Gera milhões de empregos e fornece 70% dos alimentos que consumimos no Brasil. Eleva a renda no campo e multiplica seus efeitos no consumo.

A agricultura também originou uma outra revolução: a dos biocombustíveis. Sem prejudicar a produção de alimentos, gera empregos e renda na zona rural e promove uma matriz energética renovável e barata. O empenho africano em incentivar energias renováveis estimulou-nos a propor a criação um centro brasileiro-africano de excelência em bioenergia.

Fico satisfeito que nossa Declaração reflita a prioridade dos biocombustíveis em nossa cooperação. Mas nada disso se faz sem capacitação profissional e formação de recursos humanos.

Por isso estamos criando uma Universidade para 10 mil alunos brasileiros e africanos, em Redenção, no estado do Nordeste brasileiro, no Ceará. Foi lá que teve início a luta pela libertação dos escravos. Lá serão formados profissionais nas áreas de saúde, agricultura e de gestão pública, com o compromisso de voltarem a atuar nos seus países africanos.

Senhoras e senhores,

O Escritório da Embrapa na África já produz resultados concretos: são 35 projetos em 16 países, que receberão financiamento de 10 milhões de dólares. Vários deles se realizam em países da Cedeao. Projetos de pesquisa no Mali e no Senegal estão melhorando variedades de algodão e arroz.

A Agência Brasileira de Cooperação vem implementando mais de 70



projetos em países da Cedeao, totalizando 17,5 milhões de dólares em áreas que vão desde educação e saúde até formação profissional e segurança pública.

Mas queremos mais. Foi esse o objetivo do Diálogo Brasil - Países Africanos sobre Desenvolvimento Rural, com a presença de 45 ministros africanos em Brasília.

Decidimos lançar um mecanismo financeiro conjunto Brasil-Cedeao para o financiamento de projetos, que irão além da cooperação técnica, incentivarão os investimentos e o comércio.

Vamos executar projetos-piloto do Programa de Aquisição de Alimentos, conjugando a melhoria nutricional das populações carentes com incentivo à agricultura familiar.

Como no caso brasileiro, essas iniciativas criarão empregos e renda, incentivarão a formação de cooperativas e associações de agricultores.

Caros amigos,

Ninguém duvida da urgência de reformarmos a governança econômica e política internacional. Mas essa reforma só tem sentido se for para favorecer o desenvolvimento com inclusão social.

Eliminar a pobreza e derrotar a fome deve ser nossa ambição maior. No G-20, o Brasil defende lugar central na agenda internacional para a agricultura e a segurança alimentar, com ênfase na revitalização da agricultura africana.

A FAO é decisiva para construir um mundo sem fome. Por isso, o Brasil apóia um Comitê de Segurança Alimentar forte, capaz de forjar uma verdadeira Parceria Global para a Agricultura.

O Programa Mundial de Alimentos tem papel fundamental nessa estratégia, beneficiando as populações vulneráveis e estimulando o pequeno produtor rural. O FIDA precisa apoiar programas nacionais de regularização fundiária e de ampliação de crédito e seguro agrícola.

O FMI e o Banco Mundial não podem seguir como antes. O Brasil se



tornou credor dessas entidades para que elas mudassem. Basta de programas de ajuste estrutural que inviabilizam medidas de inclusão social em nossos países.

Atender às expectativas dos países mais pobres também é nossa prioridade em relação à OMC. A conclusão da Rodada de Doha, com base nos acordos já alcançados, é fundamental para consolidar um regime multilateral de comércio mais justo e equitativo. É absolutamente necessário encontrar uma solução justa para a questão dos subsídios ao algodão, que afetam profundamente países desta região da África.

Senhoras e senhores,

O Brasil confia na África. Acreditamos que 800 milhões de africanos necessitam e podem realizar a promessa de uma região com vastas riquezas naturais e extraordinárias perspectivas de crescimento.

Tenho a certeza de que esta reunião será a semente de uma cooperação duradoura e produtiva entre o Brasil e a África Ocidental.

Eu queria, meus amigos, dizer mais duas palavras para vocês, porque está chegando ao final do meu mandato e eu não sei quando eu vou encontrar tantos companheiros dirigentes africanos em uma única reunião.

A verdade, presidente Pedro Pires, é que o Brasil não apenas pela vontade do presidente Lula ou do ministro Celso Amorim ou de outros ministros, o Brasil tomou uma decisão política de se reencontrar com o continente africano.

Eu digo sempre que nós não temos como pagar, nós não temos como mensurar em dinheiro a dívida histórica que o Brasil tem com o continente africano. Não tem, não existe... porque nós somos devedores do nosso jeito de ser, nós somos devedores da nossa cultura, nós somos devedores da nossa arte, nós somos devedores da nossa cor, da miscigenação do povo brasileiro. Basta que a gente assista a uma Copa do Mundo para a gente perceber que de um lado você tem Seleção só de asiáticos, de outro lado você tem Seleção só



de negros, de outro lado você tem Seleção só de brancos, e somente a Seleção brasileira é que mistura brancos, negros, índios e o que mais tiver no mundo.

Essa miscigenação é uma coisa que faz o Brasil ser um país diferente. Ainda nesta semana o Congresso Nacional brasileiro aprovou o Estatuto da Igualdade Racial, que era uma demanda que estávamos brigando há mais de quinze anos. Nesta semana nós participamos da formação de 464 médicos brasileiros, meninos pobres da periferia, vários deles negros, que conseguiram se formar em Medicina, coisa que jamais poderiam se tivessem que pagar uma mensalidade escolar.

Eu sinto, como presidente do Brasil, que é uma coisa que está enraizada na cultura da juventude brasileira a aproximação com a África. Já não é mais uma coisa de benevolência, é uma coisa de decisão de Estado, de decisão de um povo, que aproximar-se do continente africano e estender ao continente africano parte das políticas públicas que nós fazemos no Brasil. Por exemplo, faz pouco tempo que nós decidimos estender para a África a venda de máquinas e equipamentos agrícolas nas mesmas condições que a gente vende, com um programa especial, para os agricultores brasileiros e para os agricultores da América Latina, sobretudo dos países mais pobres.

Nós sabemos perfeitamente bem que a relação do Brasil com a África não pode ser uma relação apenas comercial, uma relação de um país que tem mais tecnologia, que tem mais indústria, que é mais desenvolvido e que, portanto, quer apenas vender os seus produtos para os países africanos. Se o Brasil pensar somente assim, o Brasil estará pensando com a mesma mesquinhez que, historicamente, os colonizadores pensaram (incompreensível) para o continente africano. O que nós queremos, na verdade, além do comércio que temos que fazer entre nós, é criar as condições de transferência de tecnologia, para que o continente africano possa produzir as coisas que nós produzimos no Brasil, sobretudo na área de biocombustíveis, que eu entendo



que pode ser uma coisa de muita valia para o continente africano. Se os países ricos estiverem dispostos a cumprir o Protocolo de Quioto e estiverem dispostos a colocar no seu combustível, até 2020, 10% de etanol ou um percentual de biodiesel.

Então, com essas palavras, eu queria dizer para vocês que quando eu fui à Ilha de Gorée e pedi perdão em nome dos brasileiros, é muito mais do que uma frase de efeito. É um sentimento de um cidadão brasileiro, governante do Brasil, que reconhece que o Brasil não seria o que é se não fosse a participação de milhões de africanos na construção do nosso país.

Portanto, eu quero agradecer o convite para estar nesta reunião e dizer para vocês: independentemente de o Lula ser presidente do Brasil, quem vier depois de mim está moralmente, politicamente e eticamente comprometido a fazer muito mais.

A Universidade será na cidade de Redenção, no estado do Ceará. Será uma universidade... falta só uma Comissão, para ser aprovada no Senado. Será uma universidade para dez mil alunos, cinco mil brasileiros e cinco mil africanos. E nós queremos formar os estudantes africanos para que eles retornem para a África. Eles têm que ficar um período no Brasil e um período na África. A nossa preocupação é não permitir que ele vá para o Brasil, arrume logo uma namorada no Brasil, se forme, e não queira mais voltar para trabalhar na África. Nós queremos, tanto na área da gestão pública, quanto na área da agricultura, na área da Medicina, ajudar a formar os quadros que tanto os países africanos precisam. Também estamos fazendo uma Universidade Latino-Americana, com currículo latino-americano, professores latino-americanos, estudantes latino-americanos. Essa é a forma mais correta que nós achamos que o Brasil pode trabalhar a integração.

Portanto, de coração, muito obrigado pelo convite para que o Brasil participe desta reunião.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à Guiné Equatorial

Malabo-Guiné Equatorial, 05 de julho de 2010

Se o Presidente me permite, nós vamos quebrar um pouco o protocolo, aqui, e seria muito importante que o ministro interino Ivan Ramalho, que é o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio no Brasil, pudesse, em algumas palavras, dizer a mim e ao Presidente o que aconteceu na reunião empresarial. Afinal de contas, nós não pudemos participar da reunião e gostaríamos que você pudesse nos contar o que aconteceu.

Falaportunho?

Ministro Ivan Ramalho:

Presidente: (incompreensível) fala mais alto.

Ministro Ivan Ramalho:

Presidente: Vai falar alguém deles? Vai falar alguém da Guiné?

_____: Não, não. Não está previsto.

Presidente: Então está bem. Obrigado, companheiro Ivan.

Meu caro amigo presidente Obiang,
Companheiros brasileiros e companheiros da Guiné Equatorial,
Pastor Micha Ondo Bilé, ministro das Relações Exteriores da Guiné Equatorial, por meio de quem cumprimento todos os ministros aqui presentes,



Companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,
por meio de quem cumprimento todos os ministros brasileiros,

Empresários brasileiros,
Empresários da Guiné,
Amigos do corpo diplomático,
Senhoras e senhores,

Ser o primeiro presidente brasileiro a visitar a Guiné Equatorial é mais do que uma satisfação pessoal, é oportunidade para recuperar o tempo perdido. Vamos realizar um potencial adormecido desde 1974, quando estabelecemos nossas relações diplomáticas. Queremos consolidar um diálogo lançado pelas visitas pioneiras do presidente Obiang ao Brasil, em 2006 e 2008.

Senhor Presidente,

A Guiné Equatorial e o Brasil apostam na cooperação solidária como resposta aos nossos desafios comuns rumo ao desenvolvimento duradouro e sustentável. Foi com esta convicção que lançamos o Diálogo Brasil-África sobre Segurança Alimentar, Combate à Fome e Desenvolvimento Rural, em maio passado.

A Embrapa vem colhendo resultados extraordinários em solo africano. Para garantir que essa experiência esteja ao alcance de todos, vamos estabelecer um centro brasileiro-africano de excelência em bioenergia, com estrutura e alcance regional.

A produção de alimentos e de biocombustíveis são complementares e plenamente compatíveis. O Brasil é o maior exemplo de que é possível aumentar a produção de energia limpa sem comprometer nossa riqueza e diversidade agrícola.

Sabemos que não há agricultura forte sem uma agricultura familiar robusta. A Guiné pode reproduzir a experiência brasileira com políticas públicas voltadas para o pequeno e médio produtor rural. O Programa de Aquisição de



Alimentos do Brasil combina soberania alimentar com um leque bem-sucedido de políticas sociais. O Plano da Guiné Equatorial, Horizonte 2020, vai nessa direção: fazer do pequeno agricultor local um parceiro fundamental no desenvolvimento do país.

Guiné Equatorial e Brasil têm um potencial extraordinário para crescerem juntos. É o que demonstra a notável elevação de nosso comércio bilateral. Entre 2002 e 2008 passou de US\$ 7 para US\$ 411 milhões. Com a criação da Comissão Mista Brasil-Guiné Equatorial, nosso intercâmbio avançará muito mais.

Por essa razão, trouxe comigo importante delegação empresarial composta por representantes dos setores de infraestrutura, aeronáutico, agronegócio, energia, maquinário agrícola e telecomunicações. Todos eles identificam novas oportunidades de negócios.

Empresas brasileiras já operam na Guiné Equatorial em obras de infraestrutura, na cidade de Bata. Estão fazendo da engenharia brasileira um parceiro na construção de moradias, estradas, barragens fluviais e usinas hidrelétricas.

O desenvolvimento do país passa também pelo aproveitamento soberano de seus recursos marítimos. Por meio de acordo no setor de defesa, Guiné Equatorial vai adquirir uma corveta brasileira junto à Emgepron. Vamos reproduzir no Golfo da Guiné a boa cooperação que a Marinha do Brasil mantém com a Namíbia.

Senhor Presidente,

Nossa paixão comum pelo esporte, e em especial pelo futebol, também nos aproxima. Sei do empenho conjunto da Guiné Equatorial e do Gabão para sediar a Copa Africana de 2012. Apoiamos esse esforço para fazer deste país um grande centro desportivo internacional. Desde já coloco à disposição o conhecimento que o Brasil vem adquirindo na preparação da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016.



Nossa identificação cultural tem raízes em nossa afinidade linguística. Mais de duas mil pessoas na Ilha de Annobón falam o annobonés, dialeto português. Com mais razão, o Brasil apoia o pleito da Guiné Equatorial de tornar-se membro pleno da CPLP. Vamos tornar a língua portuguesa ainda mais presente na Guiné Equatorial e ampliar a cooperação em educação e cultura.

Senhor Presidente,

Deixo Malabo com a certeza de que identificamos áreas básicas para o trabalho conjunto. Agora é hora de passarmos aos entendimentos e mecanismos operacionais que nos permitam levar adiante nossos propósitos, e dar formas concretas ao nosso ideal de cooperação.

Quero assegurar ao povo da Guiné Equatorial que em sua caminhada rumo ao desenvolvimento econômico, social e político poderá contar com a cooperação solidária do Brasil e do seu povo. O Brasil acredita que a verdadeira democracia que desejamos deve apoiar-se na riqueza, e sobretudo na justiça social. Esse é um compromisso que o Brasil assumiu com todos neste continente irmão. São quase 200 milhões de brasileiros e 800 milhões de africanos trabalhando juntos na construção de um mundo melhor.

É com esse espírito que convido todos a erguerem suas taças pelo desenvolvimento contínuo das relações da Guiné Equatorial, pela saúde do presidente Obiang, e pela plena felicidade e prosperidade crescente deste povo irmão.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após encontro com o presidente do Quênia, Mwai Kibaki

Nairóbi-Quênia, 06 de julho de 2010

Primeiro, cumprimentar o meu amigo Presidente da República Democrática do Quênia, o meu amigo Kibaki,

Cumprimentar os ministros e as ministras do Quênia,

Cumprimentar os ministros brasileiros que me acompanham,

E cumprimentar a imprensa do Quênia e a imprensa brasileira

Bem, primeiro, Presidente, dizer ao governo do Quênia que eu não estou nos meus melhores dias. Como o senhor sabe, o Brasil foi desclassificado das quartas-de-final, perdeu para a Holanda, depois perdeu a Argentina, depois perdeu o Paraguai. De forma que, agora, nós só temos como representantes da América do Sul o nosso querido Uruguai, e estaremos todos torcendo para que o Uruguai seja campeão do mundo.

Nada contra os europeus, mas tudo favorável ao Mercosul. Com o Brasil – o Presidente acompanhou – aconteceu um incidente, ou seja, nós tínhamos o melhor goleiro do mundo, nós tínhamos a melhor defesa do mundo, fizemos um primeiro tempo contra a Holanda espetacular e, no segundo tempo, tomamos dois gols de cabeça, um deles contra e nos tirou da Copa do Mundo.

Bem, temos a esperança que, em 2014, como anfitriões da Copa do Mundo, a gente possa ganhar o campeonato. Espero que o Quênia se prepare muito para que possamos fazer uma final Brasil e Quênia, que dê empate, que o jogo termine empatado e que os dois presidentes, do Brasil e do Quênia, batam os pênaltis para ver se não erram.

Bem, à parte a brincadeira, mas uma brincadeira muito verdadeira... eu ainda não digeri a derrota do Brasil e, a cada dia que passa, que se aproxima



mais a África do Sul, que eu, sinceramente, não sei como será o meu dia, entrando no estádio para ver a final e não ver nenhum jogador brasileiro em campo.

Bem, espero que tenha algum jogador brasileiro em alguma Seleção que esteja disputando a final. Se for o Uruguai, nós temos pelo menos um bom jogador do Botafogo do Rio, que joga na Seleção do Uruguai. Se for a Alemanha, nós temos um brasileiro naturalizado. Mas de qualquer forma, de qualquer forma estarei vendo o jogo torcendo para que vença o melhor, mas com o coração partido. E como é a primeira vez que eu falo depois da eliminação do Brasil, eu poderia dizer ao povo brasileiro e aos jogadores que a vida é assim: ela é feita de derrotas e de vitórias, e que nós precisamos saber que a luta continua. Nada de abaixar a cabeça e [vamos] começar a nos preparar para a Copa do Mundo de 2014.

Dito isso, queria dizer ao meu amigo presidente Kibaki da minha imensa alegria de estar visitando Nairóbi, de ter tido a oportunidade de tirar fotografia com um leão muito bravo que está aqui, bastante, bastante domesticado, porque nem conseguiu rugir, tão silêncio profundo que ele estava aqui.

Mas eu estou realizando um sonho de estar visitando o Quênia, que era um dos países que eu queria visitar antes de terminar o meu mandato como Presidente da República. E visitar o Quênia para descobrir a quantidade de oportunidades que existem de fazermos negócios. Descobrir, efetivamente, aquilo que nós poderemos comprar do Quênia, aquilo que nós poderemos vender para o Quênia e aquilo que nós poderemos produzir juntos; aquilo que poderemos fazer transferência de tecnologia e aquilo que juntos poderemos fazer para melhorar a qualidade do ar que respiramos, diminuindo as emissões de gás de efeito estufa que tanto se faz necessário nesses próximos anos. E temos coisas extraordinárias para trabalharmos juntos. Primeiro, na questão da produção de biocombustível. O Brasil tem tecnologia, o Brasil tem *expertise* e, portanto, tem anos e anos de experiência; o Quênia tem terra e tem disposição



de produzir um combustível limpo para vender aos países ricos que precisam, até 2020, introduzir 10% de etanol na gasolina dos seus carros.

A segunda coisa muito importante que o Brasil pode contribuir com o Quênia é na transferência de tecnologia, sobretudo na agricultura. E, sobretudo a experiência bem sucedida da agricultura familiar brasileira e da assistência técnica e do crédito que tantos resultados têm dado no Brasil. Mas, também, na questão da educação. Nós comunicamos ao Presidente do Quênia que nós vamos trabalhar para fazermos uma universidade afro-brasileira, o projeto já está para ser aprovado no Senado Federal. A universidade será na cidade de Redenção, no estado do Ceará, será uma universidade para 10 mil alunos, dos quais 5 mil alunos brasileiros e 5 mil alunos africanos. E obviamente que isso obriga que o Brasil tenha uma preocupação de criar formas de ensinar Português no Quênia e em outros países da África, para que esses estudantes possam ter mais facilidade de se formarem no Brasil.

Eu saio do Quênia com uma impressão de uma viagem totalmente bem sucedida. Vamos agora para uma reunião com empresários. E, quando falamos do Quênia, nós não falamos apenas de um país de 39 milhões de habitantes; nós falamos de um mercado comum, que envolve países como o Burundi, Ruanda, Quênia, Uganda, Tanzânia, ou seja, com uma população de 126 milhões de habitantes, um mercado comum que pode trabalhar junto com o Mercosul. E um mercado comum capaz de sensibilizar empresas brasileiras a se implantarem aqui, produzirem produtos junto com empresas dos países que compõem esse mercado comum e ajudar a desenvolver de forma mais rápida e mais eficaz o Quênia e, conseqüentemente, outros países africanos.

Queria terminar, Presidente, desejando a mais rápida recuperação do primeiro-ministro do Quênia, Raila Odinga, que teve um problema de saúde e está internado. E eu peço a Deus que ele se recupere o mais rápido possível, para continuar (incompreensível) a consolidar o fortalecimento da democracia no Quênia.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido pelo presidente do Quênia, Mwai Kibaki

Nairóbi-Quênia, 06 de julho de 2010

Excelentíssimo senhor presidente da República do Quênia, senhor Kibaki,

Senhor Vice-Presidente,
Ministros brasileiros e ministros quenianos,
Senhoras e senhores embaixadores,
Senhores jornalistas,
Empresários,
Amigos e amigas,

Ser o primeiro presidente brasileiro a visitar o Quênia é uma forma de aprofundar a viagem de descoberta que o Brasil vem fazendo nestes últimos anos na África. Estamos constatando o verdadeiro renascimento que este continente vive e as esperanças que traz para a grande nação africana.

O Quênia sempre esteve na vanguarda dessas transformações que fazem da África um parceiro indispensável frente aos grandes desafios energéticos e ambientais do século XXI. Seu país é o símbolo de uma nova África, que constrói uma democracia próspera e solidária, acima de velhas rivalidades.

O povo queniano terá oportunidade de referendar, em breve, uma nova Constituição, que reflete essa vontade de reconciliação nacional e de compromisso democrático. No Brasil, com a Constituição de 1988, abrimos o caminho para transformar nossas riquezas e potencialidades em bem-estar e prosperidade para todos.



Senhor presidente, nossos países querem trilhar esses caminhos juntos, prova disso foi a decisão do governo de Vossa Excelência de abrir a embaixada do Quênia em Brasília, em 2006. Já estamos colhendo os primeiros frutos: entre 2002 e 2009, nosso intercâmbio aumentou mais de seis vezes, alcançando US\$ 91 milhões. É um resultado encorajador, mas aquém de nossas possibilidades. Agora, o desafio é diversificar as exportações quenianas para o Brasil e estimular os investimentos brasileiros no Quênia. Por isso, vim acompanhado de delegação de empresários brasileiros interessados em estabelecer parcerias e identificar novas oportunidades de negócios.

A Randon, empresa de material de transportes, já descobriu a pujança da economia queniana – não tenho dúvidas de que outras companhias brasileiras a seguirão. Da mesma forma que no Brasil, a melhoria e a ampliação da infraestrutura é prioridade no Quênia. As empreiteiras brasileiras desejam ser parceiras na construção das estradas, portos e hidrelétricas, fundamentais para a realização do potencial de crescimento do país. O sistema digital nipo-brasileiro se mostrou mais adequado para os países em desenvolvimento. Ele conjuga a interatividade, mobilidade gratuita e custo competitivo. Os benefícios da capacitação técnica e tecnológica brasileira são especialmente evidentes no setor agrícola.

Na Cúpula da União Africana, em Sirte, em 2009, reiterei o compromisso brasileiro em ajudar a transformar a savana africana em um celeiro para todo o continente. No Diálogo Brasil-África em Desenvolvimento Rural, em Brasília, em maio deste ano, começamos a desenvolver uma estratégia que produzirá ações concretas e com resultados de curto prazo.

Soluções limpas e baratas para a segurança energética são hoje uma prioridade planetária. Queremos desenhar uma parceria bilateral em matéria de biocombustíveis. Congratulo o governo de Vossa Excelência pela recente decisão de favorecer a adição de etanol à gasolina. O etanol e o biodiesel são opções inteligentes para gerar emprego e renda no campo e diversificar as



fontes energéticas sem nenhum prejuízo para segurança alimentar. Ao mesmo tempo, mostram que temos, nos trópicos, respostas para o desafio de reduzir as emissões de gases que causam o aquecimento climático.

Nas próximas semanas, estaremos realizando seminários sobre desenvolvimento e inovação na indústria de biocombustíveis no Quênia e em outros cinco países da África Oriental.

Senhor presidente, o Quênia é (falha no áudio) fundamental na Agenda internacional do desenvolvimento sustentável. Aqui convivem, lado a lado, riquezas naturais, uma economia dinâmica, um povo empreendedor em crescente demanda por energia limpa e barata. Não é, portanto, mera coincidência que o Quênia tenha sido escolhido para sediar organizações internacionais de grande relevo. Nairóbi é a única cidade de um país em desenvolvimento com sede de dois programas das Nações Unidas: o Pnuma e o Habitat. Aqui, as comunidades diplomáticas se reúnem para debater e decidir questões cruciais da Agenda Global.

Senhor presidente, no Brasil, ajudar a África a realizar todo o seu potencial de desenvolvimento é política de Estado. Nessa tarefa, o Quênia é parceiro imprescindível. Temos atuado juntos em defesa dos países em desenvolvimento na Rodada de Doha. No esforço da integração Sul-Sul, de que é exemplo o processo das Cúpulas África-América do Sul, necessitamos a participação do Quênia. Este país exerce papel decisivo nos processos de integração, em particular por meio da comunidade da África Oriental.

Os avanços na Constituição, do espaço econômico e regional, não seriam possíveis sem os avanços na pacificação da região. Quero registrar meu reconhecimento pela liderança que o Quênia tem exercido na mediação de disputas internacionais, em particular no Sudão e na Somália. São essas as realizações de uma grande nação, que prega os valores da democracia e compartilha com o povo brasileiro uma enorme confiança no futuro.

É com esse espírito de otimismo que proponho um brinde ao povo irmão



do Quênia, à saúde e à felicidade pessoal de Vossa Excelência e ao pronto restabelecimento do primeiro-ministro Raila Odinga.

Muito obrigado.

Entrega de camisa oficial da Seleção Brasileira de Futebol ao Presidente do Quênia, após o discurso acima:

Presidente: ...o Brasil perdeu a Copa do Mundo e o prestígio do futebol brasileiro está diminuído. O Brasil continua sendo o melhor futebol do mundo e eu quero premiá-lo com uma camisa da Seleção brasileira autografada por todos os jogadores.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
sessão de encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Quênia**

Nairóbi-Quênia, 06 de julho de 2010

Para não dizerem que o Brasil quer apenas vender ao Quênia, eu vou entregar ao Vice-Presidente um livro ensinando como exportar para o Brasil, para que o Quênia possa vender para o Brasil.

Esta foto nunca é publicada, mas vale para o arquivo do Stuckert. Eu, quando era dirigente sindical, que eu ia falar e que tinha muitos microfones na mesa, eu sabia que tinha alguns que não funcionavam. Eu, aqui, não sei se eu falo para o vermelho, não sei se o mais importante é esse aqui, da televisão, mas...

Primeiro dizer da alegria de poder estar aqui, em Nairóbi, participando de uma reunião, ainda que pequena, mas uma reunião de empresário brasileiros e empresários quenianos. Certamente, se fosse em Paris, nós teríamos uns mil empresários brasileiros e uns 250 franceses; se fosse em Londres, mais ou menos, a mesma coisa; se fosse em Nova York, teríamos mil a mil; se fosse na Alemanha, mil a mil; como nós estamos no continente africano, é de se compreender que ainda há incompreensões, e eu diria até desconhecimento do potencial e das possibilidades que nós temos de fazer negócio com os países africanos e, conseqüentemente, os africanos fazerem negócios com o Brasil e com países sul-americanos. Há uma razão: nós somos tidos como países pobres ou países emergentes. Agora, o Brasil, em uma linha mais sofisticada, está nos Bric's. Mas de qualquer forma, nós ainda somos tratados como países em desenvolvimento e, em alguns, somos tratados ainda como países subdesenvolvidos. E são exatamente essas definições e essas análises econômicas que me fizeram, desde o dia 1º [de janeiro] de 2003, fazer uma inflexão no comportamento do governo brasileiro e diversificar a rota das



nossas viagens para descobrir novos parceiros e para fazermos novos negócios.

É importante que os companheiros do Quênia saibam que, quando começamos a fazer isso, éramos tratados por alguns como se fôssemos loucos: “Onde já se viu o Presidente do Brasil fazer viagem para a África, fazer viagem para o Caribe, fazer viagem para a América Central, priorizar a sua relação com a América do Sul, visitar países árabes que, até então, só o Imperador tinha visitado, em 1870?”. Porque, habitualmente, todas as nossas relações eram com o chamado mundo desenvolvido e, mais recentemente, com a China, ainda tínhamos muito pouco com a Índia, e o Japão estava em um processo de descenso. Bem, o que aconteceu de verdade? Nós saímos de um fluxo de balança comercial de 5 bilhões, com a África, para 25 bilhões; nós saímos de um fluxo de balança comercial de 2 bilhões, com o Mundo Árabe, para 20 bilhões para o Mundo Árabe; e nós transformamos a América Latina e o Caribe nos maiores parceiros comerciais do Brasil.

Isso teve uma importância muito grande quando houve a crise mundial, a crise do *subprime*, nos Estados Unidos, em que o crédito desapareceu e o comércio diminuiu muito. É verdade que, no Brasil, ele também diminuiu, mas é verdade que ele diminuiu menos, porque nós tínhamos diversificado muito a nossa balança comercial. E aí é que entra a importância de recuperarmos um ditado popular que nós aprendemos desde pequenos: “De grão em grão, a galinha enche o papo”. Ela não consegue comer dez grãos de uma vez, é um a um, e, daqui a pouco, a galinha está tão gorda que a gente se vê no afã de comê-la.

Pois bem, nós estamos nessa política com o continente africano, em primeiro lugar, de grão em grão; nós estamos descobrindo que nós existimos; estamos descobrindo que cada um de nós, dentre as suas peculiaridades, tem potencial extraordinário; nós estamos descobrindo que cada país, por menor que seja, tem alguma coisa a oferecer a outro e, portanto, ele tem possibilidade



de estabelecer o desenvolvimento comercial que possa gerar desenvolvimento interno do seu país, crescimento econômico, e fazer com que os países possam participar da economia determinada pelos grandes países como uma economia desenvolvida nesse mundo globalizado.

E, aí, é importante... Você foi muito gentil, (incompreensível). Eu vou colocar aqui na expectativa de que o Ivan Ramalho não tome a minha água. E aí é importante a gente descobrir a nossa origem, ou melhor, não esquecer a nossa origem, não esquecer como é que nós começamos a nossa vida econômica, não esquecer nunca que todos nós fomos colonizados e, parte do que aconteceu conosco, sobretudo de atraso, foi por conta do sistema de colonização a que nós fomos submetidos.

Então, muitos países no continente africano estão tendo experiência de independência a partir de 1975, outros a partir dos anos 60, lembrando que alguns, depois que conquistaram a independência, entraram em uma guerra civil interna pior do que a luta pela independência, o que destruiu parte da economia de muitos países africanos. É importante a gente lembrar isso para a gente lembrar o quão tão pouco tempo nós estamos construindo a democracia no continente africano e no continente sul-americano.

Eu dizia ontem, no avião, que o Brasil vive hoje, talvez, o mais longo período de democracia contínua – talvez 25 anos –, porque o Brasil também, vira e mexe, alguém inventava dar um golpe, alguém inventava tirar um presidente eleito democraticamente, vira e mexe acontecia isso. Nós agora estamos vivendo um período mais longo, depois que fizemos a Constituição de [19]88, e aí acontece com quase todos os países da América do Sul e acontece com a África. Eu estou querendo dizer com isso é que nós somos muito, muito jovens na confecção da nossa democracia e que, portanto, foram aqueles que nos colonizaram que determinaram o tipo de coisa que deveria acontecer conosco. E, muitas vezes, nós ainda temos, hoje, a economia dependente daqueles que nos colonizaram.



Então, o que nós estamos fazendo aqui é uma coisa, na minha opinião, mais do que revolucionária. O que nós estamos fazendo aqui é dizendo: Brasil e Quênia têm histórias comuns – um foi descoberto, um foi colonizado pelos ingleses; outro foi colonizado pelos portugueses, mas a tentativa dos colonizadores era uma só, era levar tudo o que pudesse levar da riqueza que nossos países tinham. No caso do Brasil era mais grave, porque levava o nosso ouro para poder dar para a Inglaterra e viver com a renda do nosso ouro.

Ora, então nós temos pouquíssimo tempo de experiência empresarial; nós temos pouquíssimo tempo de experiência comercial; nós tivemos pouquíssimo tempo de desenvolvimento científico e tecnológico; nós tivemos pouquíssimo tempo de construir as nossas universidades, as nossas escolas profissionais, ou seja, nós somos um conjunto de povos com menos formação do que outros. Bolonha teve a primeira universidade em 1380, o Brasil teve a primeira no século XX.

Então, veja, nós não podemos ficar reclamando o que não aconteceu até ontem. E que essa reunião seja o começo para a gente começar a discutir o que a gente quer a partir de hoje, a partir de ontem ou a partir de amanhã, o que o Quênia tem que o Brasil não tem, e o que o Brasil pode aproveitar como experiência. Porque não pode ser uma relação sadia o Brasil, por ser uma maior economia; o Brasil, por ter mais tecnologia, querer vir ao Quênia só para vender. Nenhum país do mundo aguenta só comprar. É preciso que essa boa política entre dois países e essa política comercial seja uma via de duas mãos, em que a gente compra e a gente vende, em que a gente produz e a gente transfere tecnologia, em que um ensina o outro aquilo que tem de *expertise*, e os dois países podem crescer.

Eu penso que depois desta viagem que estamos fazendo aqui, e a gente sabe a importância do continente africano, são 800 milhões de habitantes; a gente sabe do potencial deste continente de produzir alimento para sustentar uma outra parte do continente que não tem mais terra para produzir alimento; a



gente sabe, ainda, a quantidade de riquezas minerais que tem neste continente. E aí, sim, é que é preciso tomar cuidado para que a exploração desses minérios não se dê como se deu no começo do século XX, de forma totalmente predatória, em que o país mais rico tirava tudo e pagava quase nada. É preciso estabelecer uma nova relação, uma nova fase de respeito, um novo marco jurídico que garanta o direito de sobrevivência.

E é por isso que nós dizemos aqui... Eu dizia ao Presidente do Quênia que o Brasil é um país muito diversificado, ou seja, nós temos regiões muito pobres no Brasil e, ao mesmo tempo, nós temos regiões muito ricas no Brasil. O Brasil é um país que tem a segunda ou a primeira mineradora do mundo; o Brasil é um país que é o maior produtor e vendedor de suco de laranja do mundo; o Brasil é o maior vendedor de carne de frango do mundo; o Brasil é o maior vendedor de carne de boi do mundo; o Brasil é o que tem mais tecnologia na produção de etanol e de biodiesel; o Brasil é o terceiro produtor de avião do mundo; o Brasil é o quinto produtor de carros do mundo. Ou seja, o Brasil é um país... é uma mistura de um país sofisticado tecnologicamente e uma mistura de um país esquecido, que é a parte mais pobre do Brasil, que é o Norte e o Nordeste brasileiro. É esse país que quer se irmanar ao Quênia; é esse país que quer trazer pra cá a nossa experiência na produção de etanol, na produção de açúcar, na produção de biocombustível ou de biodiesel, com a palma africana; é esse país que, como a Marcopolo, pode vir aqui montar carroceria de ônibus e montar ônibus. E não é apenas pensar no Quênia como um país de 39 milhões de habitantes, é pensar no Quênia e em uma quantidade de vizinhos enormes que formam uma população de quase 130 milhões de habitantes e que, portanto, existe espaço para que as empresas brasileiras aqui se implantem, em parcerias com empresas quenianas e com empresas de outros países, e que a gente comece a produzir coisas para vender para outros países.



Porque para que o Brasil equilibre o seu comércio com o Quênia, o Brasil precisa comprar coisas do Quênia, e para comprar coisas do Quênia, nós temos que saber o que vocês produzem ou o que vocês podem produzir. Porque empresas brasileiras podem vir aqui produzir para vender para o Brasil ou, quem sabe, empresas brasileiras podem se juntar a empresas quenianas para vender para a Europa, para vender para o Oriente Médio, para vender para a China, para vender para a Índia.

O dado concreto é que nós estamos nos descobrindo agora. Eu tenho certeza de que o Quênia não conhece 10% do que o Brasil pode oferecer e tenho certeza de que o Brasil não conhece 10% do que o Quênia pode oferecer. Então, nós precisamos, a partir desta viagem, meu caro Ivan, meu caro Celso Amorim, levar empresários quenianos ao Brasil, trazer mais empresários brasileiros ao Quênia, levar ministros do Quênia ao Brasil, trazer mais ministros brasileiros ao Quênia, fazer levantamentos de oportunidades: o que existe aqui capaz de ser explorado por indústrias mistas; o que pode ser feito aqui de infraestrutura que o Brasil pode contribuir, que o Brasil pode financiar.

Eu acho que o que nós estamos fazendo aqui é mais do que a gente sair daqui fazendo um bom negócio, mas é a gente sair daqui com a certeza da quantidade de bons negócios que a gente pode fazer daqui para frente. Quantas coisas podem acontecer daqui para frente. Por exemplo, a Vale do Rio Doce, que eu estou vendo aqui o Roger Agnelli, que é uma das maiores mineradoras do mundo, já está em Moçambique, e está para ficar, não sei se está no Gabão, mas também está lá.

Ora, é importante conversar com o governo do Quênia, ver o que é que existe neste país que pode ser trabalhado em parceria. É preciso que as empresas de construção civil brasileiras discutam com o governo do Quênia o que é possível fazer e onde o governo brasileiro pode financiar. Porque uma coisa que também tem que ficar clara é que o Brasil não é mais um país



receptor, um país pobrezinho, que não pode fazer nada. O nosso Banco de Desenvolvimento tem mais dinheiro do que o Banco Mundial, portanto, a gente pode financiar, a gente pode ajudar a financiar. O problema é que o século XX inteiro o Brasil passou apenas esperando que os outros ajudassem o Brasil, e não adquiriu a cultura de que virou uma economia grande.

Nós, hoje, somos um país que somos a 7ª reserva mundial, só tem seis países que têm mais reservas do que o Brasil. Nós temos US\$ 250 bilhões de reservas. Aliás, somos credores do FMI, eles nos devem US\$ 14 bilhões. Se você não sabe, (incompreensível), nós emprestamos dinheiro para a Grécia primeiro do que a Alemanha, que tinha mais responsabilidade.

Então, eu acho que essa reunião aqui, companheiros, é o começo de uma nova era entre Quênia e Brasil. Isso aqui é um país grande. O potencial turístico que existe entre os dois países é extraordinário. Agora, o Celso tem razão de reclamar todo santo dia: para as pessoas virem aqui precisa ter empresa de aviação, e as empresas brasileiras só querem ir para Paris, só querem ir para Londres, só querem – é verdade – só querem ir para Roma, para Nova York, e quando passa no continente africano, se puder, até fecham os olhos. E essa é uma briga que nós vamos ter que fazer antes de eu deixar o governo, para a gente ter avião brasileiro voando para a África. E a verdade é que se ficar por conta da decisão apenas de mercado, eles não querem vir. Porque antigamente a gente aprendia que o empresário, ele primeiro fazia o investimento, não ganhava nada e levava um tempo para ele começar a recuperar o investimento feito. Mas, hoje, nesse mundo moderno, o empresário quer ganhar sem investir. É... Ele já quer ter o retorno, ou seja, ele já quer que no primeiro voo o avião já esteja lotado. Não é assim! Nem na vida da gente, nem quando a gente casa, o casamento não está completo no primeiro dia, ele vai se completando com o tempo.

Então, companheiros e companheiras do Quênia, eu quero dizer para vocês que o Brasil tem muito, o Brasil tem muito a oferecer, sobretudo na



questão da agricultura. Apenas um item que eu acho que tem muita semelhança entre uma parte do continente africano e uma parte brasileira: a savana africana tem o mesmo potencial agrícola do cerrado brasileiro. Os empresários brasileiros sabem que, há 40 anos, quem passava de carro em uma estrada perto do cerrado falava: “essa terra não presta para nada, porque nem a árvore cresce!”, e com um pouco de tecnologia nós transformamos o cerrado na terra mais produtora de grãos do mundo, e eu acho que a savana africana pode ter o mesmo significado.

O Brasil pode ajudar, e é por isso que nós estamos aqui. Para dizer para vocês: esse é apenas o começo de uma nova era na relação entre Brasil e Quênia, por isso, “boa sorte” a todos os empresários que vieram até aqui. Quero agradecer aos empresários brasileiros que vieram, quero agradecer aos empresários do Quênia, e quero dizer que se vocês visitarem mais os países, vocês vão perceber a quantidade de negócios que a gente pode fazer.

Um abraço e boa sorte.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à Feira Internacional de Comércio de Dar es Salaam

Dar es Salaam-Tanzânia, 07 de julho de 2010

Obs: Este discurso possui falhas no áudio

Meu caro amigo Chissano, ex-presidente de Moçambique, e um grande homem africano,

Convidados do governo da Tanzânia,

Povo da Tanzânia,

(falha no áudio) mas, para um político brasileiro, um microfone e um monte de gente é um convite para um discurso.

Eu queria dizer que a minha viagem à Tanzânia faz parte de uma estratégia do meu governo, determinada em 2003. Nós estamos visitando o 27º país africano. Eu já visitei a África mais do que todos os presidentes do Brasil, durante toda a história do Brasil, e faço isso por duas razões: primeiro, porque acredito no desenvolvimento da África. Não é possível que a África não tenha, no século XXI, a possibilidade do desenvolvimento que outros países tiveram no século XX.

O Brasil não tem tanto dinheiro quanto disse o Presidente, mas o Brasil tem um pouco de dinheiro para financiar países mais pobres do que o Brasil, para fazer transferência de tecnologia que o Brasil adquiriu. O Brasil é o detentor do maior conhecimento tecnológico na agricultura tropical do mundo; o Brasil é o maior exportador de carne do mundo; é o maior exportador de café do mundo; é o maior exportador de suco de laranja do mundo; é um grande produtor de soja; é um grande produtor de milho. O Brasil está estudando já, há



alguns anos, a savana africana, e nós estamos convencidos de que a savana africana tem a mesma capacidade produtiva que o cerrado brasileiro. Nós sabemos que quanto mais o mundo precisar de alimento, mais a África poderá ser a resposta para o alimento que o mundo precisa. O Brasil está disposto a transferir tecnologia para que a África possa produzir igual ao Brasil.

A minha viagem à Tanzânia, a participação nessa 20ª Feira da Tanzânia, é o compromisso público que o Brasil quer assumir com a Tanzânia. Queremos que os nossos empresários façam investimentos aqui, queremos que a Tanzânia possa produzir para exportar para o Brasil, queremos que a Tanzânia possa produzir biocombustível da mesma forma que o Brasil produz. Essa é a primeira razão pela qual eu estou aqui: é assumir um compromisso do Estado brasileiro com o Estado da Tanzânia, para que possamos trabalhar juntos.

Durante muitas décadas, ou durante séculos, todo nós – América do Sul, América Latina, África –, todos nós ficamos olhando o mundo desenvolvido como se ele fosse resolver os nossos problemas e, agora, nós descobrimos que quem vai resolver o problema da África, quem vai resolver o problema da América do Sul, da América Latina somos nós mesmos, na hora em que assumirmos as nossas responsabilidades, descobriremos as nossas similaridades e nos ajudarmos uns aos outros, para que a gente possa crescer, se desenvolver e gerar riquezas para o nosso povo.

Eu quero aqui, Presidente, assumir um compromisso na sua frente e na frente do seu povo: é que vou assumir pessoalmente com o meu ministro da Economia a questão da dívida da Tanzânia com o Brasil, e fazemos... se o Brasil pode emprestar dinheiro para o FMI, o Brasil pode perdoar uma dívida da Tanzânia.

A segunda razão da minha vinda à Tanzânia e à África é a dívida histórica que o meu país tem com o continente africano. Durante mais de 300 anos, homens e mulheres livres da África eram transformados em escravos no



meu país. Nós somos agradecidos, porque nós devemos a nossa cor, a nossa cultura, a nossa arte, o nosso jeito de dançar, o nosso jeito de jogar bola, o nosso jeito de sorrir ao aprendizado que tivemos com os africanos. Foi a miscigenação, a mistura entre negros, índios e europeus, que conseguiu fazer o povo brasileiro ser o povo que é: um povo pacífico, um povo ordeiro, um povo trabalhador, um povo solidário e, sobretudo, um povo muito humanista, e isso nós devemos ao sangue do povo africano que nós temos em nossas veias. Essa dívida a gente não pode pagar em dinheiro, a gente paga em reconhecimento, em gestos e em solidariedade.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Encontro Empresarial Brasil-Tanzânia**

Dar es Salaam-Tanzânia, 07 de julho de 2010

(incompreensível) antes de fazer... de falar sobre os interesses do Brasil e da Tanzânia, eu queria entregar ao presidente Kikwete um livro brasileiro, escrito em inglês, para ensinar como exportar para o Brasil, para... porque as pessoas pensam que o Brasil só quer vender. Então, nós queremos ensinar as pessoas a venderem para o Brasil. (incompreensível).

Bem, primeiro, dizer ao presidente Kikwete, aos seus ministros e aos empresários da Tanzânia da alegria de poder estar cumprindo esta agenda neste país extraordinário, agenda que poderia ter sido cumprida no ano passado, mas não foi possível. Mas, também, dizer ao Presidente que quando terminar esta minha viagem, passando por Zâmbia amanhã e pela África do Sul, eu terei visitado 27 países africanos em oito anos de mandato, o que é mais que todos os presidentes do Brasil [visitaram], em toda a história do Brasil. Lamento que não tenha podido visitar mais. Mas, de qualquer forma, eu continuarei visitando a África mesmo quando não for presidente da República.

Uma coisa que eu considero importante, e queria chamar a atenção dos queridos companheiros empresários brasileiros que vieram aqui e dos empresários da Tanzânia, é que a gente não deve, numa reunião como esta, ficar lamentando aquilo que nós não fizemos até agora. O que nós não fizemos até agora, não fizemos e não tem mais jeito de recuperar. O importante é que a gente discuta o que fazer a partir de agora. Por exemplo, eu ouvi o Presidente falar dos interesses da Vale do Rio Doce e vi a Vale do Rio Doce falar dos interesses dela aqui na Tanzânia, tanto para o minério de ferro, quanto para o carvão ou qualquer outro minério que tiver. Agora, é importante que se tenha em conta que a Vale do Rio Doce tem que vir aqui fazer investimentos, gerar



emprego aqui e contratar trabalhadores da Tanzânia para trabalhar nos seus projetos, e não trazer trabalhadores do Brasil ou de outros lugares como alguns fazem, o que não é boa política, porque nós precisamos aproveitar a exploração da matéria-prima que nós temos para gerar riqueza, desenvolvimento e distribuição de renda no país que é dono do minério. Por isso, estarei torcendo para que a Vale do Rio Doce tenha sucesso na disputa que estará fazendo aqui na Tanzânia.

Segundo, queria chamar a atenção dos empresários brasileiros para o mapa. Não sei se todo mundo está vendo, ali... Mas o mapa, onde a Tanzânia está localizada, nos coloca perto de mercados extremamente interessantes, nos coloca perto de mercados não só dentro da própria África... quando vocês abrem a porta aqui, vocês vão ver um porto muito grande aqui, um porto que não é porto apenas da Tanzânia, é um porto que atende vários países daqui da região. Ao mesmo tempo, a China e a Índia não estão tão longe, como estão do Brasil. Portanto, sem deixarem de fazer os investimentos no Brasil, aumentar os investimentos de vocês, produzindo uma parte daquilo que vocês querem produzir aqui na Tanzânia, para aproveitar não apenas o mercado africano, mas para aproveitar o mercado chinês, o mercado indiano e uma parte do mercado asiático, que está mais próximo, sobretudo com os navios da Vale do Rio Doce passando por aqui e pegando parte da carga do que vocês vão produzir.

A segunda coisa que eu considero extremamente importante é que o século XXI vai exigir dos governantes e vai exigir dos empresários que a gente pense um pouco diferente da forma que a gente pensava no século XX. No mundo globalizado, a disputa está cada vez mais acirrada. Ninguém está esperando nenhum comprador passar na porta da sua casa para comprar o seu produto. Cada um de nós tem que sair cada vez mais, viajar cada vez mais, bater cada vez mais em portas diferentes tentando vender os nossos produtos, porque antes e depois de nós outros vendedores passarão vendendo



os produtos.

Aí, é preciso que a gente discuta competitividade, é preciso que a gente discuta garantias jurídicas, é preciso que a gente discuta garantias dos investimentos que um empresário quer fazer em algum país.

Pois bem, a Tanzânia é um país que tem demonstrado garantias jurídicas e tem demonstrado o fortalecimento do processo democrático. Portanto, é um país que não coloca medo, e muito menos coloca em risco o capital investido por um empresário brasileiro ou por um empresário de qualquer país. Nós, então, só temos que levar em conta a nossa disposição e discutirmos as oportunidades que nós temos aqui nesta região de fazer com que os empresários brasileiros...

É importante dizer aos empresários da Tanzânia que oito anos atrás eu fazia provocação aos empresários brasileiros de que eles não teriam que ter medo de virar empresários multinacionais. Graças a Deus, hoje nós temos uma quantidade enorme de empresários brasileiros multinacionais, o que é motivo de orgulho para mim, como presidente, e motivo de orgulho para o Brasil, saber que nós temos bandeiras de empresas brasileiras hasteadas em vários países do mundo, ajudando no desenvolvimento de outros países.

Eu tenho um carinho especial pelo continente africano, por uma coisa muito simples, Presidente: é porque eu estou convencido de que o século XXI vai ser o século do crescimento dos países que não cresceram no século XX. Eu digo que será o século XXI o século da América Latina, América Central e Caribe, e será o século XXI o século do continente africano, levando em conta as particularidades de cada um.

Mas o dado concreto é que o mundo desenvolvido precisa parar de olhar para o seu próprio umbigo e começar a perceber que na medida em que ele ajude os países africanos ou os países latino-americanos a se desenvolverem, eles não estarão fazendo nenhum favor. Eles estarão criando mercado para os produtos que eles precisam vender porque senão, quando acontece uma crise,



como aconteceu em 2008 e 2009, eles vão perceber que o mercado interno deles estava saturado. Então, é preciso criar novos mercados, e a África se apresenta como um mercado extraordinário.

Eu vou dar um exemplo, Presidente, de uma coisa real. Na crise econômica brasileira, quando o crédito desapareceu, no dia 22 de dezembro de 2008 eu fui para a televisão fazer apologia ao consumo. E por que eu fui fazer apologia ao consumo? Porque a imprensa brasileira e a imprensa mundial, elas detectavam uma retração no consumo mundial, e ao divulgar a retração elas criavam mais medo, a ponto de dizerem que os consumidores estavam com medo de consumir, perder o seu emprego e não poder pagar o que tinham comprado. Era esse o discurso durante todo o ano de 2008 e 2009. Então, no dia 22 de janeiro... No dia 22 de dezembro de 2008, eu fui para a televisão brasileira fazer um pronunciamento de oito minutos, para dizer ao povo trabalhador que ele tinha que consumir porque se ele não comprasse, com medo de perder o emprego e não poder pagar a dívida que ele tinha feito, ele correria muito mais risco se ele não comprasse. Se ele não comprasse, a fábrica não produzia, a loja não vendia, ele não consumia e ele não ia ter emprego de verdade. Então, a única chance que ele tinha era consumir com responsabilidade. Não consumir e endividar o seu futuro, como os americanos fizeram durante muito tempo, mas endividar o seu presente, com responsabilidade, comprando aquilo que era necessário para dentro de casa.

Eu vou lhes dar um dado que é muito importante para quem é economista neste mundo. Foram exatamente a classe D e a classe E, na parte mais pobre do Brasil, na região da Amazônia e na região do Nordeste, que consumiram mais do que as classes A e B da região mais rica do país. É por isso que eu digo que foram os pobres do Brasil que não deixaram o Brasil entrar na crise em que entrou a Europa e que não deixaram o Brasil entrar na crise em que entraram os Estados Unidos. Também, naquele momento, Presidente, nós provamos uma outra coisa. Nós acabamos com aquele mito de



que o Estado era um dinossauro, de que o Estado não servia para nada, porque quando faltou crédito, foi o Estado que colocou crédito; quando os bancos não tinham dinheiro, foi o Estado que emprestou dinheiro para os bancos; quando os bancos não tinham financiamento, foi o Estado que comprou carteira de banco. Portanto, foi o Estado que assumiu a responsabilidade de reativar a economia brasileira, que foi a última a entrar na crise e a primeira a sair da crise.

Pois bem, eu trabalho com a certeza absoluta, Presidente, de que a África tem que tirar proveito desse momento. É por isso que eu viajo tanto o continente africano.

Vamos ver algumas coisas, primeiro, sobre a África. O que nós estamos assistindo é, na verdade, o renascimento de um continente que vive a esperança, de forma extraordinária, de crescimento econômico e de consolidação da democracia em quase todos os países africanos. Segundo, a África é um parceiro indispensável frente aos grandes desafios energéticos que o mundo vive. Eu participei da questão do clima em Copenhague, eu fui à COP-15. Tudo bem, Chissano? O nosso companheiro Chissano, ex-presidente de Moçambique. Está mais jovem, eu pensei que era o filho do Chissano.

Bem, eu fui a Copenhague, na COP-15, discutir a questão do clima, e o que é que nós assistimos lá? Por que é que não teve acordo em Copenhague? Não teve acordo porque os países ricos, sobretudo Europa e Estados Unidos, tentam jogar a responsabilidade de uma conta que nós não temos, para que a gente pague. Eles não levam em conta que os países industrializados, que poluem o mundo há muito mais tempo, têm mais responsabilidade de pagar a conta do que aqueles que começaram a se desenvolver agora. E o mundo pobre precisa tomar muito cuidado porque, agora, com o tal do sequestro de carbono e com os fundos que eles estão criando, a impressão que eu tenho é que eles estão querendo que a gente não se desenvolva, para deixar a nossa floresta em pé, para poder garantir que eles continuem se industrializando e se



desenvolvendo. Essa discussão vai voltar muito forte em dezembro, na Cidade do México, parece que em Cancún, quando nós vamos fazer a COP-16.

E naquele momento, Presidente, o Brasil, assumiu a responsabilidade de, até 2020, a gente reduzir a emissão de gases de efeito estufa em até 39% e diminuir o desmatamento da Amazônia em 80%, ao passo que os Estados Unidos, ao passo que os Estados Unidos ofereceram como proposta reduzir o desmatamento, ou melhor, reduzir a emissão de gases de efeito estufa em apenas 4%, o que era inaceitável. E nós, países pobres e em desenvolvimento, não podemos trocar o nosso desenvolvimento para tentar sequestrar o carbono que eles estão jogando na atmosfera. Esse é um debate que vai ser muito forte daqui a alguns meses.

Mas não basta por aí. A África pode ser uma alternativa para oferecer a energia renovável que uma parte do mundo precisa, sobretudo, se levarmos em conta a quantidade de terra disponível para a agricultura ainda pouco explorada, e sem competir com a produção de alimentos. E o Brasil pode ser prova disso, porque nós somos grandes produtores de etanol, utilizamos apenas 1% da nossa terra agricultável para plantar etanol, e ainda temos 400 milhões de hectares agricultáveis para plantar o que quisermos plantar, preservando ainda 360 milhões de hectares que representam a nossa Amazônia.

Nós achamos que o continente africano pode se apresentar ao mundo como uma alternativa para suprir os países ricos da energia renovável que eles precisam e que não têm terra para plantar, e das oleaginosas que eles querem produzir fica muito mais caro do que o que nós poderemos produzir.

Eu estava dizendo ao presidente Kikwete que nós começamos um programa de plantar dendê, no estado do Pará, com duas funções. Primeiro, atender a nossa necessidade de biodiesel e, segundo, recuperar as terras degradadas do estado do Pará, inclusive numa parceria com a Galp portuguesa. Cada hectare, cada hectare de palma africana produz, em média,



seis mil litros de óleo para produzir biodiesel. É, de todas as oleaginosas, a que mais produz litros por hectare, e é uma coisa natural aqui do continente africano e, portanto, é importante estudar o potencial e a possibilidade de fazer do dendê... óleo de palma.

Bem, além disso, o presidente Kikwete deve saber que nós montamos um escritório da Embrapa em Gana, na cidade de Acra, com o objetivo de pesquisar o território africano, e acho que 17 países já foram pesquisados. O que nós constatamos até agora é que a savana africana, ela tem as mesmas características do cerrado brasileiro, que 40 anos atrás era tido como terra imprestável e que hoje é a terra que mais produz grãos por hectare no mundo, não é apenas no Brasil. Nós achamos que uma parte da savana africana poderá ser a revolução agrícola do continente africano. Já temos experiências bem-sucedidas em alguns países, tem projeto em Moçambique, tem projeto em Angola, estamos trabalhando projeto com a Suécia aqui em Zâmbia... aqui na Tanzânia, e poderemos fazer outros projetos na medida em que a gente vá construindo parceria com outros países que possam financiar.

Mais importante ainda é que nós percebemos uma coisa extraordinária que está acontecendo: finalmente, o Brasil está descobrindo a África e, finalmente, a África está descobrindo o Brasil. A verdade é que tanto a África nasceu olhando para a Europa, como o Brasil nasceu olhando para a Europa e os Estados Unidos. Nós demoramos muito a começar a discutir as nossas similaridades, as nossas potencialidades, porque todos nós nos achávamos muito pobres e todos nós achávamos que não tínhamos nada a oferecer uns aos outros.

Eu quero dizer a vocês que o Brasil, finalmente, deixou de ser um país receptor, que se achava um país muito pobre, que vivia pedindo dinheiro à ONGs, como pedia um país de três milhões de habitantes. O Brasil está assumindo a sua vocação de país em desenvolvimento, o país tem bancos importantes. Nós aprovamos estender para o continente africano e para o



continente latino-americano as mesmas linhas de financiamento de máquinas agrícolas, equipamentos, ônibus e caminhões, que oferecemos para os produtores brasileiros, com linha de crédito especial. Estamos apenas em tratativas com o Banco Africano para saber quem é que vai financiar isso, quem é que vai fazer os empréstimos, e isso está numa fase avançada entre BNDES e o Banco da União Africana... – o BAD [Banco Africano de Desenvolvimento] –, para ver se a gente começa esse financiamento.

Quando nós chegamos à Tanzânia... É importante a imprensa brasileira anotar algumas coisas. Anotar, por exemplo, que a Tanzânia teve um dos melhores desempenhos econômicos da África subsaariana nos últimos dez anos; cresceu 6,3% entre [19]98 e 2007. Impulsionada pelos setores da indústria e de serviços, em 2009 cresceu 4,9%. A Tanzânia, junto com o Brasil, foram dos países que mais rapidamente superaram a crise econômica.

Agora, vejam que importante para os empresários brasileiros: a Tanzânia possui posição privilegiada, próxima a grandes mercados emergentes da Ásia, China, Índia e Indonésia, e é a porta de entrada de produtos para o interior africano, principalmente Uganda, Ruanda, Burundi e República Democrática do Congo, Zâmbia e o Malawi. Tem uma posição estratégica, e essa posição se reflete no aumento do seu comércio global, que cresceu 29% em 2008, chegando a US\$ 9,5 bilhões. Em 2007, chegou a US\$ 7,4 bilhões. O comércio bilateral com o Brasil ainda é pequeno – cresceu muito – em 2009, aumentou 67%, chegando a US\$ 31 milhões; em 2008, era 18,7 milhões de reais... bem, dólares.

Agora, tudo isso só nos lembra o potencial que o Brasil está perdendo, de procurar novos mercados; que as nossas empresas estão perdendo, em procurar novos mercados. Eu não sei se aqui na Tanzânia vocês utilizam a palavra “camelô” ou a palavra o “turco”, aquele cidadão que coloca um monte de coisas embaixo do braço e sai vendendo de casa em casa, batendo palmas? “Matinga?” “Matinga”. Pois bem, eu tenho chamado a atenção dos



empresários brasileiros que nós temos que funcionar como os “matingas”. Ora, por quê? Porque os produtos que a Tanzânia produz, a não ser matéria-prima, a não ser alimento, ou os produtos que o Brasil produz, eles têm menos penetração nos países ricos, que produzem mais do que nós, com mais tecnologia do que nós. Então, onde nós temos que vender os nossos produtos? É em lugares que têm a mesma realidade nossa e a mesma potencialidade nossa. Eu digo o seguinte: eu nunca vi um “matinga” ir vender o seu produto na porta de um rico, não vai. Ele não vai à Avenida Paulista, em São Paulo, vender; ele não vai na Avenida Copacabana, ele vai na periferia, ele vai às pessoas que podem comprar aquele produto.

Então, o desafio que nós temos – Brasil, América do Sul e continente africano – é descobrir as nossas potencialidades, é descobrir aquilo que um pode fazer pelo outro.

Eu vou contar uma história, Presidente, que aconteceu pouco tempo atrás num país irmão. A Vale do Rio Doce estava disputando uma mina de ferro no Gabão, no Gabão – isso, em 2003, 2004 –, e a Vale do Rio Doce perdeu essa mina de ferro, perdeu. Os chineses ganharam a mina de ferro. Nada contra os meus amigos chineses. Pelo contrário, são grandes parceiros nossos e queremos manter a nossa parceria estratégica. Mas a verdade é que às vezes eles ganham uma mina e trazem [levam] todos os chineses para trabalhar naquela mina, e ficam sem gerar oportunidade de trabalho para os trabalhadores do país.

Nós achamos que a nossa matéria-prima... Veja, hoje... prestem atenção numa coisa que eu vou dizer: nas próximas discussões do G-20, nas próximas discussões do G-20 os países ricos vão levantar os preços das *commodities*, vão levantar os preços daquilo que os países pobres têm e que eles não têm, e eles vão querer tabelar os preços. Alguns já tabelam na Bolsa de Chicago, alguns já tabelam. Mas só ficar prestando atenção, Presidente, que eles vão tentar criar confusão com os países pobres que têm minério para exportar,



porque eles querem controlar os preços. Agora, não querem que nós controlemos os preços dos produtos manufaturados que eles exportam. Se eles acreditassem realmente em livre mercado, nós teríamos feito o acordo da Rodada de Doha. Por que nós não fizemos o acordo da Rodada de Doha, onde o que nós queríamos era que os países mais pobres ganhassem alguma coisa? É por isso que o Brasil abriu processo contra os Estados Unidos na questão do algodão. Não foi para proteger o Brasil. O Brasil é competitivo, o Brasil não precisava fazer aquela briga na OMC. Aquela briga foi feita para proteger países africanos que produzem cem toneladas de algodão. Nós temos países, aqui na África, que o que eles exportam são 50 toneladas de castanha! Se nós não tratarmos de proteger esses mais pobres, como é que vai ficar o comércio?

Então, eu penso que o Brasil e o continente africano, mais os latino-americanos, precisamos ter em conta que nós temos coisas em comum e que nós precisamos levar mais a sério. Uma delas é a reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Não é possível que o mundo decisório das grandes questões mundiais esteja baseado ainda na geopolítica de 1948 e não na geopolítica de 2010! Não é possível que tenha dúvida se vai entrar um país africano, dois ou três. Que entrem quantos forem necessários, mas que a África esteja representada condignamente. Que entrem da América do Sul, que entre a Índia. Agora, qual é o critério de dizer quem pode entrar e quem não pode entrar? Qual é o critério de dizer quem é importante e quem não é importante?

Presidente, um mês atrás o Conselho de Segurança não conseguia convencer o Irã a se sentar à mesa de negociação. O Brasil e a Turquia acreditavam que era possível colocar o Irã à mesa de negociação. Fizemos 18 horas de conversa, quatro viagens do Celso a Istambul e ao Irã. Quando nós fizemos o acordo, e o acordo retratava exatamente o que o Conselho de Segurança da ONU queria desde outubro do ano passado, o que aconteceu?



Eles disseram que não valia e, ainda assim, mantiveram as sanções... aumentaram as sanções sobre o Irã, quando o Irã concordou com tudo, inclusive com o mesmo conteúdo da carta assinada pelo Presidente dos Estados Unidos.

Então, companheiros e companheiras, o comércio e a política não podem continuar sendo feitos da forma que foram feitos. Eu agora participo do G-20, Chissano, virei importante, virei importante. A impressão que eu tenho é que se a gente não tomar cuidado a crise vai ficar nas nossas costas, a crise vai ficar nas costas dos países pobres, porque nas reuniões que a gente faz ninguém quer discutir a situação da Alemanha, a situação da França, a situação dos bancos americanos, a situação dos bancos... ninguém quer discutir. O FMI, que sabia tudo quando o Brasil devia, não sabe nada agora. O Banco Mundial, que dava palpite sobre todos os países africanos, não dá um palpite sobre a crise na União Europeia. E a gente fica se perguntando o seguinte: onde estão as lideranças políticas, que não tomam as decisões que tem que tomar?

O desafio, Presidente, que está colocado para nós é que nenhum país africano, nenhum país brasileiro... nenhum país da América Latina, nenhum país do Caribe deve aceitar as mesmas regras do jogo que nós vivemos no século XX. Nós queremos mais comércio, nós queremos mais democracia e nós queremos mais participação, como forma de enfrentar a crise econômica.

Daí porque os meus agradecimentos aos empresários brasileiros que vieram aqui. Espero que vocês façam bons negócios, descubram bons parceiros. Nós vamos receber, no mês de junho... de outubro, uma delegação aqui da Tanzânia para discutir a questão dos biocombustíveis. Depois, a Petrobras está fazendo um acordo aqui. Depois, vamos fazer um acordo trilateral – Suécia, Brasil e Tanzânia. E, se Deus quiser, nós vamos aprofundar a discussão sobre os biocombustíveis aqui no continente africano e, sobretudo, na Tanzânia.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de início da jornada para a Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014
Johannesburgo-África do Sul, 08 de julho de 2010**

Se fosse me dada a oportunidade, eu ia fazer mais bonito que esse acrobata da bola que veio aqui, mas não me deixaram.

Eu quero, primeiramente, dizer a vocês da alegria imensa de estar vivendo este momento, em que estamos terminando uma Copa do Mundo e estamos fazendo uma festa para iniciar outra Copa do Mundo.

Quero cumprimentar o companheiro, se assim posso chamá-lo, Joseph Blatter, presidente da Fifa, que tem trabalhado de forma extraordinária, junto com o Brasil, e, ao mesmo tempo, parabenizá-lo por atender a uma demanda de um brasileiro excepcional, João Havelange, que queria trazer a Copa do Mundo para o continente africano.

Quero cumprimentar o companheiro Ricardo Teixeira, presidente do Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2014 no Brasil e presidente da CBF. E dizer a você, Ricardo, que eu não serei mais Presidente depois do dia 1º de janeiro de 2011, mas continuarei brasileiro, continuarei amante do futebol e pode contar comigo no que for necessário para que a gente possa fazer a melhor Copa do Mundo que um país já conseguiu fazer. E eu tenho certeza que o Brasil será capaz disso.

Quero cumprimentar o senhor Irving Khoza, presidente do Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2010 na África do Sul,

Quero cumprimentar os amigos aqui presentes, homens e mulheres, mas queria, sobretudo, cumprimentar aqueles que são a razão principal da Copa do Mundo.

Eu não poderia deixar de citar aqui a presença do companheiro Cafu, nosso companheiro que tantas vezes levantou taças em nome do Brasil, e com



muito orgulho. Já parou de jogar futebol, poderia jogar futebol no meu time, daqui para frente.

Não poderia deixar de cumprimentar o mais irreverente dos jogadores que eu conheço, bom caráter, boa gente, meu companheiro Romário, nosso querido campeão de 1994, e que lamenta não ter sido titular, junto com o Bebeto, em 1990, que poderiam ter sido campeões na Itália.

Quero cumprimentar o companheiro Bebeto que, além de goleador, fez um gesto extraordinário quando na comemoração de um gol ele homenageou, possivelmente, o nascimento do seu filho, fazendo aquele gesto de balançar uma criança. Sem nenhum demérito, Cafu, eu quero cumprimentar aquele que eu acho o mais perfeito lateral-direito que o Brasil já teve, não apenas por jogar bola, mas pela liderança que exercia dentro do campo - você não era nem nascido, Ricardo Teixeira -, o nosso querido Carlos Alberto Torres, nosso companheiro que marcou um gol inesquecível na Copa do Mundo de 1970, contra a Itália.

Quero cumprimentar o Parreira. Parreira, eu sei que não foi possível fazer mais na África do Sul, pouco tempo... o Joel [Santana] esteve por aqui, também não foi possível fazer. Mas eu quero lembrar, Parreira, das alegrias que você deu ao futebol brasileiro como técnico, e se você não se lembra, que você deu ao meu Corinthians, quando criou uma teoria simplista de que a melhor forma de um time não tomar gol é não deixar o adversário ter a bola nos pés. E foi naquele tempo que o Corinthians teve um grande time.

Quero cumprimentar, aqui, os companheiros. Eu sei que todo mundo lamenta profundamente... Platini, você tirou o Brasil de uma Copa do Mundo, Platini! Você se meteu a marcar um gol de pênalti contra o Brasil – e isso é imperdoável – mas de qualquer forma, eu quero que você saiba que eu tenho um carinho profundo pelo grande jogador de futebol que você foi.

Aqui, tem uma outra pessoa que eu não estou vendo, mas eu sei que está aqui, que é o Beckenbauer. O Beckenbauer – pelo menos colocaram na



minha relação que ele está aqui – não sei cadê o Beckenbauer, mas o Beckenbauer foi, possivelmente, um dos jogadores que eu mais admirei pela seriedade, pela garra e por aquela final do jogo Inglaterra X Alemanha, em 1966. Eu não sei se foi naquela Copa que o Beckenbauer estava com o braço quebrado e que voltou a jogar. Mas de qualquer forma, Beckenbauer, eu quero que você saiba que eu o considero, depois de mim e depois do Pelé, o melhor jogador que eu vi jogar e o mais sério.

Bem, minha amigas e meus amigos, me disseram que eu tinha só cinco minutos para falar mas, como Presidente, a gente sempre pode extrapolar democraticamente um pouco do tempo.

Minhas queridas amigas e amigos,

Antes de mais nada, eu quero cumprimentar calorosamente a África do Sul por esta maravilhosa e inesquecível Copa do Mundo. Ela está mostrando a todos os povos do Planeta, a todos os países do mundo, a todos os continentes, a força, a alegria, a criatividade e a capacidade de organização do povo africano.

Nós, brasileiros, estamos muito contentes com o extraordinário sucesso da Copa na África. Em primeiro lugar, porque o sucesso do Mundial na África é também a realização do sonho de um grande brasileiro, o nosso querido presidente de honra da Fifa, o João Havelange.

Além disso, o sucesso dos nossos irmãos africanos representa um tremendo desafio para os brasileiros. Vamos aprender com eles. Aliás, estamos aprendendo com eles para que a Copa de 2014, que teremos a honra de hospedar, seja um sucesso maior ainda. É uma grande responsabilidade, mas estamos confiantes.

Os brasileiros gostam de desafios, são movidos a desafios e, estejam certos, farão um Mundial da Fifa tão bonito e emocionante como o da África do Sul.



Os indicadores econômicos do Brasil são animadores, o país cresce e se desenvolve. Em 2014, teremos uma economia ainda mais relevante no cenário internacional. Estamos trabalhando duro para que a pujança crescente de nossa economia reflita-se em uma Copa vibrante e impecável.

Já aprovamos um plano integrado que envolve o governo nacional e os governos locais de doze cidades-sede onde se realizarão os jogos do Mundial. E aqui estão presentes o governador do estado da Bahia e o governador do estado do Paraná. A preparação do evento terá máxima transparência. Já fiz dois decretos: todos os gastos públicos serão divulgados na internet e poderão ser acompanhados em tempo real por qualquer cidadão de qualquer lugar do mundo. Faremos uma Copa verde; verde como nossas florestas. A sustentabilidade ambiental é uma prioridade para o Brasil e será uma das marcas da Copa em nosso país. A Copa será uma grande oportunidade para acelerar investimentos em infraestrutura, necessários para o Mundial e fundamentais para o desenvolvimento do nosso Brasil. Queremos deixar um legado que se refletirá na melhoria das condições de vida do nosso povo.

Com o Mundial, teremos a oportunidade de apresentar ao mundo um novo momento do Brasil. Estamos seguros de que encantaremos o mundo, como a África do Sul encantou o Planeta nessas últimas semanas.

Somos um povo, meu caro Blatter, apaixonado pelo esporte e apaixonado pelo futebol, porque somos um povo apaixonado pela vida e acreditamos que, embora ela seja maravilhosa, sempre pode melhorar mais ainda, desde que, é claro, lutemos por isso e não nos conformemos ou nos calemos diante das injustiças. Acreditamos no poder do esporte para unir homens e mulheres, acima das diferenças, e também para derrubar preconceitos.

Quando soar o apito final aqui, em Johannesburgo, a bola atravessará o Atlântico e será recebida fora dos campos pelos brasileiros, com o mesmo carinho e amor com que a tratamos dentro das quatro linhas. Vamos fazer uma



Copa inesquecível. É um compromisso, podem cobrar.

Eu queria, meu caro Ricardo e meu caro Blatter, dizer a vocês que nós, brasileiros, temos orgulho do que nós somos. Nós somos um povo que sabemos amar, nós somos um povo que sabemos trabalhar, nós somos um povo que tem gente rica e tem gente pobre, mas, sobretudo, nós somos um povo orgulhoso. E somos um povo que mesmo nas adversidades nós não desistimos nunca. Isto é o Brasil de 2014.

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Zâmbia

Lusaca-Zâmbia, 08 de julho de 2010

Bem, primeiro cumprimentar o companheiro Presidente da República da Zâmbia, o presidente Banda,

Cumprimentar os seus ministros,

Cumprimentar os ministros brasileiros que estão aqui presentes,

Cumprimentar os empresários da Zâmbia,

Cumprimentar os empresários brasileiros aqui presentes,

Cumprimentar a imprensa,

E falar um pouco com vocês.

Primeiro, para diminuir o superávit comercial que o Brasil tem com a Zâmbia, eu vou passar um livro ao Presidente da Zâmbia para que divulgue junto aos empresários, para vocês aprenderem como exportar para o Brasil. Agora, é importante saber que o Brasil... o Brasil, talvez, crie muita dificuldade para receber importação, nós gostamos mesmo é de exportar. Mas, de qualquer forma, está aqui o ensinamento para equilibrarmos o nosso comércio.

Bom, duas alegrias: primeiro porque eu tenho aqui, nas minhas anotações, que uma empresa mineira vai fazer investimentos aqui, Roger, primeiro do que você, uma empresa chamada... eu vou saber aqui... U&M Mineração e Construção, que venceu a licitação em 2007 e tem possibilidade de fazer investimentos, aqui, de US\$ 200 milhões, é o que está na minha anotação aqui. Você vem atrás. Agora, a boa informação é que a Vale do Rio Doce – não se chama mais Vale do Rio Doce – mas para nós, brasileiros, continua sendo Vale do Rio Doce, porque a Vale vai fazer investimentos de US\$ 400 milhões, e está aqui escrito que vai começar em setembro, setembro



de 2010. Está aqui escrito que ela vai começar com a produção de 50 mil toneladas de cobre por ano; está aqui escrito que vai gerar 1,5 mil empregos; e está aqui escrito que, com as ampliações futuras, ela poderá dobrar a produção e, conseqüentemente, dobrar o número de empregos aqui gerados. Isso aqui, eu vou deixar com o Presidente, para que ele guarde para cobrar da Vale nos próximos meses.

Bem, eu vou tentar ser breve, porque nós temos um compromisso, ainda, na África do Sul. Antes eu queria, companheiro Prata, que você me trouxesse a minha camisa, se ela estiver aí, porque para ganhar o coração de um companheiro, nada como presenteá-lo com a camisa da Seleção brasileira autografada.

Presidente da Zâmbia:

Presidente: (incompreensível) ...não, não. A camisa é pequena para estimulá-lo a perder uns quilos. Esta camisa 10, historicamente é vestida, no Brasil, pelos melhores jogadores que o Brasil já produziu, na história. Então, você comece a treinar com esta camisa.

Presidente da Zâmbia:

Presidente: Bem, companheiros e companheiras, uma coisa que eu queria dizer para vocês é que estou terminando mais uma viagem pelo continente africano. E estou terminando uma viagem, e estou... se eu falar e o Presidente não ouvir o que eu estou falando, não valeu a pena falar. Então, é preciso cuidar do aparelho.

Presidente da Zâmbia:



Presidente: Estou terminando a minha oitava viagem – ou nona – pelo continente africano, são 27 países ao todo, e eu posso dizer a vocês que eu já tenho uma convicção mais do que formada sobre o continente africano.

Alguns empresários que conversam mais comigo e que viajam mais comigo e com os meus ministros sabem que nós acreditamos mais na África, eu diria, até mais do que alguns africanos acreditam na África. Falo isso de coração, falo isso com muita convicção porque, habitualmente, habitualmente, quando as coisas da África são divulgadas para o mundo desenvolvido, normalmente, são divulgadas as coisas negativas e não as coisas positivas. Muitas vezes... e milhões de pessoas fazem uma imagem negativa da África porque recebem diariamente mensagens negativas sobre a África. Eu estou convencido de que a África tem problemas, como tem problemas a América do Sul, como tem problemas a América do Norte, como tem problema a Ásia, como tem problemas o Oriente Médio. Mas a cada um é dada uma dimensão diferenciada, de acordo com a simpatia ou de acordo com o tamanho do PIB de cada país.

Eu saio desta viagem ao continente africano com a convicção de que, dentro de alguns anos, este continente fará parte de um local do planeta Terra em que, não apenas estará se desenvolvendo, gerando riquezas, mas também estará melhorando a qualidade de vida do povo deste continente. Já há muitas estimativas de que das vinte economias que mais crescerão no mundo, quinze poderão estar na África.

Quanto mais brasileiros, americanos, chineses, indianos, descobrirem o potencial da África... é para descobrir com uma visão diferente daquela que foi descoberta há 300 anos ou há 200 anos, ou seja, ninguém precisa vir aqui mais para colonizar um país africano ou para se apoderar das riquezas existentes no território africano. As pessoas terão que aprender que no século XXI terão que vir aqui para construir parcerias com governos e com empresários africanos, para deixar aqui grande parte da riqueza produzida aqui neste continente.



Essa é uma mentalidade que precisa começar a ser disseminada nas escolas, nas universidades e em todos os lugares em que se possa fazer um discurso. O mundo vai precisar no século XXI de mais alimentos, o mundo vai precisar no século XXI de mais minério de todos os tipos, e quando a gente olha o mapa do mundo, a gente percebe que não tem muitos lugares que possam produzir a quantidade de alimentos que o mundo precisa consumir. A China tem um imenso território, mas também tem uma imensa população para dar comida; a Índia tem um imenso território, mas também tem uma imensa população para dar comida. Então, o que nós notamos: o mundo rico já tem praticamente superada a sua capacidade produtiva para garantir a sua segurança alimentar. Olhando o mapa do mundo, onde a gente percebe que tem terra? É no continente africano e no continente latino-americano onde tem terra, onde tem sol e onde tem água e, portanto, nós temos que fazer disso uma vantagem comparativa na nova forma de investimento e de produção no século XXI.

Queria dizer aos companheiros da Zâmbia que eu estou convencido, e vou repetir aqui uma coisa que eu tenho dito no Brasil: que a savana africana tem as mesmas características do cerrado brasileiro. E os brasileiros que estão aqui, sobretudo os mais velhos se lembram de que na década de 60 nós dizíamos que o cerrado não prestava para nada. Aliás, eu era menino quando eu aprendi que terra que dá árvore que nasce torta é porque não presta. E a tecnologia e o manejo do solo transformaram o cerrado brasileiro no maior produtor de grãos do mundo por hectare, em um grande produtor de cana-de-açúcar, em um grande produtor de milho, em um grande produtor de soja, em um grande produtor de qualquer coisa que a gente queira produzir no cerrado brasileiro. E isso, inexoravelmente, acontecerá com a savana africana, inexoravelmente.

É por isso que nós brigamos tanto na OMC para concluir a Rodada de Doha para acabar com os subsídios dos produtos agrícolas dos países ricos, para que os países ricos pudessem permitir o acesso, ao mercado deles, dos



produtos agrícolas produzidos aqui na África. Não pensem, companheiros, que o Brasil brigou na OMC, com os Estados Unidos, pelo algodão, por interesse do Brasil. O Brasil é um grande produtor de algodão e temos competitividade para ganhar de qualquer outro país rico. Mas o que nos incomodava era que aqui, no continente africano, tinha país que tinha como primeira fonte de riqueza a exportação de 300 ou 400 toneladas de algodão e, com o subsídio americano, esse algodão tinha dificuldade de entrar no mercado dos países ricos.

Nós ganhamos, nós ganhamos na OMC a disputa com relação ao algodão. Ainda assim, entre a gente ganhar e eles cumprirem, precisou que o governo brasileiro fizesse uma medida provisória, que era como se fosse um decreto-lei antigamente, fazendo retaliações a produtos americanos para que os americanos descobrissem que nós não estávamos brincando, que nós estávamos levando a sério, e isso agora foi resolvido, e o acordo está sendo feito. Da mesma forma... não, e ainda falta consolidar na Rodada [de Doha]. Da mesma forma que fizemos com o açúcar, da mesma forma que fizemos com o açúcar. A verdade, companheiros, é que muitas vezes, muitas e muitas vezes, nós ouvimos falar das palavras “livre comércio” quando era para eles venderem para nós. Mas quando é para nós vendermos para eles, as palavras “livre comércio” perdem o peso e perdem o significado.

É só ver na crise econômica agora, a crise econômica de 2008 e 2009. Nós dizíamos no G-20: para enfrentar a crise econômica é necessário mais comércio, é preciso que a gente evite o trancamento, o fechamento dos mercados. O que aconteceu é que muitos países ricos fecharam os seus mercados e dificultaram as exportações de outros países para os seus mercados.

Bem, eu estou dizendo essas coisas do continente africano porque o potencial que eu vi aqui, que eu vi ontem na Tanzânia, que eu vi anteontem no Quênia, que eu vi na conversa com o Presidente da Guiné Equatorial, que eu vi em Cabo Verde na reunião com todos os presidentes da Cedeao, e que eu



tenho visto em outros encontros que eu tenho participado, eu acho que nós precisamos acreditar na nossa força.

No Brasil, Presidente, tinha muita gente descrente quando nós começamos a vir para cá. Mas o comércio brasileiro, o comércio brasileiro que era de US\$ 5 bilhões em 2002, passou para US\$ 26 bilhões com a África. O comércio brasileiro com a África, que era de US\$ 5 bilhões quando eu assumi o governo, hoje é um comércio de US\$ 26 bilhões, mais do que o comércio com a Alemanha e mais do que o comércio com o Japão. É verdade que o comércio é superavitário para o Brasil. Não é mais, porque nós compramos muito petróleo da Nigéria, e eu espero que ele iguale quando a Vale estiver levando o cobre para vender para o Brasil, estiver levando o carvão lá de Moçambique para as siderúrgicas brasileiras. Eu espero que tenha um comércio mais equilibrado, porque para nós não interessa que um país seja muito superavitário em relação ao outro, para nós interessa que o comércio seja uma via de duas mãos. Eu acho que, por isso, nós depositamos tanta fé e tanta esperança no continente africano e, sobretudo, levando em conta o potencial energético deste continente, não apenas pela quantidade de hidrelétricas que podem ser construídas aqui, financiadas por bancos brasileiros, construídas por empresas brasileiras. Não apenas por isso, mas pelo potencial da produção de etanol. Eu vou dar um exemplo aqui, Celso: um país, um país como a Zâmbia importa por ano mais de US\$ 1 bilhão de petróleo e derivados de petróleo. Imagine se um país como este tivesse carro a álcool, gerando milhares de empregos, produzindo o etanol aqui, despoluindo o Planeta, sequestrando carbono quando plantasse a cana, e emitindo menos gás de efeito estufa, porque o etanol é um combustível limpo. Isso é possível, e é plenamente possível que empresas brasileiras se juntem a empresas da Zâmbia para que a gente possa aqui produzir isso, para que a gente possa produzir biodiesel, para que a gente possa gerar empregos, gerar renda e, conseqüentemente, gerar desenvolvimento.



Embora a Zâmbia seja um país de apenas 12 milhões de habitantes, 13 milhões de habitantes, é importante lembrar que a Zâmbia ocupa um local estratégico no continente africano. Esta cidade onde nós estamos, Lusaca, é a sede da Comesa - Mercado Comum dos Países da África Oriental e do Sul. A Zâmbia também está localizada no coração geográfico da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, faz fronteira com oito dos seus membros e oferece boas oportunidades de enlace em toda a área.

Portanto, quando a gente fala em investir aqui na Zâmbia, nós estamos falando de investir em um potencial de vários países que já criaram até um Mercado Comum, Celso, até um Mercado Comum. Nós ainda não criamos na América do Sul, e eles já criaram aqui na África, em uma demonstração de que é importante que a nossa querida imprensa africana e brasileira, inglesa e francesa, americana e alemã, comece a mostrar essas coisas, porque isso é que vai atrair investimento, investimento produtivo, investimento gerador de riqueza, e não os investimentos predatórios daqueles que querem vir aqui apenas tirar as coisas que tem aqui, sem deixar e sem gerar riqueza aqui.

Portanto, é importante que a gente veja o potencial. Além disso, é importante para os empresários brasileiros saberem que a Zâmbia experimentou um forte crescimento em anos recentes, com o crescimento do PIB entre 2005 e 2008 crescendo em torno de 6% ao ano. O crescimento do país em 2009 foi de 6,3%, e a previsão para 2010 é de 6,8%. É importante lembrar também, Roger, o elemento-central da economia zambiana é a mineração de cobre, é o sétimo produtor mundial; cobalto, é o segundo produtor mundial, responsável por 70% das exportações. Portanto, meu caro, você trate de acertar com os empresários da Zâmbia de colocar suas máquinas para trabalharem aqui, para que a Zâmbia possa se transformar em um país mais rico e a Vale em uma empresa mais poderosa... pagando uns "impostozinhos" aqui e uns "impostozinhos" no Brasil, porque nós somos filhos de Deus.



Bem, o que mais... além deste entusiasmo, além deste entusiasmo, eu queria lembrar os companheiros que nós estamos fortemente, fortemente motivados a ajudar grande parte dos países africanos na questão da agricultura. Primeiro, pensando na segurança alimentar. Cada país precisa garantir a sua segurança alimentar. E depois que a gente reservar a terra necessária para a segurança alimentar, a gente utilizar outra parte da terra – até terra degradada, que a gente possa recuperar – para que a gente possa produzir biocombustíveis, seja o etanol, seja o biodiesel, que pode ser feito da mamona, que pode ser feito da palma africana, que pode ser feito do girassol, que pode ser feito da soja, que pode ser feito da “trofa, trofa?” Atrofa; que pode ser feito do babaçu, de qualquer oleaginosa. Essa é uma coisa que eu acho que também está reservado um potencial futuro para o continente africano, porque o mundo desenvolvido assumiu o compromisso de, até 2020, colocar 10% de etanol na gasolina, e é preciso saber onde eles vão produzir esse etanol. Não pode produzir o etanol de canola, não pode produzir o etanol de beterraba, não pode produzir o etanol de milho, ele tem que produzir o etanol de coisas mais baratas, mais produtivas como a cana-de-açúcar que, por coincidência, nós temos muita no Brasil. E já temos experiência extraordinária em alguns países africanos, como Angola... um projeto muito exitoso, e em Moçambique estamos construindo um projeto também.

Bem, para terminar eu queria dizer, meus queridos companheiros, que eu fiquei sabendo também, Presidente, que a Marcopolo, que é uma grande empresa de construção de ônibus... Tem alguém da Marcopolo aqui? Porque tem um dirigente da Marcopolo que parece até a minha unha, de tão encarnado que ele viaja comigo. Aqui ela [Marcopolo] estuda a possibilidade de instalar na Zâmbia um centro de manutenção para atender à frota de sua fabricação que circula pelo país. Então, essa também é uma coisa muito importante.

Por último, companheiros e companheiras, eu queria dizer ao meu querido presidente Banda que, lamentavelmente, a viagem é muito curta. E eu tenho um compromisso: quando eu deixar a Presidência da República eu quero



continuar tentando ver o que eu posso fazer para transferir toda a experiência que nós acumulamos no Brasil, de políticas bem-sucedidas para ajudar dois pedaços do mundo: os países africanos que precisarem e os países da América Latina e do Caribe que precisarem e da América do Sul.

Uma coisa, Presidente, que eu queria lhe dizer, do coração: muitas vezes, a gente fala que não faz as coisas por falta de dinheiro, e é verdade. Mas, muitas vezes, mesmo tendo dinheiro, não se faz as coisas porque não se tem foco e não se tem prioridade.

Eu queria dizer para vocês que o grande legado que eu vou deixar no meu país, quando eu deixar a Presidência, é que eu aprendi que não existe nada mais barato e não existe nada que dê mais retorno para a economia do que a gente cuidar da parte mais pobre da população. Não existe nada, nada!

Eu aprendi agora e vou terminar com esse exemplo: eu fui a um banco no Nordeste brasileiro, chamado BNB, esse banco é um banco de investimento. Esse banco, antes de eu chegar ao governo, ele emprestava apenas 262 milhões e tinha 37% de inadimplência. Hoje, esse banco empresta 22 bilhões e tem apenas 3% de inadimplência. O que é mais grave é que ele empresta R\$ 1,3 bilhão para 1 milhão de pobres e a inadimplência é quase zero. Porque tem uma coisa, Presidente, tem uma coisa, tem uma coisa que nós não temos... que ter medo, tem uma coisa: todo mundo sabe que para um grande empresário é até chamoso chegar em uma reunião e dizer “olha, eu estou devendo US\$ 10 bilhões que eu peguei emprestado no Citibank, eu estou devendo US\$ 5 bilhões que eu peguei no Lehman Brothers”. Então, para um grande empresário dizer que está tomando dinheiro emprestado... A Petrobras, a Petrobras! Para não falar de ninguém, para falar de nós mesmos, no Brasil, a Petrobras, a cada hora que entra na minha sala, ela me humilha quando ela fala “eu vou pegar US\$ 20 bilhões, US\$ 15 bilhões”. E quem pega US\$ 15 bilhões, se não pagar em um ano, não tem nenhum problema, quem está... o credor não vai nem processar, porque é tanto dinheiro, que ele espera um pouco para receber. Agora, o pobre, o pobre não tem nada, se ele pegar



R\$ 1 mil, se ele pegar US\$ 500, se ele pegar US\$ 200 emprestados, ele tem que pagar, ele precisa pagar, porque o único patrimônio que ele tem é o nome dele e a cara dele. E se ele não pagar, ele fica com vergonha dos parentes, porque ele é chamado de caloteiro, na rua, ele é chamado de mau pagador. O grande, não. O grande sai de um banco, vai a outro, sai de outro, vai a outro. Pega de um... não é, Roger? O Roger, o Roger, quando não tem... o Roger, quando não tem no BNB, a Andrade Gutierrez quando não tem no BNB, no BNDES... aí, vai a um banco não sei onde, aí vai em Nova York, aí vai na Alemanha, vai na Inglaterra. Ou seja, o que tem mais se vira. O pobre, se não pagar os 1 mil que ele pegou, o nome dele vai para um lugar onde ficam cadastrados todos os maus pagadores e nunca mais o coitado... nunca mais o coitado consegue arrumar 1 centavo. É por isso que eles são pagadores. Eu acho que a política que nós fizemos no Brasil, de criar crédito para os pobres, é uma política que se encaixa perfeitamente bem para os países africanos.

Eu dizia ao Presidente, tem duas coisas que a gente não pode permitir, duas coisas: é dizer que dinheiro dado para pobre é gasto; dinheiro dado para pobre é investimento. Segundo, é dizer que dinheiro gasto na educação é gasto; dinheiro na educação também é investimento. Portanto, são duas decisões sagradas que nós temos que tomar, porque quando o pobre pega 5 centavos, ele não vai colocar no banco, ele vai ao supermercado comprar alguma coisa para levar para casa para a sua família comer, e isso faz a economia do país girar, faz o comércio girar e faz a pequena produção agrícola produzir.

Muito obrigado, companheiro, e até (incompreensível).

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento da Campanha Internacional Turística para o
Brasil 2014**

Johannesburgo-África do Sul, 09 de julho de 2010

Meu querido companheiro Luiz Barretto, ministro do Turismo,
Meu querido companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,
Meu querido companheiro Alexandre Padilha, ministro das Relações
Institucionais,

Meu caro companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,
Meu caro Orlando Pessuti, governador do estado do Paraná,
Minha querida companheira Jeanine Pires, presidente da Embratur,
Meu querido companheiro Rogério, nosso companheiro dos Direitos
Humanos,

Meu caro companheiro Ricardo Teixeira, presidente do Comitê
Organizador da Copa do Mundo de 2014,

Companheiro Eduardo Paes, nosso governador do estado do Rio de
Janeiro – prefeito. Mas um dia, quem sabe, um dia, quem sabe...

Bem, eu não ia falar, porque já fiz vários discursos hoje, do que a
Seleção brasileira jogou na Copa do Mundo. Mas eu penso que o que vocês
viram nesse filme poderia ser vocês. Cada pessoa que conhecer o Brasil,
certamente, sairá do Brasil com a imagem melhor do que a imagem que ela
entrou no Brasil.

Eu acho que poucos países do mundo têm a diversidade que tem no
Brasil para mostrar ao mundo. Eu digo sempre que quando a gente assiste à
Copa do Mundo – e eu disse aqui ontem, nesse mesmo palco –, que quando
você vê o time da Alemanha entrar em campo, com exceção do Cacau, agora,



que é um brasileiro naturalizado alemão, você só vê alemão; quando você vê entrar o Japão em campo, você só vê japonês; tem um brasileiro japonês, o Paulo Tanaka, que marcou um gol a favor e um gol contra, entendeu? Quando você vê a Coreia do Norte ou a Coreia do Sul entrar em campo, a diferença é que uma é mais alegre do que a outra. Eu não sei, aquele rapaz chorava tanto quando tocava o hino da Coreia, eu acho que ele estava com medo de voltar. Mas, é tudo a mesma coisa.

Eu assisti o jogo Itália e... Teve Itália e Sérvia ou Itália e Croácia, em que nem no banco de reservas e nem no campo tinha um único negro. E, assim, você vai vendo que são poucos os países que têm essa diversidade de raça, essa diversidade cultural que tem o Brasil.

Então, o Brasil teve uma mistura extraordinária, que é a mistura do índio, do negro e do europeu, e deu essa gente bonita como eu, que se não tivesse outra razão para vocês irem ao Brasil, teria a beleza das mulheres e dos homens do meu país, na sua (incompreensível). E quando eu falar de beleza, vocês têm que compreender o seguinte, minha gente: para cada sapo tem uma sapa. Então, ninguém fica sem o seu par. Então, a beleza também é vista de várias formas e, no Brasil, você vê de muitas formas.

Eu, sinceramente, duvido que tenha um país com a megadiversidade da culinária que tem o Brasil. Tem país que a gente viaja, quando a gente quer pedir uma comida diferente, a gente pede *à la carte* ou um bife com batata frita. No Brasil, em cada estado que você chegar, você vai encontrar uma culinária diferente. Alguns estados, e aqui vou dizer, como a Bahia, que talvez seja a mais rica culinária do país, junto com Minas Gerais e junto com o estado do Pará... O cidadão que for à Copa do Mundo e for ao Pará, comer um pato no tucupi, nunca mais ele vai deixar o Pará, nunca mais, porque ele vai gostar. Bom, isso tudo são coisas que devem motivar as pessoas a visitarem o Brasil.

Agora, companheiro Ministro e companheira Jeanine, presidente da Embratur, eu, nessa semana... Eu preciso ser muito sincero, porque às vezes a



sinceridade dói, mas ela é melhor do que uma mentira que não dói. Eu fui, nesses dias, lançar um Programa de cinema...

_____ : Perto de Brasília.

Presidente: Lá em Luziânia. E foi uma coisa muito interessante, porque todo mundo culpa todo mundo pelo fracasso do cinema. Eu achei fantástico, todo mundo culpa todo mundo. A única coisa que a gente não pergunta é o seguinte: por que é que o cidadão não vai ao cinema? Ou, por que o cidadão não faz um cinema? E a gente não tem resposta.

Eu comecei a brincar com os nossos companheiros e dizer o seguinte: olha, primeiro, nenhum empresário comunista ou socialista vai fazer um cinema se ele não der lucro. A primeira razão para alguém fazer um cinema é para ele dar lucro, se não der lucro, ninguém vai fazer cinema. Se o Estado fizer cinema, vai ter prejuízo, além de ter uma quantidade de burocratas trabalhando no cinema, o que vai ficar muito caro. Então, nós temos que motivar as pessoas a fazerem o cinema ser lucrativo. E, aí, é saber como tirar um casal de casa, como tirar o marido e a mulher de casa para ir para o cinema, como tirar um casal de jovens de casa para ir para o cinema. Se você não oferecer para ele múltiplas oportunidades na hora que ele sai de casa... Porque, às vezes, ele tem que pegar um carro, tem que ir ao estacionamento, quando ele vai buscar o carro, roubaram. Tem que ter alguma coisa para ele comer perto do cinema, tem que ter alguma coisa para ele fazer, porque se for apenas para ir para o cinema, se ele tiver uma televisão dessas que eu vi agora, 3D, ele não sai por nada desse mundo, ele fica no sofá pedindo as coisas para a mulher: “Me dá, da geladeira: me dá água, me dá cerveja, me dá uísque, me dá um limão”. Ele fica em casa.

Eu estou contando esse caso do cinema, que é uma coisa que a gente precisa, Eduardo, se preocupar: como é que você vai levar o cinema à periferia



do Rio de Janeiro? Como é que a gente vai fazer um cinema no Complexo do Alemão, no Pavão-Pavãozinho? Nós precisamos levar e garantir que ele só vai ver cena de violência lá dentro, no filme, que fora não vai ter cena de violência. Então, nós precisamos garantir, também, segurança para as pessoas. Hoje... E não é no Brasil, é no mundo inteiro, é no mundo inteiro.

Depois, que eu não sei quem foi o sábio... Antigamente, o cara, para ser sábio, estudava muito, mas agora teve um cara que inventou a pirataria, ou seja, o filme não é nem anunciado, já está pirateado. Às vezes, o cidadão assiste, não entende nada, mas como foi barato, valeu. Então, eu penso que o desafio que está colocado no cinema, está colocado para o turismo.

Nós estamos no continente africano. Nós vamos ter uma *overdose* de atividades esportivas entre 2013 e 2016. Primeiro, em 2011, nós vamos ter Olimpíadas Militares, certamente vocês não vão querer ir nessa. Mas vai ter 6 mil atletas, vai ter 6 mil atletas que têm família como nós temos e que, portanto, querem ir, e que, portanto, vai ter muita gente. Em 2013, nós vamos ter a Copa das Confederações, que é aquela que o Brasil ganha para enganar a gente, pensando que vai ganhar a outra. Luiz, me traz, me arruma minha água. Depois, a gente vai ter a Copa do Mundo em 2014. Aí, quando você pensa que terminou tudo, vai ter a Copa das Américas. Aí, quando você pensa que terminou tudo, vem 2016, as Olimpíadas. E antes vai ter... Mas vai ter junto, praticamente, as Paraolimpíadas. Ou seja, vocês percebem que são 2011, 2013, 2014, 2015 e 2016. Haja atleta para disputar tudo isso, meu filho. Por isso é que nós precisamos que um pouco de turista vá para lá. Nós naturalizamos vocês e já colocamos uma camisa da Seleção (incompreensível) para jogar, porque senão nós não vamos conseguir dar conta.

Bem, essa quantidade de atividade esportiva que nós temos vai atrair muita gente. E cada governador se comprometeu com um estádio novo, cada governador... Vocês sabem os projetos que os governadores me apresentaram, não é? O governador... Os projetos são maravilhosos. Agora, é



o seguinte: agora nós temos três anos e... não, quatro anos para fazer, porque isso, quando chegar mais ou menos em dezembro de 2013 tem que estar pronto, porque tem que secar a grama, molhar a grama, secar. Não pode arrancar torrão de grama como eu vi em alguns estádios inaugurados.

Eu fui lá em um estádio da Inglaterra, na inauguração, você estava lá. Os brasileiros, não, porque sabem chutar a bola de leve, por cima, mas alguns jogadores ingleses, quando chutavam, saía um bloco de grama deste tamanho. Então, nós... É verdade. Então, nós precisamos deixar as coisas preparadas.

Além disso, companheiro Luiz Barreto, nós temos um problema: nós temos todo o continente latino-americano que pode vir a pé, que pode vir de carro, que pode vir de moto, que pode vir de qualquer coisa para assistir o jogo. Você veja uma coisa... parece pouco, gente, mas eu vou dizer para vocês: você sabe, Ricardo Teixeira, que a primeira ponte feita entre Bolívia e Brasil fui eu que fiz? Você sabe que a primeira ponte entre Brasil e Peru fui eu que fiz? Isso, depois de 500 anos. Significa que, se nós quisermos trazer gente, nós vamos ter que transformar a nossa Copa do Mundo não em uma Copa do Mundo só do Brasil, nós precisamos transformar a Copa do Mundo em uma Copa do Mundo latino-americana que a Fifa deu o direito do Brasil organizar, para que a gente possa trazer muita gente.

Eu fico imaginando, meu caro Ricardo: imagina se, em um sorteio qualquer, em um grupo qualquer, a Argentina for classificada e a Argentina ficar no Rio Grande do Sul. Vai ter mais argentino do que gaúcho. Se já vai, no final do ano, 1 milhão de argentinos para Santa Catarina, imagina com o Maradona do jeito que está. Vai muita gente.

O Uruguai ficou para a final. Imagina quantos uruguaios vão para o Brasil. O Paraguai, então, se colocar no Paraná a Seleção do Paraguai, acabou o estado do Paraná, Pessuti, só vai ter paraguaio lá. Ou seja, a possibilidade de a gente fazer a Copa do Mundo com a maior participação é total e absoluta.

Agora, nós, com os europeus, nossos irmãos americanos, nós não



temos que nos preocupar muito, porque eles têm um pouco mais de poder aquisitivo, têm mais avião, eles vão para o Brasil. Já sabendo que tem campeão garantido, já sabendo que nós vamos ganhar, não é, Teixeira? Pelo menos esse nós temos que acreditar, senão a minha autoestima vai lá para baixo.

Bem, e nós estamos aqui, no continente africano, que é um continente que nós temos um tempo pela frente para garantir que os africanos tenham a mesma oportunidade de ir que os outros. Ou seja, nós não temos nenhum daqueles navios chiques – é chique por fora, por dentro são incômodas aquelas cabinezinhas. Mas nós não temos nenhum que vai da África para o Brasil. É só de Miami, é só, não sei, de Roma, é só de Milão, é só de não sei de onde, ou seja, nós precisamos começar a pensar nisso.

Avião, é uma vergonha. Hoje eu assumi um compromisso com o presidente Zuma, que eu vou transformar em questão de honra, fazer com que as empresas brasileiras parem de passar por cima do espaço aéreo da África e não parem em nenhum país. Não é possível! Como é que a gente quer fazer negócio com a África?

Imaginem o presidente da Zâmbia, ou da Tanzânia, ou do Quênia, que eu fui lá agora. E se eles quiserem ir ao Brasil, sabe o que eles fazem, ô Ricardo? Pegam um voo, vão até Paris. Ora, se ele vai até Paris, por que ele vai até o Brasil depois? Por que ele vai? Então, quem tem que ter a obrigação de colocar um transporte não é a Tanzânia ou a Zâmbia, é o Brasil. É o Brasil, que é a grande nação que os economistas do Banco Mundial dizem que nós seremos, em 2016, a quinta economia do mundo. Se continuar crescendo do jeito que está, nós poderemos ser a quarta. Temos vocação para isso. É só a Petrobras achar mais um “pocinho” de petróleo.

Então eu, Luiz, estou convencido de que nós temos uma oportunidade extraordinária de preparar o Brasil para receber um tanto de gente que possa... O Brasil tem só 8,5 milhões km². Vai ter Copa do Mundo, por exemplo, no



estado do Amazonas. Então, quem quiser conhecer a Amazônia, vai poder desfrutar da floresta mais fantástica do mundo, dos rios mais extraordinários do mundo. Agora, precisa andar de forma ordeira, não sair fora da linha, porque, senão, uma sucuri destreinada pode pegar vocês. Pode ir devagar, mas... Quem for à Amazônia vai conhecer um lugar deslumbrante. Quem for ao Pantanal, então, vai voltar de lá achando que não tem nada igual no mundo. Quem for ao Nordeste brasileiro, vai ver que não existe povo mais alegre. É um povo que não entende inglês, mas fala por mímica. Todo mundo vai entender a gente, todo mundo vai entender. É fantástica a capacidade de mimicar do povo brasileiro. Tem o verbo mimicar, Marco Aurélio? Não tem o verbo mimicar. Mas é verdade. Então, vocês vão conhecer essa coisa extraordinária.

Na verdade, eu ia ler o meu discurso, eu não li, mas eu só queira ler a última frase do meu discurso aqui, pelo amor de Deus. Porque, se eu não ler a uma frase do meu discurso... A última frase do meu discurso é a seguinte: “O Brasil está te chamando. Celebre a vida aqui”.

Muito obrigado!

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
jantar oferecido pelo presidente da África do Sul, Jacob Zuma**

Pretória-África do Sul, 09 de julho de 2010

Por favor, quem estiver com fome tenha paciência, e não comecem a me
vair.

Excelentíssimo companheiro Jacob Zuma, presidente da República da
África do Sul, e sua senhora,

Senhor Kgalema Motlanthe, vice-presidente da África do Sul,

Senhor Presidente da Suprema Corte,

Senhora Maite Nkoana, ministra das Relações Internacionais e
Cooperação da África do Sul, por meio de quem cumprimento todos os
ministros e ministras da África do Sul,

Companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,
por meio de quem cumprimento todos os ministros brasileiros,

Amigos e amigas convidados para este jantar,

É uma honra voltar à África do Sul e reencontrar-me com o amigo Jacob
Zuma. Vossa Excelência está ajudando a construir uma África do Sul soberana
e livre, ancorada na pujança de sua economia, na riqueza natural e na vontade
do seu povo.

No passado, celebramos o repúdio corajoso do povo sul-africano contra
toda opressão. Hoje, homenageamos o poder transformador da vibrante
democracia sul-africana.

A África do Sul é um exemplo extraordinário de superação de desafios.
A organização da primeira Copa do Mundo no continente africano é uma prova
inquestionável dessa capacidade. Eu queria aproveitar para dar os parabéns



ao companheiro Joseph Blatter, presidente da Fifa, por confiar no continente africano. Certamente, teremos muito a aprender com a experiência sul-africana para a organização da Copa de 2014.

Caro amigo Zuma,

Nosso diálogo e cooperação possuem um horizonte repleto de possibilidades. É o que promete o Plano de Ação da Parceria Estratégica que assinamos hoje. O comércio bilateral multiplicou-se de 695 milhões a US\$ 2,5 bilhões entre 2002 e 2008. Já somos o segundo maior fornecedor de produtos agropecuários para a África do Sul. Não duvido de que vamos bater um novo recorde em 2010. Ultrapassaremos os 3 bilhões de dólares, com forte aumento das exportações sul-africanas para o Brasil. É com essa meta que os nossos homens de negócio participaram do Seminário Empresarial e aprenderam a explorar caminhos e a identificar oportunidades para forjar associações entre empresas dos dois lados do Atlântico.

A celebração do acordo Mercosul-Sacu foi um importante passo para impulsionarmos nosso intercâmbio. É preciso trabalharmos por sua ratificação e, desde já, pensar em aprofundá-lo. A negociação de um acordo de livre-comércio entre o Mercosul, a Sacu e a Índia será outro poderoso indutor de nossa aproximação econômica. A adoção de moedas locais no nosso comércio bilateral e regional poderá ser outro estímulo para as nossas trocas.

O programa bilateral de cooperação em ciência e tecnologia colocará a competência e a competitividade na vanguarda de nossa aliança. É o que prometem os programas em biotecnologia, astronomia, nanotecnologia e tecnologia da informação.

A área de televisão digital é particularmente promissora. Estamos prontos a realizar testes de campo para que toda a África Austral possa comprovar as vantagens do sistema que adotamos na América do Sul.

A parceria estratégica África do Sul - Brasil reflete um compromisso com uma ordem internacional mais pacífica e democrática. A face mais visível



dessa nova ordem é o Fórum Índia-Brasil-África do Sul. A ajuda do IBAS a países carentes é um exemplo das relações Sul-Sul. Estamos tomando medidas práticas para ampliar oportunidades de crescimento econômico com justiça social.

Vivemos num mundo interdependente, onde se multiplicam novas ameaças como o aquecimento global, a insegurança energética e alimentar. Ao mesmo tempo, as velhas mazelas da pobreza extrema e da violência continuam a alimentar-se mutuamente.

Na questão do clima, estamos atuando lado a lado no âmbito dos Basic para garantir o êxito da COP-16 no México. Buscamos uma governança global à altura dos desafios de um mundo multipolar e multilateral.

Necessitamos de organizações internacionais legítimas e eficazes, que sejam representativas das realidades do século XXI, em especial do crescente papel dos países em desenvolvimento.

É essencial reformar o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Mas o que vemos é inércia e resistência à mudança. As instituições de Bretton Woods precisam refletir as transformações da economia mundial.

Queremos um mundo sem armas nucleares ou outras armas de destruição em massa. Não nos omitimos frente a focos persistentes de instabilidade internacional, como no Oriente Médio. Cooperamos no campo da defesa e queremos dar novo impulso à Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul.

A paz que desejamos só será completa e duradoura se forjarmos uma ordem econômica internacional justa e equitativa. Quando os piores dias da crise pareciam ter passado, advertimos que era prematuro abandonar os compromissos com a mudança.

Só o crescimento econômico gera recursos para o pagamento da dívida pública e a redução do déficit. A dura experiência dos países em desenvolvimento – inclusive a brasileira – revela que ajustes recessivos



aumentam o desemprego e agravam as desigualdades sociais. Não podemos repetir esses erros enquanto tivermos um passivo social a saldar.

Acabo de fazer um périplo por seis países africanos. O Brasil quer ser sócio no desenvolvimento deste continente em franco ressurgimento.

Meu caro Zuma,

Nessa parceria, a África do Sul é um pilar indispensável. Admiramos um país que faz da diversidade sua maior força.

Retorno ao Brasil com a convicção de que Vossa Excelência será um firme aliado para fazer da vizinhança atlântica um elemento de aproximação entre nossos países e continentes.

Por isso, convido todos os presentes a me acompanhar num brinde à saúde do presidente Zuma, à felicidade do povo sul-africano e ao futuro de amizade e cooperação entre nossos povos.

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Fórum Empresarial Brasil-África do Sul

Johannesburgo-África do Sul, 09 de julho de 2010

Bem, eu vou falar do púlpito, mas, antes de falar, eu queria entregar ao presidente Zuma e ao Ministro que cuida da Indústria e do Comércio da África do Sul dois livros que ensinam como exportar para o Brasil. Normalmente, a gente dá livro... Normalmente, nós entregamos livros ensinando como importar do Brasil, e nós estamos dando, agora, como facilitar a vida de vocês para exportar para o Brasil. Afinal de contas, vencer a burocracia brasileira não é nada fácil.

Bem, eu quero, primeiro, cumprimentar o meu companheiro e amigo, presidente da República da África do Sul, o companheiro Zuma, e dizer para ele da alegria de, mais uma vez, estar aqui na África do Sul e mais uma vez poder gozar da sua companhia,

Quero cumprimentar Rob Davies, ministro do Comércio,

Quero cumprimentar o embaixador do Brasil na África do Sul, José Vicente de Sá Pimentel,

Quero cumprimentar o companheiro Ivan Ramalho, secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Quero cumprimentar o companheiro Orlando, ministro do Esporte,

Quero cumprimentar o Luiz Barretto, ministro do Turismo,

Quero cumprimentar o companheiro Rogério, ministro interino dos Direitos Humanos,

Quero cumprimentar os empresários africanos, as empresárias, os empresários brasileiros, mesmo sabendo que nós estamos em minoria aqui, hoje.



Bem, eu já tive oportunidade de falar com o presidente Zuma, pela manhã; já tive oportunidade de falar para a imprensa africana e para a imprensa brasileira e, certamente, quem estava presente lá no Palácio vai perceber que eu vou repetir algumas coisas que eu já falei hoje, pela manhã.

Em primeiro lugar, o orgulho de ser o Presidente da República do Brasil que mais visitou o continente africano. Hoje eu completo a África do Sul já três vezes, mas eu já visitei 27 países africanos em oito meses [anos]. Não sei quantos presidentes do mundo visitaram 27 países africanos em oito anos, e eu ainda tenho um país para visitar, que é Moçambique, para inaugurar uma fábrica de remédio que estamos fazendo lá, produzindo antirretrovirais para combater HIV-Aids.

Mas eu assumi um compromisso com o presidente Zuma. Primeiro, nós precisamos fazer pelo menos duas grandes reuniões entre empresários da África do Sul e empresários brasileiros. A gente poderá fazer uma primeira em São Paulo, organizada pelo Ministro da Indústria e Comércio do Brasil e pelo Ministério das Relações Exteriores, que a gente possa ter uns 300 ou 200 empresários da África do Sul, que a gente possa ter uns 300 ou mais empresários brasileiros, para que a gente possa discutir oportunidades de negócios, oportunidades de parcerias e oportunidades de complementaridade entre as empresas da África do Sul e as empresas brasileiras.

E a segunda coisa que eu disse ao presidente Zuma é que eu tenho apenas cinco meses... Uma aguinha, Prata, se for possível. Eu assumi o compromisso com o presidente Zuma de que é uma vergonha um país com 190 milhões de habitantes, como o Brasil, não ter empresas de aviação comprometidas em fazer voos para a África do Sul e para outros países da África e que, portanto, assumi o compromisso com ele de transformar numa questão de honra, nesses últimos seis meses que eu tenho de mandato, para que a gente possa resolver esse problema crônico. Porque se nós não garantirmos aos políticos e aos homens de negócio o direito de ir e vir, o direito



de conhecer coisas novas, não acontece nenhuma novidade no nosso país.

Vejam que absurdo: se eu quisesse sair agora de Johannesburgo e ir a Londres, quantas horas eu demoraria de avião? Dez horas? Onze horas? Oito horas? Olhem, daqui para São Paulo serão apenas nove horas ou dez horas. Mas não é apenas da África do Sul, é de outros países africanos que fazem fronteira com o Brasil via Atlântico. De Cabo Verde, por exemplo, até Fortaleza, são três horas e meia de voo. E quem tem avião para o Brasil não é uma empresa brasileira, é uma empresa de um país pequeno como Cabo Verde.

Ora, por que isso aconteceu? Isso aconteceu porque, historicamente, nós tivemos uma elite subserviente, que achava que só deveríamos fazer negócios com a Europa rica ou com os Estados Unidos, e fomos esquecendo a América Latina, a América do Sul e o continente africano. Ora, o que nós precisamos, presidente Zuma, é fazer uma nova discussão sobre a relação Sul-Sul, sobre o desenvolvimento africano e sobre o desenvolvimento latino-americano, para que a gente possa ter noção do que está nos esperando.

Todos nós sabemos e todos queremos exportar para os Estados Unidos, para o Japão, para a China, para a Alemanha, para a França. Mas todos nós sabemos, também, que existe um limite, porque todo o mundo quer vender para eles, e que a balança comercial dos nossos países com esses países ricos não é tão grande como uma pessoa leiga pode imaginar. Nós temos balança comercial com países europeus que chega a 6 bilhões, a 7 bilhões, a 8 bilhões; e temos, com a Argentina, 30 bilhões; temos, com a China, 40 bilhões; temos, com a Venezuela, 6 ou 7 bilhões. Por quê? Porque nós começamos a descobrir as necessidades de cada país e as similaridades existentes em cada país.

Certamente, a África do Sul produz coisas importantes que outros países ricos já produzem mais importantes, mas possivelmente o Brasil não produza, possivelmente outro país da África não produza, possivelmente outro país da América do Sul não produza, e, portanto, a África do Sul terá muito mais



oportunidade de vender o seu produto nesses países do que vender aos países ricos, que só querem vender para nós produtos de alto valor agregado e comprar de nós *commodities* em forma de matéria-prima.

Essa crise econômica, que é a primeira crise acontecida no coração dos países ricos, precisa nos motivar a pensar um pouco diferente do que nós pensávamos no século XX. Certamente, durante uma boa parte do século XX, alguém dizia para os empresários da África do Sul: “Cuidado com os empresários brasileiros, cuidado. Não é importante fazer negócio com empresários brasileiros”. Mas o mesmo que diziam aqui, meu caro amigo Zuma, diziam na Venezuela, diziam na Colômbia, diziam no Equador: “Olha, cuidado com os empresários brasileiros. O Brasil é um país grande e ele pode sufocar vocês”.

Agora, como é que pode um empresário de qualquer país do mundo ter medo do empresário brasileiro e não ter medo do empresário americano, do empresário alemão, do empresário chinês ou do empresário que tem muito mais poder do que nós?

Durante muito tempo nós acreditamos nisso, e, durante muito tempo, o Brasil olhava para o mundo sem enxergar a África. Aliás, o Brasil olhava para o mundo sem enxergar os países da América do Sul que fazem fronteira com o Brasil. Apenas dois países não fazem fronteira com o Brasil: o Equador e o Chile. O Brasil tem 17 mil quilômetros, quase, de fronteira seca, e a nossa relação com esses países era quase nenhuma, tudo vinha de outros países. Como é que pode, em um país vizinho do Brasil, ter um carro japonês fabricado no Japão e não ter um carro onde metade das peças pudessem ser produzidas na Argentina, metade no Uruguai, metade no Paraguai, metade no Brasil? É porque os nossos dirigentes e a elite brasileira que governou o país durante muito tempo mantiveram a cabeça colonizada mesmo depois de 200 anos de independência, mesmo depois de 200 anos de independência.

Bem, o que nós precisamos fazer? Depois da crise econômica, primeiro



o *subprime* e, depois, a crise que até agora a gente não sabe a quantidade de dinheiro podre que existe nos bancos europeus, até agora a gente não sabe se já foi resolvida a quantidade de dinheiro podre nos bancos americanos... Porque, quando a crise era no Brasil, quando a crise era no México, quando a crise era na Bolívia, o FMI e o Banco Mundial, a cada três meses tinha uma delegação dizendo o que fazer. Agora que a crise é nos países ricos, nem o FMI e nem o Banco Mundial sabem o que fazer. Por quê? Porque não é dado a eles o direito de fazer críticas que faziam a nós.

Nessa crise agora, na Alemanha, em que um país pequeno como a Grécia quase cria uma crise profunda, é que não tem explicação. Por que não houve uma intervenção imediata para acabar com a crise da Grécia? É porque, para fazer política, precisa saber tomar decisão. E saber tomar decisão, a gente não pode ficar olhando o problema das nossas eleições internas.

Se a gente, enquanto dirigente político, exercendo um mandato, por causa de um problema de eleição interna nossa, a gente não tiver maturidade política, a gente percebe que uma crise pequena, que poderia ter sido resolvida na Grécia com facilidade, ganhou proporções muito grandes e quase leva a França, Portugal e Itália de roldão, apenas por falta de decisão, porque quem tinha que tomar decisão estava preocupado se iria eleger senador ou não, estava preocupado se iria eleger deputado ou não, e aí as crises vão se avolumando.

Ora, imaginem vocês e caro amigo Zuma, se o presidente Bush, em junho de 2008, se o presidente Bush, em julho ou junho de 2008, tivesse colocado US\$ 60 bilhões no Lehman Brothers, o Lehman Brothers não tinha quebrado e eles não tinham que colocar quase que US\$ 1 trilhão depois.

Ora, nós, agora, estamos percebendo, Zuma, que a África do Sul tem muito para oferecer para o Brasil e que o Brasil tem muito para oferecer para a África do Sul. O que nós precisamos é conhecer o potencial de cada um dos nossos países, o que nós poderemos fazer juntos, o que nós poderemos



produzir em parceria. Nós poderemos produzir helicóptero em parceria, nós poderemos produzir avião de carga em parceria, nós poderemos construir parceria na agricultura – o Brasil tem uma sofisticada agricultura de empresa de tecnologia, na área da agricultura tropical.

Eu estou convencido de que todos nós, que estamos aqui – e eu que já tenho 64 anos de idade – vamos ver, nos próximos 15 anos, uma revolução na agricultura africana, sobretudo na savana africana, que parece muito com o cerrado brasileiro, que é hoje o lugar que mais produz grãos por hectare do mundo.

Ora, na hora em que o mundo rico precisar colocar 10% de etanol na sua gasolina, onde que eles vão plantar? Eles vão continuar fazendo o etanol de beterraba? Vão fazer de milho? Ou será que eles não percebem que a cana-de-açúcar produz três vezes mais e é três vezes mais barata, que pode gerar muito mais emprego, e que os países ricos, do mesmo jeito que compram petróleo da Arábia Saudita, poderiam comprar biocombustíveis dos países africanos?

Então, este século XXI, nós temos que aproveitar para comprar as brigas que nós não fizemos no século XX, a boa briga. Não é aquela briga raivosa, é aquela briga de companheiro, de fazer os países ricos entenderem que nós não queremos viver de favores, que nós queremos apenas competir, que nós queremos concluir o acordo da Rodada de Doha, que não foi concluído por conta das eleições americanas e das eleições na Índia e está parado a dois anos. E o que é que a gente queria? Um acordo para que o comércio fosse realmente livre e para que os países pobres pudessem fazer os seus produtos chegarem no mercado dos países ricos. Por que isso não aconteceu, se nós estávamos tão perto? Faltou um milímetro, acho que menos de um milímetro, para a gente fazer o acordo na Rodada de Doha, e nós estamos parados a dois anos.

Nós estamos, companheiro Zuma, participando do G-20 e até agora nós



não conseguimos mudar a representação no FMI, até agora nós não conseguimos mudar a representação, ou melhor, o controle do sistema financeiro, pelo menos cuidar da alavancagem, para não permitir que um banco possa sobreviver fora do sistema produtivo de um país. É para isso que o banco precisa existir, para emprestar dinheiro para a produção e não para ganhar dinheiro vendendo papel atrás de papel, sem produzir um sapato, uma meia, um celular ou um microfone.

Nós ainda não conseguimos acabar com os paraísos fiscais, e foi motivo da nossa primeira reunião, da nossa primeira discussão. O que me preocupa? É que se as coisas não acontecerem, o mundo vai voltando à normalidade e fica tudo do jeito que está, até vir outra crise mais grave, e quem paga o preço são sempre os países mais pobres.

Então, meus companheiros empresários da África do Sul, meus companheiros brasileiros, nós temos um potencial extraordinário. Eu acho que a África é mostrada ao mundo sempre pelo que ela tem de pior e nunca pelo que ela pode ter de melhor. Quando querem mostrar alguma coisa boa na África, mostram um leão correndo, mostram uma girafa, mostram um rinoceronte. Quando querem mostrar o povo, mostram a favela; quando deveriam mostrar a favela... ninguém quer esconder a favela, mas vamos mostrar as outras coisas que tem, vamos mostrar o potencial de desenvolvimento.

A Copa do Mundo foi a demonstração maior que a África precisava para mostrar que pode fazer uma Copa do Mundo, porque havia muita desconfiança, havia: “Será? Será que acabou o *apartheid* mesmo na África? Será que a África tem condições de ter ruas para os carros transitarem? Será que eles vão conseguir fazer aeroportos? Será que vão conseguir fazer ferrovias? Será que vai ter segurança, as pessoas não vão morrer? Atentados contra atentados?”.



Eu quero, orgulhosamente, dizer a você, meu querido companheiro Zuma: Deus escreve certo por linhas tortas. Tem um velho brasileiro chamado João Havelange, que já está com 92 anos de idade, nada 1.500 metros todos os dias, e esse homem, ainda quando presidente da Fifa, ele queria trazer a Copa do Mundo para o continente africano. Precisou acontecer a Copa do Mundo aqui para as pessoas saberem que os africanos são tão civilizados ou mais civilizados do que aqueles que pensam que, porque são um pouco mais ricos, têm mais educação e sabem tratar os outros melhor do que os pobres do mundo – ou do que os negros.

A África... a Copa do Mundo aqui, Zuma, eu que sou fanático por futebol e que assisto na televisão, eu posso dizer para vocês: se eu não estiver enganado, a África será medida logo, logo, “antes da Copa” e “depois da Copa”, porque o povo aprendeu a conhecer a verdadeira África do Sul por conta da Copa do Mundo.

Eu quero te dar os parabéns, quero dar parabéns ao povo da África do Sul, a mulheres e homens, a empresários, aos pobres que a gente via andando nas ruas tentando entrar no estádio de futebol, a todos vocês, porque eu acho que vocês conseguiram dignificar a África em três meses mais do que alguns tentaram fazer em dezenas de anos.

A mesma dúvida que tem sobre a África agora começa com o Brasil. Hoje já me perguntaram: “Será que vai fazer os aeroportos? Será que vai ter corredor de ônibus? Será que vai acabar os estádios?”. Ora, o Brasil, nos próximos seis ou oito anos, se continuar crescendo do jeito que está, o Brasil será a quinta economia do mundo. Se um país de 190 milhões de habitantes, com o PIB que tem o Brasil, com a perspectiva de crescimento – só até 2014, nós temos US\$ 624 bilhões em investimentos, em gasodutos, em portos, em aeroportos, navios, plataformas, sondas, trem-bala, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, vai lembrando... Estamos fazendo investimento em saneamento básico que nunca foi feito em nosso país. Se esse país não tiver condições de



preparar uma Copa do Mundo, eu teria que ir embora a nado da África do Sul até o Brasil. E eu vou... Eu vou... Não, é porque tem uma parte das pessoas, tanto aqui na África quanto em qualquer país, que o cara não acredita em nada, pra ele, tudo vai dar errado: “Ah, o Brasil...”.

Você não sabe, ô Zuma, eu levantei de manhã, coloquei minha gravata. Essa gravata aqui é só para viajar para o estrangeiro e quando eu recebo dirigente estrangeiro, porque essa gravata aqui foi a gravata com que nós conquistamos o direito de fazer as Olimpíadas no Brasil. Aí, quando eu fui fazer as Olimpíadas, fui para Copenhague, eu levantei de manhã, liguei a televisão e fiquei vendo uma pessoa dizendo na televisão, eu até comentei com o Orlando, ele já estava em Copenhague: “Mas por que o Brasil quer fazer Olimpíadas? O Brasil quer disputar com o Obama? O Brasil quer disputar com o Japão? O Brasil quer disputar com Madri? O Brasil não se enxerga? O Brasil precisa fazer investimento em educação, em segurança”. Eu saí de casa com raiva. Eu falei: como é que pode um brasileiro ser tão descrente do seu Brasil? Na verdade, ele não é descrente do Brasil, ele é descrente dele, ele não acredita é nele, e tenta transferir essa descrença para os outros.

Quando nós chegamos lá, que o meu amigo Zapatero, presidente da Espanha, chegou com o nosso amigo, o rei Juan Carlos de Bourbon, eu falei: “Vai ser difícil, vai ser difícil ganhar de um rei”. Estava só a mulher do Obama, o Obama não estava. Quando são nove horas da manhã, nove horas da manhã, eu estou tomando banho, me preparando, ligo a televisão, eis que está chegando o homem, estava chegando o Obama. Aí, chega o avião do Obama, chega o Primeiro-Ministro do Japão, eu falei: puxa vida, é muita melancia para o meu caminhão. Ganhar dos três juntos vai ser difícil.

Mas olha, eu vou lhe contar uma coisa: foi o momento, foi o momento... eu já vivi muitas alegrias, já vivi muitas alegrias, já vivi muita tristeza. Eu torço para um time no Brasil, chamado Corinthians, que ficou 23 anos sem ser campeão, eu sofri muito. Eu perdi, Zuma, três eleições, eu perdi três eleições.



Cada uma que eu perdia, eu chegava em casa, minha mulher falava: “Ô Lula, você não acha que está na hora de parar, meu filho, não acha?”. E eu notava que os meus amigos também gostariam que eu parasse, viu, Zuma? Eu ficava achando que os meus companheiros também queriam que eu parasse. Mas eu perdia as eleições no mês de outubro, ficava lambendo as feridas entre novembro e dezembro, e quando chegava janeiro, eu tinha que começar a viajar o Brasil outra vez para levantar a moral da tropa, porque se a gente não levantar a moral o pessoal desanima. Então, eu não acredito, Zuma, em hipótese alguma, em derrota antecipada, e eu que pensei que tinha vivido emoções de ganhar duas eleições, nada para mim foi mais emocionante do que o dia em que aquele suíço pegou o envelope e ficou 30 segundos com aquele envelope na mão, e eu esperando ele dizer. Não, porque o Obama falou, foi embora. O japonês falou e também não ficou lá, ficou eu, o Rei e o Zapatero. Olha, Zuma, você não tem noção do que foi a emoção no dia em que aquele suíço falou o nome “Brasil”, você não sabe a alegria. E começa no Brasil: “Será que o Brasil tem condições de fazer Olimpíadas? Será que nós vamos ganhar medalhas?” Ora, se o Brasil não ganhar, ganha a África do Sul; se o Brasil não ganhar, ganha Gana; ganha o Japão; mas nós queremos fazer a melhor Copa do Mundo – depois da África do Sul – e as melhores Olimpíadas que já foram feitas no mundo. E aí é que eu queria chamar a atenção dos empresários da África do Sul: oportunidades de investimentos, tanto para as Olimpíadas quanto para a Copa do Mundo, mas, sobretudo, oportunidade na indústria naval.

Não sei se você sabe, Zuma, quando eu disputei as eleições, em 2002, dizia-se no Brasil que a gente não tinha condições de produzir sonda, que não tinha condições de produzir plataforma e que não tinha condições de produzir petroleiros. Eu disse que nós tínhamos. Ganhei as eleições e, hoje, a indústria naval, que tinha 1.600 trabalhadores no Brasil, já tem hoje 52 mil trabalhadores no Brasil, e nós estamos fazendo sondas, estamos fazendo navios e estamos



fazendo plataformas. É essa parceria que nós estamos convidando os empresários da África do Sul para participarem, para conhecerem o que significa o biocombustível no Brasil, conhecerem o que significa a indústria petroleira no Brasil, conhecerem o que significa a produção da agricultura familiar e a nossa política de crédito.

Olha, eu vou dar um dado para vocês para terminar, porque eu estou falando demais. Daqui a pouco, quem queria investir já gastou o dinheiro dele aqui comendo alguma coisa para passar o tempo. Eu queria dizer uma coisa para vocês: em março de 2003, eu tinha dois meses na Presidência da República, o Brasil inteiro só tinha R\$ 380 bilhões de crédito – R\$ 380 bilhões era o equivalente, naquela época, a US\$ 200 bilhões –, de crédito.

Eu, que a vida inteira me dizia socialista, eu me perguntava como é que os empresários brasileiros capitalistas dizem que este país é um país de regime capitalista, sem financiamento e sem crédito, que são duas coisas necessárias para funcionar o capitalismo. Pois bem, hoje o Brasil, que tinha R\$ 380 bilhões de crédito, tem R\$ 1 trilhão e meio de crédito. A Caixa, o nosso banco que financiava a habitação, que tinha 5 bilhões para financiar, no ano passado financiou 47 e este ano vai financiar 55. O BNDES, que é o banco de desenvolvimento e financiamento de indústria, que tinha 38 bilhões, no ano passado emprestou 139 e este ano quer chegar a 170 bilhões de investimentos.

É por isso que eu sou confiante na economia brasileira, e é por isso que eu sou confiante em convidar os empresários da África do Sul a conhecerem melhor o Brasil e o Brasil a conhecer melhor a África do Sul. Nós estamos, agora, com o Ministro do Turismo ali. Ele, depois da Copa do Mundo, ele tem obrigação de me ajudar nessa briga do transporte para trazer mais turista brasileiro para a África do Sul, para trazer mais turistas brasileiros para outros países africanos. Porque o continente africano vai crescer muito, e se o mundo desenvolvido for esperto, ele sabe que vai precisar de consumidor, e se quiser



consumidor nós vamos ter que melhorar a vida do povo mais pobre, para eles poderem consumir.

E, aqui, eu vou dar o último dado para vocês: de toda a política de transferência de renda que nós fizemos no Brasil, quando veio a crise econômica, a minha maior alegria é que as classes D e E, do Norte e do Nordeste brasileiro consumiram mais do que a classe A do Centro-Sul do país. E, mais importante: nós elevamos 31 milhões de brasileiros para a classe C e tiramos 21 milhões de brasileiros de [que estavam] abaixo da linha da pobreza, numa demonstração, Zuma, de que a coisa mais barata do mundo é a gente cuidar do pobre. A coisa mais barata do mundo é a gente cuidar do pobre. Dê R\$ 10,00, dê US\$ 10 para um pobre, que ele vira um consumidor no dia seguinte. Ele não vai comprar dólar, não vai comprar carro e não vai... não vai aplicar em derivativos. Ele vai comprar feijão, ele vai comprar arroz, ele vai comprar milho, ele vai comprar batata, ele vai comprar café, ele vai comprar leite. Esse dinheiro volta para o mercado rapidamente, gerando economia. Dê 1 bilhão, dê 1 bilhão para o rico, que vai para uma conta bancária para ele ganhar às custas dos interesses.

Muito obrigado, e até a próxima oportunidade.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do edital de concorrência do projeto do Trem de Alta Velocidade (TAV)

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 13 de julho de 2010

Mais uma vez, eu tinha dito à Erenice e ao Paulo Sérgio que eu não ia falar. Ia falar o Paulo Bernardo, chegou atrasado, sentou aí.

Mas, primeiro, eu queria cumprimentar os ministros que já foram citados aqui: o Paulo Sérgio, o Guido, o Miguel Jorge, o Paulo Bernardo, o Sergio Rezende e o nosso companheiro Luizinho, que representa hoje o Padilha que está voltando, de cabeça inchada, da África do Sul.

Quero cumprimentar os senadores Eduardo Suplicy e Valdir Raupp, que estão aqui em pé porque não tem cadeira. Estamos num processo de contenção de despesas.

Quero cumprimentar os deputados Janete Pietá, o nosso companheiro Carlos Zarattini, o nosso companheiro Sandro Mabel, que deu lugar para a Jane se sentar, de tão gentil que ele é.

Quero cumprimentar aqui os embaixadores...

Primeiro, os prefeitos de Campinas, de Guarulhos, de São José dos Campos,

O nosso companheiro Bernardo Figueiredo, diretor-geral da Agência Nacional de Transportes,

Quero cumprimentar os companheiros representantes das mais diversas empresas, que estão aqui,

Quero cumprimentar os embaixadores – eu pulei a página dos embaixadores, aqui – do Japão, do Canadá, da Espanha, da Coreia, da França, da Alemanha, da China,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Erenice, que eu não



sei por que é que não colocaram ela na mesma ordem de todos os ministros. Colocaram...

Quero cumprimentar aqui, também, os companheiros assessores dos Ministérios que contribuíram para que nós pudéssemos chegar a este momento que nós estamos vivendo.

Não foi, como disse a Erenice, uma tarefa fácil. Aqui ao lado tem uma sala de reunião, que é uma sala em que, muitas vezes, abriu-se o mapa, os documentos e as partes dos projetos do TAV, e aqui, muitas vezes, se pensou que era impossível fazer, se pensou que muitas empresas não queriam participar, se pensou que muitos países não queriam entrar. Aqui se discutiu que não ia aparecer ninguém. Eu, pessoalmente, tive oportunidade de ir às reuniões do G-8 conversar com o Embaixador do Japão... com o Primeiro-Ministro do Japão, com o Primeiro-Ministro da China, com o Presidente da Coreia, de conversar com o meu amigo Zapatero, de conversar com o meu amigo Sarkozy, de conversar com um monte de gente, para tentar convencê-los de que o projeto do TAV, aqui no Brasil, era uma coisa séria e era uma coisa irreversível porque nós queríamos fazer. E acho que o Brasil precisa, e São Paulo e o Rio de Janeiro precisam porque são as duas cidades mais importantes do Brasil.

Nós agora lançamos o edital, vocês agora vão apresentar suas propostas. Vamos ver quem vai apresentar a melhor, a mais qualificada, quem vai apresentar a melhor de participação de tecnologia.

O dado concreto que vocês têm que trabalhar, companheiros, é que este país vai ter uma sequência de eventos nesses próximos tempos, que muitos países que já existem há mais tempo do que nós nunca tiveram. Nós vamos ter dia 11 [em 2011] as Olimpíadas Militares, com mais de 6 mil atletas; nós vamos ter dia... em 2013 a Copa das Confederações; nós vamos ter em 2014 a Copa do Mundo; nós vamos ter em 2015 a Copa das Américas; e nós vamos ter em



2016 as Olimpíadas, que é para nós um evento muito importante. Obviamente que grande parte da infraestrutura que nós estamos fazendo, nós queremos que ela esteja pronta para... até as Olimpíadas, em 2016. Eu acho plenamente possível a gente inaugurar essas obras até 2016. Aqui faz muito sol; aqui, de vez em quando, a gente pode trabalhar em dois turnos; aqui, de vez em quando, se quiser, a gente pode trabalhar em três turnos; aqui, de vez em quando, a gente pode trabalhar aos sábados e domingos, ou seja, aqui a gente pode acertar qualquer coisa, desde que o objetivo seja a gente entregar a obra da melhor qualidade possível, no menor prazo possível, para que a gente possa atender as necessidades do Brasil.

Vocês viram que terminou uma Copa do Mundo na África do Sul, agora, e já começam aqueles a dizer: “Cadê os aeroportos brasileiros? Cadê os estádios brasileiros? Cadê os corredores de trem brasileiros? Cadê os metrô brasileiros?”, como se nós fôssemos um bando de idiotas que não soubéssemos fazer as coisas e não soubéssemos definir as nossas prioridades.

O fato concreto, e grave, que nós temos no Brasil é que a economia brasileira, durante 25 anos, não se preparou para chegar ao dia de hoje. Se eu pedisse para cada empresário que está aqui, se eu pedisse para cada empresário que está aqui - de grandes empresas, de pequenas e de médias empresas - me colocar ali, na frente, a situação das empresas deles em 2002, a quantidade de obras que eles tinham no Brasil, a quantidade de contratos que eles tinham, o tempo em que eles recebiam, e o que eles têm agora, certamente, certamente, todos aqui ficariam surpresos, porque o que nós temos neste momento é excesso de oferta de obras, e temos, eu diria, falta de gente preparada para fazer as coisas que nós temos.

Eu vou dar um exemplo. Deu muita chuva no ABC, nesses tempos, e o meu apartamento teve vazamento. Na semana passada, a dona Marisa ficou em Brasília... em São Paulo para mandar fazer... quebrar o gesso e colocar um



gesso novo. Nós estamos já há uma semana... obviamente que a gente não está utilizando que “é o apartamento do Presidente” porque, senão, aí vai aparecer... e o preço aumenta. Nós estamos... Você não tem um companheiro para dar o acabamento no gesso. Todo mundo fala: “Não, tem muita obra, eu estou com um apartamento inteiro, eu estou com casa inteira, eu estou... eu não posso parar para pegar apenas um quartinho de 40 m²”. Então, ô Paulo, vê se me ajuda, não é, meu? Vê se me ajuda a arrumar esse companheiro, senão eu vou ter que ir para casa no domingo fazer isso, o que não vai ficar bem.

Bem, mas o dado concreto, o dado concreto é que o Brasil vive esse momento que, eu diria, é um momento mágico na vida difícil deste país, porque foi uma geração e meia ou duas gerações que não viram este país ter o potencial de desenvolvimento que tem. Nós chegamos a uma situação de tal ordem, que faz 15 anos que este país não produz um trilho. Quinze anos que este país fechou a última laminadora que produzia trilhos neste país. A gente não sabia nem produzir dormente, mais. Eu agora vou, no final deste mês, a Salgueiro, em Pernambuco, inaugurar a maior fábrica de dormentes do mundo e vou inaugurar a maior usina de brita que, sozinha, é maior do que as 40 que tem em São Paulo.

Nós resolvemos voltar a ter, no transporte ferroviário, uma necessidade tanto para transportar passageiros como para transportar cargas. É por isso que nós tomamos a decisão de fazer a Ferrovia Oeste-Leste, ligando Ilhéus, no futuro, até a Ferrovia Norte-Sul, no Tocantins. É por isso que nós não nos contentamos, depois de 17 anos de se construir apenas 215 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul, nós vamos entregar 1.350 quilômetros e já vamos entregar a licitação para levar de Anápolis a Estrela d’Oeste, em São Paulo, para que o produto possa sair do Porto de Itaqui, no Maranhão, e ir para o Porto de Santos e embarcar para qualquer lugar, ou vice-versa. O que nós queremos, na verdade, com a ajuda do Guido Mantega e do Paulo Bernardo, é a gente tentar fazer uma espinha dorsal neste país, fazendo a ligação da ferrovia com o



sistema, que é um sonho de discurso de todo mundo. O Albuíno, quando foi candidato a governador no Espírito Santo, certamente ele falava no sistema intermodal de transporte. Essas palavras “sistema intermodal de transporte” o Hélio falava quando era garoto, no curso primário, lá na cidade do interior não sei de onde; essa daqui, na faculdade de Direito. Finalmente, a gente vai fazer um sistema intermodal de transporte neste país, com o país sendo dotado de boas rodovias, boas ferrovias, boas hidrovias. E isso está em curso, isso não é mais promessa, isso já está em projeto, isso já está comprometido no PAC 1, já está comprometido do PAC 2.

Então, eu penso que este momento, este momento é um momento de agradecimento, sobretudo, aos países estrangeiros, representados aqui pelos embaixadores, que acreditaram que era possível a seriedade tecnológica deles com a seriedade econômica e de crescimento deste país, e que a gente pode, nessa combinação perfeita, fazer com que o Brasil possa ser um país que ofereça ao seu povo as mesmas boas qualidades de transporte coletivo que o mundo desenvolvido já consegue oferecer ao seu povo.

E isso não sairia se a gente não tivesse gente comprometida. Porque o problema de governar, todos vocês sabem, o problema de governar é como ser técnico de futebol. Vamos ser francos, vamos ser francos, aqui, os brasileiros: ninguém poderia imaginar que o Brasil iria voltar tão enfraquecido para o segundo turno [tempo] daquele jogo com a Holanda, ninguém! Não é possível que um gol, que um gol possa desmontar um time, como foi desmontado o time do Brasil! O Presidente da República, ele não pode nunca fraquejar diante de adversidades. Nós somos políticos, sobretudo, para vencer as adversidades, para fazer aquelas coisas que parecem impossíveis de ser feitas, porque para fazer as coisas fáceis todo mundo faz. Você não precisa de ninguém especialista para fazer as coisas que parecem impossíveis. Se a gente olhar, no mundo, todas as coisas feitas, todas as coisas feitas – as grandes coisas – foram por gestos de ousadia, de coragem de gente que não teve o medo de



enfrentar o debate. Até a Torre Eiffel, Guido, que hoje é admirada por todo mundo, deve ter tido umas cinco mil ações populares quando se enfrentou [inventou] a Torre Eiffel. A Suécia tentou inventar um grande navio de guerra chamado Vasa, um navio que tinha 72 canhões. O Rei teve mais de cinco mil processos. Colocou... deu um azar desgraçado porque colocou o navio na água, com 600 metros afundou. Ele virou... Os engenheiros tinham calculado errado. Nós já tivemos, em São Paulo, buraco de metrô que não se encontrou, e isso recentemente.

Na nossa... na nossa ferrovia, no TAV, veja... no TAV, a grande coisa, fantástica, é o seguinte: não são nem só os brasileiros, não são nem só os brasileiros que vão ter o gosto e o prazer de viajar São Paulo-Rio de Janeiro mais rápido, mas a quantidade de estrangeiros, tanto turistas que vêm para São Paulo, que vêm para o interior de São Paulo, que vêm para o Rio de Janeiro. Que eles possam transitar! E não é só... Você imagine, a nordestina Norte-Sul [Transnordestina], são mil e... quase 1.900 quilômetros a Ferrovia Transnordestina. Ela estava parada há mais de 35 anos!

Nós somos um país que deixou de fazer as coisas novas e sequer fizemos manutenção das coisas velhas. Nós não formávamos mais engenheiros ferroviários. Os que nós temos, estão todos de barba branca como você, Albuíno, todos. Eu tenho viajado aí, para a Ferrovia, todos estão com mais de 50, 60 anos de idade... porque nós paramos de fazer os investimentos. Aliás, Guido, a gente não investia mais em engenheiro. Engenheiro, no Brasil, ia ser analista econômico, ia trabalhar para o sistema financeiro. Agora, graças a Deus, nós esperamos que com esse novo momento que o Brasil vive, a gente tenha mais engenheiros do que economistas, mais engenheiros do que advogados. Não que a gente não precise de advogados e de economistas, mas é que num primeiro momento nós precisamos de mais engenheiros, porque é isso que demonstra o dinamismo da economia de um país.

Então, companheira Erenice, companheiro Paulo Sérgio, companheiro



(incompreensível), companheiro (incompreensível), a verdade é a seguinte: eu não posso deixar de dizer, aqui, que nós devemos o sucesso disto tudo que a gente está comemorando aqui a uma mulher. Eu, na verdade, nem poderia falar o nome dela porque tem um processo eleitoral, mas a história a gente também não pode esconder por causa de eleição. A verdade é que a companheira Dilma Rousseff assumiu a responsabilidade de fazer esse TAV, e foi ela que cuidou, junto com a Miriam Belchior, junto com a Erenice... Daqui a pouco, se o Paulo Bernardo for candidato, eu não vou deixar de falar que ele fez uma coisa boa, que liberou uma medida provisória, agora, para resolver o problema do Nordeste brasileiro. Não podemos negar isso.

Então, eu acho que nós estamos de parabéns e acho que os países que acreditaram e que querem construir parceria não se arrependerão. Os embaixadores, aqui, podem ficar certos de que quem ganhar a concorrência... e mesmo os que não ganharem serão convidados, nós iremos fazer o primeiro passeio nesse trem-bala. Eu prometo oferecer o aperitivo para vocês.

Muito obrigado, parabéns, e que Deus nos ajude.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura de atos após reunião plenária da 4ª Cúpula Brasil-União Europeia

Palácio Itamaraty, 14 de julho de 2010

A alegria de estar recebendo no Brasil o senhor Herman van Rompuy, presidente do Conselho Europeu e o senhor, meu amigo, José Manuel Durão Barroso, presidente da Comissão Europeia,

Cumprimentar os demais membros da delegação da União Europeia,

Cumprimentar o companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil. E, cumprimentando o Celso, eu estarei cumprimentando todos os ministros brasileiros que estão aqui, cumprimentando os (incompreensível) delegados da União Europeia, cumprimentando os companheiros e companheiras da imprensa brasileira e da imprensa europeia.

Primeiro, é com grande satisfação que recebemos em Brasília esta reunião de Cúpula entre o Brasil e a União Europeia. Esta é uma ocasião especial, pois celebramos neste ano o cinquentenário das relações entre o Brasil e a então Comunidade Econômica Europeia.

O lançamento de nossa parceria estratégica em 2007 expressou a percepção comum de que era chegada a hora de Brasil e União Europeia projetarem uma visão conjunta para um mundo multilateral e multipolar.

A consolidação dessa nova ordem internacional exige esforços coletivos em defesa de causas universais: a democracia ancorada na justiça social, a promoção em defesa dos direitos humanos e um multilateralismo capaz de responder às expectativas de paz e desenvolvimento para nações emergentes e seus povos.

As reuniões de Lisboa, Rio de Janeiro e Estocolmo criaram base para a



nossa atuação conjunta. Com o plano de ação que adotamos, nosso diálogo ganhou horizontes ainda mais concretos e ambiciosos. Já estamos colhendo resultados. Concluímos as negociações do acordo Brasil-Euratom, em matéria de fusão nuclear, que permitirá avanços na realização de pesquisas conjuntas em área energética do futuro.

A celebração de acordo sobre segurança da aviação abrirá os céus da Europa para produtos aeronáuticos brasileiros e, tenho certeza, para projetos conjuntos nesse setor estratégico.

Queremos construir uma aliança para combater a pobreza na América Latina e na África. Estou convencido de que por meio de projetos de cooperação triangular podemos multiplicar iniciativas bem-sucedidas. Por isso, manifestamos o nosso compromisso com a iniciativa de cooperação bilateral Brasil-União Europeia-África sobre biocombustíveis e bioeletricidade. Ela permitirá utilizar a experiência brasileira com a produção de biocombustíveis, segundo padrões rigorosos de sustentabilidade ambiental e social.

Acabo de retornar de minha oitava visita à África, e pude comprovar o potencial extraordinário daquele continente para a produção de biocombustíveis, com geração de emprego e renda e menor dependência de fontes fósseis. Com eles vamos reduzir a emissão de gases de efeito estufa, ajudar o crescimento no mundo em desenvolvimento mediante apoio financeiro para projeto de transferência de tecnologia limpa. Tudo isso sem comprometer a produção de alimentos.

Em todas essas iniciativas contamos com a participação de representantes do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social Brasileiro e do Comitê Econômico e Social Europeu. Isso explica o êxito da reunião semestral da Mesa Redonda da Sociedade Civil União Europeia-Brasil. A ampliação dessa rede de contatos, envolvendo instituições de pesquisas e o setor privado gera novas perspectivas de aprendizado e negócios.

Temos um amplo leque de possibilidades. Nosso comércio bilateral



mostrou seu vigor em 2008, ultrapassando US\$ 82 bilhões. No entanto, as exportações brasileiras ainda são predominantemente de produtos básicos. Isso não é uma fatalidade. Para os Estados Unidos, por exemplo, mais de 70% de nossas exportações são de bens manufaturados. Um maior equilíbrio é crucial para podermos aprofundar, de forma sustentável, essa parceria.

Queremos avançar para concluir um acordo de associação entre o Mercosul e a União Europeia. Essa será uma das prioridades do Brasil durante a minha presidência no Mercosul, no segundo semestre de 2010. Mais do que uma discussão sobre tarifas e subsídios, esse passo sinalizará o compromisso de ambos os blocos com a criação de oportunidades de comércio e investimento.

Foi também essa a mensagem do G-20 ao reiterar sua determinação de concluirmos a Rodada de Doha. Um sistema multilateral de comércio fortalecido é parte fundamental da resposta à crise. Mas só teremos êxito na recuperação da economia global se não houver retrocesso no compromisso de fazer reformas estruturais no sistema financeiro internacional. É preciso banir definitivamente práticas irresponsáveis e parâmetros frouxos de supervisão que levaram à crise.

Queremos coibir a especulação financeira no mercado internacional de *commodities*. Mas essas iniciativas não podem ensejar mecanismos de controle dos preços desses produtos. Isso teria impacto econômico e social negativo, sobretudo nos países mais pobres.

Da mesma forma, insistir no protecionismo é criminalizar a imigração (incompreensível) e criminalizar a imigração só agrava essa situação.

A aposta do Brasil para responder à crise foi outra. No momento em que a recessão ceifava empregos no país, não hesitamos em regularizar a situação de dezenas de milhares de imigrantes. Somos e continuaremos a ser um país aberto e solidário àqueles que vêm buscar no Brasil trabalho digno e uma vida melhor.



Preferimos confiar em políticas anticíclicas que fomentam o crescimento, numa regulação bancária eficaz, em bancos públicos robustos, e num mercado interno pujante. Isso fez a diferença. Em 2010 projetamos o crescimento da economia brasileira não inferior a 7% e a geração de 2,5 milhões de empregos formais.

Meu caro Durão Barroso e meu caro Rompuy,

A entrada em vigor do Tratado de Lisboa deu mais solidez ao projeto europeu de integração. O aprimoramento de suas instituições fará com que a União Europeia continue a desempenhar papel importante na busca de respostas coletivas para os grandes desafios do cenário internacional.

Estou seguro de que a Europa não economizará esforços para democratizar a governança global, a começar pela reforma das Nações Unidas e do Conselho de Segurança. Também compartilhamos a convicção de que é fundamental trabalhar pelo sucesso da COP-16, no México. Os países em desenvolvimento têm importante contribuição a dar, na luta contra a mudança do clima. Mas é inaceitável exigir deles obrigações semelhantes às nações que fizeram a sua revolução industrial há mais de 150 anos.

A exitosa experiência da União Europeia é fundamental para nós, latino-americanos, e enriquecerá as relações da União Europeia com a América Latina e o Caribe. Neste diálogo, a Unasul não pode estar ausente. Respeitando diferenças e valorizando diversidades, a América do Sul está forjando um projeto de inserção soberana no mundo. Lutamos pela redução das assimetrias entre seus membros e das desigualdades que retardam a plena cidadania política, social e econômica. Confio em que nessa ambiciosa empreitada que une continentes e nações, sempre teremos a solidariedade da União Europeia.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de comemoração dos 20 anos do Estatuto da Criança e do
Adolescente**

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 14 de julho de 2010

Vou ler a nominata, pelo menos, porque se eu esquecer, aqui, os nomes dos deputados e senadores, eu vou perder a votação.

Bem, eu ainda só queria cumprimentar... Eu só queria cumprimentar o companheiro Luiz Paulo Barreto, da Justiça,

Cumprimentar a Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Companheiro Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos,

O senador Cristovam Buarque,

A deputada Iriny Lopes,

A deputada Maria do Rosário,

O deputado Paulo Henrique Lustosa,

O Fábio Lustosa da Silva, presidente do Conanda – hein? Fábio Feitosa,

Cumprimentar o companheiro Meneguelli, presidente do Sesi,

Cumprimentar todos vocês que estão aqui,

Cumprimentar a imprensa.

Na verdade, eu estou com a minha agenda exageradamente comprometida hoje com reunião com a União Europeia, acordo Brasil-União Europeia.

[Quero] Dizer para vocês apenas o seguinte: eu não preciso falar como Presidente da República num caso que trata de crianças e de adolescentes. Todo mundo sabe que o tempo da palmatória não educava mais do que o tempo da conversa. O tempo em que uma servente entrava dentro de uma sala



de aula com uma régua de um metro e metia ela, de quina, na cabeça da gente não educava mais do que um tratamento adequado e carinhoso.

Então, nós fomos, ao longo do tempo, abolindo práticas que vieram de tempos antigos, em que a relação não era uma relação nem democrática e muito menos civilizada. Nós vencemos e estamos vencendo o tempo em que se achava que, para cuidar de um jovem em fase de delinquência ou no começo de uma delinquência, era preciso trancafiá-lo em uma cela e colocar alguém mais duro do que ele para bater nele sempre que fosse importante bater – não [sempre] que fosse necessário, mas [sempre] que fosse importante bater –; sempre que fosse necessário demonstrar a força do Estado, o jeito de educar do Estado, o jeito de punir do Estado sem nenhuma preocupação de que eu preciso trabalhar para recuperar essa pessoa, ou pelo menos começar a separar o joio do trigo para ver quem é que eu recupero em um mês, quem é que eu recupero em dois meses, quem é que eu recupero em um ano. Que tipo de profissionais novos nós vamos ter para cuidar disso, porque também é preciso uma política de preparar profissionais para cuidar disso.

Nós, agora, estamos diante de um caso crônico, que é uma política de Estado para enfrentar o *crack* – não enfrentar os que jogaram na Copa do Mundo e todos os times – para enfrentar a droga, e nós detectamos que no mundo não existe especialista ainda para cuidar do *crack*, e nós estamos em um processo de formação de especialistas para a gente poder começar a estudar e cuidar de uma droga que é a mais mortal de todas, porque ela tem um efeito muito curto, de cinco a 15 minutos. Portanto, a pessoa vive querendo acender aquele cachimbozinho para ela poder viver no mundo da fantasia, e aí a recuperação é quase impossível.

Então, nós, que estamos diante de desafios e que temos, cada vez mais problemas para enfrentar, nós precisamos encarar essas coisas com a naturalidade de quem enfrenta os problemas dentro de casa, que não é muito diferente de enfrentar como se você fosse governante. Cada um de nós aqui



vai cuidar das crianças do Brasil como a gente cuida das nossas crianças dentro de casa. Se você não é um bom exemplo de pai, se você não é um bom exemplo de mãe, você não será um bom exemplo de governante. Você vai tentar fazer com aqueles que não são teus filhos legítimos, mas que foram adotados eleitoralmente, aquilo que você faz dentro de casa, sem respeitar...

O Paulinho falou duas vezes em beliscão. Beliscão é uma coisa que dói para cacete, Paulinho. Você sabe que eu me considero uma criança, eu diria, abençoada porque eu não me lembro, não me lembro de a minha mãe ter batido em um filho. O máximo que ela fazia, às vezes, era a gente... cinco homens deitados em uma cama, ela vinha com um chinelo, a gente esticava o cobertor e ela ficava batendo e a gente fingindo que estava doendo, gritando e ela ia embora, quem sabe, cansada; a gente tirava o cobertor e começava a rir porque não tinha acontecido nada conosco.

O meu pai, vocês viram... quem assistiu o filme viu que o meu pai era um homem bruto, mas eu também nunca apanhei do meu pai. Então, eu também nunca bati nos meus filhos, nunca, e eu acho que não é necessário bater. Eu acho que, muitas vezes, uma conversa séria... Muitas vezes, o pecado que nós cometemos, Paulinho, é que a gente nunca tem tempo para conversar com os nossos filhos. Nós temos tempo para tomar cerveja, nós temos tempo para ficar em uma reunião que não decide coisa nenhuma – é verdade –, nós temos tempo de participar de 300 assembleias por dia, nós temos tempo de fazer qualquer coisa. A única coisa que a gente não tem tempo é de perder uma hora por dia, sentando com os filhos e conversando [sobre] os problemas deles e os nossos, e talvez os nossos sejam até mais graves do que os deles, e a gente não conversa.

A gente não conversa sobre educação sexual com os nossos filhos; a gente acha que a natureza ensina, a gente acha que a natureza ensina. Se a gente não conversa adequadamente, outras pessoas vão conversar de forma inadequada, porque não é apenas o ato de fazer o sexo. São os efeitos



psicológicos do ato de fazer o sexo e as consequências que, muitas vezes, nós que achamos que temos mais experiência, que somos os sábios porque somos mais velhos, não temos coragem de fazer essas conversas. Nem as mulheres fazem com as filhas, nem os homens fazem com os filhos. O máximo que o homem brasileiro aprendeu a fazer, na sua forma mais banal de ser humano, era ter o orgulho de, quando o filho completasse 15 anos de idade, levá-lo em uma casa de prostituição para ele fazer a sua primeira experiência sexual. E o máximo orgulho do pai que tinha uma filha era achar que a filha deveria ser virgem até o dia do casamento sagrado, de véu e grinalda.

Nós nascemos assim, aprendemos assim, nos acostumamos assim, então é difícil mudar, porque não é uma coisa que a gente faz numa lei, num artigo de lei. É uma coisa que tem vários artigos de lei dentro dos nossos neurônios, que precisam mudar. Eu lembro quando este moço apresentou o terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos, vocês viram a quantidade de críticas de que nós fomos vítimas, vocês viram a quantidade de ataques que este companheiro recebeu na questão da terra, na questão da comunicação. Quando, na verdade, eu fui pegar o que tinha sido feito em 2006 e 2002, era muito mais radical do que o que ele tinha feito. Ora, por que, então, radicalizaram com ele e não com os outros? É porque eles sabiam que mesmo outros fazendo um texto mais radical, jamais seria colocado em prática; e eles sabiam que o dele, mesmo sendo mais maneiroso, era feito de verdade para a gente colocar em prática.

Então, se nós não descobrirmos esse debate... Esse debate da Lei que nós mandamos agora, vai ter muita gente reacionária neste país, que vai dizer: “Não, estão querendo impedir que a mãe eduque o pai... que a mãe eduque o filho. Estão querendo impedir que a mãe pegue um chininho havaianas e dê um tapinha na bunda da criança”. Ninguém quer, ninguém quer proibir o pai de ser pai ou a mãe de ser mãe. Ninguém quer proibir. O que nós queremos é apenas dizer: “É possível fazer as coisas de forma diferenciada”. É difícil,



possível, plenamente possível! Até porque se punição e chicotada resolvesse o problema, a gente não tinha tanta corrupção neste país, a gente não tinha tanto bandido travestido de santo neste país.

Então, o que nós achamos é que está correto a gente enfrentar esse drama, esses problemas, porque eles estão na nossa casa; quando eles estão na nossa casa, eles estão na nossa rua; quando eles estão na nossa rua, eles estão na nossa vila, no nosso bairro, na nossa cidade, no nosso estado e no nosso país, e vai virando um problema social de monta que depois envolve todo mundo.

Eu estou lembrado – para terminar –, eu e6stou lembrado quando, pela primeira vez... a Telma era prefeita da cidade de Santos, e tinha uma clínica chamada Clínica de Psiquiatria Anchieta. Era uma clínica que tratava de pessoas consideradas loucas, e do jeito que as pessoas chegavam lá, as pessoas tomavam logo uma daquelas injeções “sossega leão”, e eram jogadas – mulheres e homens juntos – e ali defecavam, urinavam, faziam sexo, mulheres engravidavam, ou seja, era o ser humano tratado da forma mais perversa que alguém poderia ser tratado. Então, nós tomamos a atitude de fazer uma intervenção naquela clínica. Fizemos uma intervenção e começamos a fazer um processo de criar condições de as pessoas serem tratadas em casa, de as pessoas serem cuidadas em casa, porque qual era o nosso objetivo? Era fazer com que o parente não sentisse vergonha do seu problemático, porque esse é um problema sério. É que a gente, também, não é preparado para cuidar de alguém que tem problema, então é melhor nos livrarmos do problema.

Então, nós começamos esse processo, depois nós fomos muito atacados... Eu lembro que nós colocávamos algumas mulheres, que eram consideradas loucas, a gente colocava para tomar conta de criança em creche, e foi um sucesso extraordinário; depois virou modelo de que era possível a gente recuperar as pessoas, e a maioria eram totalmente recuperáveis. Ora,



uma criança com cinco, seis anos de idade, com quatro anos de idade, tem direito de cometer todo o erro do mundo. Tem até o direito de colocar o dedo numa tomada e tomar um choque. Agora inventaram a tal da “tomada Lula”, que estão acusando que sou eu que fiz, que ninguém toma mais choque. Não é minha aquela tomada de três bicos, mas é um benefício... Mas o nome é “tomada Lula”, porque você tem que comprar a tomada nova, senão você não consegue ligar mais nada na tua casa. Mas aquilo é um benefício enorme para evitar que as crianças... Qual é a criança que não tem vontade de enfiar o dedinho num burquinho que está ali perto dela, ou enfiar um negocinho qualquer ali? Então, eu acho que... É o tempo em que a gente aprende falando bobagem, é o tempo em que a gente aprende caindo, é o tempo em que a gente aprende batendo a cabeça, é o tempo em que a gente aprende errando. Como é que a gente vai, então, querer punir as crianças no tempo em que está previsto biologicamente que elas têm que ser crianças? Não é possível.

Então, eu acho, companheiros e companheiras... estejam preparados porque nós estamos mandando uma coisa importante para o Congresso Nacional. Eu tenho consciência de que o Congresso irá aperfeiçoar, irá conseguir fazer melhor do que nós mandamos. Tenho consciência de que alguns setores conservadores vão fazer disputa conosco, vão pegar certamente as pessoas menos informadas, mas esse é o debate bom, esse é o debate bom. Esse é o debate que a gente tem que fazer, tem que encará-lo e tem que mostrar que nós estaremos atentos para garantir que as crianças sejam crianças e que os pais – a partir do pai, Presidente da República, dos ministros – aprendam a cuidar dos seus filhos da forma mais sadia possível. E que a televisão, e que a televisão brasileira ajude, ajude, porque muitas vezes eu vejo na televisão uma mãe chamar a atenção de uma filha, a filha bate a porta na cara da mãe com tanta força que derruba até a geladeira, e isso não é um exemplo de se mostrar. Então, eu acho que se todos contribuírem, a partir da escola, da professora, a partir do nosso comportamento pessoal, a partir



dos meios de comunicação, a gente pode ter, Cristovam, crianças muito mais bem tratadas do que nós fomos, e isso vai fazer o Brasil melhor do que ele é.

Parabéns a todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de abertura do encontro com diretores nacionais, superintendentes e gestores de atendimento regionais da Caixa Econômica Federal

Centro de Convenções Brasil 21 - Brasília-DF, 14 de julho de 2010

Bem, primeiro, eu queria cumprimentar o companheiro Guido Mantega, nosso querido companheiro ministro da Fazenda, e é importante a gente fazer justiça a quem merece justiça, porque parte do sucesso do enfrentamento à crise econômica de 2008, a gente deve às atitudes corajosas, às políticas anticíclicas, que o companheiro Guido Mantega colocou em prática imediatamente. Até a decisão de comprar banco...

Quero cumprimentar a companheira Maria Fernanda. É engraçado... a gente, muitas vezes, não acredita ou não quer acreditar em destino, ou, muitas vezes, a gente não quer acreditar na sorte; e é engraçado como é que eu conheci a Maria Fernanda. Nós tínhamos tido um problema na Caixa Econômica – todo mundo se lembra – com um ex-presidente da Caixa Econômica, e eu tinha que fazer a substituição e conversei com muita gente, quem que é eu iria colocar na presidência da Caixa Econômica, e conversei com três pessoas que me foram apresentadas na Caixa Econômica Federal. Eis que um belo dia, lá pelas seis e meia, sete horas da tarde, chega uma companheira, do jeitinho que ela está aqui hoje, cabelinho amarrado, eu falei assim: “Acho que não é essa que é para ser entrevistada”. Mas um companheiro tinha me falado que ela era uma mulher de muita qualidade, mais de 20 anos na Caixa Econômica Federal e que, portanto, ela poderia ser uma surpresa. Conversamos uma meia hora, ela me contou os obstáculos, porque ela não poderia ser diretora da Caixa, presidenta. Ela me contou que ela tinha um irmão, o irmão dela trabalhava com um político adversário do governo, e



que ela, então, tinha medo de aceitar um cargo e, amanhã, vir a imprensa e, portanto, criar uma confusão e eu ter que mandá-la embora antes dela tomar posse.

Ela saiu dali, eu procurei uma pessoa e eu disse: “Olha, eu acho que eu encontrei a pessoa para ser presidenta da Caixa Econômica Federal. Eu achei”. E acho que foi no dia seguinte que então você foi chamada para dizer que você seria a presidenta da Caixa Econômica Federal.

Das pessoas que eu conversei, possivelmente fosse a que menos falasse, possivelmente fosse a mais quieta, mais inibida, a mais introvertida, e eu tinha tido uma lição de vida, em 1980, na greve dos metalúrgicos. Eu criava lideranças por setor, que nas indústrias automobilísticas eram divididos por alas: a Volkswagen tinha a ala 1, ala 2, ala 3, ala 4, até a ala 17, e eram alas com muitos trabalhadores, e eu precisava ter uma relação de confiança com as pessoas de cada ala. Então eu convocava assembleia de cada ala, separadamente, e eu dizia para os trabalhadores: “Olha, eu vou sair da sala e eu quero que vocês escolham o líder de vocês. Agora, eu queria que vocês escolhessem o líder da seguinte maneira: o líder não é o que faz mais discursos; o líder não é o que fala mais; o líder é aquele que quando ele falar, vocês acreditam nele. E quando vocês falarem para ele, ele será o porta-voz fiel de vocês na conversa comigo, no sindicato. Assim, nós estabelecemos uma política de confiança: eu sei que eu estou dando uma mensagem para alguém que vai ser ouvido dentro do setor, com 100% de credibilidade, e eu sei que os trabalhadores, quando mandarem uma mensagem para mim, também estão mandando uma mensagem por um companheiro que ele sabe que o presidente vai confiar”. E foi engraçado, Maria Fernanda – eu nunca te contei essa história –, é que nenhum dos faladores (incompreensível) líderes. Porque a gente vê na porta de fábrica, quando tem greve, aquelas pessoas que mais se esgoelam, que mais gritam... Na verdade, aqueles não são líderes, o cara quando grita muito é porque falta argumento. O cara não precisa se esgoelar.



Uma vez eu estava gritando: “Porque eu quero reforma agrária, ampla e radical, sob o controle dos trabalhadores”. Eu desci do palanque, uma mulher falou assim para mim: “Lula, não dá para você falar um pouquinho mais baixo? E falar a mesma coisa de forma mais carinhosa? Por que passar tanto ódio?” E foi assim que eu escolhia todos os líderes e nenhum daqueles que achavam que eram os oradores de porta de fábrica - os líderes - eram escolhidos. Normalmente, eram as pessoas que tinham um jeito mais simples, mais comedidas, mas que tinham mais seriedade no tom de voz. Então, hoje, eu posso confessar, querida, que foi esse o critério.

Bem, quero cumprimentar o nosso querido companheiro Nelson Machado,

E quero cumprimentar o nosso querido Carlos Borges, vice-presidente de atendimento e distribuição da Caixa, por meio de quem eu quero cumprimentar todos os funcionários.

Eu estou com o discurso aqui, vocês sabem que toda vez que eu deixo de ler o meu discurso eu faço bobagem, porque eu falo mais do que deveria falar. Mas... Tem mais discurso chegando aqui...

Bem, mas eu me permito aqui, eu quero ter uma conversa um pouco franca, acho que os números que estão no meu discurso são sólidos, não tanto quanto os teus, mas são sólidos. Mas eu queria lembrar vocês de uma coisa: o ser humano, ele é de 60 a 70% emoção e motivação, e ele é menos razão. Se o ser humano não estiver motivado a fazer umas coisas, ninguém é inteligente se não tiver motivação. Ninguém ganha uma partida de futebol se não tiver motivação. Ninguém consegue passar num concurso público se não tiver motivação. Ou seja, a motivação é a razão pela qual a gente levanta de manhã com a disposição de vencer aquele dia. E eu acho que nós deveríamos discutir um pouco, em função do (falha no áudio) acabamos de dizer.

Os mais velhos aqui se lembram que em 1958, a gente ainda estava traumatizado com a derrota de [19]50, no Maracanã, para o Uruguai, de 1 x 0,



ou melhor, de 2 x 1; e depois da derrota de [19]54. E a gente foi para [19]58 totalmente desmoralizado, desacreditado, mas também foi a primeira vez que os jogadores brasileiros tiveram acesso a um dentista. Teve um jogador que teve que arrancar quatro dentes para jogar, ou seja, não havia essa cultura. E o Brasil começou o jogo com a Suécia, na final, e a Suécia fez 1 x 0.

Então é uma cena que é um pouco da motivação de vida que eu tenho. A Suécia marcou um gol, logo nós, torcedores mais velhos, ficamos traumatizados: “Mais uma vez vamos perder, chegamos na Final”. Parecia a Holanda: chega sempre na Final e perde. E tinha um jogador chamado Didi, Maria Fernanda, que morreu um tempo atrás, foi técnico do Peru, levou o Peru a ter uma posição importante na Copa de [19]70, no México. E esse Didi foi até dentro do gol brasileiro, pegou a bola, pôs a bola embaixo do braço, caminhou com a bola até o meio do campo – acho que essa cena muita gente se lembra – e fez quase uma convocação aos jogadores para ganhar o jogo. E o Brasil ganhou de 5 x 2 da Suécia.

Por que eu estou contando esse caso? Porque o Brasil e a Holanda, agora, nós não tivemos esse alguém que teve a coragem de ir dentro do gol pegar a bola, levar a bola para o meio do campo e dizer: “Olha, nós somos melhor do que eles, porra. Nós somos brasileiros e não desanimamos nunca, rapaz. Vamos lá! Vamos...” Faltou, ou seja, faltou alguém que desse esse toque de autoestima.

A Maria Fernanda começou a falar da Caixa, e ela começou a lembrar o tempo das vacas magras na Caixa Econômica. O tempo em que não apenas a Caixa, mas quase todos os bancos públicos eram, todo santo dia, execrados. Eram execrados, porque havia uma determinação de provar que todo funcionário de banco público era marajá, todo mundo ganhava muito dinheiro, que não tinha, não tinha captação de recurso, que não tinha crédito e que, portanto, era tudo banco que dava déficit ao Tesouro, e que a gente tinha que



cobrir todo ano. Essa era a ideia de falar o seguinte: “Olha, nós não prestamos, quem presta são os outros”.

Ela começou mostrando o que foi a Caixa e o que é a Caixa hoje. Quer dizer, os números colocados ali mostram não apenas que nós temos uma outra Caixa, ela mostra que nós temos um outro país, um outro tipo de gente. Um outro tipo de brasileiro que começa a perceber que este país pode ser tão importante quanto aqueles que nós achávamos que eram mais importantes do que nós. Na crise econômica, nós soubemos sair melhor do que os Estados Unidos. Nós soubemos sair melhor do que a Alemanha, do que a França, do que a Itália, do que a Espanha, do que todos que passaram o tempo inteiro achando que eram melhores do que nós. Vocês perceberam que durante a crise do ano passado, vocês não ouviram uma voz do FMI? E a nossa geração cansou de vê-los vir ao Brasil dizer o que a gente tinha que comprar, o que a gente tinha que pagar, para onde que a gente deveria ir, para onde que deveria ficar, ou seja, eles sabiam tudo quando a crise era nos países pobres, porque eles foram criados pelos ricos para ensinar os pobres, mas quando foram os ricos que quebraram, eles não sabiam, e não deram um palpite e os ricos não aceitaram o palpite deles.

E o que aconteceu? Nós estávamos mais preparados, nós tínhamos uma Caixa Econômica mais sólida, nós tínhamos um Banco do Brasil mais sólido, nós tínhamos um BNB mais sólido, nós tínhamos um BNDES mais sólido, nós tínhamos comprado bancos públicos estaduais que tinham sido vendidos. Se um dia eles tinham servido para ser caixa dois de candidato a governador, nós resolvemos assumir e colocar neles a nossa marca. Na crise, nós não tivemos coragem [vergonha] de comprar o Banco Votorantim, 50% dele, para poder a gente ter *expertise* para financiar carro. Nós não tivemos vergonha de dizer para a Caixa Econômica: compre mais agências, compre carteira. A gente não vai enfrentar essa crise jogando dinheiro embaixo do colchão. Essa crise a gente vai enfrentar é chamando a sociedade brasileira a



consumir. Vocês estão lembrados que no dia 22 de dezembro de 2008, quando todo mundo fazia terrorismo de que o comércio do mundo tinha acabado, eu fui à televisão fazer um pronunciamento de oito minutos para dizer para o povo: “Se você não está comprando com medo de perder o emprego, você vai perder o emprego se você não comprar. Vá às compras, meu filho, com responsabilidade. Vá às compras com responsabilidade”.

É assim que este país começou a se encontrar consigo mesmo e que as coisas começaram a dar certo. Os números que a Maria Fernanda mostra aí, eles são até chocantes. Eu nem queria que ninguém do outro governo visse. Eu, sinceramente... se puder esconder, esconda. Ou mostre só os nossos ou mostre só os deles. Porque nessas alturas do campeonato a gente ficar mostrando é uma vergonha, porque este país passou 25 anos atrofiado. Eu duvido, se eu perguntar para o mais inteligente da Caixa, o que passou em primeiro lugar no concurso nos últimos 25 anos, se ele se lembra de uma obra estruturante feita nesse país em 25 anos.

Este país ficou paralisado, este país não investia em habitação, este país foram quase duas gerações em que só caía o número de trabalhadores com carteira assinada. Eu passei 20 anos da minha vida sem ver uma placa na porta de uma fábrica: “Precisa-se de alguma coisa”. Eu vivi o auge dos anos 70, quando o PIB crescia a 14%, em que uma empresa ia à porta da outra roubar trabalhador. Depois, eu conheci os anos 80, quando a gente começou a pagar a dívida externa, em que desapareceu o emprego, e a gente não via ninguém, não tinha uma placa mais: “Procura-se”, “Precisa-se”. Não tinha.

O país, então, formou, Guido Mantega, duas gerações que perderam a perspectiva de estudar. Quando a gente vê uma criança de 28 anos, que são crianças, de 20 anos, sendo presas, na verdade, não era só ele que deveria estar sendo preso, era quem governou este país, a economia deste país, e que permitiu que esse jovem não tivesse possibilidade de estudar ou de trabalhar. O que é que faz um adolescente, ao tirar o diploma do ensino fundamental, a



fazer o segundo grau, sem poder pagar uma universidade, sem ter possibilidade de emprego? O que ele faz? Muitas vezes, com o pai e a mãe desempregados. Eu conheci, Guido, na década de 80, ferramenteiros - que era uma profissão nobre - que ficavam 13 anos sem arrumar emprego. Era um tempo em que engenheiro ia vender água de coco na praia de Santos ou de Pernambuco. Era tempo que engenheiro se formava e que não tinha emprego, ia ser analista de banco. Ou seja, esse tempo, a nossa geração, a nossa turma, que está aqui, acabou, e não há perspectiva de retrocesso. Não há perspectiva de retrocesso, porque o povo aprendeu uma coisa que a Maria Fernanda disse: “Esse povo está aprendendo a ter autoestima”.

Eu não sei se aqui tem muita gente de Pernambuco. Pelo menos a Maria Fernanda eu sei que é, mas ela estava lá, quando a gente foi inaugurar o Estaleiro Atlântico Sul e quando a gente viu, primeiro, um monte de dekasseguis, de japoneses que foram para o Japão para trabalhar, porque não tinha emprego no Brasil, e vieram trabalhar no Brasil porque não tinha emprego no Japão. Orgulhosamente brasileiros que foram para o Japão, para aprender e sobreviver, e voltaram soldados, meninas cortadoras de cana, meninos cortadores cana, soldador, com um orgulho no rosto que não há empréstimo da Caixa Econômica que pague.

Este país, companheiros, não tem retorno, não tem retorno porque eu acho que todos nós fizemos as coisas que deveríamos fazer. Veja só: nós já lançamos o PAC 2. Eu poderia dar um exemplo para vocês, o Ministério do Transporte, quando nós chegamos no governo, Guido, tinha R\$ 1 bilhão, este ano, já está com 15. Esses dias nós fomos lançar obra no Triângulo Mineiro, que só a quantidade de obra que nós lançamos no Triângulo Mineiro era mais do que tudo o que se lançou no Brasil em 2002. Este país tem um PAC que está previsto, até 2014, praticamente R\$ 958 bilhões, e mais R\$ 631 bilhões a partir de 2014, pelo menos, até 2017. Só a Petrobras, são US\$ 224 bilhões que está previsto investir até 2014.



Vocês estão lembrados. Há cinco anos atrás, seis anos atrás, diziam os espertos desse país que a gente não saberia produzir uma plataforma na Petrobras, que tinha que comprar de Cingapura; que a gente não poderia fazer uma sonda, que tinha que importar da Coreia do Sul; que a gente não poderia fazer um petroleiro, que tinha que exportar [importar] da China. Pois bem, este país, que não podia fazer, está fazendo sonda, está fazendo plataforma, está fazendo navio. Este país, que tinha uma indústria naval de apenas 1600 trabalhadores, em 2003, já tem uma indústria naval de mais de 46 mil trabalhadores, fora os estaleiros que estão sendo feitos.

A Caixa Econômica, que quase não tinha casa para financiar, hoje está deixando vocês doidos de analisar projeto, de gente pobre que não tinha dinheiro para comprar casa, de gente que ganha de zero a três salários mínimos, que nunca teve programa de financiamento, e que nós tomamos como decisão, para enfrentar a crise econômica, fazer casa para essa gente. E eu sabia que vocês também não estavam preparados, eu não estava preparado, Maria Fernanda não estava preparada, os empresários não estavam preparados, ninguém estava preparado para dizer: “Nós vamos fazer um milhão de contratos”. A gente não estava, a gente não estava habituado. E se preparem porque tem mais, vai ter mais inclusão bancária, vai ter mais casa para a gente vender, vai ter mais gente querendo casa, porque é esse o papel, Guido... Não se preocupe, Guido, se a gente tem menos crédito (incompreensível), não. Dinheiro faz dinheiro, Guido. Dinheiro faz dinheiro.

Todos vocês sabem, gente, eu, se pudesse, fazia da Loteria Federal... ninguém ganharia sozinho. Eu daria para 50 mil pessoas, dez contos para cada um. Porque, quando um cara sozinho ganha 30 milhões, vira um milionário, que vai ao banco, deposita o dinheiro e vai viver de juro. É logo enganado por um, um... Como chama? Um especialista, um daqueles que fala: “Não, pode deixar, que eu vou gerenciar o seu dinheiro”. Não é? E come o dinheiro do coitado. Ou seja, ele fica sozinho, é o único bilionário. Então, divide aquilo para



dois mil, eu tenho duas mil pessoas comendo em restaurante, duas mil comprando carro, duas mil comprando sapato, comprando meia, comprando roupa... Ou seja, essa é a lógica da inclusão.

Eu lembro daquele dia que nós fizemos aquele ato de inclusão, que uma mulher, vendedora de papel foi chorar. Não pense que ela chorou pela quantidade de dinheiro, não. Ela chorou porque ela nunca tinha pensado em entrar em uma agência da Caixa Econômica Federal. E vamos ser francos, companheiros: vocês também tinham desaprendido a atender essa gente, porque vocês também tinham aprendido que não era para isso que tinha que ter a Caixa Econômica Federal, como os funcionários do Banco do Brasil. Nós somos a geração que fomos emprenhados pelo ouvido de que tudo que era privado era bom e tudo o que era público era ruim. E quanta gente acreditou, quanta gente tinha vergonha de entrar no restaurante e dizer: “Eu sou funcionário público. Eu trabalho na Caixa, mas, olha, eu ganho pouco”. Já rasgava o holerite pela metade, quando, na verdade... quando, na verdade... Eu vi uma matéria na revista IstoÉ, esses dias, IstoÉ Dinheiro, acho que até mostrei para o Guido, o Landim, que era um ex-funcionário da BR e da Petrobras, que, na época, ganhava R\$ 26 mil, brigando com o Eike Batista por causa dos 400 milhões de bônus que ele tinha direito.

Então, o que eu estou cansando de ver é gente tirar gente da máquina pública, que ganha 10 mil, que era tido como marajá, e pagar 40, 50, na iniciativa privada, ou 60, achando que é pouco ainda.

E eu quero que vocês saibam que vocês têm um presidente da República que, certamente, nunca, nunca vai poder dar tudo o que vocês merecem, até porque o mandato está acabando. Mas, certamente, vocês têm um presidente da República que sabe que muitos de vocês ganham menos do que aquilo que o mercado poderia oferecer para vocês, se vocês quisessem trabalhar em uma outra empresa. Muitos sabem. E eu sei que muitos de vocês... Não é que ninguém quer trabalhar de graça não, porque, por amor, só



o presidente da República trabalha; dez pau por mês. Eu queria dizer para vocês que eu sei que vocês não querem trabalhar de graça e por amor; vocês querem ser remunerados adequadamente, pelo que vocês fazem, pelo que vocês merecem, mas não é só isso. O Guido tem razão, é que, junto com isso, tem uma coisa que é o prazer de fazer aquilo que a gente se sente útil, de saber que alguém vai ter uma casinha, porque vocês perderam meia hora do dia de vocês, analisando um projeto, e falaram: “Esse aqui está pronto e esse vai, agora, para financiamento”. É essa coisa nobre do ser humano que eu acho que a gente não pode perder.

A Caixa, hoje, é uma instituição muito poderosa. Logo, logo, vai estar financiando casa. Eu lembro o dia que eu falei para o Chávez: “Ô, Chávez, você não tem casa popular, você não fez casa?”. “Ah, é uma coisa, Lula, difícil, não sei das quantas e tal”. Eu falei: “Rapaz, eu vou trazer a Caixa aqui, para você ver como a Caixa faz”. Em uma semana a Caixa foi lá e, logo, logo, vai fazer o primeiro... Já temos uma agência lá. Porque nós temos que ajudar também os que têm menos do que a gente. O Guido sabe que eu estou em uma briga com ele, porque o Banco do Brasil precisa se expandir para o exterior. Não é possível que a gente tenha... Tantos países importantes [com] que o Brasil tem superávit comercial e a gente não tem um banco e os bancos estrangeiros ficam pegando dinheiro que é nosso. Ter banco lá fora é bom, rapaz. Captar recursos lá fora!

Então, olha, eu acabei não lendo o meu discurso, mas eu acho que valeu a pena governar este país e viver esse dia. Eu, daqui a... eu agora já estou em uma contagem regressiva. Eu, daqui a cinco meses e, agora, quase quinze dias... É dia 14 hoje? Cinco meses e quinze dias. Eu estou deixando a Presidência da República, mas queria dizer para vocês do orgulho de termos construído o que nós construímos. Ou seja, possivelmente, o patrimônio que nós construímos, o patrimônio de sabedoria, o patrimônio de aprendizado, o patrimônio da coisa de a gente perceber que a Caixa não era aquela coisa



falida, aquela coisa pesada, aquela coisa imprestável. O que faltava para a Caixa Econômica, primeiro, cliente; segundo, financiamento; terceiro, saber que o governo iria apostar em fazer casa para as pessoas que precisavam de casa neste país. E eu acho que a mudança, ela é extraordinária.

Então, eu saio... Talvez esse seja o último encontro, porque, se eu começar a me encontrar muito, vão dizer que eu estou fazendo campanha eleitoral. Então, eu preciso parar. Mas dizer para vocês que eu fico orgulhoso de estar conversando com vocês, quando vocês estão discutindo a estratégia de vocês para os próximos anos, e posso dizer para vocês, escrevam o que eu estou dizendo: este país, dentro de seis ou sete anos, será a quinta economia do mundo. Não será mais um país do futuro. Este país, o futuro dele já aconteceu. Este país, em 2011, vai ter Olimpíada Militar; em 2013, vai ter Copa da Confederação; em 2014, vai ter Copa do Mundo; em 2015, vai ter Copa das Américas; em 2016, vai ter Olimpíadas. Ou seja, é uma quantidade de eventos, de obras, de coisas que nós vamos ter que fazer que... Ontem vocês viram que chique, até um trem-bala nós lançamos ontem. Quem é que imaginava? Quem é que imaginava?

Eu estava dizendo, agora, ali, até para os empresários alemães, Guido, que os críticos... Que já tem gente que critica: "Para que trem-bala? Para quê? O Brasil tem que ter trem-lesma, tem...". Tudo o que é lá fora é bonito, tudo o que é aqui é ruim. Então, eu acho que nós, eu acho que nós chegamos em um ponto de não dever nada a ninguém. E eu acho que vocês são peças fundamentais e importantes para o sucesso do que nós temos que fazer. O PAC 2, são dois milhões de casas. Vai ter muito mais trabalho, vai ter muito mais trabalho e vai ter muito mais coisa para fazer. Eu acho que a Caixa vai ajudar a financiar coisa em outros lugares, ajudar, porque esse é o nosso papel, mais crédito, mais inclusão. Esse é o papel da Caixa: virar um grande banco de verdade, não apenas a nossa Caixa, de quem está aqui, mas a Caixa



de 190 milhões de brasileiros, de pessoas que vão sentir orgulho daquilo que podem oferecer e daquilo que podem receber.

Por isso, minha querida Maria Fernanda, é com muito orgulho que eu estou vivendo esse momento. Eu lembro do dinheiro que você mostrou aí e eu lembro do crédito que o Brasil todo tinha em 2003. Em 2003, todo o crédito brasileiro era de R\$ 380 bilhões. Um país com 190 milhões de habitantes tinha, de crédito disponível, R\$ 380 bilhões. Hoje, só a Caixa apresentou aí 281 bilhões. O Brasil todo é mais de R\$ 1 trilhão e meio.

Então, eu acho que este país, Guido Mantega, este país realmente se encontrou com o seu destino, não há espaço para pequenez mais, não há espaço, e não há espaço, Guido, de ter medo. Eu lembro... Vocês pensam que as coisas acontecem de mágica? A Petrobras encontrou o petróleo no pré-sal, muita gente fala: “É sorte”. Qualquer um que tivesse encontrado. Foi cinco vezes mais investimento em pesquisa para encontrar, porque, neste país, as pessoas não queriam investir em pesquisa. Sabe por quê? Porque a pesquisa pode não dar em nada. Então, as pessoas pensam que é dinheiro jogado fora.

Esta semana, Maria Fernanda, eu participei do ato mais orgulhoso da minha vida. Eu até disse que, se eu morresse naquele dia, estavam pagos os meus 39 anos que eu estou na Terra. Ou seja, eu participei da primeira entrega de diploma dos quatrocentos e pouco jovens da periferia que se formaram – vejam só – em Medicina, pelo ProUni.

Agora, Maria Fernanda, o Senado aprovou. Nós vamos agora fazer a Universidade Afro-Brasileira, na cidade de Redenção, lá no Estado do Ceará, que foi onde os escravos começaram o primeiro processo de libertação. Como o Brasil não pode pagar o que o povo africano fez por nós, em dinheiro, a gente paga em solidariedade. Então a universidade vai ter dez mil alunos, cinco mil brasileiros, cinco mil africanos, para a gente ajudar a formar gestor, para ajudar a formar médico, engenheiro, agrônomo, enfermeira, para a gente poder ajudar eles a se desenvolverem.



Nós estamos com um programa de investimento com a Embrapa. Nós já descobrimos que a savana africana tem o mesmo potencial de produção que o cerrado brasileiro. Significa que, com um pouco de investimento e um pouco de manejo da terra, a gente vai poder produzir, em uma parte da África, a mesma quantidade de grãos que a gente produz no cerrado, que é a maior produção por hectare do mundo. Então, eu penso que esse momento que nós estamos vivendo é simplesmente fantástico.

Então, eu queria terminar, dizendo para vocês da ironia do destino deste país. Eu não sei se vocês sabem, é a primeira vez, na história do Brasil, que o Brasil tem um Presidente que não tem diploma universitário e um Vice que não tem diploma universitário. É a primeira vez. E eu não falo isso com orgulho, não, porque eu adoraria ter um diploma universitário, eu adoraria ser economista, eu falo sempre com o Guido. Porque eu brinco sempre com o economista: quando a gente é oposição, economista sabe tudo, é uma facilidade desgraçada; quando chega no governo, para fazer, é mais difícil. Nós... O Guido, não. O Guido fez, quando chegou no governo. Eu sinceramente...

Agora, veja, veja qual é a ironia do destino, gente, e falo isso para terminar, falo isso para terminar. Eu e Zé Alencar já somos, hoje, o Presidente e o Vice-presidente que mais fizemos universidade na história do Brasil. São 14 universidades novas, 12 prontas e uma da América Latina, que está para ficar pronta, que vai ter currículo latino-americano, história, professor latino-americano, alunos latino-americanos, que é para a gente trabalhar esse negócio da integração da América Latina. Essa afro-brasileira, já tem outras 12 funcionando, tem 105 campi avançados pelo interior do país. E, em oito anos, nós fizemos uma vez e meia de tudo o que foi feito em um século, de 140 escolas técnicas, nós, em oito anos, fizemos 214, ou seja, uma vez e meia. Significa que, com mais uns 20 anos, este país, andando nesse prumo que



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

está, nós viraremos, definitivamente, uma grande nação, para que nunca mais ninguém fale de Primeiro Mundo, sem citar o nosso querido Brasil.

Um abraço. Parabéns. Parabéns, Maria Fernanda. E parabéns a toda diretoria da Caixa Econômica.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às instalações da plataforma e coleta do primeiro óleo da produção do poço 6-BFR-1-ESS no pré-sal do Campo Baleia Franca

Vitória-ES, 15 de julho de 2010

Ô, gente, só uma... uma coisa que merece o registro: um tempo atrás, umas oito horas da noite, eu recebo o companheiro Estrella no meu gabinete - não sei se ele estava junto com o Gabrielli, junto com outros companheiros da Petrobras - e foram me comunicar que tinham encontrado um tal de pré-sal. E me levaram um documento cheio de rabisco, que eu não entendia coisíssima nenhuma, mas como eu confiava neles eu fui para casa com aquele documento e contei para a Marisa: Olhe, isso aqui é uma descoberta que a Petrobras fez. Teve um tal de Estrella que foi no meu gabinete e disse que há 160 milhões de anos o continente africano e o continente sul-americano se separaram, e nessa separação do continente africano... – cara chato, hein? – e nessa separação do continente africano e do continente sul-americano, exatamente numa parte próxima ao estado do Espírito Santo, ao Rio de Janeiro, São Paulo, até chegar perto da Bahia, foi descoberto - a uma profundidade de aproximadamente 5 a 6 mil metros de profundidade - um petróleo que nós chamamos de pré-sal. Aí me mostraram quanto que tinha de água, quanto que tinha de rocha, quanto que tinha de sal e, depois, até chegar no petróleo.

Eu fui para casa e não contei para ninguém, a não ser para a Marisa, porque essas coisas a gente conta, depois não é verdade, a gente fica com a cara de tacho. E, aí, nós começamos a perguntar para a Petrobras: Bom, nós descobrimos. Nós queremos saber agora quando é que vai começar a exploração. E a gente tinha uma ideia de que ia demorar muitos anos e muitos anos, muitos anos e muitos anos para a gente poder explorar. E foi a partir daí



que nós tomamos uma decisão que o Brasil não poderia prescindir de uma riqueza como essa, não apenas porque a gente iria suprir as necessidades do Brasil, mas também suprir as necessidades de outros países, que precisavam de combustíveis, mas também porque nós poderíamos aproveitar essa nova descoberta da Petrobras e criar uma verdadeira indústria, um polo, uma indústria petroquímica muito forte no Brasil, uma indústria naval muito forte no Brasil. Isso faz apenas cinco anos e já está acontecendo a indústria forte, ou seja, a indústria naval já está se recuperando rapidamente; a indústria petroquímica, já estão sendo implantados vários polos, e o Presidente da Petrobras acaba de anunciar que o Espírito Santo vai ter um polo petroquímico.

E é importante lembrar que quando a gente fala que o Espírito Santo vai ter um polo petroquímico, não é amanhã, porque isso tem que fazer um projeto. Esse projeto é, normalmente, um projeto que leva de dois a dois anos e meio para ser feito, depois tem toda uma estrutura de negociação, de aprovação, de fiscalização, de licitação, de construção de parceria. E, às vezes, leva três, quatro ou cinco anos para que essas coisas aconteçam.

Mas, de qualquer forma, eu estou aqui, com um pequeno barril, é o segundo que eu tenho. O primeiro foi aqui, também, no Espírito Santo, em Jubarte. O terceiro foi de Tupi, que eu não tive coragem de ir, porque era muito longe, eu sou medroso de água, e não queria andar uma hora e meia de helicóptero dentro do mar. Eu fiquei em terra, esperando o Gabrielli e o pessoal irem buscar o petróleo para mim.

Então, veja, eu estou aqui com um pequeno barril de petróleo, de uma riqueza que está sendo acumulada no Planeta há mais de 160 milhões de anos, e não se sabe se é um negocinho de dinossauro, “tararossauro”, “pirarossauro”, sei lá o que é. Mas o dado concreto é que eu estou com um petróleo de 28 API, me parece, portanto, um petróleo de melhor qualidade do que aquele que a gente vinha explorando em águas rasas. Certamente, nós já temos petróleo melhor, de 32 API, que é muito melhor. Tem de mais, também?



Tem, nós temos petróleo... É importante lembrar que quanto menos API, mais grosso é o petróleo, mais quase pedra; quanto mais API, mais ele é fino. Então, quando falar 40 API, é porque está quase já refinado o petróleo.

Então, por conta disso, a Petrobras decidiu fazer novas refinarias; por conta disso, tem novos polos petroquímicos, por conta disso, eu lembro das brigas que a gente tinha com a Petrobras. A gente vai fazer várias fábricas de fertilizantes no país, porque o Brasil importa praticamente 80% dos fertilizantes utilizados para a produção agrícola, sobretudo aqueles fertilizantes que são nitrogenados, aqueles que precisam de gás.

O José Sergio Gabrielli, o Estrella e o Zimmerman sabem, e o Paulo Hartung sabe que pouco tempo atrás, faz mais ou menos uns três ou quatro anos quando nós tivemos a primeira crise do gás, que nós fizemos uma reunião do Conselho Nacional de Política Energética e nós decidimos que não íamos ficar com nenhuma espada na nossa cabeça por conta de gás, que nós íamos arrumar o nosso próprio gás. Criamos o Plangás, e hoje a Petrobras já tem uma quantidade de... quanto de gás que nós estamos explorando aí? Vendendo mais de 60 milhões de metros cúbicos de gás. Eu fui agora na plataforma, a gente está queimando gás, a partir de setembro a gente vai deixar de queimar esse gás, vai engarrafar e vai trazer para cá, para colocar nos gasodutos aqui do Espírito Santo e levar não sei para onde. Engarrafar não, colocar no gasoduto. Então, poderia engarrafar e colocar num tonelzinho de 13 litros, para vender mais barato para a população brasileira.

Então, eu quero dizer para vocês que é um dia histórico para a Petrobras, é um dia histórico para a tecnologia brasileira, é um dia histórico para o nosso país. Eu acho que este pequeno tanque, aqui, ele simboliza a independência que o Brasil terá no futuro.

Vocês sabem que houve uma polêmica muito grande na mudança da Lei do Petróleo. Vocês sabem que hoje, hoje o petróleo, no modelo de concessão que é hoje, nós vendemos o bloco. Então, eu vendo esse bloco em que



estamos todos nós aqui, ou seja, o petróleo daquele bloco é de quem comprar. E quando a pessoa tira o petróleo, a pessoa, então, paga uma parcela de imposto, paga *royalty* e outras coisas para o governo federal. Nós mudamos. Nós mudamos e aprovamos a partilha, ou seja, significa que o petróleo lá embaixo é do governo, lá em cima é do governo, ou seja, o petróleo é da União, e esse petróleo, então, é vendido para as empresas e a Petrobras é uma empresa que vai comprar como qualquer outra empresa. Teve gente que não gostou, mas a gente deu de barato que a Petrobras tinha direito a ter uma vantagem de 30% no petróleo que a gente estava tirando. Então, ela tem mais responsabilidade.

Por conta disso, nós criamos um Fundo. E por que nós criamos um Fundo? Porque nós não queremos criar... é aquela velha história de que um país que tem petróleo utiliza muito o dinheiro do petróleo, gasta muito o dinheiro do petróleo, quando acaba o petróleo o país está pobre. Nós, então, resolvemos criar um Fundo, um Fundo que vai ser gerido pela sociedade civil brasileira, um Fundo que vai ter como prioridade cuidar da educação, da ciência e tecnologia, da saúde, da questão cultural, da questão ambiental.

E eu até não queria que a discussão sobre os *royalties* entrasse em discussão no Congresso Nacional, porque nós estamos em um ano eleitoral, e em um ano eleitoral, todo mundo quer fazer benefício para todo mundo. Eu achava que não deveria. No nosso projeto original não tinha essa discussão. O Paulo Hartung participou de uma reunião comigo, lá em Brasília, junto com o Governador do Rio de Janeiro, junto com outros governadores. Nós fizemos um acordo, esse acordo foi rompido na votação da Câmara dos Deputados, depois foi rompido no Senado, porque todo mundo quer dizer para os prefeitos: “Olha, vai ter dinheiro para todo mundo, vai ter petróleo para todo mundo”.

Ora, lógico que se o petróleo é do Brasil, nós queremos que 190 milhões de brasileiros usufruam do dinheiro do petróleo. Ou seja, por conta disso, a coisa não foi aprovada ainda, e eu tenho consciência de que o acordo que nós



tínhamos feito era a melhor solução para a questão do petróleo. Vamos ver, se a gente não conseguir votar este ano, se a gente consegue fazer com que todos os 190 milhões de brasileiros possam usufruir dessa riqueza que a Petrobras encontrou a 7 mil metros de profundidade.

A única que eu não admito é que o dinheiro do pré-sal seja dado para alguém pagar folha de pagamento, ou para alguém colocar no custeio das cidades brasileiras. Esse dinheiro é para investimento em coisa nova, que nós ainda não fizemos. Então, eu estou muito tranquilo de que nós chegaremos a um bom termo, e o Brasil sairá ganhando com isso.

Queria terminar fazendo uma crítica. Hoje eu vi um jornal que, para fazer uma crítica ao Brasil, diz que “a Europa está deixando de pesquisar ou de tirar petróleo no fundo do mar e que o Brasil continua”. Primeiro que a Europa, é preciso saber qual país da Europa tem petróleo no fundo do mar. O pouco que tem no Mar Morto está acabando, no Mar do Norte está acabando. Ou seja, na verdade, talvez esteja por detrás disso a ideia de dizer: “Ô Brasil, não tira o seu petróleo do pré-sal, não! Deixa aí para alguém um dia vir tirar”. E nós temos tecnologia, vamos, se Deus quiser, não permitir que aconteça conosco o que aconteceu nos Estados Unidos, porque aquilo, segundo o companheiro Estrella, não foi um acidente, aquilo foi um desastre. Aquilo é o seguinte: é que a empresa que estava fazendo aquilo, para fazer mais barato, ela colocou menos do que precisava colocar e quando explodiu aconteceu o que aconteceu. Não é o caso que vai acontecer com a Petrobras, que 190 milhões de brasileiros estarão ajudando a Petrobras a tirar, da forma mais carinhosa possível, o nosso tão cheiroso e admirado petróleo do pré-sal.

Parabéns, então, ao Brasil! Parabéns à Petrobras! E, certamente, parabéns ao estado do Espírito Santo, que é a segunda vez que eu venho aqui pegar petróleo. Espero que um dia Pernambuco tenha petróleo e eu vá pegar um pouquinho lá também.



Governador Paulo Hartung: E me leva. E aí me leva junto

Presidente: Quer dar uma palavrinha?

Governador Paulo Hartung: Não, não. Aí o senhor me leva junto.

Presidente: Está bem, gente, olha...

Governador Paulo Hartung: Só uma palavrinha. Eu queria só explicar por que eu o Presidente não colocamos o macacão quando saímos daqui para ir visitar a plataforma que leva o nome de Capixaba. O ressentimento, ainda, com essa cor é muito grande. Mas o nosso compromisso, também, com a questão da segurança possibilitou que a gente fosse “dobrado” lá na plataforma e vestisse esse macacão.

No mais, alegria de receber o Presidente, mais uma vez, em terras capixabas; alegria de ver o Espírito Santo como protagonista, pela segunda vez, na questão do pré-sal; alegria de ver o Presidente comprometido, que é o que nós discutimos, com o acordo que nós fizemos, que é um acordo equilibrado em torno da questão dos *royalties*; alegria de ver o Presidente motivando o Gabrielli a anunciar aqui publicamente o polo gás-químico. Preciso muito do senhor, Presidente, que senhor continue motivando o Gabrielli, para a gente ter um estaleiro aqui, para a gente ter uma base de apoio, *supply*...

Presidente: Precisamos tratar o José Sergio Gabrielli bem, porque no ano que vem você não é mais governador, eu não sou mais presidente e ele pode continuar sendo alguma coisa na Petrobras. Então, nós precisamos baixar um pouco a bola com ele, senão não seremos nem recebidos por ele depois.



Governador Paulo Hartung: Bem lembrado, Presidente. Então, eu vou mudar o tom um pouquinho, mas vamos motivá-lo para que a gente tenha uma base de suprimento aqui, em terras capixabas, para que a gente seja fornecedor de matéria-prima para o Brasil, mas também a gente processe uma parte dessa matéria-prima agregando valor, criando oportunidade para os capixabas, abrindo vagas de emprego, que eu sei que também é um compromisso da Petrobras.

Uma vez o Gabrielli veio aqui e falou que moqueca era baiana. O senhor imagina, Presidente, eu fui obrigado a dizer assim: “Olha, por isso que o senhor é Presidente da Petrobras e Lula é presidente do Brasil, porque se Lula tivesse aqui, elealaria que moqueca é capixaba. Mas se duas horas depois ele estiver na Bahia, elealaria que moqueca é baiana”.

Viva a Petrobras! Viva o Espírito Santo! Viva o Brasil! Alegria, Presidente, de recebê-lo mais uma vez.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da primeira etapa do Projeto de Urbanização do
Núcleo Naval**

Diadema-SP, 16 de julho de 2010

Primeiro, eu queria cumprimentar o companheiro Marcio Fortes, o nosso querido companheiro ministro das Cidades. Ele não viu, mas eu utilizei a luva dele um pouquinho, ali, porque eu estava com frio na mão.

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito Mário Reali,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Maninho, presidente da Câmara Municipal de Diadema,

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Marinho, nosso companheiro prefeito de São Bernardo, e avisar que já começou também o trabalho na Naval de São Bernardo do Campo, para ficar bonita igual a Diadema.

Quero cumprimentar o nosso querido Marcelo Cândido, nosso companheiro prefeito de Suzano, que está aqui. Levanta, Marcelo, para as pessoas te verem. Levanta, rapaz.

Quero cumprimentar o Paulo Eugênio, que é o nosso prefeito em exercício na cidade de Mauá. Levanta, Paulo, para as pessoas te verem, rapaz. Fica...

Quero cumprimentar a companheira Márcia Kumer, que já entregou uma casa aqui, que é superintendente nacional de Assistência Social e Desenvolvimento da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro – eu não estou vendo ele aqui –, o Sérgio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Eu pensei que o Nobre estava aqui, mas se ele não estiver aqui, eu o estarei representando aqui. Falarei em meu nome e em nome dele.

Quero cumprimentar a companheira (incompreensível) Sousa Caldeira e



o companheiro Luciano Soares Lima, por meio de quem cumprimento os demais moradores do Projeto de Urbanização do Núcleo Naval,

Companheiros e companheiras,

Primeiro, dizer para vocês da minha alegria de voltar mais uma vez a Diadema. Eu, companheiro Mário Reali – acho que você não tinha nem nascido ainda –, lá pelos idos de 1969 eu já andava nas ruas de Diadema, quando Diadema só tinha uma ruazinha asfaltada, que era a Antônio Ipiranga, um asfalto mequetrefe, que quase não conseguiam passar dois carros. Noventa por cento das ruas de Diadema não tinham asfalto, 90% das ruas de Diadema não tinham guia, não tinham sarjeta. Muitas das cidades não tinham energia. A gente vinha a pé entregar panfleto aqui, eu era diretor do Sindicato. Quando chovia, a gente nem conseguia chegar na porta da fábrica, de tanta lama que tinha.

Desde 1982, desde 1982, quando nós ganhamos, pela primeira vez, o direito de governar uma cidade no Brasil – e foi na cidade de Diadema que nós ganhamos –, que nós nunca mais deixamos de governar Diadema. É bem verdade que os nossos prefeitos brigavam muito. Tinha hora que um estava no PT, saía do PT e ia não sei para onde. Aí, a gente tinha que se unir. Aí ficava brigando. Na eleição seguinte, a gente se unia outra vez. Na outra eleição, a gente brigava. Na outra, a gente se juntava. E agora, finalmente, a gente está tendo uma sequência de administração que está fazendo Diadema deixar de ser aquela cidade-dormitório, deixar de ser a cidade feia do ABC para ser uma das cidades mais bonitas do ABC, onde as pessoas sentem orgulho de morar, em Diadema. Ninguém tem mais vergonha de dizer que mora em Diadema. Hoje as pessoas têm orgulho.

Quando eu venho inaugurar um conjunto habitacional destes... Eu queria lembrar a vocês que não faz muito tempo, não faz muito tempo, a minha primeira casa, que eu comprei no Parque Bristol, em São Paulo, lá perto do



Simba Safári, a minha primeira casa era em uma ribanceira que, quando chovia, eu só conseguia sair de casa se colocasse uma galocha. Chegava na padaria, tirava a galocha, embrulhava no jornal, pegava o ônibus, chegava na Villares, na Vergueiro, lá onde é o Carrefour agora, lavava a galocha, colocava para secar, e quando eu saía, às 6 horas da tarde, chegava na padaria, tinha que colocar a galocha outra vez para chegar em casa, com as canelas cheias de barro. Isso era todos os dias. Essa casa que eu comprei, depois eu vendi ela e fui comprar uma outra casa. A minha segunda casa tinha 33 metros de construção, 33 metros. Eu fui agora visitar aquela casa bonita ali, aquela casa tem 50 metros, ou seja, tem 20 metros a mais do que a minha casa, e morávamos eu, Marisa e três filhos. E ainda, nas greves de [19]78, estava cheio de companheiros do Sindicato que iam em casa. Às vezes, a gente levantava o pé para matar uma barata e não conseguia colocar o pé no lugar porque já tinha o pé de outra pessoa ocupando o pé da gente.

Mas, de qualquer forma, eu estou contando isso para vocês porque essa... o que está acontecendo no Brasil já poderia ter acontecido muito tempo atrás, muito tempo atrás. Eu disse ao Mário Reali agora. O Mário Reali deveria, aqui na tribuna, ter feito uma crítica, ter feito uma crítica à pessoa do estado que tem que dar a liberação ambiental para fazer as coisas aqui, porque não é apenas, não é apenas em Diadema que as licenças não saem. Em vários lugares deste estado, me parece que tem uma pessoa – que eu não sei quem é – que cria dificuldade para dar licença ambiental para a gente fazer as coisas. Então, é importante, é importante que os prefeitos façam essa briga, porque em nível federal nós temos brigado muito para que a gente consiga liberar as coisas com a rapidez necessária. Afinal de contas, a passagem nossa pela Terra é curta, e a gente não pode ficar a vida inteira esperando a vontade de um burocrata que está com a bunda em uma cadeira, com ar-condicionado, sentado, sem se preocupar como é que o povo está vivendo. Então, é importante... Eu sei que a gente é governo, a gente tem que ter diplomacia, a



gente tem que ter um linguajar adequado, mas eu já estou quase deixando de ser presidente e vou voltar a falar do jeito que eu sempre falei neste país.

Nós precisamos, precisamos ter em conta que nós mudamos muito, mas ainda falta muito, porque nós passamos 500 anos sendo tratados como se fôssemos pessoas de terceira categoria ou de quarta categoria. Nós aprendemos que é bom ser de primeira categoria; nós aprendemos que é bom morar bem; nós aprendemos que é bom ganhar bem; nós aprendemos que é bom tomar café, almoçar, jantar, ir ao cinema, ir ao teatro, ter acesso à cultura. Nós estamos aprendendo isso, e nós não queremos retrocesso neste país.

Nesta semana, Mário, nesta semana eu passei... Nesta semana, eu talvez tenha vivido o dia mais... dos mais importantes da minha vida. Eu lembro que, em 2005, nós criamos um programa chamado ProUni. Nós precisávamos colocar os filhos de pobres na universidade, e nós, então, fizemos um desconto nos impostos que as universidades particulares cobravam... que a gente cobrava deles, e transformamos o equivalente aos impostos em bolsas de estudo para os pobres da periferia que tinham estudado em escolas públicas. Este ano, Marinho, chegamos a 706 mil jovens na universidade, dos quais 40% são meninos e meninas negros da periferia deste país, que jamais teriam condições de entrar em uma universidade.

Qual foi a minha alegria? É que na semana passada eu participei de um ato simbólico de entrega de um diploma – que vai acontecer só no final do ano – de 414 meninos e meninas que receberam o diploma de médico - médicos e médicas. E qual era a minha alegria? Primeiro, nenhum pobre deste país poderia estudar para médico. Só se tivesse a sorte de entrar numa universidade pública, porque um curso de Medicina custa quase R\$ 5 mil. Eu tenho certeza de que, quem está aqui, ninguém poderia pagar R\$ 5 mil num curso para os filhos. Pois bem, então, nós participamos de uma homenagem aos primeiros 414 meninos e meninas que vão ser doutores, médicos, vão estar de jaleco trabalhando na periferia deste país para atender o povo pobre,



que precisa de muito médico. E aí, Mário, eu quero dar parabéns a Diadema, quero dar parabéns a Diadema porque tem poucas cidades deste país que têm um Quarteirão da Saúde da qualidade que tem a cidade de Diadema, tem poucas.

Outra coisa que me deixou muito alegre ontem. Ontem, Marinho, eu fiquei muito alegre porque a crise econômica internacional que vocês viram pela televisão... os Estados Unidos, a Alemanha... sabe quantos empregos nós geramos nos primeiros seis meses deste ano? Um milhão e 460 mil novos empregos, de carteira assinada, enquanto no chamado mundo desenvolvido perderam 16 milhões de postos de trabalho. Se Deus quiser, vamos criar mais um milhão até o final do ano, se Deus quiser vamos criar, porque eu sei, como brasileiro, como pai e como presidente, que não tem nada para dignificar mais um homem ou uma mulher do que trabalhar, e no final do mês levar o sustento da família com o suor do seu trabalho.

Outra coisa que me deu muita alegria nesta semana. Eu tinha pedido para o Stuckinha colocar aqui... ele, eu acho que não conseguiu colocar porque a tecnologia não permitiu. Mas ontem eu peguei o helicóptero, andei 40 minutos dentro do mar e fui numa plataforma da Petrobras, lá no Espírito Santo. E tive o prazer de sujar a mão – Marinho, Mário Reali, meu companheiro Marcio Fortes –, de colocar a mão no petróleo que estava há 160 milhões de anos embaixo da terra, e nós fomos lá buscá-lo, buscar o petróleo do pré-sal para que a gente possa resolver o problema deste país.

Ontem eu fiquei arretado com uma notícia de jornal que dizia assim: “A Europa não está mais procurando petróleo em mar por causa do óleo que está vazando nos Estados Unidos, e o Brasil continua procurando”. Primeiro, é bom a gente dizer a verdade: a Europa não está procurando, porque no Mar do Norte, onde ela tem, já não tem mais petróleo. Segundo, nós temos mais tecnologia do que aquela empresa inglesa que causou o vazamento nos Estados Unidos. Aquela empresa que causou o vazamento, Deus queira que



não aconteça nunca mais, porque ela adotou uma coisa que nós aprendemos: o barato sai caro. Ela tentou fazer a coisa mais econômica e o econômico saiu caro. E isso, se Deus quiser, não vai acontecer no Brasil porque a Petrobras é a empresa que tem a melhor tecnologia de exploração de petróleo em águas profundas neste país. Mas vocês não sabem do orgulho, na hora que eu peguei a mão, de óleo, e coloquei no meu macacão, e vou guardar num museu – sei lá em que museu – para todos vocês, um dia, poderem passar e ver um petróleo tirado por este país, de 160 milhões de anos.

Pois bem, o dinheiro desse petróleo não vai ser utilizado para “gastança”. O dinheiro desse petróleo vai ser utilizado, primeiro, para a gente acabar com a pobreza neste país; segundo, para a gente resolver o problema da educação do nosso país; terceiro, para a gente investir em ciência e tecnologia; quarto, para a gente melhorar a saúde do nosso país; quinto, para a gente cuidar da questão ambiental; e, sexto, para a gente cuidar da questão cultural. E o que sobrar, nós vamos ainda fazer mais pelo Brasil. É isso que nós estamos fazendo.

Outra coisa extraordinária. Eu, na sexta-feira, participei... na sexta, não. Na terça-feira eu participei de um ato com o Marcio Fortes, com todos os superintendentes da Caixa Econômica Federal do Brasil, todos, sem distinção. Uma coisa, Marinho, uma coisa, Reali, surpreendente. É que hoje nós temos crédito, a cada mês, mais do que a gente tinha em um ano, em 2003. Hoje, em um mês, hoje, em um mês nós temos mais dinheiro para emprestar do que a gente tinha o ano inteiro, em 2003. Eu vou dar só um número para vocês, só um número, vou dar um número para... As crianças não precisam anotar, só a imprensa tem que anotar. Quando eu cheguei à Presidência deste país, o Brasil inteiro tinha R\$ 380 bilhões de crédito, o Brasil inteiro. Hoje, (incompreensível), o Brasil tem R\$ 1 trilhão e 500 bilhões de crédito.

Eu fui ao Ceará, eu fui a Fortaleza, 15 dias atrás, na sede do BNB, do Banco do Nordeste. Em 2002, o Banco do Nordeste tinha emprestado apenas



US\$ [R\$] 262 milhões e, desse empréstimo, tinha 37% de inadimplência. Em 2009, nós emprestamos R\$ 22 bilhões, e só tinha 3% de inadimplência. Um bilhão e 300 milhões emprestados para um milhão de pobres, sabe qual é a inadimplência? Menos de 2%. E sabe qual é o segredo disso? É que pobre paga porque o nosso patrimônio é o nosso nome, o nosso patrimônio é a nossa cara. Algumas pessoas ricas têm o orgulho de falar: “Eu devo 10 bilhões; eu tomei dois bilhões; eu devo...” Nós não temos. Pobre, quando deve R\$ 50, ele tem vergonha de dizer que deve. Ele quer pagar porque ele quer andar na rua de cara limpa, ele quer andar na rua de cara limpa. Ele não quer passar no bar da esquina dele ou na padaria da esquina da casa dele, de cabeça baixa, ou dar a volta. Ele quer passar na frente e falar: “Bom-dia, companheiro, não lhe devo nada e amanhã vou continuar comprando as coisas aqui”.

Portanto, companheiros e companheiras, eu ainda vou ao Rio de Janeiro hoje. Então, eu queria dizer para vocês o seguinte. Eu venho aqui, Mário, com muita alegria. Eu venho aqui sabendo o que aconteceu nesta cidade, eu venho aqui depois de ver aquele filme do que era Naval e o que é agora, de ver onde moravam aquelas pessoas que pegaram a chave, e onde vão morar agora, e dizer o seguinte: eu tenho certeza que depois do dia 1º... do dia 2 de janeiro do ano que vem, tenho certeza que quando eu chegar... quando eu não for mais presidente, que eu chegar aqui na nova Naval, eu sei que eu vou poder tratar vocês todos de companheiros e companheiras, e vou ser tratado por vocês como companheiros, porque nós tivemos uma relação verdadeira, uma relação sincera. E nós criamos uma nova relação entre o Estado e a sociedade. Este país, este país – prestem atenção –, este país nunca mais, nunca mais vai ter um governo que tenha coragem de governar sem conversar com o povo deste país, sem ouvir o que o povo deseja.

Eu já fiz 70 conferências nacionais. A última foi a Conferência das Cidades, onde a gente ouve o que a gente quer e o que a gente não quer, onde os companheiros e as companheiras falam a verdade, e a gente, por ser



presidente, não tem que ficar ofendido porque alguém está dizendo que a coisa não está boa. A gente tem é que saber se é verdade ou não o que a pessoa está falando, e a gente trabalhar para corrigir e fazer as coisas corretas. É assim. Ser presidente não é ter profissão; ser presidente é apenas exercer uma função com o mandato determinado. Portanto, quem manda na gente é o povo e a gente precisa apenas obedecê-lo e cumprir.

Um grande abraço, que Deus abençoe a nova Naval e o povo de Diadema.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de medida provisória para as cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016

Palácio Itamaraty, 19 de julho de 2010

Eu quero cumprimentar o companheiro José Alencar, meu querido vice-presidente da República,

Cumprimentar a nossa querida Erenice Guerra, ministra-chefe da Casa Civil,

O ministro Nelson Jobim, da Defesa,

O Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão. Ele que fez esta bondade com o Rio de Janeiro, aqui.

Companheiro Orlando Silva,

Companheiro Luiz Eduardo Barretto, ministro do Turismo,

Marcio Fortes, ministro das Cidades,

Companheiro Luís Inácio Lucena Adams, advogado-geral da União,

Companheiro Alexandre Padilha, ministro das Relações Institucionais,

Nosso companheiro Eloi Ferreira de Araújo, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Pedro Brito, companheiro dos Portos,

Deputados federais Edson Santos, Rodrigo Rollemberg e Tadeu Filippelli,

Companheiro Murilo Marques Barboza, presidente da Infraero,

Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol,

Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro,

Senhor Andrew Parsons, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro,

Governadores Jaques Wagner, da Bahia; Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro; Eduardo Campos, de Pernambuco; Iberê Paiva Ferreira de Souza, do



Rio Grande do Norte; Omar Aziz, do Amazonas; Orlando Pessuti, do Paraná; Rogério Rosso, do Distrito Federal,

Prefeitos Eduardo Paes, do Rio de Janeiro; João da Costa Filho, de Recife; Marcio Lacerda, de Belo Horizonte; Francisco Bello Galindo Filho, de Cuiabá; José Fortunato, de Porto Alegre; Luizianne Lins, de Fortaleza – eu não vi a Luizianne aqui, mas, de qualquer forma, está espiritualmente presente –; companheira Mícarla de Sousa, prefeita de Natal; Carlos Alberto Richa, de Curitiba,

Caro Juvenal Juvêncio, presidente do São Paulo Futebol Clube, o glorioso, que perdeu no sábado, para desgraça do meu neto.

Bem... também cumprimentar o companheiro Marcos Malucelli, presidente do Clube Atlético Paranaense,

Cumprimentar o Vitorio Piffero, presidente do Sport Club Internacional,

E cumprimentar os companheiros da imprensa que estão presentes,

Apenas para reeditar aquilo que o Orlando falou, para a imprensa registrar. Vocês sabem que como a gente tem muito tempo nessa relação com a imprensa, eu, quando fico falando, que eu vejo que vocês não estão anotando, eu já sei que não vai sair nada no dia seguinte, a não ser alguns que têm a cabeça muito privilegiada e que se lembrem do que eu falei aqui. Mas eu queria apenas lembrar o que nós estamos fazendo aqui hoje neste ato, para mostrar que as coisas estão caminhando muito rapidamente.

Outro dia eu ouvi um comentário de alguém dizendo: “Já perdemos dois anos e oito meses desde que a Copa foi decidida a ir para o Brasil. Nós já perdemos dois anos e oito meses e não fizemos nada”. A insensatez leva algumas pessoas a esquecerem que tem um ritual. Entre decidir a Copa do Mundo e as cidades serem escolhidas demorou, praticamente, um ano e meio, só para escolher as cidades. As cidades tiveram que apresentar projeto, tiveram que refazer projeto. Primeiro se apresentaram vinte e poucas cidades,



depois se apresentaram dezoito cidades, depois foram escolhidas doze cidades. As pessoas, na verdade, ficam querendo que a gente coma o mingau antes de ele estar pronto. Quem não sabe comer mingau, precisa saber que quando a gente coloca o fubá no fogo e fica mexendo, tem muita borbulha, que a gente queima muito a mão mexendo a panela com uma colher de madeira até o mingau ficar pronto.

Esta medida que nós assinamos hoje significa que o mingau está pronto, José Alencar. Agora a gente vai poder começar a comer o mingau. Agora vamos colocar... que nem um bom italiano, virar essa polenta na mesa, numa tábua, e vamos cortá-la com barbante. Não é com faca, como os brasileiros costumam comer. Nós vamos comer como italiano come a polenta: cortada com barbante.

Então, agora, veja, estão definidas as cidades, estão definidos os projetos, está definido o dinheiro e estão definidas outras coisas. Nesta medida provisória, o que nós fizemos? Nós estabelecemos um caráter excepcional para as cidades da Copa do Mundo, no que diz respeito aos limites do endividamento. O que acontece? O que acontece é que tem muitas cidades que estão aqui, outras que não estão, que não têm nenhuma capacidade de tomar R\$ 10 emprestados. Mesmo que eu seja amigo de todos os prefeitos e prefeitas e quisesse emprestar R\$ 10 para eles, eles, ainda assim, não poderiam pegar esses R\$ 10.

O que nós estamos fazendo é criando uma excepcionalidade para que as cidades que vão sediar a Copa do Mundo possam aumentar a sua capacidade de endividamento, para que possam fazer parte das obras que são da responsabilidade dos municípios fazer. Então, é a primeira parte desta medida provisória.

Eu acho que isso é muito importante, inclusive o que vocês assinaram aí, para a gente não repetir os Jogos Pan-Americanos. Os Jogos Pan-Americanos, eu lembro como se fosse hoje que muitas vezes a gente tentou



construir um pacto para que a gente pudesse saber qual era a responsabilidade do governo federal, do governo estadual e do governo municipal. A gente não conseguiu fazer esse pacto. Não conseguimos fazer, e o que aconteceu é que estava previsto para o governo federal investir, me parece que 400 ou 600 milhões, e nós terminamos colocando quase R\$ 2 bilhões nos Jogos Pan-Americanos, porque ia sobrar para o Brasil. Seria o nome do Brasil que iria ficar sujo na praça e nós, então, resolvemos colocar o dinheiro que faltou ser colocado pelas autoridades municipais e estaduais naquela ocasião.

Quando entrou o governador Sérgio Cabral, as coisas começaram a fluir com muito mais facilidade, e agora, com a entrada do Eduardo Paes, nós não vamos ter mais problema para fazer as coisas funcionarem. O que valeu para o Rio de Janeiro, nos Jogos Pan-Americanos, vai valer para todos os prefeitos, para todos os governadores, porque tem governador que quer um projeto, o prefeito quer outro; o governador quer uma cor, o prefeito quer outra. Inexoravelmente, vocês vão ter que se colocar de acordo, porque o tempo passa e não espera as coisas acontecerem.

Bem, outra coisa muito importante que nós fizemos é que nós estamos autorizando nosso Advogado-Geral da União, aquela figura simpática chamada Luís Inácio, que não tem nada a ver comigo, não tem nada. Em vez de Silva é Adams, portanto, ele não tem nada... é o Advogado-Geral da União. Ele vai ficar com a responsabilidade de fazer acordo judicial em matéria envolvendo esses imóveis que nós estamos cedendo aos estados, que atualmente é vedado se envolver patrimônio imobiliário.

A Medida Provisória também propõe sobre a transferência do domínio útil de imóveis para a companhia Docas, do Rio de Janeiro, destinados à revitalização da Zona Portuária carioca, e cancela dívidas imobiliárias dela. Bem, todo mundo se lembra que, um tempo atrás – ainda era outro prefeito –, nós fomos ao Porto do Rio de Janeiro participar de um ato, que era para fazer



a revitalização das docas. Não aconteceu absolutamente nada depois daquele ato. Agora este jovem fez o mesmo pedido. Nós estamos, então, disponibilizando – depois de muita briga com o Paulo Bernardo –, nós estamos disponibilizando a área porque eu acho que aquela parte bonita do Rio de Janeiro, aquelas docas, podem ficar mais bonitas e ali podemos receber turistas para muita coisa, sobretudo para a Copa do Mundo, para as Olimpíadas, para a Copa das Confederações, para a Copa das Américas, para os Jogos Militares, para campanhas políticas e para outras coisas mais que você quiser utilizar aquilo lá.

Bem, a Medida Provisória também dispõe ainda sobre a alienação de imóveis funcionais do INSS e sobre o prazo limite para a apresentação de pedido de compensação entre regimes de previdência. Bem, isso aqui foram as coisas principais que nós assinamos hoje, além dos aditivos que assinaram, ali, governadores e prefeitos, o que demonstra a seriedade do que nós estamos fazendo.

Eu já fiz dois decretos-lei, que já foram publicados há mais de quatro meses, colocando no Portal da Transparência cada ato que nós fizemos, tanto para a Copa do Mundo quanto para as Olimpíadas. Cada centavo que o governo gastar, cada centavo, qualquer brasileiro poderá acompanhar no Portal da Transparência da Controladoria-Geral da República [União]. Vocês sabem que no Brasil as pessoas, muitas vezes, talvez por falta de motivos de fazer críticas, as pessoas precisam dizer: “Não, quem vai cuidar do dinheiro? Quem vai tomar conta do dinheiro? O dinheiro vai ser aplicado?”. Então, nós fizemos esse Portal da Transparência para que todo mundo saiba cada centavo. Eu espero que cada governador, que cada prefeito faça, da sua parte – eu só posso fazer da parte do governo federal –, para a gente não ficar tendo que prestar contas todos os dias.

Há gente que está torcendo para não dar certo, porque tem gente, tem gente... Primeiro, muita gente saiu daqui achando que a África do Sul não



conseguia fazer uma boa Copa do Mundo. Quando já estavam lá, todo mundo começou a falar bem da África do Sul. Este país aqui, este país aqui, pelas características do seu povo... Aqui tem muitos prefeitos que têm mandato até 2012, ainda. Portanto, uma boa parte das obras ainda serão feitas na gestão desses companheiros. Aqui tem governadores... Obviamente que nós temos um processo eleitoral, mas termina, no mais tardar, em outubro, e obviamente que será a partir de outubro que as obras vão pegar no breu em cada estado, e cada governador terá quatro anos para fazer o que tem que ser feito.

Todo mundo sabe que os estádios de futebol serão da responsabilidade dos clubes. Eu estou vendo o Juvenal aqui, e já vi que tem uma briga em São Paulo, muito feia. Eu, sinceramente, não consigo imaginar uma Copa do Mundo no Brasil sem ter São Paulo como um dos cantinhos em que os atletas vão poder jogar bola. Eu estou disposto a entrar nessa conversa. Acho que o Governador já deveria ter chamado todo mundo envolvido para conversar, para encontrar uma solução, e não ficar brigando pela imprensa, porque o tempo urge nos investimentos que nós queremos fazer.

De forma que eu quero agradecer aos companheiros que vieram aqui, aos governadores, aos prefeitos, aos ministros, e dizer a todos os companheiros das Federações das mais diferentes modalidades que é importante que a gente trabalhe... nós temos seis anos para trabalhar as Olimpíadas. Parece muito, mas passa muito rápido. E se a gente quiser formar atletas para ganhar medalhas, nós vamos ter que trabalhar muito, vamos ter que ter planos de metas, vamos ter que fazer as coisas que precisam ser feitas, com a maior rapidez. Já mandamos para o Congresso Nacional o projeto de lei que cria a Autoridade Olímpica, nós esperamos que o Congresso vote, e vamos trabalhar com amor, com esforço. Eu só tenho cinco meses e poucos dias de mandato, mas isso não impede que a gente trabalhe o máximo que a gente tiver que trabalhar, para que quem chegar depois do dia 1º já pegue meio caminho andado e tenha menos trabalho para fazer. O trabalho duro, de



aprovar lei, de aprovar os recursos, nós vamos deixar tudo preparado. Por isso nós preparamos o PAC2. O PAC2, já é o Paulo Bernardo colocar dinheiro no Orçamento, colocar dinheiro na LDO, que aliás, já foi aprovada a LDO. Então, tudo já está canalizado para que as pessoas que vierem a governar o Brasil e as cidades tenham as coisas prontas, caminhando, e não tenham que começar do zero.

Por isso, eu queria dar os parabéns a todos os companheiros, e sobretudo [agradecer] a presença do meu querido José Alencar aqui hoje, para ver se o Ricardo Teixeira lembra e convoca o José Alencar para jogar um meio tempo, ainda, na Seleção.

Um abraço, gente. Obrigado por tudo.

(\$211A)



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante assinatura de atos relativos à Educação

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 19 de julho de 2010

Eu não ia falar, mas eu lembrei que vai ser a última reunião minha com vocês, ou seja, penso que não tem nenhuma reivindicação entre julho...

_____ : (incompreensível) toca nesse assunto (risos).

Presidente: Não, não, entre julho e dezembro, pelo menos. Não, eu só queria dizer para vocês o seguinte: uma coisa, Edward, você que é o presidente da Andifes, uma coisa que eu penso que aconteceu no Brasil e vai se consagrar, enquanto política pública, é o fato de o governo ter aprendido que ouvir as pessoas faz bem, que ouvir as pessoas, mesmo quando as pessoas estão zangadas, mesmo quando as pessoas estão questionando, muitas vezes permite que a gente faça coisas corretas, que, se não fossem as críticas, a gente poderia fazê-las incorretas. Esse é um dado muito importante, e acho que é um paradigma que ficou para quem assumir a Presidência a partir de 1º de janeiro do próximo ano.

Nós fizemos oito reuniões com os reitores, nós fizemos reuniões com todas as pessoas das escolas técnicas brasileiras, nós fizemos reuniões com todos os segmentos organizados da sociedade. Até Conferência Nacional de Segurança Pública nós fizemos, com a polícia. Fizemos reuniões... Acho que não ficou um setor organizado da sociedade que nós não fizemos uma conferência nacional e que tomamos as decisões que nós consideramos corretas – algumas muito criticadas, outras menos criticadas. Por exemplo, quando nós fizemos a última Conferência de Direitos Humanos, vocês viram que nós tomamos uma quantidade de bordoadas que, se a gente não tivesse o



casco duro, a gente sangrava.

E, aí, nós fomos perceber que a questão era eminentemente ideológica. Porque nos documentos de direitos humanos feitos em 1996, e nos documentos de direitos humanos feitos em 2002 – portanto, eu não era presidente ainda –, os dois documentos eram muito mais duros do que os documentos que nós fizemos.

Qual era a diferença, então? Por que nós apanhamos tanto, e os de [19]96 e de 2002 não apanharam? É porque, certamente, quem concordou com o de 2002 e [19]96 sabia que ele era duro, mas não era para ser aplicado. E sabia que o nosso não era tão duro, mas a gente vai aplicá-lo na medida do possível e na medida em que o Congresso consiga transformar em lei parte das coisas que nós colocamos na questão dos Direitos Humanos.

Mas nós fizemos reuniões importantes, que eu penso que muda a história deste país. Eu já cheguei a participar em reuniões embaixo de ponte, lá em São Paulo, no Glicério, com o BNDES assinando R\$ 200 milhões de empréstimo para catadores de papel. Ou seja, quem é que imaginava, primeiro, o presidente do BNDES embaixo de um viaduto, lá no Glicério, em São Paulo? Segundo, quem é que imaginava que os catadores de papel fossem se organizar para pedir dinheiro emprestado? Terceiro, quem é que acreditava que eles tivessem a ousadia de tomar R\$ 200 milhões emprestados para fazer com que o catador de papel se transformasse em uma posição digna, que não fosse [que fosse] um cidadão que andasse de cabeça erguida, que não tivesse vergonha de nós, quando nós passamos com os nossos carros. Eles se sentem, hoje, organizados, como se fossem um trabalhador da educação, como se fosse um “Magnífico” catador de papel fazendo limpeza daquilo que nós, muitas vezes, sujamos.

E, aí, as outras conferências que nós fizemos, ou seja, o jeito que a gente procedeu com vocês é o jeito que a gente procede, por exemplo, com a Contag, com a Passeata das Margaridas, que vocês veem de vez em quando



nas ruas, com os trabalhadores sem-terra, com a Fetraf, com a CUT, com os aposentados, ou seja, eles chegam aqui... Com os prefeitos brasileiros. Eles chegam aqui, todo mundo apresenta a pauta de reivindicação, nós distribuimos essa pauta de reivindicação para todos os ministérios que têm alguma coisa a ver com aquela pauta. Depois, a coordenação senta, vai ver com cada ministério qual é a dificuldade, vai ver o que é possível atender, o que não é possível atender. E ficou uma coisa tão agradável que, hoje, a gente dizer que não pode atender uma coisa já não é mais ofensivo, a pessoa já não se sente mais como se tivesse sendo traída: “Não estão atendendo uma reivindicação minha”.

Muitas vezes, aqui, com a Contag e com a CUT, com a Força Sindical, com os aposentados, com os sem-terra, com os portadores de deficiência, com quem vocês possam imaginar, muitas vezes, muitas vezes a gente fica contando o seguinte: “De 80 que vocês pediram, nós atendemos quantas?” “Setenta”. “Então, faltam dez. Vamos tentar trabalhar melhor essas dez para os próximos anos”. E assim nós conseguimos avançar em todos os segmentos da sociedade brasileira.

Vocês estão lembrados que eu dizia sempre o seguinte: “Nós precisamos criar condições de mudar a relação do Estado com a sociedade, e de mudar a relação do Sindicato com as pessoas... do governo com as pessoas”. Ou seja, não é possível um governo achar que ele pode governar este país sentado no seu gabinete, ouvindo só puxa-saco ou lendo artigos de pseudoespecialistas. Não é possível! Este país, para dar certo, você tem que ouvir tudo isso, mas você precisa sentir o olhar das pessoas, o bater do coração das pessoas, você ouvir o que as pessoas têm para te dizer. Às vezes, em uma coisa muito simples, as pessoas ensinam a gente.

Eu, uma vez, perguntei para o Fernando Haddad: “Que diabo de tanto medo que se tem de autonomia universitária? Qual é o bicho papão que se tem com relação à autonomia universitária?” E, aí, eu fiquei sabendo que não era



bem a educação que tinha, que era muito mais a parte econômica do governo que tinha, que era muito mais o Planejamento que tinha, que era muito mais... Bem, então, a gente, então, vai sentar, vai sentar com os companheiros para tirar a diferença. Onde é que está a diferença?

Nós ficamos dois anos... Temporão e Fernando Haddad não parecem dois grandes amigos? Duas pessoas fantásticas? Olha ali, ó. Nós, nós ficamos exatamente dois anos e meio para a gente acertar a questão dos hospitais universitários. Dois anos e meio em reuniões maravilhosas, em que Fernando e Temporão se abraçavam, se beijavam, e que estava tudo certo, cada um (incompreensível) tanto, e tal. Aí, passavam seis ou sete meses, eu encontrava alguém, em algum lugar. Esses dias, eu encontrei um reitor, em uma cidade do interior de São Paulo...

_____ : Uberlândia.

Presidente: Hein? Em Uberlândia. E ele falou assim para mim: “Ô Presidente, pelo amor de Deus, aquela questão do hospital universitário não saiu ainda, Presidente!” Eu, na hora, liguei para o Temporão e, na hora, liguei para o Fernando Haddad, e não tinha saído, o reitor estava certo. Se eu não tivesse encontrado com aquele reitor, possivelmente não tivesse saído ainda. Por quê? Porque cada um – e é normal – cada um senta em cima do seu dinheiro, e cada um quer que o Paulo Bernardo crie um dinheiro novo, para eles não gastarem o dinheiro deles que já existia. É uma coisa, eu diria, fantástica, mas é assim que, que...

Outro dia, eu até conto isso para o Paulo Bernardo, outro dia o Sergio Rezende chegou na minha sala nervoso, irritado, e disse assim para mim: “Presidente, eu estou há nove meses, Presidente, querendo criar o Instituto da Mata Atlântica, não, o Instituto do Cerrado, o da Caatinga...”



_____ : ...o Pantanal.

Presidente: ...o Pantanal, e o negócio da Mata Atlântica, Presidente. E eu já mandei lá no Planejamento... Está há nove meses, Presidente, pelo amor de Deus. A gente vai ter a Conferência de Ciência e Tecnologia, era para a gente anunciar, Presidente. O que aconteceu?” Eu ligo para o Paulo Bernardo, o Paulo Bernardo não estava, eu falo, então, com o braço direito dele. Aí eu falei: “João, é o seguinte: eu estou aqui com o ministro Sergio Rezende e ele está me dizendo que, há nove meses, ele mandou para você três propostas para a criação de três institutos”. Um, inclusive, Paulo, eu tinha ido lançar em Campina Grande, em 2004, do Semiárido, eu tinha ido pessoalmente, com o Sergio Rezende. Aí eu falei: “Ô companheiro, eu não sei por que demorou nove meses. Mas, agora, eu vou he dizer: você vai ter apenas dois dias para fazer o que você não fez em nove meses, porque eu vou assinar isso na Conferência de Ciência e Tecnologia”. E, aí, graças a Deus, certamente com o dedo do Paulo Bernardo, nós conseguimos assinar isso.

Então, eu... Por isso que eu acho importante as pessoas cobrarem da gente, as pessoas cobrarem, e as pessoas não terem medo. Às vezes, a cobrança é chata. Às vezes você está em uma reunião em que você pensa que vai ser só assunto legal, só coisa boa, que todo mundo vai só falar bem do governo, daqui a pouco levanta um cricri e já dá logo uma porrada no governo, ali. Você vai ficar chateado, inibido: “Aquele cara não é disso, não é daquilo, é da oposição, é de tal corrente política...”, quando, na verdade, a gente deveria agradecer.

Eu acho que esse é o ensinamento que a gente, quando governa um país e não se sente dono do país, a gente aprende que é bom: é a gente ouvir, mesmo aquilo que a gente não gosta, mas a gente ouvir. Ouvir, quem sabe processar na cabeça da gente, quem sabe uma coisa que você ficou chateado e parecia que era impossível de você gostar, um mês depois você descobre



que aquilo era bom e que aquilo poderia ser colocado em prática.

Então, eu acho que esse, Fernando, é um grande legado que nós vamos deixar para este país. Agora, tem uma coisa: vocês não podem ter medo de procurar quem for eleito para conversar. Não se trata de vocês gostarem ou não, se trata de que vocês conquistaram um direito. Durante oito anos vocês se reuniram com o presidente da República, com o seu Ministro, apresentaram proposta de reivindicação, foram atendidos em algumas, não foram em outras. No ano seguinte, a gente voltava a nos reunir, vocês cobravam... Isso é um direito que vocês conquistaram. Então vocês não podem amanhã: “Ah, porque entrou fulano, beltrano, sicrano ou fulana, aí eu não vou mais, porque não vai me receber”. Não. Vocês têm que transformar isso numa questão de honra. Afinal de contas, serem recebidos por reitor, ou melhor, receber o reitor, qual é o problema?

Eu, de vez em quando, vou dormir e fico imaginando o que levou alguns ministros, que foram reitores, a não ter coragem de se reunir com reitor? Eles foram reitores. Em um primeiro momento, a gente pode pensar: “Bom, se ele foi reitor, ele conhece que os bichos são ruins. Ele conhece”. Aí, depois que a gente começa, depois que a gente começa se reunir... no fundo, no fundo, é o seguinte: é o medo, é o medo de que vocês tragam ideias novas, é o medo de que vocês façam reivindicações novas, é o medo de que vocês queiram discutir a melhoria da qualidade de ensino, é o medo de que vocês peçam mais dinheiro para a universidade. No fundo, no fundo, é isso. E nós conseguimos quebrar esse preconceito que foi criado durante tanto tempo neste país.

Vocês estão lembrados: o prefeito, era a mesma coisa. Você ouvia falar em marcha de prefeito, era polícia, era cachorro policial. Presidente não recebia prefeito, pela mesma razão. O Ministro da Fazenda, certamente, eu não sei se o Planejamento, não sei... Mas, na época, não queriam que se reunissem porque vem pedir dinheiro, gente. “O que prefeito quer?” “Ele vai pedir dinheiro para a cidade, para aumentar o salário, para fazer obra, para



fazer...” “Então, não vamos nos reunir”.

Nós vamos terminar o mandato participando das oito marchas que os prefeitos fizeram neste país. E não apenas o Presidente, às vezes participavam 20 ministros, 25 ministros que participavam da marcha dos prefeitos, ouviam desaforos, falavam desaforos, mas a gente foi construindo uma relação de lealdade, uma relação democrática, uma relação produtiva. E isso valeu para 70 conferências nacionais.

Então, eu quero agradecer. Primeiro, o carinho com que vocês me trataram esse tempo inteiro. Eu posso dizer, na frente da imprensa, que nunca fui destrutado por nenhum reitor, nenhuma reitora, neste país. Nunca. Aliás, sempre me trataram com carinho, e eu acho que, às vezes, até mais do que eu merecia. Eu fui tratado com muito respeito. Então, eu quero agradecer, e isso eu posso fazer até em nome do Fernando Haddad, porque eu acho que o Fernando Haddad conseguiu montar uma equipe no Ministério dele, que deu uma nova dinâmica no Ministério.

Então, obrigado. Obrigado. Agora, alguns ministros vão se retirar, agora a imprensa vai sair e nós vamos fazer a nossa reunião porque, afinal de contas, nós viemos aqui para fazer mais uma reunião entre o governo e os reitores.

Obrigado, por enquanto, por tudo o que vocês nos ajudaram.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de sanção do Estatuto da Igualdade Racial e do projeto de lei que cria a Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira (Unilab)

Palácio Itamaraty, 20 de julho de 2010

Meu querido companheiro Eloi Ferreira, ministro da Igualdade Racial,
Meu companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,
Meu companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Meu companheiro Juca Ferreira, ministro da Cultura,
Meu companheiro Carlos Eduardo Gabas, ministro da Previdência Social,

Minha querida companheira Márcia Lopes, ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,
Meu companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,
Meu companheiro Luiz Dulci, ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu companheiro Luís Inácio Adams, advogado-geral da União,
Meu companheiro Alexandre Padilha, ministro da Secretaria de Relações Institucionais,

Nossa querida companheira Nilcéa Freire, ministra de Políticas para as Mulheres e a primeira reitora a introduzir as cotas na Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Paulo Vannuchi, ministro da Secretaria dos Direitos Humanos,

Meu caro governador Cid Gomes, governador do Ceará,
Senadores Inácio Arruda e Paulo Paim,



Deputados Federais Edson Santos, José Eduardo Cardozo, José Pimentel e Mauro Benevides,

Senhor Ophir Cavalcante, presidente do Conselho Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil,

Senhor Robson Braga, presidente da Confederação Nacional da Indústria, recém-eleito. Boa sorte na sua gestão.

Senhora Egbomi Conceição de Ogum, e senhor Eduardo de Oliveira, representantes do Movimento Negro. Ela mandou colocar Ogum aqui porque hoje é dia de Ogum. (Incompreensível) é que...

Meus caros membros do corpo diplomático,

Companheiros e companheiras militantes da causa da igualdade racial,

Senhoras e senhores,

Hoje, como o meu companheiro Eloi exagerou no tempo, eu vou ter que evitar os meus improvisos e vou ter que ler o meu discurso, para diminuir o tempo.

Antes de entrar no meu discurso, Fernando, apenas dizer da alegria do Congresso Nacional ter aprovado a Universidade Afro-brasileira. Acho que... Vai ter algumas coisas aqui, no meu texto, sobre a Universidade, mas eu penso que é uma, é uma forma de o Brasil, aos poucos, ir pagando a dívida que nós temos com o povo africano, que não pode ser mensurada em dinheiro, ela tem que ser mensurada em solidariedade, em parceria, em contribuição. Um país como o Brasil pode ajudar muito o continente africano. É por isso que a Embrapa está em Gana, fazendo pesquisa em todos os países africanos, para saber as condições para a agricultura africana. E nós já sabemos que uma parte da savana africana tem a mesma capacidade produtiva e o mesmo solo do cerrado brasileiro. Portanto, com um pouco de tratamento na terra, a gente pode transformar uma parte do continente africano em um grande centro produtor de alimentos para o mundo ou em um grande centro de produção até



de biocombustíveis para eles. Eu fui, agora, em um país em que eles gastam, por ano, US\$ 1 bilhão importando petróleo, quando eles poderiam estar utilizando o álcool, produzido o álcool lá mesmo, e estar guardando US\$ 1 bilhão para fazer desenvolvimento no país.

O que o Brasil tem feito pela África é uma coisa inusitada. Eu acho que há muito tempo que o Brasil tinha esquecido o continente africano. A gente passava pela Europa todo dia, ou beirando ou por cima do continente africano, mas a gente não queria enxergar o continente africano. A consequência disso é que nós tomamos uma decisão, e eu penso que, para a vergonha do Brasil – não é para orgulho do Brasil –, eu, em oito anos, visitei mais a África do que todos os países [presidentes] da história do Brasil visitaram a África em cento e poucos anos de República.

E muita gente achava que não poderia visitar a África porque a África era pobre, não tinha o que fazer lá. Só para vocês terem ideia, a balança comercial do Brasil com a África saltou, em 2003, de US\$ 5 bilhões para US\$ 26 bilhões. E, se o Brasil tivesse mais competência de ir mais à África, se os empresários fossem mais para a África, não apenas para vender, mas para construir parcerias e ajudar a construir as coisas na África, a gente poderia ter uma balança comercial muito mais forte, porque tem muitos países na África, já não existe mais aquela história de que a África vive em guerra, de que a África vive em conflito. A grande maioria dos países está consolidando sua democracia, está consolidando suas organizações políticas. A União Africana é uma coisa mais bem organizada do que a Unasul. Eles têm banco da União Africana que funciona bem... É porque eles estão há mais tempo do que nós fazendo isso. Então, eu acho que as coisas estão andando.

Eu, agora, estive em Cabo Verde, na participação de um encontro do CDAO, que são todos os países da África Ocidental. Eram 15 países, tinha 13 chefes de Estado. Depois nós fomos à Guiné Equatorial, depois nós fomos ao Quênia, depois fomos à Tanzânia, depois fomos a Zâmbia, depois fomos à



Copa do Mundo – ou melhor, fomos à África do Sul –, e, lamentavelmente, o Brasil já tinha caído fora quando eu saí daqui na sexta-feira. Ou seja, eu já saí daqui sabendo que eu não ia ver a Copa do Mundo.

Então, a aprovação da Universidade é uma coisa extraordinária e eu espero que no próximo ano ela já comece a funcionar. Nós temos uma preocupação de trazer os alunos de lá para cá, mas também levar os alunos de volta, de quando em quando, para eles aprenderem que eles têm que voltar para o seu país, que eles têm que aprender coisas que estejam muito ligadas ao desenvolvimento do continente africano. Então, eu acho que é um passo extraordinário, e eu tenho certeza que nós todos estaremos vivos para inaugurar essa universidade, na cidade de Redenção.

Nós temos muita coisa na África. Eu, ainda este ano, vou a Moçambique, na perspectiva de inaugurar a fábrica de remédio, ou seja, nós estamos produzindo os retrovirais, para ver se a gente consegue ajudá-los a combater a Aids. Nós estamos ajudando outros países, por exemplo, o Benin, a produzir...

_____ : O Mali.

Presidente: ...o Mali a produzir algodão. Nós estamos produzindo muita coisa em Angola, inclusive açúcar e álcool em Angola. Então, eu acho que há uma perspectiva extraordinária para o Brasil atuar na África.

Nós temos feito um esforço muito grande para que os nossos ministros viajem para a África. Nós estamos fazendo um esforço muito grande para que a gente... e eu assumi isso como compromisso de honra, de criar mais linhas de empresas aéreas viajando para a África, porque a gente só tem ou para Angola ou para a África do Sul, a gente não tem para a maioria dos outros países. Cabo Verde, para vir ao Ceará, e tem voo diário, a empresa é de Cabo Verde, que é um país pequeno, e é uma vergonha que o Brasil não tenha.



Então, nós precisamos dessa aproximação. Até para fazer negócio, até para fazer negócio, se um africano tiver que ir a Paris ou que ir a Londres para pegar avião para vir ao Brasil, ele já faz negócio lá mesmo, não é?

Então, nós estamos aqui, de Cabo Verde até Fortaleza são, no máximo, quatro horas de viagem, três horas e meia, depois você tem que andar 12 horas. Então, eu acho que o Brasil, como economia mais forte, tem que ter a responsabilidade de criar a facilidade para que essas coisas possam acontecer.

Bem, agora, lendo o meu discurso aqui, eu queria, primeiro, antes de mais nada, eu quero dar os meus parabéns ao Congresso Nacional e a todas as lideranças políticas, sociais do nosso país.

Graças à incansável dedicação de vocês a democracia brasileira, a partir de hoje, torna-se ainda mais justa e representativa com a entrada em vigor desse Estatuto da Igualdade Racial e com a criação da Unilab.

A instituição da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira [Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira], se reveste de especial simbolismo pelo fato de o seu campus estar situado no município cearense de Redenção, a primeira cidade brasileira a abolir a escravidão, cinco anos antes da Lei Áurea. A abolição ocorrida no século XIX, contudo, não assegurou aos escravos libertos as oportunidades de trabalho, estudo e cidadania, para o exercício pleno da liberdade humana. E isso explica, em boa parte, a construção interrompida da nação brasileira, com ciclos sucessivos de expansão... que ciclos sucessivos de expansão não conseguiram superar.

Esse impasse estrutural entre pobreza e desenvolvimento, que marcou nossa história republicana, está sendo enfrentado com firmeza e desassombro em nosso governo. Sempre tivemos clareza que superá-lo não era um atributo direto da economia, mas uma prerrogativa da decisão política. Por isso, decidimos que a luta contra a pobreza, a luta contra a desigualdade e a



discriminação constituiu o motor do desenvolvimento brasileiro, e não uma consequência natural, como se apregoou durante tanto tempo.

Companheiras e companheiros,

No nosso governo, nenhum projeto é bem se não se amplia e melhora as condições de vida dos brasileiros e brasileiras, que historicamente sempre foram deixados para trás, dos que não tinham voz, dos que nunca tinham tido oportunidades. Esse entendimento da ligação indissociável entre desenvolvimento e dignidade humana explica porque decidimos criar, logo no início do nosso primeiro mandato, em 21 de março de 2003, uma Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a Seppir, que, logo em seguida, por conta do companheiro Edson, ela teve que ser transformada em Ministério, porque deputado não podia ser Secretário. Vocês lembram que nós fomos criticados duramente por isso. Aliás, a nossa iniciativa chegou a ser desdenhada pelos de sempre.

O desafio da igualdade racial foi e ainda é tratado como um falso problema, como uma questão menor do desenvolvimento e da democracia. O mesmo ocorreu quando colocamos a luta contra a fome na agenda do Estado brasileiro. Aliás, eu estou vendo o companheiro Graziano, ali, que está na FAO, que foi o primeiro, o primeiro Ministro do Desenvolvimento e Combate à Fome.

Para se opor ao Fome Zero, muitos chegaram a negar que o problema existisse em nosso país, ou seja, chegavam a afirmar que não tinha fome, como uma revista brasileira, há poucos dias, teve a petulância de insinuar que não tinha negro no Brasil.

Bem, a verdade é que uma das sociedades mais desiguais da face da Terra, nós havíamos herdado um aparelho público desprovido de conteúdo social, um Estado que não dispunha sequer – e quero repetir, sequer – de um mapeamento confiável da pobreza brasileira, e que era assim que certa elite queria que o Estado fosse mantido.



Nós pensamos e agimos de forma diferente. Por isso, fizemos um governo voltado para enfrentar e superar as desigualdades sociais. Mais de 20 milhões de brasileiros deixaram a linha da pobreza nos últimos anos, e mais de 31 milhões de brasileiros ascenderam na escala social. A renda cresceu em todos os seguimentos da sociedade, mas cresceu em dobro entre os mais pobres.

Meus amigos e minhas amigas,

Agora, às vésperas das eleições, ninguém mais contesta as prioridades antes criticadas. Nem sempre foi assim, e a sociedade enxerga essa distância entre o que se dizia antes e o que se declara agora. Quantas vezes não fomos criticados por trazer a agenda dos pobres, a dos negros, a das mulheres e a dos indígenas para dentro do Estado brasileiro? Em nome da economia de gastos públicos, o que se manifestava era o germe do preconceito, do elitismo e da intolerância que ainda existiam no nosso querido país.

A verdade é que tem gente neste país que não se contenta com os privilégios que tem e gostaria de impedir qualquer benefício real para os mais pobres deste país. Nós mudamos tal maneira de agir, e esse é um dos orgulhos do nosso governo. Não apenas resistimos às críticas infundadas, mas ampliamos, na prática, a fronteira da igualdade, criando, em parceria com a sociedade e o Congresso Nacional, marcos institucionais para que ela não sofresse mais nenhum retrocesso. É importante que se diga: O que construímos neste país, nos últimos sete anos e seis meses, foi uma sólida ponte entre a democracia política e a democracia social.

Vou contar uma coisa para vocês: Eu fui, com o Eloi, inaugurar, lá na Praça XV do Rio de Janeiro, uma estátua do nosso companheiro João Cândido. Eis que, para a minha surpresa, Zezéu, para a minha surpresa, você que é baiano, havia gente que estava muito descontente de a gente estar colocando a imagem do João Cândido na Praça XV, no Rio de Janeiro. Depois eu decidi colocar o nome do João Cândido no primeiro navio feito pela



Transpetro, lá no estado de Pernambuco. E, outra vez, outra vez, eu senti rumores de pessoas que não queriam que a gente homenageasse o João Cândido. E quem vê a imagem daquele navio vê aquela imagem bonita, com o nome que todo mundo que perguntar: “quem era João Cândido?”, a gente vai poder orgulhosamente dizer quem era. E agora nós fizemos um outro navio com o nome de Celso Furtado, e o próximo navio vai se chamar Zumbi dos Palmares.

Bem, voltando ao meu discurso aqui... Em 2010, temos o maior orçamento de assistência social de toda a nossa história, destinando aos mais pobres cerca de, praticamente, R\$ 40 bilhões. Em 2002, os programas federais de transferência de renda somavam o equivalente a 6,4%. Em 2010, somam 9,1% do PIB, e isso significa mais gente recebendo um pouquinho de recurso do Estado brasileiro. A Márcia que não me deixa mentir, que está aqui feliz da vida com as coisas que está fazendo no Ministério do Desenvolvimento [Social] e Combate à Fome.

Meus companheiros e companheiras,

O Brasil, lamentavelmente, foi um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão. Passaram-se mais de 380 anos de senzala e pelourinho até a Lei Áurea. Para cada mês da nossa história, quase três semanas foram vividas sob a chibata do feitor. A chibata foi abolida, mas, durante décadas, brasileiros e brasileiras de valor dedicaram sua vida a desfazer os grilhões forjados em quase quatro séculos de regime escravocrata.

Hoje, finalmente o Brasil começa a resgatar sua dívida histórica com os descendentes das populações que foram trazidas como escravas a este país. E isso se dá pela adoção de políticas públicas consistentes e eficazes. Os verdadeiros caminhos da emancipação são o ProUni, o Fundeb, o ProJovem, o Pronaf, o microcrédito produtivo, o crédito consignado, as aquisições de safra da Agricultura Familiar, a compra e distribuição de leite direto do produtor, a Reforma Agrária, a Educação Cidadã, o Minha Casa, Minha Vida, as escolas



técnicas, entre tantas outras iniciativas feitas por este governo. Setecentos e quatro mil estudantes pobres estão matriculados nas universidades. A metade deles, 48%, de meninos e meninas negros deste país.

Eu tive nesta semana, Orlando, você não teve, o orgulho de participar de um ato dos mais simbólicos que eu já pensei em participar. Você sabe que, quando nós criamos o ProUni, nós tivemos um problema sério, porque tinha muita gente que dizia que nós queríamos favorecer as universidades particulares, e não as públicas. E aí, eu sei que o Orlando foi presidente da UNE, mas não está aqui o presidente da UNE, eu quero agradecer, porque a UNE foi uma instituição parceira nossa desde o começo na defesa da instituição do ProUni. E eu lembro quantas críticas eu recebi de que a criação do ProUni, colocar gente pobre da periferia na universidade, seria a gente nivelar a educação por baixo.

E eu tive o privilégio, na semana passada, junto com o Fernando Haddad e junto com o nosso ministro Temporão, de participar do ato das primeiras 540 meninas e meninos do ProUni que vão se formar em Medicina neste ano. Vocês imaginam quando uma menina negra, filha de pobre da periferia, poderia chegar a uma escola de Medicina? Imaginem quando um negrinho da periferia, filho de operário, poderia pagar quatro ou cinco mil reais em uma universidade. Pois bem. Nós participamos deste ato, eu fiz questão, Juca, de tirar fotografia com um por um deles – foram quase duas horas tirando fotografia –, porque eu e o Fernando Haddad certamente teremos orgulho de, daqui a 100 anos, quando a gente estiver velhinho, a gente olhar aquela foto e lembrar que a gente tem a ver com a possibilidade daquelas crianças se formarem, e eu espero que tenha alguns geriatras para cuidar de mim quando eu estiver em uma idade um pouco mais avançada. Agora, eu ainda estou precisando de pediatra, mas daqui a pouco a gente vai mudar.



Bem, nada disso teria acontecido se o Brasil dependesse daqueles que entraram até com recurso no Supremo Tribunal Federal contra as cotas afirmativas que criamos para a juventude pobre e negra desta terra.

A verdade, porém, é que o nosso esforço pela igualdade racial e social obteve amplo respaldo da juventude negra e pobre, que jamais fraquejou diante dos desafios. Esses moços e moças deram a resposta que o Brasil precisava ouvir há séculos. Quando muitos apostavam que teriam um desempenho patético, eles se superaram. Os bolsistas do ProUni estão entre os melhores alunos da Universidade brasileira no século XXI. Quero, portanto, agradecer a essas meninas e esses meninos, em nome de todo o país, porque fica mais do que provado aquilo que o Paulo Freire dizia: “Ninguém é burro. Se todo mundo está com a barriga cheia, todo mundo vira inteligente e todo mundo pode ir para frente”. E se todo mundo tiver oportunidade, aí sim que o bicho pega, aí sim que o povo vai mostrar que não existe diferença social se todos tiverem a mesma oportunidade. Tudo bem?

O exemplo – aqui não está escrito isso, mas eu poderia dizer –, o exemplo de vocês legitimou, de uma vez por uma nova visão de participar de atos como Presidente da República e consagrou uma concepção de democracia que está incorporada definitivamente à Constituição brasileira por meio deste Estatuto da Igualdade Racial, fruto de um louvável esforço dos movimentos sociais e do empenho suprapartidário no âmbito do Congresso Nacional.

Daremos agora um passo além na Educação brasileira. Com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira [Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira], que se estabelecerá como vanguarda na parceria com os países irmãos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste... Pode ficar sabendo que tem muito mais países querendo, pode ficar sabendo que isso aqui mudará logo, logo. Não tem por que a gente não trazer uns de



língua francesa para aprender Português aqui e estudar, um de língua inglesa e estudar... não tem por quê.

Mas eu quero dizer a vocês obrigado, meus queridos jovens negros e negras; obrigado, juventude indígena e mestiça; obrigado, meninas e meninos humildes, filhos das famílias mais pobres deste país. Vocês são a prova viva irrefutável de que o Brasil será tanto melhor quanto mais for justo. E mais justo será agora, com esse Estatuto.

Eu queria, Eloi, fazer justiça aqui a algumas pessoas que trabalharam, algumas que já não estão mais participando, alguns companheiros que não vieram aqui... Eu tenho recebido *e-mails* de pessoas que não concordam com o Estatuto, pessoas de mérito, pessoas com quem eu convivo há mais de 30 anos... E sempre haverá um tempo de a gente dialogar, de a gente conversar, de a gente convencer... Eu disse para o Eloi que tinha pedido de que eu vetasse todo o Estatuto porque o Estatuto não valia nada... E a gente não pode achar que esses companheiros são piores do que nós. A gente apenas tem que ter paciência e conversar um pouco mais com eles, porque nós vamos precisar deles para subir mais alguns degraus na escada das conquistas que nós precisamos fazer.

Nós lamentamos profundamente a ausência, por problemas de saúde, do companheiro Abdias Nascimento. Certamente, se ele pudesse, estivesse andando, estivesse bom, certamente o Abdias estaria sentado aqui, em um cantinho, conosco e estaria defendendo o Estatuto da Igualdade Racial.

E eu queria terminar, companheiros, pedindo duas coisas para vocês. Na primeira conferência do povo negro do nosso país – não era o Edson, acho que era a Matilde ainda –, eu fiz um apelo para que vocês levassem em conta que, se não houvesse um acordo entre o movimento negro, jamais a gente conseguiria ter aprovado esse Estatuto, jamais. Se cada um tivesse a sua posição, esse Estatuto iria mofar nas gavetas do Congresso Nacional, e daqui a 150 anos ele ainda estaria lá guardado. Foi obrigado à sabedoria daqueles



que perceberam que não poderiam conquistar tudo de uma vez, ou seja, mas que poderiam conquistar um espaço a mais, um caminho a mais, um fôlego a mais, um tempo a mais, para que a gente pudesse, com a nossa força reconstruída, a gente conquistar mais espaço, porque falta muito para a gente consolidar a democracia no nosso país.

Veja, nós temos uma democracia institucional, nós temos uma belíssima Constituição, nós temos igualdade racial agora, temos o Estatuto da Criança e do Adolescente, temos 70 conferências feitas, com os melhores documentos. Mas nós sabemos que ainda tem muita coisa para fazer e que a gente não consegue, em 10 anos, ou 12 anos, ou 15 anos, você construir o que foi quase destruído ao longo de séculos e séculos neste país.

A gente não pode esquecer, a gente não pode esquecer que não faz muito tempo, a mulher brasileira não podia votar. A gente não pode esquecer que até pouco tempo atrás uma mulher brasileira andar na rua e acender um cigarro, ela era chamada de tudo que é nome. A gente não pode esquecer que, até outro dia, participar de religiões que não fossem apenas a católica já era um pecado. A gente sabe a quantidade de perseguição que todo mundo sofreu, em algum momento da história, a gente sabe disso.

Então, eu queria terminar dizendo aos companheiros que acham que perderam, que vocês não perderam nada, companheiros, vocês ganharam, e ganharam muito, ganharam, e ganharam muito. Nós, agora, precisamos é ir consolidando, é ir fazendo o que falta, é ir colocando o cimento que falta, a massa que falta para que a gente possa garantir definitivamente isso.

Eu, que poderia estar chateado, não estou. Não inaugurei a minha ponte do Quilombo de Ivaporunduva. Rapaz, eu estou há oito anos esperando minha ponte! Mas, graças a Deus, agora, antes de eu deixar o governo, ela está pronta. A ponte está asfaltada, Edson, mas o percurso até a igreja não está asfaltado, jogaram um cascalho em cima, jogaram apenas um cascalho. É uma ponte que eu estou esperando desde 1994, companheiras e companheiros.



Eu fiz uma caravana da cidadania, eu fui lá ao Vale do Ribeira, fui lá a Registro, e lá fui visitar um quilombo. E lá, ao visitar o quilombo, eu vi as crianças indo para a escola em uma canoa. Então, eu fiz um projeto de desenvolvimento para o Vale do Ribeira, em 1994, era até para trazer hoje, aqui, até mandei guardar. Está com você, Zé? Está ali o documento, com o Zé Graziano, que ele foi o companheiro que me acompanhou naquela caravana. E nós fizemos uma proposta, e eu fui entregar ao então governador Mário Covas. E eu falei: Mário, se você não puder construir uma ponte grande, você já viu filme de Tarzã? Você viu aquelas pinguelas de corda que o Tarzã sai correndo atrás da Jane e a Chita sai correndo atrás... Se for uma daquelas já está bom, para as crianças não terem que ir de canoa por aquele rio cheio de pedras. Sabe, eu fui muito amigo do Mário Covas, entreguei o projeto para o Mário Covas. Mas, aí, a coisa também não andou, porque eu acho que não era prioridade dele, porque...

Aí, quando eu tomei posse na Presidência, eu falei: Puxa vida, agora chegou minha vez de fazer minha ponte. Escolhi duas pontes, uma ponte no rio... no rio Jequitinhonha, lá em Itinga, em Minas Gerais. O rio Jequitinhonha é um rio largo, e eu ia muito a Itinga. E tinha um coitado de um balseiro que ele tinha um calombo, um buraco aqui, porque ele tinha que atravessar o rio empurrando a balsa com um pau, e ele colocava o pau e encostava aqui, e foi fazendo um buraco no bichinho. Ele estava com dois calos aqui, e eu falei: Um dia eu vou fazer uma ponte aqui.

Ganhei as eleições, levei os ministros para viajar o Brasil inteiro, e uma cidade a que eu fui foi Itinga. Aí, eu cheguei lá, sorte minha, chamei alguns empresários, chamei a Vale do Rio Doce, chamei a Usiminas e eu falei: Eu quero que vocês me deem uma ponte de presente, uma ponte aqui no Vale, para acabar com essa balsa. Não queria acabar com o emprego do balseiro, aquele, a gente vai colocar ele para tomar conta da ponte. Mas ele não vai ter mais o caroço que ele tinha embaixo do braço.



Rapaz, em menos de um ano e meio, em menos de um ano e meio as empresas me entregaram uma ponte de... acho que tem quanto? Uns 500 metros de largura, uma ponte grande. A cidade não tinha ponte, era, era uma cidade ilhada. Colocaram até a ponte no meu nome. E, aqui, só lembrar ao Presidente da OAB que eu fui contra. Eu falei: Pelo amor de Deus, deixa eu morrer para vocês colocarem o meu nome na ponte. Procura, procura um pescador, um herói aqui, do Jequitinhonha e coloca o nome na ponte. “Ah, mas já foi aprovado por unanimidade, deixa pra lá”. Bom, aí ficou a Ponte Luiz Inácio. Então, eu já tenho uma ponte.

E essa, de Ivaporunduva, a gente não pôde inaugurar, porque foi tanto trabalho, tanta coisa, tanto... Eu coloquei até o Exército para fazer. Oito anos para fazer uma ponte de 300 metros. Aí, depois tinha problema de meio ambiente, depois tinha problema não sei das quantas, depois tinha problema... Bom, finalmente, a ponte está pronta.

Então, eu e o Eloi, eu e o Eloi... Vou te convidar, Edson, vou te convidar. Se a Matilde estiver de bom humor, eu vou convidar ela também. Vou convidar, porque eu acho que cada um de vocês merece um pouquinho, porque foi difícil fazer aquela ponte.

Bem, para me despedir de vocês, companheiros e companheiras, eu queria apenas dizer o seguinte: nós temos uma caminhada longa para fazer. Longa, longa, longa, não é uma caminhada fácil. Nós... Recentemente, eu mandei um projeto de lei, o projeto de lei sobre a questão da criança, ou seja, para evitar que houvesse castigo físico nas crianças. Ou seja, a gente não pode... Ninguém quer proibir o pai de educar a criança, mas ninguém está dizendo que porrada ajuda ninguém. Se fosse assim, os bandidos seriam tudo com asinhas de anjo, de tanto que apanham, ou seja, o que nós queremos é que a educação tenha supremacia sobre o beliscão. Eu sou do tempo da régua na cabeça, e não era dado pela professora não, Orlando, era a servente. A servente entrava na sala de aula com uma régua de um metro, dessa grossura.



E, naquele tempo – faz muito tempo – a gente tinha que levar o tinteirinho da gente, a canetinha bico de pena, e a gente ficava jogando tinta um no outro. E, de vez em quando, a gente levantava, quando a servente entrava na sala de aula, e se a gente fizesse um gesto, ela nos dava uma reguada de quina na cabeça. Acho que é por isso que o meu pescoço nem cresceu, de tanta reguada que eu tomei quando eu estava lá, estudando.

Bem, então a gente fez essa lei, houve críticas à lei, houve críticas, achando que a gente está se metendo não sei das quantas, que... sabe? Mas nós achamos que nós estávamos certos. Tem gente que fala...

Esse dias, eu fui no lançamento do livro do Aloizio Mercadante, e uma moça gritou assim para mim: “Ô Lula, você já cuidou muito dos pobres, quando é que você vai lembrar da classe média?”. Eu falei para ela: “Eu lembro tanto da classe média, minha filha, que eu levei 31 milhões de brasileiros para a classe média, 31 milhões”.

Lógico que nós temos que cuidar da classe média, nós temos que cuidar da classe média brasileira que trabalha, que paga imposto. Mas nós precisamos elevar mais gente. Nós não queremos acabar com a classe média, nós queremos acabar é com a classe pobre, com a miséria. O que nós queremos é criar uma sociedade de classe média neste país. É isso. E é com essas leis que a gente vai criando. É com esses estatutos, essas coisas, que a gente vai conseguindo, criando.

Dói, a gente vê capa de revista contra a gente, a gente vê um xingando. Mas tem uma coisa que a gente aprende aos 64 anos de idade que eu não sabia quando eu tinha 20 anos de idade. Eu aprendi a não ter raiva das pessoas que têm raiva de mim. Eu aprendi, porque, meu caro Benevides, se a gente fica com raiva de quem tem raiva da gente, no fundo, no fundo, a gente está dando uma vitória para ele. Porque, quando ele faz raiva para a gente, é porque ele quer que a gente fique nervoso, tenha azia, tenha gastrite, não durma, não coma. Pois comigo, quem estiver pensando que eu não vou dormir



ou que eu vou ter gastrite porque não gostam de mim, pode tratar de gostar, pode tratar de gostar, que vai fazer bem.

Porque eu acho que, quando nós entregarmos o governo, no dia 31, este país não vai estar nenhum país rico ainda, mas este país estará melhor do que a minha geração conheceu, muito melhor do que a minha geração conheceu.

Eu me orgulho, eu me orgulho... Muitos de vocês eu não vou ver mais até o dia 31 de dezembro, quando termina o meu mandato. Mas eu me orgulho. Eu estou na frente, aqui, de reitores. Não sei se vocês sabem: a ignorância deste país era tão grande, mas tão grande, uma parte da elite política deste país era tão incompetente que eles nunca receberam um reitor. O único presidente da República que, durante oito anos, recebeu todo ano todos os reitores é esse, que só tem o 4º ano primário, aqui, que recebeu.

E ontem, ontem nós aprovamos, ontem nós aprovamos a autonomia universitária, coisa que eles reivindicavam há tanto tempo, nós fizemos. Ou seja, nós nos reunimos com os reitores das universidades, nunca tivemos um atrito, tivemos divergência, e fomos avançando milímetro a milímetro, e os reitores foram aliados nossos quando uma parte da elite brasileira, que estava na universidade, não queria que a gente criasse o Reuni. A gente queria apenas colocar 18 alunos por professor, em média, quando é 12. A gente queria copiar o modelo francês, colocar no mínimo, em média, 12 [18] alunos. Uma parte dos filhos da burguesia deste país, que estava na universidade, achava que colocar 12 [18] alunos por professor era muito, era baixar o nível, e teve reitor, teve reitor que teve a reitoria quebrada, vidro quebrado, invadido por uns filhinhos de papai que fazem uns discursos imbecis, achando que são de esquerda, quando, na verdade, são conservadores com comportamento de direita e, eu diria, às vezes, até fascista.

Bem, nós, nós vamos terminar o nosso governo com 70 conferências nacionais. Não é pouca coisa: 70 conferências nacionais. Podem imaginar a



conferência do que vocês quiserem, nós já fizemos conferência neste país, para determinar o tipo de políticas que a gente tem que adotar e acertar.

A lição, meus companheiros, que eu aprendi, desses oito anos de mandato é que, quando você não tiver certeza de alguma coisa, quando você souber que você não sabe de alguma coisa, não tenha vergonha. Em vez de consultar um consultor, consulte o povo, converse com o povo, converse com as entidades, ouçam o que pensam os trabalhadores, o que pensam os sindicatos, o que pensam os índios, o que pensam os negros, o que pensam as mulheres.

Se a gente tiver essa capacidade de juntar a sabedoria que está individualizada e que pode ser coletivizada, quando a gente junta todo mundo assim, a chance de a gente errar é quase nenhuma, e as chances de a gente acertar são quase todas.

Eu, quando vi, um dia desses, lá embaixo de uma ponte do Glicério, meu caro Zé Eduardo, o presidente do BNDES, na imponência do nosso querido BNDES, fazer um empréstimo de R\$ 200 milhões para os catadores de papéis, eu fico pensando: Um país que confia em catadores de papéis e empresta 200 milhões para a cooperativa deles é um país que exerce a democracia e é um país que respeita o povo deste país.

Então, hoje nós estamos aqui, todos um pouco mais negros, todos um pouco mais brancos, mas, certamente, todos um pouco mais iguais.

Que Deus nos abençoe e vamos continuar conquistando coisas.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
almoço oferecido ao primeiro-ministro do Kuaite, xeque Nasser al Sabah
Palácio Itamaraty, 22 de julho de 2010**

Senhores ministros da delegação do Kuaite,
Ministros brasileiros,
Demais membros da comitiva do Kuaite,
Companheiros deputados,
Empresários brasileiros,
Embaixadores e embaixadoras,
Meus amigos e minhas amigas,

É com grande satisfação que recebo a visita do xeque Nasser al Sabah ao Brasil, a primeira de um chefe de Governo do Kuaite. Nosso encontro sela um compromisso em prol do fortalecimento e da renovação dos laços entre o Kuaite e o Brasil. Ao longo, ao longo dos últimos 40 anos acumulamos um patrimônio diplomático que precisamos consolidar e expandir, por meio da cooperação, do diálogo político e do desenvolvimento em parceria.

Nosso relacionamento bilateral sofreu oscilações no passado, determinadas não por nossa vontade, mas pela evolução da conjuntura internacional. Os contatos entre nossas autoridades econômicas e financeiras foram mais frequentes nas crises do petróleo, nos anos 70. Tais contatos foram retomados posteriormente, no período mais agudo da dívida externa, nos anos 80. Intensificaram-se em seguida as consultas políticas, motivadas pelo contexto da Guerra do Golfo, nos anos 90. Hoje, estamos determinados a imprimir maior consistência ao relacionamento.

Nesse intuito, a visita do xeque Nasser al Sabah constitui ponto de partida para o estabelecimento de diálogo regular entre o Kuaite e o Brasil, com



uma agenda própria e multidisciplinar que definiremos à luz dos nossos interesses comuns ampliados.

Essa meta não é apenas do governo. A aproximação com o Kuaite e com o Oriente Médio traduz desejos genuínos da própria sociedade brasileira. Por iniciativa do Congresso Nacional comemoramos, em 25 de março, o Dia Nacional da Comunidade Árabe, ocasião em que o Brasil manifesta a afeição que temos pelo povo árabe e seus milhões de descendentes em nosso país.

Excelência,

Os acordos que celebramos durante esta visita reforçarão as bases para a expansão de nossos vínculos nas áreas de cooperação técnica, esportiva, econômica, ambiental e de serviços aéreos.

Vamos impulsionar o comércio bilateral. Desde o início do meu governo, o intercâmbio, nos dois sentidos, entre o Kuaite e o Brasil mais do que quadruplicou, passando de [US\$] 87 milhões em 2002, para US\$ 650 milhões em 2008. Não temos dúvida de que há potencial para, em pouco tempo, desenvolvermos muito mais esse fluxo. O acordo de livre comércio entre o Mercosul e o Conselho de Cooperação do Golfo permitirá a expansão do intercâmbio. Contamos com o engajamento e a contribuição do Kuaite nesse empreendimento.

O empenho do governo brasileiro na promoção da Cúpula América do Sul e Países Árabes sinaliza concretamente a prioridade que atribuímos ao Oriente Médio. Minhas numerosas visitas à região, retribuídas pelas visitas dos chefes de Estado dos países árabes ao Brasil inauguram nova dinâmica promissora. O comércio no âmbito da Aspa alcança US\$ 20 bilhões, um aumento de 150% desde a primeira Cúpula realizada em Brasília, em 2005. Constatamos com alegria o interesse por parte dos países do Oriente Médio, em particular do Kuaite, pelo Brasil e por toda a nossa região.

A extensão da visita de Vossa Excelência a outros países latino-americanos e caribenhos mostra o êxito dos nossos esforços de aproximação.



Por esse duplo caminho estamos forjando outros intercâmbios: cultural, turístico, esportivo, comercial, econômico e financeiro.

Excelência,

Notamos, com satisfação, a presença de expressiva delegação de ministros e empresários que o acompanham. Pode estar certo de que há, da parte da comunidade empresarial brasileira, o mesmo interesse em ampliar os contatos e o conhecimento recíproco.

Para identificar novas oportunidades comerciais, determinei ao ministro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, que realize missão comercial ao Kuaite em outubro. As companhias brasileiras terão interesse em explorar, com empresas kuaitianas, as oportunidades criadas pelo Programa Kuaite Vision 2035.

Queremos que saiba, por outro lado, que os investimentos kuaitianos encontrarão segurança jurídica e estímulo adequado no meu país. O Brasil é, e continuará sendo, um grande canteiro de obras nos próximos anos. O Programa de Aceleração do Crescimento, a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 oferecem novas oportunidades de investimentos e parcerias que devem ser aproveitadas em benefício mútuo. A descoberta da camada do pré-sal no litoral brasileiro abre horizontes promissores para a participação kuaitiana, para a participação de capitais kuaitianos. Para o acompanhamento desse diálogo intenso que pretendemos estabelecer, a reativação do mecanismo da Comissão Mista é fundamental.

Excelência,

Devo dizer que os interesses brasileiros no Oriente Médio vão muito além dos aspectos comerciais. Encontram-se legitimamente fundamentados em nosso desejo de paz e estabilidade regional. Para a consecução desse fim, o Brasil tem a oferecer sua capacidade de contribuição construtiva. O bom diálogo que mantemos com ambos os lados do conflito, e a numerosa comunidade de descendentes árabes no Brasil são importantes ativos de que



dispomos para ajudar nas negociações.

O Kuaite e o Brasil têm pela frente um futuro comum a ser construído, com base no desejo mútuo de ampliação dos laços de amizade e cooperação para a consecução do bem-estar e do desenvolvimento de seus povos.

Com essa convicção, expresso, em meu nome e no do povo brasileiro, meus melhores votos de saúde e felicidade para Vossa Excelência, desejando paz e prosperidade para o povo kwaitiano.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de outorga da Grã-Cruz da Ordem Dois de Julho - Libertadores da Bahia

Salvador-BA, 22 de julho de 2010

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia,
Nossa querida primeira-dama Fátima Mendonça,
Companheiro Waldir Pires, ex-governador da Bahia,
Ministros Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; Marcio Fortes, das Cidades; e Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,
Nosso querido ex-governador e senador João Durval,
Deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembleia Legislativa da Bahia,
Meu caro companheiro João Henrique, prefeito de Salvador,
Senhoras e senhores parlamentares federais e estaduais,
Nosso querido companheiro Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica, que vai amanhã comigo entregar casas, lá em Feira de Santana,
Companheiros da Bahia,
Companheiros que vieram comigo,
Dona Ieda,
Meu querido Lázaro,

Eu, Wagner, diferentemente de você, eu penso que depois de dizer duas palavras eu vou ler o meu discurso, porque ultimamente eu tenho... Não sei se é porque está chegando perto do fim do mandato, mas eu tenho, eu tenho chorado em demasia.

E o Wagner esqueceu apenas um dado histórico importante: no dia 15 de julho de 1978, quando nos encontramos no Hotel Bahia, em um Congresso dos Petroleiros, dia em que nasceu o meu filho Sandro – eu recebi a notícia



que ele nasceu às nove horas da manhã, no hotel da Bahia. Era um seminário feito pelos petroleiros, e um seminário que tinha dois personagens. Um deve ter sido muito amigo do Waldir Pires, que era o nosso querido Almino Afonso, e o outro, também amigo de muita gente aqui, era o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que tinha vindo participar de um seminário que os petroleiros fizeram, e foi exatamente no dia 15 de julho de 1978 que, pela primeira vez, saiu da minha boca a ideia de que nós tínhamos que criar um partido dos trabalhadores. Certamente, naquele tempo, nós nem sabíamos como criar partido. Tinha muito partido que já se achava dos trabalhadores, porque tinha muito partido naquele tempo, partido de esquerda, que vivia na clandestinidade e cada um deles se achava mais representante dos trabalhadores do que outros. Então, nós ousamos criar um partido dos trabalhadores e legalizar esse partido. E eu, sinceramente, jamais imaginava que em tão pouco tempo a gente conseguiria chegar onde nós chegamos. Ou seja, Getúlio tentou criar o PTB, criou o PTB, e não teve a mesma performance em 20 anos que nós tivemos em 20 anos.

E isso nós devemos ao espírito revolucionário do povo brasileiro, que parece ser muito cordato, muito gente fala que nós somos um povo muito ordeiro, mas a gente sabe o que quer. E o povo está aprendendo muito rapidamente os seus direitos, os seus deveres. O povo está gostando de ser respeitado, o povo está gostando de ser admirado, o povo não quer ser mais tratado como gente de segunda categoria. Nós não queremos que ninguém se sinta melhor do que nós, nem nós queremos nos sentir melhores do que ninguém. Nós apenas queremos ser iguais, iguais, com respeito.

Eu acho, Wagner, que nessa minha experiência de Brasil, eu vi o Lázaro cantando o hino, que agora é hino oficial da Bahia, e eu só conheço dois estados brasileiros, só conheço dois estados brasileiros em que em praça pública o povo sabe de cor o hino de seu estado e canta, com muito orgulho, que é o estado do Acre, se tiver cem mil pessoas na praça, todos sabem cantar



o Hino do Acre, e o Rio Grande do Sul, onde também todos sabem cantar o Hino do Rio Grande do Sul. Não sei se Minas tem hino, se São Paulo tem hino. A verdade é que a maioria dos estados esqueceu-se de cantar o hino do estado, esqueceu-se de cantar o hino da cidade, esqueceu-se... As pessoas vão nascendo, crescendo, virando adulto, e as pessoas vão esquecendo os valores que nós mesmos construímos.

Então, eu acho, Wagner, que você é muito jovem ainda, os cabelos brancos certamente não são pintados, mas você é muito jovem, eu acho que você vai ver que a Bahia será muito mais Bahia, e o povo baiano será muito mais orgulhoso de ser baiano no dia, no dia em que o povo baiano começar a aprender na escola a cantar o seu hino. Porque, aí, as pessoas pegam amor, as pessoas passam a acreditar, e as pessoas passam a viver um pouco a história daqueles que morreram e que, muitas vezes, a gente nem foi educado para saber que eles existiram.

O Brasil é um país que conta pouco a história deles, ou seja, até Tiradentes, que é o único herói reconhecido nacionalmente, ele foi reconhecido como herói pelos que o mataram. E nós fomos esquecendo, aí muitos dos nossos heróis viraram bandidos. Por exemplo, o Zumbi dos Palmares é tratado como se fosse um bandido quando, na verdade, ele deveria ser tratado como herói, porque tudo o que ele fez foi para acabar com a escravidão do país.

Eu, Wagner, eu, de vez em quando, tenho feito algumas críticas a vários companheiros, em atos que nós participamos, porque, muitas vezes, nós – e eu estou vendo aqui alguns companheiros que participam ativamente da luta política do país, companheiros com tradição de esquerda – que muitas vezes nós tratamos aqueles que nós deveríamos tratar como heróis, apenas como vítimas, ou seja, nós ficamos, às vezes, martelando muito mais o castigo a quem os matou do que a gente enaltecer a imagem das pessoas que morreram acreditando em uma coisa.

Vamos pegar, por exemplo, o Gregório Bezerra, que foi arrastado pelas



ruas de Recife. Ou seja, em vez de nós ficarmos querendo saber quem arrastou Gregório Bezerra, nós precisamos valorizar o significado do sacrifício a que ele foi submetido. Poderíamos pegar Marighella, que é aqui, desta terra. Em vez de a gente ficar querendo condenar eternamente o Fleury, vamos valorizar as razões pelas quais Marighella fez o que fez. E, assim, a gente iria construindo mais heróis neste país. Iríamos construindo mais gente que pudesse servir de exemplo. E eu acho que isso é um equívoco histórico que foi incutido na nossa cabeça pela doutrina da elite dominante, e que nós aceitamos.

Eu, ontem, participei de um ato que foi a sanção do Estatuto da Igualdade Racial. E, como eu sou muito amigo de muita gente do Movimento há tantos anos – a vantagem de a gente ser velho é essa, é que a gente vai ficando amigo de muita gente –, eu sei que tem gente que não gostou do Estatuto tal como foi aprovado. Sei. Mas as pessoas não se dão conta da correlação de força existente na sociedade e de que ou a gente constrói aquilo que é possível mediar e encontra um caminho do meio, ou a gente passa mais 130 anos tentando construir alguma coisa e não consegue. Ou seja, em uma escada de 20 degraus, a aprovação do Estatuto foi 14, foi 15, foi 16. Vamos construir os que faltam, em vez de apenas de ficar lamentando aquilo que a gente não conquistou, vamos brigar.

E eu, companheiro governador Jaques Wagner, queria te dizer, no meu discurso escrito, o seguinte:

Receber a Ordem Dois de Julho é uma honra inestimável para qualquer brasileiro e, sobretudo, para um brasileiro de Pernambuco, porque, em algum tempo, os dois estados tiveram muitas pendengas. Significa que nem você e nem eu temos mágoa. Aliás, ontem eu disse que não há nenhuma razão para o ser humano ter mágoa. Ter mágoa, ter ódio, não existe espaço... A passagem nossa pela Terra é tão curta que a gente tem que viver cada minuto da forma mais alegre possível, mais feliz possível. Porque ficar com raiva de alguém,



João Durval, só dá azia na gente e gastrite. O que é bom é a gente não ficar com raiva de quem fez raiva para a gente porque é ele quem vai ter gastrite, ele que vai ter azia. Então, significa que eu e você, Wagner, estamos aqui em uma reconciliação histórica entre Bahia e Pernambuco.

Bem, a Ordem, ela representa os mais altos valores da democracia e da soberania nacional e é concedida pelo povo de uma terra querida a todos os habitantes deste país. Essa é uma característica da Bahia. Eu duvido que tenha um brasileiro, do Oiapoque ao Chuí, de Natal a Rio Branco a Assis Brasil, no Acre, que não tenha um gostinho da Bahia, que não admira a Bahia.

Eu fui agora para a África, visitei vários países, comecei em Cabo Verde, me reunindo com o pessoal do Cedeao, que tem 15 países, depois eu fui ao Quênia, depois eu fui à Guiné Equatorial, depois eu fui à Tanzânia, depois eu fui à Zâmbia, depois eu fui à África do Sul, onde o Brasil já não estava mais. Ou seja, e todo mundo na África se sente um pouco parecido com os baianos. Por isso é que ontem, companheiro Wagner, quando nós aprovamos o Estatuto da Igualdade Racial, sancionamos, nós também sancionamos a criação de uma universidade, na cidade de Redenção, no Ceará, onde começou a luta pela [contra a] escravidão, uma universidade para africanos e brasileiros. Dez mil alunos dos dois países, dos dois continentes, do Brasil e da África, e vamos fazer uma extensão dessa universidade aqui, na Bahia.

A Bahia é o berço do Brasil. Aqui teve início o Brasil Colônia, nascido pelas mãos dos portugueses que aportaram na Baía Cabralia. Havia uma coisa interessante que a gente só aprendeu agora, no século XX, dita pelo Amyr Klink, ou seja, é que qualquer que fosse a embarcação que pegasse a corrente marítima que Cabral pegou, chegaria aqui, na Bahia. Então, não havia hipótese, não havia hipótese de alguém descobrir o Brasil por outro lugar. O meu querido Pernambuco que me desculpe, mas segundo o Amyr Klink disse é que chegaria aqui, na Bahia. Se soltar uma garrafa, ela vai chegar aqui na Bahia.



Bem, e também o Brasil soberano, criado pelas mãos dos brasileiros que consolidaram a sua independência no movimento que teve episódios decisivos nesta terra. Todos sabemos que se não fosse a coragem do povo baiano, o sonho de um Brasil livre ainda demoraria mais a ser concretizado. Possivelmente, os portugueses de Portugal não iriam respeitar o “Independência ou Morte” de Dom Pedro, lá no Riacho do Ipiranga, tão poluidinho lá em São Paulo, hoje. Por isso, devemos sempre nos lembrar de valorosas heroínas: Maria Quitéria, a guerreira invencível; e Joana Angélica, a abadessa que sacrificou a própria vida para proteger soldados brasileiros, impedindo a invasão do Convento da Lapa pelas tropas portuguesas.

Temos que manter sempre, em nossas recordações, também, os exércitos de caboclos e caboclas, negros e negras, brasileiros e brasileiras, de todas as origens, que fizeram o Grito do Ipiranga ecoar em todos os recantos do país, nos tornando uma nação dona do seu próprio destino. Já se passaram quase dois séculos desde aquele 2 de julho em que até o sol se tornou brasileiro, como diz o Hino. E o povo determinou que com tiranos não combinavam os nossos corações, como canta o nosso querido Lázaro no Hino da Bahia. E hoje, felizmente, não precisamos mais lançar mão das espadas e dos mosquetes para combater a tirania. A luta pela afirmação de nossa independência e pela consolidação de nossa soberania, contudo, permanece. Nossas armas, agora, são a democracia e o desenvolvimento, e a participação cada vez maior de todos os segmentos da população, nos momentos decisivos que fazem parte da conquista da autodeterminação nacional.

Quero, portanto, agradecer, Wagner, do fundo do coração a você, como governador da Bahia, e a toda população baiana por esta Comenda que recebo no dia de hoje. Considero que mais do que reconhecer os méritos de um presidente da República, ela simboliza, isto sim, os avanços coletivos de toda uma nação que consolida a cada dia a independência de imensos segmentos do seu povo.



Na verdade, meu querido governador, Jaques Wagner, é que embora dom Pedro tenha gritado, em 22 de setembro de 1822, sete de setembro, embora a Bahia tenha feito um dois de julho, um ano depois, a luta... A verdade é que uma parte da elite brasileira ainda queria continuar colonizada. Ainda queria um pouco aos portugueses, depois um pouco aos ingleses, depois um pouco aos Estados Unidos, ou seja, houve, durante uma parte desses quase 200 anos, momentos em que uma parte das pessoas que governava este país achava que não podia ser uma nação livre, que nós dependíamos sempre de alguém. Eu conto sempre uma história de uma reunião que eu fiz antes de ser presidente da República, como o grande empresário brasileiro e estávamos eu e o meu vice, o Zé Alencar, que também é um grande empresário. E, a cada pergunta que o outro empresário fazia, o que eu ia fazer no governo, eu respondia. E cada vez que eu respondia, o cidadão falava: “O império não deixa”. Aí fazia outra pergunta, eu respondia e o cidadão falava: “O império não vai deixar”. E foi, e na quarta pergunta que o cidadão repetiu “O império não deixa”, que eu e o Zé Alencar falamos para ele: “Espera aí, companheiro, já houve a independência do Brasil. Se tiver alguém no mundo que não queira que o Brasil seja independente, nós temos que lutar outra vez, para conquistar a nossa independência”.

E o povo brasileiro, o povo brasileiro, Wagner, está fazendo isso, está fazendo isso. O que nós precisamos, na verdade, é aprender a compreender o que está acontecendo neste país. Outro dia eu vim aqui, tinha um monte de companheiros da Bahia com faixas, protestando contra as barracas da praia que estão mudando. Hoje, certamente, tinha uns companheiros com apito aqui, acho que era gente do Poder Judiciário. E em cada lugar que a gente vai tem alguém sempre, com uma faixa, reivindicando ou gritando. Eu acho que essa é a coisa extraordinária deste país. E, muitas vezes, a gente fica zangado, muitas vezes a gente fica zangado.

De vez em quando, na porta da minha casa, lá no Palácio do Alvorada,



minha casa temporária, o pessoal fica com aquelas, aquelas vuvuzelas, parece que está na África do Sul vendo a Copa do Mundo, reivindicando... Não é nem comigo, até coisa que é o Congresso Nacional que tem que votar, eles vão lá para a minha casa, como se eu pudesse mandar o Congresso votar.

Eu, às vezes, Wagner, acho que essa é uma coisa maravilhosa, porque é o resultado do que aconteceu em dois de julho, aqui. Porque a independência conquistada na Bahia não foi uma concessão, foi uma disposição. E veja o avanço que houve, entre 1817 a 1823.

Quando houve a Confederação do Equador porque não sei se Vossa Excelência sabe, Pernambuco, em 1817, cinco anos antes do Brasil, já tinha conquistado a sua independência, ou seja, por isso perdeu muita coisa e, por isso, muita gente foi sacrificada. Mas, naquele tempo, a elite daquela época era tão perversa que não deixavam os negros e os índios participarem da Revolução. Por quê? Porque eles tinham medo que depois que os índios e os negros ajudassem eles a derrotar os portugueses, os índios e os negros iriam se revoltar contra eles e que iriam fazer uma segunda revolução. Aqui na Bahia, não. Aqui, na Bahia, já participaram os negros, já participaram os índios.

Então, essas pessoas, Wagner, que às vezes ficam buzinando, gritando, às vezes apitando, no nosso tempo era mais fácil fazer sindicalismo, que quando a gente queria ser ouvido pelo governo, a gente colocava 20 mil pessoas na rua, 30 mil, 40 mil, 50 mil, aí as pessoas ouviam a gente. Hoje, eles não conseguem mais fazer isso, então eles colocam um cara para buzinar, outro... Sabe, é assim.

Mas a gente, Wagner, tem que entender o seguinte: esses companheiros são exatamente o resultado e o ensinamento que foi dado para eles pelo Dois de Julho, aqui. A gente tem que ter em conta, Prefeito, Governador e companheiros, que esses companheiros, que por mais que eles reivindicuem, por mais que eles peçam, por mais que eles gritem, por mais que, às vezes, estejam chateados conosco, eles não são nenhum inimigo



nosso, eles são o nosso povo, o povo brasileiro que, possivelmente, num determinado momento, esteja pensando diferentemente do governo, como os revolucionários da Bahia pensaram um dia diferente da Coroa portuguesa.

Por isso, meus queridos companheiros, esse dia será, para mim, inesquecível. Eu sei que no dia 1º de janeiro eu tenho que passar a minha faixa para outra pessoa, mas eu tenho uma faixa agora, de reserva, que se eu... quando eu estiver com saúde, eu coloco a faixa. E se o Hotel da Bahia vai construir uma suíte presidencial, você pode bem orientar para o cara fazer uma menorzinha para um ex-presidente ter direito a uma suítezinha.

Um abraço. Que Deus nos abençoe. E obrigado a você, companheiro Wagner.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura do II Encontro Nacional da Agricultura Familiar
Feira de Santana-BA, 23 de julho de 2010**

Companheiros e companheiras da Fetraf-Brasil,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Meus queridos companheiros ministros, Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário, Marcio Fortes, das Cidades, e Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Nosso querido ex-prefeito, ex-governador e, hoje, senador da República, João Durval,

Companheiros parlamentares federais, estaduais;

Meu caro Tarcízio Pimenta, prefeito de Feira de Santana,

Nosso querido Arcebispo de Feira de Santana, Dom Itamar Vian,

Minha querida companheira e eterna companheira, Elisângela Araújo, coordenadora-geral da Fetraf, por meio de quem quero cumprimentar todos os companheiros da coordenação da Fetraf,

Nosso companheiro Rolf, presidente do Incra. Eu nunca falo o sobrenome dele, porque nunca aprendi a falar o sobrenome dele,

Meus companheiros secretários de estado, secretários das prefeituras,

Companheiros e companheiras delegados deste segundo encontro da Fetraf,

Agentes de saúde aqui presentes,

Eu tenho, eu tenho um discurso escrito, mas eu fico pensando em uma coisa, Elisângela, que eu disse quando eu participei do primeiro Encontro Nacional da Agricultura Familiar, em 2004. Naquele dia, eu afirmei que a única



coisa que eu não queria perder no final do meu mandato era o direito de encontrar vocês, olhar de cabeça erguida e dizer para vocês: eu não sou mais Presidente, mas continuo com os meus amigos de sempre, lutando para que o país continue melhorando. Seis anos, seis anos depois que eu disse isso, eu estou aqui participando mais uma vez de um encontro organizado pela Fetraf-Brasil, organizando e ajudando a agricultura familiar.

Então, eu tenho a consciência tranquila, Elisângela, de que o trabalho que vocês fizeram para chegar até onde vocês chegaram é um trabalho heroico, porque eu conhecia a Fetraf apenas no estado do Rio Grande do Sul, mais forte ali, naquela região de Erechim, depois eu conheci a Fetraf em Santa Catarina em uma Caravana da Cidadania que eu fiz, e nessa caravana eu conheci os companheiros da Fetraf também do estado do Paraná e só. Um pedaço do Paraná, não era nem todo o estado. Então a Fetraf era mais ou menos como o Pronaf. O Pronaf também nesse tempo só saía para alguns estados onde os trabalhadores estavam mais organizados. Então, quando o governo anunciava o Pronaf, 80% do Pronaf eram emprestados no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Nem São Paulo pegava, porque não tinha muita organização.

Então eu hoje chego aqui para participar do encontro organizado pela Fetraf e consigo ver a cara, ver o rosto de gente de 19 estados deste país. Eu queria dizer que vocês possivelmente tenham crescido tão rápido quanto a CUT e tenham crescido tão rápido quanto o PT, porque também não foi fácil organizar um partido neste país, eu sei o que eu passei.

Pois bem, então, Elisângela, eu estou orgulhoso, e não posso deixar de começar o meu discurso dando os parabéns a todos os companheiros filiados à Fetraf-Brasil, à direção da Fetraf e, sobretudo, à coragem da Fetraf de colocar uma mulher nordestina na direção da Fetraf.

Portanto, eu quero te dizer da minha alegria. E é o seguinte, Elisângela, pode chorar sem vergonha, porque nesses dias eu fui uma entrevista e daqui a



pouco eu comecei a chorar e eu não tenho vergonha de chorar. Feliz deste país no dia que os governantes chorarem diante da emoção das coisas e da relação com seu povo.

Bem, eu queria, eu queria largar o meu discurso aqui para poder ter uma conversa de companheiro e [para] companheiro com vocês. Eu, querida Elisângela, daqui a cinco meses, daqui a cinco meses e alguns dias, eu não estarei mais na Presidência da República do Brasil, e vou sair da Presidência deste país com a convicção de que nós fizemos muito, mas também com a certeza de que falta muita para ser feito neste país. Afinal de contas, são 500 anos, 500 anos em que o povo pobre deste país era esquecido e os governantes governavam apenas para uma pequena parcela da sociedade. Eu saio com a convicção de que foram vocês os responsáveis pelos acertos das coisas que nós fizemos.

Eu aprendi na vida sindical de que um bom dirigente precisa aprender a ouvir, porque ele só vai conseguir fazer as coisas certas, se ele tiver a capacidade de ouvir mais do que falar. Ele precisa aprender a ouvir a reclamação do povo, e eu queria dizer aos companheiros da Fetraf, aos companheiros da agricultura familiar, aos companheiros do BNB que estão aqui, que há dois meses, nós fomos a Fortaleza na comemoração do aniversário de um programa do BNB chamado Agroamigo. E lá, naquele dia, eu pude perceber o que era o milagre da multiplicação dos pães. Eu pude perceber, porque lá eu fiquei sabendo que em 2002, em 2002, o BNB só tinha emprestado R\$ 262 milhões e tinha 37% de inadimplência. Em 2009, o BNB emprestou R\$ 22 bilhões e só tinha 3,3% de inadimplência. O que é mais importante é que R\$ 1,3 bilhão foi emprestado para 1 milhão de pequenos produtores do Nordeste brasileiro, e que este dinheiro... vejam o que é a multiplicação dos pães, vejam o que é a multiplicação dos pães: nós conseguimos com R\$ 1,3 bilhão emprestar dinheiro para 1 milhão de pessoas. Significa 1 milhão de pessoas fazendo negócios. E o que é mais importante é



que eu descobri outra coisa que a minha mãe já me dizia: que o pobre paga porque o pobre só tem como patrimônio o seu nome e a sua cara, e o pobre não gosta de estar devendo, o pobre não gosta de ir para o Serasa, para o SPC. E a gente acha que a Caixa Econômica também fez isso, que o Banco do Brasil também fez isso. O Guilherme e a Elisângela participaram de reuniões comigo...o Dulci, Wagner, com o Banco do Brasil. Chegou um dia, eu perguntei para um funcionário do Banco do Brasil: me explica aqui, meu companheiro, me explique por que no empréstimo para o pequeno agricultor tem tanta letra e tanto nome diferente? Eram duas folhas: Pronaf A, Pronaf B, Pronaf C, Pronaf D, Pronaf F mais B, Pronaf tal, Pronaf tal. Eu falei: o coitado de um trabalhador, que foi para escola e estudou apenas o tanto que eu estudei vai pegar esse papel do Banco do Brasil e não vai entender nada!

Bom, ô, Guilherme, simplificaram ou não? Simplificaram, porque eu falei: vamos gente, vamos diminuir, vamos diminuir as letras, baixar os juros e aumentar o dinheiro. Bem, então, essas coisas, é importante vocês saberem: quando eu assumi o governo, em 2003, o Brasil inteiro - do Oiapoque ao Chuí, de Natal a Assis Brasil, no Acre - o Brasil inteiro só tinha R\$ 380 bilhões de crédito disponibilizado, R\$ 380 bilhões. Hoje, meu querido Hereda, o Brasil dispõem de R\$ 1,5 trilhão de crédito neste país.

Já que o Hereda está aqui e é vice-presidente da Caixa, a Caixa Econômica, em 2004, tinha 77 bilhões de crédito, agora tem 281 bilhões de crédito. Só para vocês terem ideia, a Caixa Econômica, nesses seis meses agora, já disponibilizou mais crédito do que em todo o ano passado. Significa, meus companheiros, que nós aprendemos e aprendemos rápido. Nós saímos de 2,4 bilhões do Pronaf para 16 bilhões este ano. E eu tenho dito aos companheiros dirigentes sindicais: muita gente do Nordeste ainda não vai ao Pronaf porque ele não sabe. Então, é importante que os prefeitos, é importante que a Secretaria da Agricultura do estado, é importante que os sindicatos, é importante que as igrejas, é importante que todos nós digamos ao povo deste



país que se ele quiser crédito, sobretudo na agricultura, ele vai ter crédito porque não faltará dinheiro para ajudar o pequeno a ficar um pouco maior, ao pequeno produzir o alimento que nós comemos. Então, é importante que os sindicatos também ajudem e digam, coloquem gente especializada para educar as pessoas [sobre] como ir ao banco pedir o dinheiro; não precisa mais colocar sapato, não precisa mais estar de terno e gravata, pode ir como eu estou, como vocês estão. Porque antigamente era mais fácil emprestar 1 bilhão para um que entrava lá com um charutão do que emprestar um tostão para um que andava de sandálias, de alpargatas, como a gente fala. Isso mudou e precisa mudar muito mais, muito mais.

Vocês sabem, companheiros e companheiras, que, em 2005, nós resolvemos criar um programa chamado um programa Luz para Todos. Resolvemos criar o programa Luz para Todos. O IBGE tinha divulgado uma pesquisa e tinha dito que, no Brasil, tinha dois milhões de casas, a maioria no campo, sem energia elétrica. Nós resolvemos, então, fazer o programa Luz para Todos, e começamos a trabalhar e começamos a dizer que era para comprar poste no estado, que era para contratar trabalhador no estado, que era para produzir as coisas no estado.

Wagner, eu vou te dar um número que você vai cair de costas, ali. Nós, no programa Luz para Todos, já utilizamos um milhão e cem mil quilômetros de fio. Ora, um milhão e cem mil quilômetros de fio dá para enrolar o planeta Terra mais de 27 vezes. Quando eu deixar a Presidência e não tiver o que fazer, eu vou pegar um foguete e vou lá enrolar os nossos cabos.

Pois bem, nós já utilizamos seis milhões de postes e já utilizamos 860 mil transformadores no programa Luz para Todos, levamos energia elétrica já... Quando nós terminamos os dois milhões que o IBGE dizia que tinha, descobrimos mais um milhão. E agora já fizemos mais 400, já estamos com dois milhões e 400 mil casas por este mundo afora, que nós tiramos as



peças do século XVIII e trouxemos as peças para o século XXI, apagando cada vela e colocando a luz elétrica na casa das pessoas.

Eu não sei se o Wagner se lembra de uma cidade que nós fomos lá inaugurar o Luz para Todos. Eu não lembro o nome da cidade. Santo... Santo Estêvão. Mas aí nós chegamos lá sete horas da noite, estavam lá as mulheres, duas mulheres... Acho que tinham duas mães solteiras, três crianças, uma lata de refrigerante com um pavio aceso, e as crianças sentadas em volta de uma mesinha. Primeiro, aquela fumaça do querosene saindo daquele pavio, no nariz da criança; segundo, as crianças não conseguiam nem ler. Aí eu peguei o dedo da mãe, levei do lado de fora da casa e apertei, com o dedo dela, a tomada que acendeu a luz. Ela não acreditava no que ela estava vendo. Não acreditava.

A minha tia, lá em Pernambuco, em Garanhuns, em Caetés, quando Miguel Arraes colocou uma luz de 60 velas na cozinha da minha tia e acendeu, ela saiu correndo, porque ela ficou areada. Era tanta claridade que ela saiu correndo da cozinha. Agora, o que acontece quando chega a luz na casa do povo? O que acontece? Logo chega a luz, depois vem uma geladeira, depois vem o fogão, depois vem o moinhozinho, uma casa de farinha, depois o liquidificador, aí, depois, uma cervejinha gelada na geladeira, que ninguém é de ferro. Ninguém é de ferro. Aí as mulheres não veem mais a sua comida estragar, pode tomar uma aguinha gelada, pode tomar uma aguinha gelada. Aí já vem uma televisão, para ver a cara do Presidente, e vê muita gente falando mal do Presidente na televisão. E aí o progresso vem se desenvolvendo e todo mundo vai ficando melhor.

Eu, quando esse moço aqui me propôs o programa Mais Alimentos, era um programa... 2007? 2007, quando teve a crise de alimentos. Aí teve a crise de alimentos, nós fizemos uma reunião e nós discutimos: nós vamos enfrentar essa crise de alimento produzindo mais alimento e ajudando mais a agricultura familiar. Aí decidimos fazer o programa Mais Alimentos, financiar trator e



financiar equipamentos agrícolas, dez anos para pagar, três anos de carência e 2% de juros ao ano. Aqui é zero, porque o Governador é porreta. Então, aqui é zero. Então, aqui é zero. Pois bem, isso é que salvou a indústria de trator nesse país, porque já vendeu 26 mil tratores. Tenta (incompreensível) É que nem leilão aqui: eu falo um número, ele já fala “é mais”. Mas 26 mil foi a reunião que nós tivemos com a indústria automobilística. Já está a 30 mil, e eu quero que chegue a 50, que esse negócio de trabalhador andar de arado acabou. É preciso... Esse negócio de ficar empurrando um burro não dá certo, não. É melhor sentar em um tratorzinho, ligar o botãozinho e colocar as máquinas certas e tratar da terra e produzir mais, e colocar semente e colocar mais comida na mesa do Presidente, na mesa do Governador, na mesa de todo mundo e, sobretudo, na mesa dos mais pobres. Isso que eu acho extraordinário. O que eu acho fantástico é que nós aprendemos que nós somos importantes. O que eu acho extraordinário é aquilo que o Obama dizia que era um lema dos americanos: “Sim, nós podemos, nós podemos, nós podemos”. Ninguém pode mais do que nós. Ninguém pode mais do que nós. Porque um país que tem um povo como vocês, que elege um presidente da República que só tem de estudo o quarto ano primário, é um povo porreta demais, é um povo de muita fé, é um povo de muita crença, porque vocês apostaram em um capiau como vocês. Ou seja, quando vocês votaram em mim, vocês não estavam dizendo: “esse cara é bom”, vocês estavam dizendo: “nós podemos ter um Presidente da República igual a nós, que fale igual a nós, que pense igual a nós e que governe para nós”. Este é o legado e o ensinamento que vocês me deixaram. É a gente provar que cada um que está aqui pode chegar onde eu cheguei. Cada um que está aqui, aquela mulher ali, a mulher negra, de que cidade que ela é prefeita? De Governador Mangabeira. Aquela mulher era empregada doméstica. Ela derrotou o filho do patrão dela. Imagina a evolução que a gente está tendo neste país. Nós aprendemos a não ter medo de nós. Nós aprendemos que nós não somos de segunda categoria, que nós não



somos vira-latas, nós aprendemos que nós só queremos oportunidade. Na hora em que a gente dá [tem] oportunidade, a gente sabe fazer, a gente sabe trabalhar, e a gente sabe sustentar a nossa família com dignidade.

É por isso, meus companheiros e companheiras, que eu estou orgulhoso, orgulhoso de saber que este país quebrou, quebrou três... Antes de eu chegar à Presidência, este país quebrou na crise russa, este país quebrou na crise do México, este país quebrou na crise da Malásia. Quando veio a crise americana, a maior que já veio no mundo, que eu disse que era uma marolinha, os especialistas diziam: “O Lula está dizendo que é uma marolinha, ele não sabe o que fala. A crise vai acabar com o mundo”. Vocês estão lembrados? “O povo não está comprando nada porque o povo está com medo de perder o emprego.” No dia 22 de dezembro de 2008, eu fui para a televisão fazer um pedido ao povo brasileiro. Estão lembrados do que eu disse? “Se vocês não querem comprar porque estão com medo de fazer dívida e perder o emprego e não poderem pagar sua dívida, vocês vão perder o emprego exatamente se vocês não compararem. Então, com muita responsabilidade, comprem aquilo que vocês precisam, façam a dívida possível de ser paga, mas comprem”. Pois bem, o Brasil foi o último país a entrar na crise e o primeiro país a sair da crise. Enquanto na Europa e nos Estados Unidos – entre 2008 e 2009 –, 16 milhões de trabalhadores perderam seus postos de trabalho, este ano, até junho, nós já criamos 1 milhão 470 mil novos empregos neste país. E vou terminar o mandato, se Deus quiser, criando mais de 14,5 milhões de empregos novos com carteira profissional assinada.

Pois bem, aqui deve ter muita gente, aqui também, que passou 20 anos da vida deles, que não tinha outra coisa para fazer da vida a não ser carregar cartaz: “Fora FMI, Fora FMI”. Pois bem, pois bem, a gente vivia sufocado com aquele casal do FMI que descia no aeroporto de Brasília para dizer o que os ministros tinham que fazer. Eu, com dois anos de governo, chamei os bichinhos aqui e falei: olhe, eu gosto muito de vocês, mas eu queria dar o dinheiro de



vocês e quero encontrar vocês só para tomar uma cervejinha. Não quero mais negócio com vocês. E pagamos o FMI, devolvemos. Hoje, quem deve para nós é o FMI, que nós emprestamos US\$ 14 bilhões para o FMI. Qualquer dia eu estou mandando uma delegação fiscalizar o FMI, porque agora nós mudamos o jogo.

Então, companheiros e companheiras, vocês nos ajudaram. Quando eu cheguei ao governo, diziam assim para mim: “Ô, Lula, não dá para aumentar o salário mínimo!”. Muitos economistas diziam: “Não dá para aumentar o salário mínimo porque vai ter inflação, Lula!”. Cadê a inflação? E nós já aumentamos o salário mínimo em 74%, e as pessoas diziam: “Vai quebrar a Previdência!”. Não vai quebrar a Previdência, é melhor a Previdência ter uma dívida do que ter um cidadão morrendo de fome neste país ou uma figura doente porque não comeu as calorias e as proteínas necessárias.

Portanto, companheiros e companheiras, eu quero te agradecer, Elisângela, do fundo do coração, por ter me convidado para este segundo encontro da Fetraf. Agradecer, dizer para vocês que eu sei que no dia que eu não tiver mais governando o país eu vou continuar andando pelo Brasil e eu sei que eu estarei governando o país pela cabeça de vocês, estarei trabalhando pelas pernas de vocês e vou continuar viajando este país, vou continuar a fazer caravana neste país. Quero passar o que nós aprendemos aqui com vocês para o continente africano, porque nós devemos muito para a África e nós temos que ajudar o continente africano a se desenvolver. Quero ajudar a América Latina, sobretudo os países, porque a experiência acumulada de política social que nós fizemos neste país, quando eu digo “nós”, não sou eu não, nós significa vocês e nós, fizemos juntos. Eu quero levar os ensinamentos que eu aprendi para outras pessoas mais carentes do que a gente, mais pobres do que a gente.

Por isso, meus companheiros e companheiras, do fundo do coração, eu sei que este vai ser... vocês não vão ter mais um encontro este ano, este é o



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

último, então, eu quero me despedir da Elisângela como presidente da República, mas certamente ela vai contar comigo até o dia 31 de dezembro, e depois de dezembro, eu vou ter o prazer de chamá-la de companheira e vou ficar muito orgulhoso se ela continuar me chamando de companheiro.

Um abraço, que Deus abençoe todos vocês e viva a Fetraf-Brasil!

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do Conjunto Residencial Conceição Ville – Programa Minha Casa, Minha Vida – e assinatura de termo de cooperação e parceria

Feira de Santana-BA, 23 de julho de 2010

Bem, é importante vocês todos saberem que me parece que já foi escolhido o novo técnico da Seleção Brasileira e é o Muricy, o técnico do Fluminense, que foi escolhido – bem escolhido, aliás. Não seria bom se fosse o Mano Menezes, porque ia tirar do meu Corinthians e não ficava bem.

Bem, eu vou ser bastante rápido aqui, porque eu ainda tenho que ir a Garanhuns hoje e tenho que chegar lá antes da chuva, porque está chovendo muito lá.

Eu queria cumprimentar o meu ministro Marcio Fortes, o Guilherme Cassel, Hereda, Guilherme Cassel,

Queria cumprimentar o companheiro Dulci,

Queria cumprimentar o companheiro Tarcízio Pimenta, prefeito de Feira de Santana,

Queria cumprimentar o companheiro Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica Federal,

Queria cumprimentar os vereadores aqui presentes – Obrigado pelo título de Cidadão Feirense,

Queria cumprimentar os secretários das cidades, os secretários municipais, os secretários estaduais que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar os deputados estaduais,

Quero cumprimentar o nosso querido Antônio Carlos Passos, presidente da Câmara de vereadores, que me entregou o título,



Quero cumprimentar o Roberto Carvalho, diretor-presidente da construtora R. Carvalho, e quero cumprimentar o senhor Rubens Carvalho, presidente honorário da construtora R. Carvalho,

Quero cumprimentar a senhora, nossa querida Justa Gonzaga, da União Nacional de [por] Moradia Popular de Feira de Santana,

Quero cumprimentar o companheiro Jader Dourado, do Movimento de Luta nos Bairros de Feira de Santana,

E, por último, quero cumprimentar minha querida Ana Maria de Jesus e meus queridos Graciene Moreira Carvalho e José Márcio Costa Almeida, por meio dos quais cumprimento todos que vão receber a sua casa aqui, nesse lugar chique.

Eu tenho um nome aqui, que eu nunca morei em um lugar tão chique... Eu estou querendo ver... Residencial Conceição Ville. Chiquérrimo... Ville.

Olhe, vou... A primeira vez que eu passei em Feira de Santana foi em dezembro de 1952, eu tinha sete anos de idade, estava saindo de Garanhuns para ir para São Paulo e obrigatoriamente o pau-de-arara passava em Feira de Santana. Então, nem vocês tinham nascido, nem o Prefeito tinha nascido, e eu já estava passando em Feira de Santana. Só o nosso diretor honorário aqui é que já tinha nascido.

Depois, eu voltei a Feira de Santana em 1979, em um ato de desagravo ao nosso querido companheiro, já falecido, Chico Pinto, nosso companheiro Chico Pinto, eu não esqueço nunca. E, aí, o meu presidente honorário estava lá. Eu não esqueço nunca o Chico Pinto, com aquele boné na cabeça, com uma piteira, segurando a piteira e falando, de vez em quando dava uma baforada e falava. Deixou saudade na política brasileira. E, depois eu vim outras vezes aqui, na caravana...

E queria, Prefeito, começar falando consigo. Eu, daqui a cinco meses e poucos dias, não serei mais presidente do Brasil. Durante oito anos, eu



encontrei com quase todos os prefeitos do Brasil, na Marcha dos Prefeitos. Eu saio da Presidência com a minha consciência tranquila de que se tiver um prefeito no Brasil, se tiver um prefeito no Brasil, de qualquer partido político, de qualquer religião, ou torcedor de qualquer time, que disser que um dia eu não o tratei bem porque ele não pertencia ao meu partido, a gente pode saber que ele está mentindo. Porque se fosse assim, eu não precisaria vir inaugurar casa em Feira de Santana, eu iria inaugurar casa numa cidade em que o prefeito fosse do meu partido.

Foi esse mau-caratismo da política brasileira, foi esse comportamento da elite política brasileira que levou este país a um atraso muito grande. Porque governador e presidente só tratava bem do seu, se o governador fosse de outro partido e o prefeito, ele não recebia nem pão com água.

Pois bem, pois bem, nós não fazemos isso, porque o meu problema não é com o prefeito, com o governador ou com o deputado. A política que nós fazemos é para o povo brasileiro e o povo do país. Por isso é que eu trato os prefeitos do DEM, os prefeitos do PSDB, os prefeitos do PCdoB, os prefeitos do PTB, iguais eu trato os prefeitos do PT. Aliás, tem prefeito do PT que acha que eu trato os outros melhor do que ele. Mas eu trato com respeito, porque a minha relação não é uma relação apenas institucional. A minha relação com esse povo é uma relação de vida, é uma relação de amor e uma relação de crença muito profunda.

Por isso, é com muito orgulho que eu estou, junto com o prefeito, entregando, aqui, 440 apartamentos. Vai ter um sorteio esta semana, a Caixa está dizendo; esses apartamentos que nós entregamos aqui, eu entrei em um, o apartamento é bonzinho. Eu queria lembrar a vocês que, em 1976, eu e Marisa compramos a nossa primeira casa, ela tinha 33 m², 30. E morava eu, Marisa e três moleques. E, quando vinha visita, que levantava um pé de noite, para pisar numa desgraçada de uma barata, a gente não conseguia colocar o pé no lugar, porque alguém já tinha colocado o pé ali, de tão pequena que era



a casa.

Então, o apartamento é de 40 m², 42. É um apartamentozinho de qualidade, eu entrei em um aí, é de qualidade. Eu acho que as pessoas que vão morar aí vão sentir orgulho. E queria dizer para vocês que nós aprendemos. O Programa Minha Casa, Minha Vida é 1 milhão de casas, 1 milhão. Nós precisamos estruturar o governo, as prefeituras, a Caixa Econômica Federal, as empresas, porque ninguém estava preparado para construir 1 milhão de casas neste país, ninguém estava preparado. Aí, nós começamos a cadastrar, já temos cadastrados 975 mil casas na Caixa Econômica, sendo analisados os projetos. E já contratamos 560 mil. Significa que, se eu estiver certo, neste ano nós vamos contratar 1 milhão de casas que nós anunciamos ao povo brasileiro.

Mas não vai parar por aí, não vai parar. Já lançamos o programa Minha Casa, Minha Vida número 2, que serão 2 milhões de casas, mais 2 milhões de casas. Os empresários podem tratar, podem tratar de comprar mais máquinas, podem tratar de contratar mais pedreiros, mais azulejistas, podem... encanador, eletricista... Porque, se os empresários deste país passaram 20 anos, quase todos quebrando, sem ter o que fazer, agora eles estão quebrando porque não conseguem fazer tudo o que a gente quer que eles façam.

Eu queria ponderar aos empresários duas coisas, Hereda e companheiro ministro Marcio, duas coisas: que, de preferência, quando as pessoas fossem contratar um conjunto habitacional, que a gente tentasse contratar para trabalharem as pessoas daquele bairro aonde vai ser construída a casa. Queria fazer uma ponderação, que a gente fizesse esse esforço, de a gente contratar as pessoas ou da cidade ou do bairro para trabalhar, porque às vezes o empresário grande traz muita gente de fora, e o pessoal da cidade fica desempregado. Então, essa é uma coisa ruim e eu gostaria de fazer essa ponderação para a Caixa Econômica Federal, para o Ministério das Cidades e para os empresários, que levassem isso em conta.



Outra coisa importante que eu queria que vocês soubessem: nós já fizemos, em alguns conjuntos habitacionais, nós já fizemos casa para cadeirante, casas especiais para as pessoas que andam em cadeiras de rodas. Agora, vocês viram que eu entreguei uma casa para um casal de jovens que são cegos, os dois, que eu entreguei, ele e a mulher não enxergam. Portanto, é outro apelo que eu faço ao meu companheiro Hereda, para ele falar com a Maria Fernanda, para falar com o superintendente da Caixa, para falar com os empresários, é que a gente crie um mecanismo, na hora em que a gente entregar uma casa para um cego, a gente facilitar a locomoção dele dentro da casa, ou com um piso diferente, ou com um corrimão, ou com alguma coisa, para que ele saiba, rapidinho, para que lado é o banheiro, que lado é a cozinha, que lado é a pia. Eu acho que isso não vai acrescentar nada, e a gente vai estar fazendo um favor muito grande às pessoas que são portadoras de deficiência visual, que deve ser uma coisa muito, muito difícil de sobreviver.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu queria dizer a vocês que não vai parar. Nós estamos privilegiando, nós estamos privilegiando as famílias de zero a três. E, agora, nós estamos privilegiando os estados que foram mais competentes e as cidades que foram mais competentes. Porque, antes, a gente tinha distribuído uma cota para cada estado, em função da população de cada estado. Só que tem governador que trabalhou muito e fez muito, e tem trabalhador [governador] que fez menos. Então, vocês viram o presidente da... o vice-presidente da Caixa dizer que na Bahia tem 42 mil casas de zero a três. E a Bahia andou tão bem que a Bahia será premiada com mais casas de zero a três, que é a população mais carente e que é a população que mais precisa.

E vocês vão começar a perceber que as próximas casas que a gente vai entregar vão melhorar um pouco mais: vão ter azulejo, vão ter cerâmica... Vai! Porque esse negócio de achar que pobre não gosta de coisa boa é invenção de rico, é invenção de rico. Pobre gosta de se vestir bem, de comer bem, de



beber bebida boa. Esse negócio, esse negócio que disseram: “Ah, porque pobre não gosta de uísque, gosta de cachaça”. Se tiver um bom uísque...

Então, nós... o Joãozinho Trinta, que é o carnavalesco da Beija-Flor, em [19]78, quando disseram que a Beija-Flor tinha muito luxo, e que custavam muito caro as fantasias da Beija-Flor, ele falou: “Quem gosta de miséria é intelectual, pobre gosta é de luxo”. E é verdade, é verdade.

Você sabe que, quando nós fomos discutir o Programa – o Hereda estava presente –, nós fomos discutir financiamento, a desoneração de material de construção. A gente queria desonerar para facilitar para a pessoa que já tinha a sua casinha fazer um puxadinho, não é? Porque todos nós somos assim. A minha casa que eu falei, de 33 metros, quando eu saí dela já estava, acho, que com 180, cada dinheirinho que eu juntava eu ia fazendo uma emenda, uma emenda, uma emenda, uma emenda... estava quase ocupando a rua inteira já. Mas vejam, então, nós fomos discutir desoneração de material da construção civil. Aí o cara vai lá, tijolo, vamos desonerar; telha, vamos desonerar; prego, vamos desonerar; barra de ferro, vamos desonerar. Aí eu falei: “Ô, gente, azulejo e cerâmica.”; “Ah, não, Presidente, não, Presidente!”. Isso dentro do meu gabinete: “Não, Presidente, cerâmica e azulejo é coisa para rico, pobre não usa isso não”. Eu falei: “Você é um besta que não conhece de pobre. Pobre, se puder, coloca azulejo até na cama para dormir, de tanto que ele gosta de azulejo!”

Esse negócio de achar... de achar que a gente não tem bom gosto, ó! Inventaram, inventaram muita coisa. Inventaram que a gente tem que passar muita fome na Terra para ir para o céu. Não é verdade. Quanto mais a gente estiver de bucho cheio mais vai rápido, se tiver que ir... Quando Ele chamar, não é isso? Inventaram que pobre não gosta de ir em... que mulher de pobre não gosta de salão de beleza. A primeira coisa que nasceu em muitas cidades, quando a gente começou a aumentar o salário-mínimo e o Bolsa Família, foi o instituto de beleza. Ô, gente, quem é que não gosta de estar bonito? Quem é



que não gosta de se olhar no espelho e falar “eu estou legal”. Se for homem vai dizer: “Eu vou sair e vou arrumar uma pretendente”; e a mulher, se estiver solteira, fala: “Eu vou... estou bonita, vou arrumar um pretendente”. Quem é que não gosta?

Então, essas casas estão caprichadas, vão melhorar mais, porque a gente vai... a gente aprendeu a fazer, a gente tem hoje uma compreensão, a Caixa sabe que tem que sortear essa casa logo, não é, companheiro? Essa semana tem que sortear essas casas, essa semana... para entregar as casas. São 400 apartamentos, entregar, para a gente pode começar a fazer mais 400, aí faz mais 400, mais 400, mais 400, até que todo mundo tenha a sua casinha.

Um abraço, que Deus abençoe a vocês, e parabéns ao povo de Feira de Santana!

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
lançamento nacional do Programa Um Computador por Aluno (Prouca)**

Caetés-PE, 23 de julho de 2010

A legislação eleitoral não permite que candidato participe de ato oficial do governo. Então, isso aqui é um ato institucional, oficial, do governo, e não pode participar nem candidato a deputado, nem candidato a senador, nem candidato a governador, nem candidato a presidente da República.

Companheiros... Queridos companheiros e companheiras, eu não sei se eu chamo de Vargem Comprida ou chamo de Caetés. Porque, quando eu saí daqui, no dia 13 de dezembro de 1952, a cidade se chamava Vargem Comprida, era subdistrito de Garanhuns. E, em 1962, quando eu saí daqui, dez anos depois, a cidade, ou melhor, Vargem Comprida virou cidade e eu só voltei aqui em 1979. Eu saí com sete anos, eu só voltei aqui 27 anos depois. Eu voltei aqui, já era Caetés.

Fiquei muito decepcionado, porque eu tinha a imagem do açude na frente da nossa casa, eu tinha uma imagem do açude que parecia o mar e, quando eu voltei, o açude era tão pequenininho que eu fiquei decepcionado. Tinha um pé de mulungu, tinha um pé de mulungu na frente da casa que a gente morava, e eu tinha a impressão de que o pé de mulungu fazia sombra para todos nós aqui. E, quando eu voltei, o pé de mulungu era bem pequenininho, eu também fiquei decepcionado. A única coisa que cresceu foi o coração do povo de Caetés, a cidade e o desenvolvimento.

Eu não vou falar, aqui, de computador, primeiro... por duas razões: já falou o ministro da Educação; depois que o ministro da Educação fala de educação, não precisa o Presidente repetir o que falou o ministro da Educação.

Eu quero dizer aos meus companheiros e companheiras aqui, de Caetés, quero dizer ao companheiro prefeito Aécio da minha profunda alegria



de voltar à minha terra natal e ver que a cidade está crescendo, ver que a cidade está se desenvolvendo, e poder entregar computador para os estudantes aqui de Caetés.

Vocês não sabem, mas computador virou uma paixão, sobretudo, entre as crianças e os adolescentes. Ou seja, não tem uma criança neste país que não queira um computador, não tem um adolescente neste país que não queira um computador.

Eu lembro que, quando nós discutimos, ainda em 2004, a criação de um programa para baratear o uso de computador e a compra de computador, a ideia nossa era criar um programa em que um companheiro pudesse entrar em uma loja e comprar um computador para pagar R\$ 50,00 por mês, R\$ 40,00 por mês, 30, 60, porque, até então, computador era coisa que só atendia à parte mais rica da população, os pobres não tinham dinheiro para comprar computador, neste país. O programa, o programa que nós criamos para baratear o computador foi uma revolução no Brasil, porque nós criamos crédito, financiávamos a loja e muita gente pobre, que só via computador pela televisão, pôde entrar em uma loja, comprar o computador e pagar R\$ 40,00 ou R\$ 50,00 por mês.

Mas ainda faltava uma coisa: o computador virou um instrumento muito importante para aumentar o aprendizado da sociedade brasileira e o aprendizado das nossas crianças. Eu confesso a vocês que durante muito tempo eu tive medo, e não é nenhuma vergonha um presidente falar que tinha medo, e vou dizer para as crianças por que eu tinha medo. Eu tinha medo porque eu ficava preocupado que cada um de vocês pegasse um computador, baixasse a cabeça no computador e ficasse só cada um no seu computador, sem conversar com o vizinho, e que a gente iria criar uma juventude que não conversava mais entre si porque todos estariam apenas olhando a telinha do seu computador.

Até que eu fui à cidade de Piraí, no Rio de Janeiro, que foi governada



pelo vice-governador do Rio de Janeiro, o companheiro Pezão, e foi a primeira cidade brasileira onde todas as crianças tiveram um computador dentro das escolas. As crianças desistiam de ir para a escola. Antes do computador, começavam o ano com 100 alunos na escola e terminava o ano com 70, porque 30% das crianças desistiam de estudar. Depois do computador, começa 100 e termina 100. As crianças, inclusive, levam para casa um computador, a crianças fazem um círculo e, entre elas, via computador, elas conversam. Eles aprendem muito mais. Eles têm informação, hoje, do que acontece no mundo inteiro, sobre qualquer matéria, coisa que a nossa geração não teve, e vai aumentar muito.

E eu queria pedir aos jornalistas de Pernambuco, sobretudo aqueles especialistas em educação, queria pedir aos secretários de Educação, que a gente medisse, que a gente medisse a qualidade da educação das crianças de Caetés até hoje e, daqui a um ano, ou um ano e meio, vocês venham aqui – mesmo eu não sendo Presidente, Prefeito, se for convidado, eu virei – para a gente ver como é que evoluiu a educação das crianças neste país.

Na verdade, nós estamos fazendo um plano piloto, ou seja, nós estamos distribuindo 150 mil computadores para 300 escolas... para 300 cidades [escolas] no Brasil. Quero dizer que, quando esse moço aqui foi me comunicar que ia entregar os computadores, ele foi citando cidade, foi citando cidade e foi citando cidade, e foi citando cidade e quando terminou de citar eu perguntei: “E Caetés? E Caetés?” Aí ele falou: “É, mas tem um monte de gente, dos secretários municipais que estão (falha no áudio) critério não sei das quantas...” Aí eu falei: “Olha, não tem problema nenhum. Se alguém perguntar para você qual é o critério em que entrou Caetés, diga que foi o ‘critério Lula’, o critério do Lula querer trazer o computador para a cidade em que eu nasci, para que essas crianças tenham mil vezes mais oportunidades do que eu tive quando eu tinha a idade deles”.

Portanto, eu falei para o nosso Ministro, e falei para o César Alvarez:



“Não adianta a gente dar computador aqui apenas para as crianças que estudam nas escolas urbanas. É preciso saber que aqueles que estão a meia hora da cidade, lá no meio do mato, trabalhando, estudando lá têm direito a um computadorzinho igualzinho a esse que essas crianças urbanas receberam. E tem jeito para fazer e vamos fazer”. Podem ficar certos, podem ficar certos de que eu não deixarei a presidência da República sem que a gente tenha entregue os computadores aqui, na zona rural de Caetés, aqui. Significa que, até dia 31 de dezembro, nós vamos ter que entregar os computadores para as crianças da área rural aqui, de Caetés.

A ideia, na verdade, a ideia, a ideia vem sendo trabalhada há alguns anos. Nós estamos trabalhando com a possibilidade de que, primeiro, a gente tenha internet banda larga em todas as escolas públicas deste país e em todas as cidades deste país. A ideia é que a gente, dentro de mais alguns anos, tenha um computador para cada criança neste país. É como um livro, é como uma caneta, ele tenha aquele material como um instrumento de aprendizado no primeiro grau, no segundo grau e no terceiro grau. As crianças vão evoluir com muito mais rapidez. É importante que as mães tomem cuidado apenas para que as crianças não queiram ficar noite e dia no computador, não queiram mais dormir e queiram ficar horas e horas e horas só viajando, só ali, me assistindo falar: “Olha aqui, falando”.

Então, eu... Nós estamos aqui nos vendo no computador, ali, olha. Então, eu queria, companheiros, dizer para vocês que eu não poderia deixar de fazer esse benefício para Caetés. Porque é uma cidade pequena, é uma cidade ainda pobre, e é uma cidade que está se desenvolvendo na medida em que Pernambuco vai se desenvolvendo.

Eu estou convencido de que o Brasil está em uma situação muito melhor do que já esteve a qualquer outro momento da nossa história. O nosso país, neste ano, vai crescer bem; a crise americana não mexeu conosco; vou terminar o meu mandato criando 14,5 milhões de empregos com carteira



profissional assinada. Já sou... Veja o que é o destino: eu sou o único presidente da República do Brasil que não tive a oportunidade de ter um diploma universitário. Nem eu nem o meu vice, o Zé Alencar. O Zé Alencar era empresário e eu fui sindicalista.

E quando eu falo isso, eu não falo para que alguma criança fale: “Ah, o Lula não estudou e chegou a Presidente, por que eu vou estudar?” Não falo isso. Eu quero que toda criança estude muito mais do que eu pude estudar, muito mais. E que todos possam ter um diploma universitário, que todos possam ter um diploma universitário, que todos possam ter um diploma técnico. Mas vejam a coincidência: embora eu seja o único presidente sem diploma universitário, eu já sou o presidente que mais fez universidades no Brasil. É até uma coisa... Obviamente que com a ajuda deste extraordinário companheiro, Fernando Haddad, ministro da Educação.

Vejam que coisa, que coisa... como serve de lição para a gente. Durante 100 anos... A primeira escola técnica brasileira foi construída em 1909, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, pelo presidente Epitácio Pessoa. Desde a primeira, em 1909, até 2003 – quase 93 anos –, foram construídas 140 escolas técnicas no Brasil, em 100 anos. Em oito anos, nós vamos entregar 214 escolas técnicas neste país. Ou seja, em oito anos, esse moço e a equipe dele, no meu governo, em oito anos, a gente fez uma vez e meia mais do que tudo o que foi feito em 100 anos neste país, de escolas técnicas.

Este companheiro aqui me deu a ideia do ProUni. O ProUni foi um jeito que nós inventamos, enquanto a gente não construía as universidades federais, a gente precisava colocar criança pobre, da periferia, na universidade. Então, fizemos um convênio com as universidades particulares. Algumas já não pagavam imposto, então a gente não perdeu nada, na verdade. Então, nós fizemos uma isenção de impostos e trocamos o equivalente ao imposto por uma bolsa de estudo. Hoje, já tem 706 mil jovens da periferia deste país, estudantes de escola pública, fazendo universidade pelo ProUni.



Na semana passada eu vivi um dos momentos mais extraordinários que um ser humano pode viver. Eu fui, junto com este moço e junto com o ministro da Saúde, nós fomos fazer uma reunião com os primeiros quatrocentos e poucos jovens que se formaram em Medicina pelo ProUni. Um curso de Medicina custa quase R\$ 5 mil por mês. A coisa mais difícil é uma criança de família de classe média baixa poder fazer um curso de Medicina, a não ser que ele passe no vestibular de uma universidade pública. Acontece que todo mundo, e muita gente, quer ser médico. Então, para uma vaga, às vezes aparecem duas mil, três mil, quatro mil pessoas para uma vaga. Aí, o vestibular é muito mais complicado, é muito mais concorrido, e a criança pobre não pode e tem que fazer na escola particular, e aí não pode pagar. E quando eu vi aquelas crianças da periferia deste país, que se a gente não tivesse criado o ProUni jamais entrariam na universidade, se formarem em médicos, eu disse: “Ó meu Deus, eu, agora, posso morrer, porque valeu a pena ser presidente deste país”.

Bem, na educação, nós ainda estamos trabalhando para que todas as escolas tenham um laboratório de informática. Nós queremos que cada criança neste país, cada criança, pode ser um filho ou a filha da pessoa mais pobre do mundo, essa criança tem o direito de ter um computador para estudar e de ter um laboratório de informática na sua escola.

Porque o Brasil é um grande exportador de minério de ferro; o Brasil é exportador da bauxita, que faz o alumínio; o Brasil é o maior exportador de suco de laranja do mundo; o Brasil é o maior exportador de café do mundo, o Brasil é o terceiro exportador de grãos do mundo; o Brasil é o terceiro exportador de aviões do mundo. O Brasil virou um país grande. Mas, agora, nós não precisamos exportar apenas minério de ferro, ou soja, ou alumínio. Não. Nós queremos exportar conhecimento e inteligência. Não adianta a gente vender uma tonelada de ferro, uma tonelada de minério de ferro por US\$ 100 e, depois, comprar um *chip* desse tamanho por US\$ 1.000. Não, nós queremos



é começar a produzir o *chip*, para gente poder fazer este país virar grande, virar rico, e o povo viver com dignidade neste país.

É por isso que eu quero dizer para vocês que este país nunca mais voltará a ser o mesmo. Este país, este país nunca mais, nunca mais um presidente da República terá que se humilhar diante do FMI. Nunca mais este país vai se humilhar diante de outro país porque é maior do que o nosso. Não, nós aprendemos a ter autoestima, nós aprendemos a gostar de nós mesmos e nós aprendemos no discurso daquela menina Raquel, de que basta a gente querer perseverar e lutar que não tem nada que seja impossível para um ser humano e, sobretudo, para um pernambucano e, sobretudo, um pernambucano de Caetés – pernambucano e pernambucana.

Por isso, meus queridos companheiros, eu quero, do fundo do coração... Eu ainda vou agora ter uma reunião com os prefeitos de todo o estado de Pernambuco, com o Governador – aí já não é coisa mais institucional – e depois eu vou participar, pela primeira vez, do Festival de Inverno.

Vocês estão brincando? Quando eu ganhei, quando eu ganhei as... quando a gente foi lá para Copenhague, que nós ganhamos as Olimpíadas, eu disse para os companheiros: “Se o Brasil continuar assim e Garanhuns continuar com frio, daqui a pouco a gente está reivindicando uma Olimpíada de Inverno para Garanhuns, daqui a pouco”.

Agora, esse Prefeito, se tivesse feito ontem o discurso que ele fez hoje, me indicando para técnico da Seleção Brasileira, quem sabe o Ricardo Teixeira, em vez de ter escolhido o Murici, hoje, teria me escolhido? E, em 2014, a gente não deixava ninguém levar o caneco aqui de jeito nenhum, de jeito nenhum. Nós cercávamos ali o campo... Principalmente os times que jogarem aqui em Pernambuco.

Então, gente, olha, do fundo do coração, eu quero, mais uma vez, agradecer a cada mulher, a cada homem. Quero dizer para vocês que eu fico muito orgulhoso de ver a alegria dessas crianças com esse computador, muito



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

feliz, quero agradecer às diretoras das escolas, às coordenadoras do programa. E quero, sobretudo, agradecer a vocês por, mais uma vez, me tratarem com o carinho que vocês me tratam.

Um grande abraço, um grande beijo e até outro dia, se Deus quiser. E vamos pedir para as crianças estudarem muito a partir de agora. Um abraço, gente.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do 4º Fórum Empresarial Brasil-União Europeia

Palácio Itamaraty, 14 de julho de 2010

Bem, primeiro, cumprimentar o senhor Herman van Rompuy, presidente do Conselho Europeu,

Nosso querido companheiro José Manuel Durão Barroso, presidente da Comissão Europeia,

Cumprimentando o companheiro Celso Amorim, estarei cumprimentando todos os companheiros ministros brasileiros que estão aqui,

Cumprimentando os membros, homens e mulheres das delegações européias,

Cumprimentar o Carlos Mariani Bittencourt, copresidente do 4º Encontro Empresarial Brasil-União Europeia, por meio de quem cumprimento os empresários brasileiros e europeus aqui presentes,

Cumprimentar os companheiros da imprensa,

Cumprimentar os nossos companheiros diplomatas que estão aqui, razão pelo sucesso do Celso Amorim,

Cumprimentar... lá cumprimentar pessoalmente o Norton, pela organização, mas, Durão Barroso, você sabe que nesses 80 anos de existência de Copa do Mundo, nove Copas são do Mercosul e nove Copas, da Europa, da União Europeia. Ou seja, mais precisamente quatro da Itália, três da Alemanha, uma da Inglaterra e uma da Espanha. E a França uma. É que a gente esquece porque a França ganha em um ano e no outro ela cai fora no começo.

Bem, então, a União Europeia tem uma a mais que nós, tem uma a mais do que nós, Celso. Estamos devendo essa, que vai ser o desempate em 2014, quando será realizada aqui, então, no Brasil.



Mas eu queria dizer para os empresários que eu sinceramente não vou fazer o meu discurso. O meu discurso tem 29 páginas, fala muitas das coisas que aqui já falaram os nossos companheiros da União Europeia, certamente vai repetir coisas que o Mariani falou, certamente vai repetir muitas coisas que os empresários falaram na hora em que nós estávamos discutindo entre os ministros, e eu vou tentar ser breve.

Eu só queria que vocês me alertassem, porque toda vez que eu falo que vou ser breve, e falo de improviso, eu falo mais do que se tivesse lido o meu discurso, mas vou tentar. Celso, faça alguma coisa, assim, um negócio qualquer.

Olha, eu penso que a primeira coisa que nós temos que enaltecer é a qualidade da parceria estratégica entre União Europeia e Brasil. E antes da parceria estratégica entre União Europeia e Brasil, a relação entre Brasil e Europa. Ou seja, eu comecei a minha vida política tendo relações com os europeus, seja brigando com os empresários europeus em São Bernardo do Campo, em Diadema, onde eu era presidente do Sindicato, seja indo negociar com os dirigentes sindicais europeus na Europa, seja em Portugal, seja na França, na Inglaterra, na Alemanha, depois na Suécia, na Holanda, na Finlândia, antes de ser Presidente eu já conhecia tudo isso, negociando acordos sindicais. Então, nós temos uma imensa noção da importância do significado do investimento, do capital europeu, no nosso país, no Mercosul e, sobretudo, no Brasil.

O que há de mudança concreta? Há duas mudanças que nós precisamos ter visíveis, ou seja, com a queda do Muro de Berlim, a União Europeia, a parte rica da União Europeia teve que adotar a parte pobre da União Europeia. E obviamente que essa parte pobre da União Europeia, em vários momentos, disputa com o Brasil e disputa com outros países a partilha das possibilidades de investimentos que tem a União Europeia, e nós constatamos e aceitamos isso como um fato natural, da mesma forma que é



uma coisa nova. A gente não tinha noção, em 1973, quando Nixon resolveu estabelecer que a China seria um parceiro preferencial, que a China ia chegar a 2010 com a potência, com a capacidade produtiva, com a capacidade de crescimento e, sobretudo, com a capacidade de reserva que a China chegou a 2010. E, também, muita gente não acreditava que o Brasil pudesse chegar a 2010 na situação em que se encontra o Brasil.

Eu vou dizer isso porque eu estou vendo aqui muitos brasileiros, estou vendo muita gente da imprensa brasileira, estou vendo muita gente do próprio governo, e a verdade é que muitos de nós não acreditávamos que o Brasil chegasse aonde chegou. Se a gente pudesse fazer uma retrospectiva, o que alguns de nós pensávamos há dez anos, não se tinha noção de que o Brasil pudesse chegar aonde chegou. Eu podia até começar fazendo crítica a mim mesmo, Miguel Jorge, para não fazer aos outros, eu me reuni durante muito tempo com grande parte dos melhores economistas deste país, que faziam parte do meu, nem sempre do meu partido, mas que normalmente me auxiliavam em campanha política, e eu, depois de cada campanha, depois de cada debate, com 20 ou 30 economistas, eu saía de lá me perguntando se eu deveria ser candidato a Presidente, porque eles me mostravam uma situação tão difícil no Brasil, ou seja, uma dívida interna impagável, uma dívida externa impagável, a externa impagável, geração de emprego impossível, a quebradeira das empresas, a falta de competitividade, a falta de infraestrutura, e, às vezes, eu ia para casa com dor de cabeça, eu falava: puxa vida, será que esses companheiros são meus amigos? Eles dizem que eu tenho que ser Presidente da República do Brasil e dizem que o Brasil está quebrado, que não vai dar certo. Como eu posso ser presidente de um país que não vai dar certo?

Outros companheiros, é importante que o nosso companheiro, nossos companheiros conheçam essa história, porque isso vai mexer muito com o futuro deste país. É importante que o companheiro Van Rompuy e o Durão Barroso saibam e os empresários saibam o seguinte – Quantos diziam assim:



“Mas, este país, será que vai dar certo eleger um metalúrgico, um cara que não tem diploma universitário, um cara que não aprendeu a falar inglês, um cara que não aprendeu a falar espanhol, um cara que fala ‘menas laranja’, ‘menas não são sei das quantas’? Será que vai dar certo?”.

E por aí, ou seja, as coisas iam sendo construídas com uma imagem muito negativa. Agora mesmo, quando nós fomos disputar as Olimpíadas, em Copenhague, eu cansei de assistir, cansei de ver, cansei de ouvir, cansei de ler, as pessoas dizerem: “Mas por que o Brasil quer uma Olimpíada? O Brasil tem que investir em educação, o Brasil precisa investir em transporte, o Brasil precisa investir não sei das quantas. Esse negócio de competir com os Estados Unidos... Onde já se viu competir com os Estados Unidos? Chicago! Onde já se viu disputar com Madri? Onde já se viu disputar com Tóquio?” Parecia uma coisa impossível, chegavam a me chamar de arrogante, de achar que era muita petulância desse baixinho nordestino querer fazer uma Olimpíada, o Brasil já tinha perdido três, e que... sabe?

E depois a gente percebe que as coisas acontecem quando a gente consegue trabalhar, quando a gente consegue armazenar, e eu inclusive, Durão, agradeço a um companheiro como você, que antes de eu tomar posse, foi à Granja do Torto me visitar, eras então o primeiro-ministro de Portugal, foste com o companheiro chamado Vasco e o companheiro Aloizio Mercadante, e foste dizer que estaria à disposição, enquanto primeiro-ministro de Portugal, para me ajudar naquilo que fosse possível, ajudar... Isso lá, ainda em dezembro de 2002, eu não tinha tomado posse, eu já era Presidente da República. E fora aparecendo companheiros depositando confiança, eu não me esqueço nunca do (incompreensível), que foi o presidente do FMI, da primeira conversa que nós tivemos, uma conversa dura, uma conversa... sabe? Porque eu passei 20 anos da minha vida carregando faixa, “Fora FMI”, “Fora não sei das quantas” e, de repente, eu estava sentado na frente de um cara do FMI, querendo que aumentasse superávit primário, e eu tinha acabado de ganhar as



eleições, eu deitava na cama e ficava olhando para o céu, se era verdade que eu era Presidente ou não, se eu tinha ganho, se eu já tinha tomado posse... Aquela... sabe?

Bem, o dado concreto é que essa efervescência de dúvidas e de dificuldades, e os adversários torcendo para que não desse certo, tinha gente que achava que não ia dar certo, que ia quebrar, que o Brasil realmente não ia poder dar certo, ou seja, o dado concreto é que os empresários europeus que vieram aqui hoje, que vieram ontem, antes de ontem, trasantontem, sabem perfeitamente bem que nós estamos vivendo um momento que pouca gente acreditou que a gente pudesse viver. Um país que tem um sistema financeiro mais sólido do que até o europeu. Um país que tem uma política fiscal muito dura, um país que tem controle da alavancagem da capacidade de financiamento dos bancos brasileiros. Um país que tem bancos públicos de qualidade, e que foram esses bancos públicos que não permitiram que este país quebrasse, ou tivesse o desastre que teve em algumas economias mais ricas, porque aqui, Durão Barroso, você sabe disso, aqui, quando nós descobrimos, um belo dia, que a indústria automobilística brasileira não estava vendendo carro novo porque não tinha quem comprasse carro velho, carro usado, e que os bancos que financiavam carro usado não tinham mais carteira, não tinham mais dinheiro, ninguém queria comprar, nós tomamos a atitude de comprar a carteira dos bancos pequenos que financiavam carro usado, tivemos a coragem de comprar 50% do Banco Votorantim, que tinha uma carteira de R\$ 90 bilhões de reais de financiamento de carro usado, porque nós precisávamos de *expertise*. E aí eu fui perguntar para o cidadão do Banco do Brasil em quanto tempo a gente iria adquirir *expertise* se a gente começasse do zero. Ele falou: “vai levar anos, Presidente”.

Aí eu lembrei de uma história que Felipe González me contou, eu era candidato a Presidente da República em [19]89 e fui à Espanha, e Felipe González era primeiro-ministro, e ele me recebeu gentilmente, porque eu tinha



conhecido ele na UGT, ainda enquanto advogado, e o Felipe González fez uma pergunta para mim, dizendo o seguinte: “Lula, como é que você vai lidar com as Forças Armadas?” E eu, humildemente, falei para o Felipe González: Ah, nós vamos democratizar as Forças Armadas. E ele perguntou: “Como é que vai fazer para democratizar as Forças Armadas?”. Nós vamos começar a formar as crianças nas escolas, não sei das quantas... Ele falou: “Lula, você tem um pequeno problema, é que você só tem quatro anos de mandato e um general demora quatro anos para se formar, 40 anos, ou seja, você só tem quatro anos, um general leva 40 anos para chegar a ser general, como é que você vai democratizar esse general se o seu mandato só dura quatro anos?”.

Aí eu aprendi essa lição e comecei a perceber que a gente precisa fazer as coisas que tem que ser feitas com o material que a gente tem, com a disponibilidade que a gente tem, e com o tempo que a gente tem. Então, eu tomei uma decisão neste país: eu não vou ficar brigando com ninguém, está cheio de gente que tentou brigar comigo, mas eu não quero brigar com ninguém. Eu não quero brigar porque o mandato não permite você brigar. O mandato é tão curto, que se você trabalhar 24 horas por dia, como a gente trabalha, ainda não consegue fazer tudo. Você imagina se você passar o tempo brigando com a tua oposição, brigando com empresário, brigando com trabalhador. Eu resolvi não brigar.

O dado concreto é o seguinte: este país virou um país sério, este país virou um país sério. Antigamente, quem viajava, e os empresários que viajavam, a imprensa que viajava, sabia o que Brasil era tido lá fora como um país que não cumpria com as suas obrigações. Aliás, foi um presidente francês que veio aqui e disse que este país não era sério. Porque as pessoas achavam que podiam brincar, podiam brincar de fazer dívida e não pagar, podiam brincar de dizer que iam fazer parceria e não fazer. Podiam brincar de dizer que estavam fazendo investimentos e não faziam. E sabe o que acontece, companheiros da União Europeia, eu tinha de provar a cada dia que a gente



tinha que fazer as coisas. E eu tinha um medo, Durão Barroso, a minha visão era o Walesa, presidente da Polônia, porque qualquer intelectual, qualquer empresário, que já governaram este país aqui, aos montes, não deu certo, não deu certo, o cara sai, volta para a sua empresa, o cara passa seis meses em Nova York, seis meses em Paris, o cara vai fazer um cursinho de quatro meses em Harvard, para aperfeiçoar o seu inglês, volta, e quatro anos depois é candidato à Presidente e ninguém se lembra de nada.

E eu tinha um Walesa como experiência, o Walesa, está certo que ele não tinha partido, não tinha organização, foi muito mais a queda do Muro de Berlim que elegeu o Walesa, foi a força da Igreja Católica, mas um dado concreto é que ele terminou um mandato fracassado, ele terminou um mandato, ou seja, com zero na pesquisa, tentou ser candidato, teve 0,6% de voto. E eu falava: puxa vida, se nós terminarmos assim, eu estou desgraçado. Qual era o meu medo? Era você criar na sociedade a ideia de que se um trabalhar não deu certo, nunca mais você vai eleger um trabalhador para governar este país.

E aí começamos a trabalhar o acerto da macroeconomia, uma pena que o Guido Mantega não está aqui, não sei se ele veio de manhã falar, mas era importante que os empresários pudessem ouvir como está a macroeconomia brasileira. E junto com a macroeconomia, companheiros, nós fizemos uma coisa chamada microeconomia, que é um milagre tão ou mais importante do que a macroeconomia. Ou seja, nós decidimos, neste país, que não era incompatível a gente fazer distribuição de renda enquanto o país crescia. Nós desmistificamos o mito de que era preciso primeiro o bolo crescer para depois distribuir. E com pequenas políticas de transferência de renda, com pequenas políticas de transferência de crédito, nós fomos criando uma sociedade neste país que foi adquirindo poder de compra, que foi aumentando o comércio, que foi aumentando a fábrica... Quando chegou a crise em 2008, as classes D e E do Nordeste brasileiro consumiram mais do que as classes A e B do Sudeste



brasileiro. É o milagre da multiplicação dos pães, ou seja, dê um pouquinho a quem não tem nada que aquele pouquinho vira um prato de comida dentro de casa, vira um sapato, vira uma meia, vira um tênis, vira qualquer coisa. E essa gente começou a ter acesso a empréstimo.

Eu lembro, Durão Barroso, e lembro companheiro van Rompuy, eu nunca tinha ouvido falar na palavra “crédito consignado”. Quando foi um dia, nós resolvemos, perguntamos para os banqueiros: Por que não empresta dinheiro para pobre? “Ah, porque não tem garantia”. Porque no Brasil, a coisa era tão difícil para pegar dinheiro, que só conseguia dinheiro no banco quem não precisava de dinheiro. Quem precisava, não conseguia crédito neste país.

Então, ah, tem problema de crédito? Tem. Então nós resolvemos criar crédito, criamos uma coisa chamada “crédito consignado”. Uma parte dele feito acordo entre sindicatos e empresários. Escolhia o banco, emprestava o dinheiro, não podia consumir mais que 30% do pagamento do trabalhador, ele escolhia em quantos meses podia pagar, pegava R\$ 2 mil, pegava US\$ 1 mil, US\$ 1,5 mil, US\$ 800... O fato concreto é que hoje nós temos R\$ 120 bilhões no crédito consignado circulando por este país, fazendo com que os pobres possam comprar alguma coisa neste país.

Eu não vou falar de todos os programas sociais, eu queria falar desse, e queria falar de um programa que muita gente achou que eu só trabalhava para o pobre. Nós criamos aqui um programa chamado Luz para Todos, levamos energia para mais de 12 milhões de pessoas, foram 2 milhões e 400 mil residências que não tinham luz. Como o pobre tem mais filho do que a classe média... a classe média é um ou dois – a classe média é meio sovina para fazer filho –, é um ou dois... Ou seja, os pobres são mais investidores, eles têm quatro, têm cinco... Então, nós chegamos a 2 milhões e 400 mil casas até agora, pretendemos chegar a muito mais até o final do ano. Ou seja, atendemos praticamente mais de 12 milhões de pessoas com um programa em que nós colocamos o poste de graça, o fio de graça, já foram 1,1 milhão km de



fiu, já foram 5 milhões e 600 mil postes, já foram 860 mil transformadores... Tudo de graça, pago pelo governo, para levar ao povo da Amazônia, ao povo de Nordeste, o direito de ter a mesma luz que tem o Presidente da República em Brasília, ou, quem sabe, o companheiro que mora na Avenida Paulista, ou quem mora em Copacabana.

O que aconteceu com a multiplicação dos pães? Quando a luz chega na casa da pessoa, 83% compraram televisor, 79% compraram geladeira, 59% compraram aparelho de som, e eu fico imaginando quantas casas de farinha, quantos moinhos, quantos liquidificadores foram comprados por essa gente pobre, que estava vivendo no século XVIII e que, em quatro anos, nós trouxemos ela para o século XXI.

Ou seja, esse é o milagre de uma série de coisas que aconteceram no Brasil, que colocou dinheiro para circular. Eu vou lhe dar um exemplo. Você conhece São Paulo bem, não é, Durão Barroso? Pois bem, você sabe qual é o Mc Donald's que mais vende, que mais vende no mundo hoje? Não é de Nova York, não é de Chicago, não é de Frankfurt. É de Itaquera, na Zona Leste de São Paulo. Ou seja, é o pobre tendo acesso àquele lanche “buchudo”, que precisa ser jacaré para poder dar uma mordida naquilo, eu não consigo... Mas, de qualquer forma, a molecada gosta, e venda-se. Então, esse é o milagre deste país. É o milagre de um governo que está investindo, até 2014, mais de US\$ 600 bilhões em infraestrutura. É o milagre de um governo que está investindo, até 2014, US\$ 224 bilhões na prospecção de petróleo, em pesquisa, na construção de navio, na construção de plataforma...

Porque, antes de eu chegar ao governo, o Brasil não fazia sonda, não fazia plataforma e não fazia petroleiro, porque diziam que a gente não tinha tecnologia. Nós compramos uma briga, e vamos fazer. Que me perdoem os companheiros de Cingapura, que me perdoem os companheiros da China: a verdade é que 75% da plataforma, da sonda e dos navios são componentes nacionais. Eu fui inaugurar um navio, agora, em Pernambuco, um grande



petroleiro. Os soldadores eram cortadores de cana que foram para uma escola aprender a soldar e deixaram de ser cortadores de cana, profissão que eles fazem desde que os portugueses chegaram aqui, em 1500.

Então, é esse milagre deste país que teve a coragem de ontem lançar o edital da construção de um trem-bala ligando o Rio de Janeiro a São Paulo e a Campinas. E vai ter gente que não vai gostar: “Está ganhando dinheiro em trem-bala, poderia fazer uma ‘trem-lesma’, um trem não sei das quantas”. Nós queremos é logo o “bicho” mais ligeiro, logo o “bicho” mais rápido, para a gente... Porque o pessoal viaja para a Itália, para a Espanha, para Portugal, para a China e fala: “Nossa, lá o trem é maravilhoso”. E aqui no Brasil tinha que ser aqueles “toc-toc” pendurados. Não! O Brasil tem competência.

E vamos fazer a Copa, vamos fazer Olimpíada do Exército 2011, vamos fazer Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo 2014, Copa das Américas 2015, e Olimpíadas 2016. É pura overdose de esporte, overdose. Vai ter gente que vai dizer: “Mas o Brasil está preparado para tudo isso?” São aqueles mesmos que diziam: “A África está preparada para tudo isso?” São aqueles que não acreditam em si mesmos. Porque tem um tipo de gente que não acredita, levanta de manhã: “Ah, não vou sair de casa porque vai chover”; no outro dia: “Eu não vou sair, porque o sol vai estar muito quente”; “Eu não vou sair para procurar emprego porque não vou achar”. Eu saía para procurar emprego, meu caro Durão Barroso... Eu fiquei desempregado um ano e meio. Eu tinha um sapato que parecia aquele de couro de jacaré, mas que não tinha sido trabalhado direito, o couro era duro. Eu andava mais de oito quilômetros a pé, chegava determinado momento, o sapato apertava, eu tinha que tirar e andar a pé, e nunca deixei de sair para procurar emprego um dia, e um belo dia eu achei o emprego.

Então, eu acho que o Brasil adotou a seguinte política: Nós não temos que ficar mais esperando ninguém, nós temos que acreditar no nosso potencial. Quando eu cheguei aqui, Durão Barroso, era até vergonhoso falar no



Brasil ter empresa multinacional. Era até vergonhoso. Eu lembro que, em Angola, eu disse a um grupo de empresários brasileiros: Gente, nós precisamos ter empresa multinacional, é legal ter empresa brasileira, é uma bandeira do Brasil em outro país. Aqui, teve um jornal que fez uma manchete: “Lula critica empresários que não querem ser multinacionais”.

Hoje, nós temos empresa no Canadá, temos empresa na Alemanha, temos empresa nos Estados Unidos, temos a maior empresa, onde você quiser tem empresa, acho que até no Alasca nós já estamos. Acho que até... Só não queremos ir para a Antártida para não poluir, mas o país ganhou envergadura, tem uma geração de empresários novos que estão acreditando, que investem, que não ficam lamentando... Eu, em cada viagem que eu faço, eu pego logo esse aviãozinho meu, que a imprensa me criticava porque eu tinha comprado um avião novo, quando foi um dia colocamos todos eles no velho, o velho quase cai, aí todo mundo achou que tinha que comprar um novo mesmo...

Esses dias nós fomos fazer uma viagem e levamos o “sucato” aí de... Como chama? De Escav. Aí estão lá, todos os companheiros... Aqui está cheio de companheiros que estavam dentro do avião. Aí vai lá o piloto e fala o seguinte: “Bom, em caso de falta de pressurização...”. Todo mundo ficou esperando cair a máscara, não tinha máscara... O cara pegou um saco plástico e colocou no pescoço e tinha um botão que durava só cinco minutos, ou seja... Esse era o avião reserva nosso. Esse era o avião reserva nosso, sabe? E as pessoas tinham vergonha de dizer que a gente tinha que comprar avião. As pessoas tinham vergonha, é a mediocridade política, a mediocridade, a visão mesquinha de quem não tem autoestima, de quem não tem orgulho.

Então, queria dizer aos empresários europeus e aos brasileiros: se vocês quiserem um mercado para fazer investimento, que tem um governo que paga na hora, eu duvido que tenha no mundo hoje um governo que paga como paga o governo brasileiro, duvido. (Incompreensível) se você sabe, até o dinheiro do FMI, nós fomos o primeiro a colocar. Os 14 bilhões do FMI, muita



gente mais rica do que nós não colocou, mas nós já colocamos. Porque eu acho que é isso que vai dando credibilidade a este país.

Então, eu queria dizer aos empresários europeus: eu estou extremamente satisfeito com a nossa parceria estratégica, acho que nós temos um potencial extraordinário de crescimento. Nós temos muita afinidade, muita, muita afinidade, ou seja, nós fomos descobertos pelos europeus. Já os alemães chegaram aqui em 1850, já os italianos chegaram em 1875, e foram ocupando, foram ocupando. Depois chegaram os japoneses em 1908, chegaram os espanhóis não sei quando, mas o dado concreto é o seguinte: É que este país é um país plural, multiétnico, e nós nos orgulhamos dessa mistura. Não sei se você viu a Copa do Mundo, seleção da Alemanha, só alemão, só tinha um negro, que era um brasileiro, que era o Cacau. Jogou Itália e não sei quem, 22 brancos em campo, mais 12 brancos na reserva. Só tinha... O time da África era só negro, não tinha branco. O único time que tinha negro e branco era Brasil e França, e Portugal também tinha um pouco, menos que Brasil e França. Então é este país, de múltipla raça, de múltipla cultura, este país, essa miscigenação extraordinária, que tem uma economia sólida, que tem US\$ 250 bilhões de reserva. Eu falo com orgulho porque já somos o sétimo país do mundo em reservas internacionais. E não faz muito tempo, meu companheiro Rompuy, não faz muito tempo, eu estava na Índia quando a Índia atingiu cem bilhões. E eu dizia: meu Deus do céu, será que um dia o Brasil vai ter US\$ 100 bilhões de reserva? Três anos depois, nós temos 100, mais 100, e mais 50, ou seja, temos duas vezes e meia o que a gente pensava que não ia ter.

Portanto, eu quero, do fundo do coração, dizer a vocês, companheiros empresários, que este país está de portas abertas, com muitas oportunidades de investimento, nunca se fez, nem os ingleses quando vieram aqui financiar Barão de Mauá, nem eles estão fazendo a quantidade de ferrovias que nós estamos fazendo neste país.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Então, eu quero convidar vocês, se tiverem dinheiro guardado em um banco e não tiverem certeza se esse banco está muito sólido, por favor, atravessem o Atlântico e venham para o Brasil, que nós estamos esperando vocês.

Um abraço e que Deus nos abençoe.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido ao presidente da Nicarágua, Daniel Ortega

Palácio Itamaraty, 28 de julho de 2010

Excelentíssimo senhor Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, e senhora Rosario Murillo, coordenadora do Conselho de Comunicação, Cidadania e Bem-Estar da Nicarágua e primeira-dama da Nicarágua,

Minha querida companheira Marisa Letícia Lula da Silva,

Meu caro companheiro Rafael Ortega Narvaez, assessor-chefe do Presidente da Nicarágua, por meio de quem cumprimento toda a delegação da Nicarágua,

Companheiros integrantes da comitiva do Brasil,

Meu querido companheiro Antônio Patriota, ministro interino das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento todos os demais embaixadores brasileiros aqui presentes,

Senhores embaixadores,

Senhores empresários,

Senhores jornalistas,

Amigos e amigas convidados,

Com enorme satisfação recebo o companheiro e amigo Daniel Ortega, presidente da Nicarágua.

Esta visita ao Brasil, a primeira em seu atual mandato, reforça o compromisso de nossos países na construção de um futuro comum baseado no progresso, no crescimento econômico e na justiça social.

Em 2007, fui o primeiro chefe de Estado brasileiro, em mais de cem anos de relações, a visitar a Nicarágua. Nossa relação é parte integrante de um eixo latino-americano e caribenho, em franca expansão, que busca modelos de



desenvolvimento progressistas, consistentes e sustentáveis. Queremos criar, em paz, oportunidades para todos, e não só para alguns.

A incorporação do povo ao processo econômico, com educação, emprego e atendimento às necessidades humanas fundamentais, constitui o caminho para o crescimento e a prosperidade.

A cooperação e a diplomacia devem prevalecer como base para as relações entre os Estados. Queremos o respeito aos processos democráticos na região, e sem retrocessos. Favorecemos a resolução regional e pacífica de nossos desafios e de eventuais conflitos.

Nas Nações Unidas, na OEA, na Cepal e em outros foros multilaterais, somos aliados. Convergimos, em particular, no nosso apoio determinado a uma agenda socioeconômica mais importante, sensível às realidades e interesses dos países em desenvolvimento.

Defendemos uma cooperação Sul-Sul de cunho solidário e inovador. Nela buscamos alternativa às relações de dependência estabelecidas por países doadores tradicionais.

Aceitamos o desafio da mudança do clima e do desenvolvimento sustentável. Conclamamos os países mais avançados a darem o exemplo e a assumirem responsabilidades proporcionais aos seus recursos, tecnologia e nível de contribuição histórica para o problema.

A ONU deve interessar-se mais pelas transformações em curso em nossa região, onde florescem projetos democráticos para a incorporação de maiorias historicamente excluídas. Ela própria deve reformar-se com vistas a superar flagrante desequilíbrio na representação entre Estados em seu Conselho, responsável pela paz e segurança coletiva.

Nesse sentido, foi grande a contribuição dada pela Nicarágua ao fortalecimento do multilateralismo de cunho democrático, social e humanitário, representado na forte liderança exercida pelo Padre Miguel d'Escoto durante sua presidência na Assembléia-Geral da ONU, a 63ª conferência.



Meu caro companheiro e amigo Daniel Ortega,

No Brasil, passamos a enfrentar, com políticas públicas, as grandes questões sociais que impediam o desenvolvimento equilibrado do país. Queremos partilhar com a Nicarágua essas experiências.

No setor agrícola, desejamos apoiar a produção de alimentos na Nicarágua, não só para o combate à fome, mas também para o aumento da capacidade exportadora do país. A instalação da Embrapa no Panamá constituirá importante ferramenta para a consecução desse objetivo.

Sem descuidar da segurança alimentar, queremos oferecer à Nicarágua a experiência brasileira em produção de biocombustíveis. Sei do empenho da Nicarágua em combater a pobreza, a fome e a marginalidade. Por isso felicitamos o país pela implementação do “Hambre Cero”, programa irmão do nosso Fome Zero.

No âmbito da missão da OEA, militares brasileiros cumpriram importante função no trabalho de desminagem do território fronteiriço nicaraguense, só apenas recentemente concluído. Aquela área está hoje habilitada para a agricultura e outras atividades civis.

No plano comercial, necessitamos aumentar o fluxo de exportações nicaraguenses destinadas ao Brasil, com o propósito de equilibrar as trocas. Um acordo abrangente entre o Mercosul e o Sica seria fundamental nesse sentido. Pretendemos impulsionar essa negociação durante a Presidência brasileira do Mercosul, que assumiremos nos próximos dias.

Novas iniciativas de investimentos brasileiros já começam a ganhar corpo no país, como a instalação da fábrica de calçados no Parque Industrial de Saratoga, que poderá gerar aproximadamente 2 mil empregos.

Empresas brasileiras estão engajadas na construção da hidrelétrica de Tumarín, que receberá financiamento do BNDES de mais de US\$ 300 milhões. Essa obra responderá pelo fornecimento de quase 30% da energia elétrica da Nicarágua, substituindo combustíveis fósseis importados.



O Brasil dispõe-se a apoiar investimentos similares, como o da hidrelétrica de Brito, e deseja conhecer melhor o projeto de corredor interoceânico que inclui o porto de *Monkey Point*.

Nosso entusiasmo pela integração é comum. Inauguramos processo pioneiro de aproximação entre a América Latina e o Caribe, lançado na Bahia, em 2008. Em fevereiro passado, decidimos criar a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos.

O Brasil solicitou adesão, como observador, ao Sistema de Integração Centro-Americano (Sica), bem como ao Banco Centro-Americano de Integração Econômica. Saudamos a decisão da Nicarágua de aderir à Aladi, processo que, esperamos, se conclua com celeridade.

Nossos países lograram construir relação ampla e diversificada, inserida no marco da integração regional latino-americana e caribenha. A solidez desse objetivo exige defesa firme da democracia na região. Não podemos admitir que o golpe de 28 de junho de 2009, em Honduras, se torne incentivo a novas aventuras antidemocráticas no nosso continente. A posição dos demais países centro-americanos sobre o assunto é de vital importância.

Meu caro amigo Daniel,

Nos anos 80, foram muitos os brasileiros, sobretudo entre os jovens, que festejaram a vitória da Revolução Sandinista, que pôs fim à sangrenta ditadura que infelicitava a Nicarágua havia décadas. Passados 30 anos, vejo com alegria que seu país, como outros da América Central, trilham hoje o caminho da democracia política e social.

Evocando aqueles momentos, e na esperança de um futuro de paz, progresso e democracia, convido todos a erguerem um brinde em homenagem a Vossa Excelência, com votos de felicidade e prosperidade a todo o povo nicaraguense.

Muito obrigado.

Antes de irmos à mesa, Daniel, eu vou lhe entregar também um livro –



dois livros, um para você e um para Rosário – que ensina como exportar para o Brasil, porque normalmente o Brasil só quer exportar mais. E nós precisamos ajudar os nossos parceiros a aprenderem como exportar para o nosso país.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de comemoração do sesquicentenário do Ministério dos Transportes e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Clube do Exército – Brasília-DF, 28 de julho de 2010

Juro por Deus que vou ser breve, porque eu, embora tenha um problema de audição, eu estava vendo uns copos bater uns nos outros ali, em um tal de coquetel. E aniversário que eu conheço tem coquetel e não discurso. Entences, eu vou tentar ser o mais rápido possível aqui.

Não vou utilizar a nominata porque, quando Pancho Villa fez a Revolução, no México, ele aboliu a nominata e chamava os “concidadãos mexicanos” e as “concidadãs mexicanas”. Eu quero dizer: companheiros e companheiras do Transporte e da Agricultura; companheiros ministros e ex-ministros; companheiros da imprensa.

Nós, acho que estamos colhendo o que nós plantamos. Eu aprendi, há algum tempo, que se todos nós aprendêssemos a fazer apenas o óbvio, tudo seria mais fácil. Se nós, governantes deste país, fizéssemos apenas o óbvio, este país já teria dado um salto de qualidade extraordinário.

O problema é que, muitas vezes, cada ministro que vem com o governo, ele vem com uma tese. Então, ele não constrói um programa de governo para o país, ele tenta colocar a sua tese em prática, achando que ela vai ser útil para o país. E, às vezes, algumas coisas dão certo, e outras vezes dão errado. O presidente tira o ministro, coloca outro ministro, sem pedir-lhe que vá continuar o trabalho do anterior, mas mudam tudo, a começar do chefe de gabinete e do secretário-executivo, que é quem conhece a história do Ministério.

E por que eu digo que fazer o óbvio é a única coisa que pode dar certo no país? Aqui, o nosso querido Barão de Mauá. Ora, ele apenas descobriu que



não era possível o Brasil não ser mais colônia e continuar sendo tratado como colônia e que, portanto, o Brasil precisava criar a infraestrutura de desenvolvimento, precisava ter ferrovia, precisava ter siderurgia, precisava ter portos, e ele tratou de tentar fazer isso. O que fez ele fracassar? A inveja, na medida em que ele começou a ficar mais importante do que os governantes da época, que não conseguiam fazer o que ele fez.

Eu lembro que, eleito presidente da República, eu nem conhecia o companheiro Roberto Belangero. Roberto Belangero, que eu falo, é porque o Corinthians teve um jogador muito importante chamado Roberto Belangero... Está lembrado? Idário, Goiano e Roberto. E eu não conhecia o Roberto quando eu, pré-candidato, em [19]82, fui fazer um seminário sobre Agricultura, eu conheci o Roberto, e depois um companheiro em comum falou: “Olha, Lula, seria importante você levar o Roberto para ser ministro da Agricultura”. Eu fiz apenas o óbvio: eu não poderia trazer um companheiro meu, se eu tinha alguém que eu não conhecia que era mais competente do que o meu companheiro e que tinha sido humilde a ponto de indicá-lo para ser o meu ministro.

Depois, nós tivemos que escolher a direção da Embrapa. Escolhemos primeiro o diretor da Embrapa, depois precisava trazer o segundo... O Roberto me disse: “Presidente, olha, eu gostaria que o senhor levasse uma pessoa para trabalhar na Embrapa”. Eu disse: quem é? “Sílvio Crestana”. E, aí, vários amigos meus: “Olha, cuidado, que ele é de Direita”, “Cuidado, que ele é conservador”, “Cuidado, que não vai dar certo”. Eu liguei para um outro amigo meu, conhecido de muitos de vocês, que me falou: “Eu conheço o cara, aqui de São Carlos. O cara é porreta, pode levar o cara”. E vamos ser francos: O Sílvio fez um trabalho exuberante, exuberante na Embrapa. Inclusive, quando eu o desafiei a fazer o PAC da Embrapa, ele foi preciso na elaboração do programa e na execução do programa.



Por razões particulares, o nosso querido Sílvio quis sair, eu queria indicar um outro companheiro. Criamos aquela tal de comissão de busca, que a gente não tinha feito até então, Roberto, e chegou em um tal de Pedro Arraes. Esse Pedro Arraes é um Pedro Arraes de Direita ou de Esquerda? Ele é um Pedro Arraes para o Arraes da família pobre ou para o Arraes da família rica? A mim, não me interessava, o que me interessava é que ele tinha sido escolhido. E tanto quanto o Sílvio, certamente, vai fazer um trabalho extraordinário na Embrapa e está dando sequência a tudo aquilo que a gente fez de certo na Embrapa. Porque nós apenas fizemos o óbvio.

Eu lembro um dia em que o Roberto Rodrigues entrou na minha sala do jeito dele, meio afoito, acho que tinha cantado alguns boleros. Ele estava inquieto... Eu estou vendo que ele está inquieto aqui, se mexendo. Ele já quer sair, porque deve ter algum bolero por aí hoje. Ou, quem sabe, deve ter uma casa de chorinho. Bem, o Roberto estava... entrou na minha sala e falou assim para mim: "Presidente, temos uma revolução para fazer no país, uma revolução, uma coisa chamada biodiesel". Nós ainda, Roberto, não fizemos a revolução, mas já ultrapassamos muito aquilo que a lei previa para 2013, em 2010. Ainda estamos cometendo um pequeno erro, na minha opinião, que é um grande percentual do nosso biodiesel produzido da soja, que eu sempre achei que poderia servir para equilibrar quando o preço da soja caísse no mercado internacional, a gente utilizar um pouco de soja para valorizar o preço dela aqui, mas que não poderia ser a matriz, porque aí sim a gente está substituindo uma oleaginosa por alimento altamente saudável para o povo deste país.

Mas já tive o prazer, foi uma pena que você não pode ir junto, de ir ao Pará lançar um programa de biodiesel da palma, com (incompreensível) da Embrapa. É. Agora, Roberto, agora eu ainda estou achando que a Petrobras, e não quero... criamos uma empresa específica para isso, para ser uma espécie de indutora, para dar a garantia de que a coisa é certa. Você sabe que a Petrobras nem gostava de etanol, agora já comprou até usina de etanol. As



coisas mudaram porque apenas fizemos o óbvio. Fertilizante, a Petrobras tem que entrar na área de fertilizante. Ela tem gás, a gente não tinha gás há três anos, hoje nós temos gás, e já estamos combinados de fazer uma fábrica de fertilizantes em Três Lagoas e uma fábrica de amônia em Uberaba, além de outras que estamos fazendo com a Vale do Rio Doce. Eu estou convencido de que daqui a cinco anos este país terá que exportar... se hoje ele importa 80% de fertilizante, sobretudo nitrogenado, a gente vai estar importando ou muito pouco, ou a gente já vai estar exportando um pouco, com empresas brasileiras produzindo na Argentina, com empresas brasileiras produzindo no Peru, com empresas brasileiras produzindo em outros países.

Essa é uma coisa que todo mundo sabia que o Brasil precisava. Não fui eu que inventei que o biodiesel era uma coisa importante para nós, porque o Expedito Parente patenteou em 1975. O que foi duro foi ficar de [19]75 a 2003, antes de você entrar na minha sala, sem industrializar aquilo e criar um mercado na indústria brasileira para aquilo.

Então eu acho que as coisas estão acontecendo. Nessa área, Roberto, você sabe o tanto que eu tenho brigado. Paulinelli, eu tenho viajado o mundo com os empresários, eles sabem que talvez eu seja o (incompreensível) empresário... o único presidente do mundo que não tenha vergonha de vender cana, que não tenha vergonha de vender a fábrica de mosca, nossa, mosca do fruto, lá em Juazeiro, da Bahia, que não tenha vergonha de vender os aviões da Embraer, que não tenha vergonha de vender o biodiesel, que não tenha vergonha de vender aquilo que o Brasil tem. Porque tinha presidente que viajava para fora e não tinha interesse nem de levar empresário junto. Nós estamos levando empresário é no “sucato”. Estamos tentando comprar um novo, porque no dia em que cair no meio do oceano o “sucato”, nós estamos desgraçados. Mas, o Moura, o nosso almirante Moura... o “sucato”, às vezes, leva 18 mecânicos dentro. A imprensa, que me criticou – não a imprensa, alguns políticos veicularam, via imprensa, críticas a mim, quando eu comprei o



avião, o “Aerolula” –, uma vez estava no avião quando o avião levantou e teve que voltar, aí todo mundo chega à conclusão de que era preciso comprar um avião novo.

E uma outra coisa que é óbvia é que este país tinha que se respeitar. Este país não poderia continuar com a cabeça tacanha. Eu descobri isso quando eu vim de Davos, em 2003, não sei se você foi comigo, Roberto, no dia 25 de janeiro de 2003. Não é possível que um país do tamanho do Brasil esteja comercialmente subordinado apenas a uma lógica americana e a uma lógica europeia e a gente não abra novos caminhos para nós.

E aí visitamos mais países no Oriente Médio que qualquer presidente na história, visitamos na África já 29 países, e eu acho que o Brasil tem que ter consciência de que uma parte da história do futuro passa pela aliança do Brasil com o continente africano, por isso levamos o escritório da Embrapa para a cidade de Acra, em Gana, para mostrar ao mundo que grande parte da savana africana tem o mesmo solo do cerrado brasileiro e que os países ricos do Norte podem comprar os biocombustíveis renováveis que eles precisam para atender o Protocolo de Quioto dos países africanos e parar de utilizar combustíveis fósseis.

Então, isso tudo é o óbvio. O diferente era a gente continuar brigando para fazer a tal da Alca, como queriam os americanos, isso era difícil. A atitude que nós tomamos fazendo o óbvio, diversificando as nossas exportações, é que permitiu que na crise... eu fui tão achincalhado quando eu disse que era uma marolinha, nós provamos que ela chegou por último aqui e foi embora primeiro porque a gente estava mais preparado. Ela chegou em 2008, o PAC começou em 2007, em vez de a gente se amedrontar com o preço da soja e com o preço de *commodities*, nós criamos o Programa Mais Alimentos, para financiar 60 mil tratores de até 78 cavalos para os pequenos, mais máquinas agrícolas, com 2% de juros, dez anos de pagamento, três anos de carência, já vendemos mais de 30 mil tratores. Hoje, a maior produção de tratores no Brasil



é para atender o Programa Mais Alimentos, que era para durar um ano e foi tão bom que agora está fixo.

Estamos gastando quase que R\$ 1 bilhão por ano, para que a gente possa manter a assistência técnica viajando. O jumentinho está sendo substituído pela moto. Você não encontra mais carne em cima de jumento, não. Agora é uma motozinha pequena, mas rápida, não dá coice, de vez em quando vira.

Bem, essa coisa, na questão da agricultura, eu acho que é só olhar o mapa do mundo, é só olhar quem tem terra agricultável, é só olhar quem tem solo, quem tem sol e quem tem água, que a gente percebe que o Brasil não tem nenhuma preocupação de competir com quem quer que seja. E é por isso que tanto, na OMC, nós brigamos para fazer um acordo e, lamentavelmente, os americanos não quiseram, por conta das eleições, e os indianos não quiseram, por conta das eleições. Lamentavelmente. Mas nós ainda vamos continuar brigando para isso.

Então, eu acho que nós devemos... E também uma coisa importante: eu, uma vez, Paulinelli, descobri que a Embrapa tinha sido criada quando você era ministro e o presidente era Geisel, ou melhor, Médici. Não é isso, [19]73? [19]74? A lei é de [19]73. E quando eu fiquei sabendo que era no governo Médici que foi a lei, eu falei: “Está aí, a minha tese está certa”. Não tem gente totalmente ruim ou totalmente boa. Tem gente que tem coisa boa e tem coisa ruim. Se a gente explorar as coisas boas de cada um, é que nem colesterol: tem colesterol bom e colesterol ruim. Nós temos que...

E as coisas estão acontecendo no Brasil por causa dessa harmonização. Há uma harmonização. De vez em quando, se tenta politizar alguma coisa. Esse Roberto sofria, Paulinelli, você não sabe como ele sofria toda vez em que a bancada ruralista vinha para cima dele, como ele sofria. Porque é um homem de coração, tocador... cantador de tango, de bolero, não está disposto a ficar aguentando desaforo, ofensas e coisas parecidas. Eu não sei se alguém já



sofreu mais do que você. Aquele lá, não. Aquele lá é macaco velho da política, então samba do jeito que vem. Para ele não tem samba de uma nota só, para ele tem que ter muito mais nota.

Eu acho que nós estamos encontrando um ponto de equilíbrio neste país. Estamos encontrando um ponto de equilíbrio, e eu acho que nós vamos seguir em frente. A visão que eu tenho é que não tem mais como a gente retornar, não tem mais. Aquele discurso passado, aquela coisa ideologizada, aquela coisa de um achar, de politizar qualquer coisa...

Eu duvido que tenha tido, na história deste país, um ministro da Fazenda que tenha tratado a Agricultura como o Guido Mantega tem tratado a Agricultura. Duvido! E não é que os outros ministros sejam ruins, não. É que é próprio de quem é ministro sentar em cima do dinheiro. Não tem coisa mais agradável para alguém que cuida da economia, seja na casa da gente, seja no sindicato, seja numa empresa ou em um ministério, chegar ao final do ano e mostrar para o superior: “Olha, sobrou dinheiro”.

Então, eu acho que... Meus parabéns ao Ministério da Agricultura, que vocês também já foram uma miscelânea desgramada, não é? Já cuidou da reforma agrária, pesca, floresta e meio ambiente. Entre 1909 e 1930, era Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Era uma certa miscelânea. Os Ministérios da Agricultura e do Comércio nasceram juntos, em 1870. Nasceram como Secretaria de Estado de Negócio da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Eu fui informado que, em 1940, ele tratava até do Turismo, tratava até do Turismo.

Bem, hoje eu acho que está consolidado. Está consolidado, acho que ninguém mais questiona a existência do Ministério da Agricultura. A relação entre o Mapa e o MDA é perfeita, eu acho que... Eu não quis criar mais, mas eu estava pensando em criar o Ministério, também, da Micro e Pequena Empresa, porque não dá para o Miguel Jorge representar a Volkswagen e a fornecedora de parafusos da Volkswagen ao mesmo tempo. Eu nunca acreditei em



cooperativa que tinha um cidadão de 30 mil hectares e o outro de 2 hectares, nunca acreditei que pudesse dar certo. A tendência natural é do grande, mesmo que não queira, engolir o pequeno. Você, que é especialista em cooperativa, Roberto, é muito difícil. De qualquer forma, parabéns, de coração, ao pessoal da Agricultura.

Na questão do Transporte, também, o óbvio. Vocês estão lembrados que eu comecei a minha campanha, em 2002, comprando uma briga nacional de que não era possível a gente continuar tendo um déficit na área de transporte marítimo, de quase US\$ 8 bilhões, e a Petrobras contratando suas plataformas lá fora e comprando navio lá fora, e todo mundo dizendo que a gente não tinha engenharia, não tinha engenharia, que não tinha engenharia. Eu fui atrás de vários companheiros da indústria naval, fui atrás dos engenheiros da Petrobras, compramos uma briga. Teve gente, até ex-ministro que já morreu – que Deus o tenha – que foi colocar matéria paga na Gazeta Mercantil, que eu era ignorante, que o Brasil não tinha condições de fazer navio, não tinha condições de fazer plataforma, não tinha condições de fazer nada.

Oito anos depois, este país já tem quase 50 mil trabalhadores de volta, este país utiliza 75% de componentes nas plataformas e nas sondas de empresa nacional. Este país voltou a ser um país, porque teve uma época que acharam que nós não precisaríamos ser país, teve uma época que achavam que a gente não precisaria banco público. Nós tínhamos que vender. Ah, se o Obama tivesse um banco público como nós tínhamos o Banco do Brasil na crise, um BNDES ou uma Caixa Econômica Federal! Ah, se os europeus tivessem um banco público como nós tínhamos aqui! Porque na hora que veio a crise, quem colocou o (incompreensível) para tomar beliscão foi o banco público; quem tomou a decisão de comprar o Bamerindus, o Votorantim, fomos nós; quem tomou a decisão de comprar a Nossa Caixa... As pessoas diziam: “Você vai comprar a Nossa Caixa, Lula? Você vai dar dinheiro para o Serra ser



candidato contra você?”. Paciência, ele que faça o que ele quiser, mas o Banco do Brasil vai voltar a ser o maior banco do Brasil, e compramos. Liberamos R\$ 100 bilhões, R\$ 100 bilhões para os bancos privados comprarem carteira dos bancos menores para facilitar o crédito. Acontece que muito banco grande privado preferiu comprar títulos do governo que rendiam mais e não compraram as carteiras que nós queríamos. Nós fomos lá e compramos as carteiras. Só do Votorantim foi uma carteira de R\$ 90 bilhões de financiamento de carro usado, nós compramos metade.

Pois bem, eu digo assim, eu tenho pena dos ministros que foram ministros dos Transportes depois do governo Geisel, porque foi o último período de investimento em infraestrutura no país. E o Simonsen alertava, (incompreensível) deve se lembrar disso. O Simonsen alertava: “Não faça muita dívida porque a gente não vai ter o que pagar”. E o Geisel fez bastante dívida para poder fazer todas as obras de infraestrutura que ele imaginou fazer no seu plano quinquenal. Acontece que depois os Estados Unidos colocam um presidente do Banco Central chamado Paul Volcker, que precisou fazer o ajuste fiscal nos Estados Unidos e pegou um dólar que a gente pagava 3% de juros ao ano e passou para 21% de juros ao ano. Aí a dívida ficou impagável, e aí este país não teve mais condições de investir em infraestrutura.

Se vocês pegarem a última grande obra que é Tocantins, ela começou ainda no governo Geisel, a hidrelétrica de Tucuruí. Itaipu começou na década de 70. Acho que Xingó começou lá também, naquela época, nos anos [19]70. Não é que os ministros dos Transportes não eram competentes e não é que os governos não eram competentes. É que não tinha dinheiro. Nós passamos 20 anos, e aqui deve ter gente do setor da construção civil, acho que desse lado tem mais do que lá, porque quando o Wagner estava falando, o pessoal de lá aplaudia mais ele, quando era o Paulo Sérgio, aplaudia mais aqui, e eu acho que aqui não se misturaram, poderia ter feito. Isso aqui é torcida organizada da Agricultura e torcida organizada dos Transportes. Poderia ter sentado todo



mundo junto, e aí o samba seria bem melhor.

Mas o dado concreto, companheiros, é que esta semana eu fiquei tão emocionado! Eu fui à região de Uberlândia, anunciar investimentos no sistema de conferência com telão, em quatro pontos de Minas Gerais. Somente em uma região de Minas Gerais nós anunciamos 2 bilhões e 700 milhões de obras. Quando eu vi, agora, o Paulo Sérgio dizer: “Nós estamos pagando por mês o que contratava por ano, antes de 2003”, significa a atrofia que estava o sistema de transporte no Brasil. E, por falta de recursos, este país passou praticamente duas décadas e meia sem crescer. E em casa que não tem pão – todo mundo sabe – todo mundo briga e ninguém tem razão. Eu fico muito feliz quando o Paulo Sérgio diz: “Nós saímos de um orçamento de 1 bilhão, em 2003, para 16 bilhões agora”.

E vou terminar dizendo para vocês qual é o milagre que está acontecendo no Brasil. Eu lembro que, uma vez, eu descobri que o crédito todo do Brasil, o crédito todo do Brasil, de bancos privados e bancos públicos, em março de 2003, era de R\$ 380 bilhões. A Caixa Econômica Federal tinha disponibilizado, de crédito, de total de crédito dela, em 2004, ela tinha apenas 77 bilhões, hoje ela tem 281 bilhões de crédito. E o Brasil, que tinha apenas 380 bilhões, tem hoje R\$ 1 trilhão e 600 bilhões de crédito disponibilizado.

O BNB, do Nordeste, que você conhece tão bem, em 2002, conseguiu o milagre de emprestar R\$ 262 milhões, dos quais tinha 37% de inadimplência. No ano passado, nós emprestamos R\$ 22 bilhões e tinha apenas 3% de inadimplência. Com R\$ 1 bilhão e 300 milhões, nós emprestamos dinheiro para 1 bilhão de pessoas. Ou seja, nós aprendemos que ou o Estado exerce o papel de indutor da economia e, quando necessário, de regulador, ou aquilo que contaram para nós, que o mercado, por si só, resolveria todos os problemas, era uma falácia.

Quando veio a crise, as *trades*, que financiavam a produção agrícola vendendo fertilizante aqui desapareceram, e ninguém tinha mais crédito. Nós



não queremos um Estado empresário, nós não queremos que o Estado faça aquilo que é pertinente a quem sabe fazer, mas nós não queremos um Estado medíocre, onde os dirigentes, diante de uma crise, não sabem tomar decisões.

Na crise do *subprime*, nos Estados Unidos se, em julho, o Bush tivesse colocado US\$ 60 bilhões no Lehman Brothers, ele não tinha quebrado. Entretanto, é como uma doença: ou você cuida na hora, ou você deixa a doença piorar até matar o paciente.

E o Brasil – você não falou, Paulo Sérgio – nós vamos sair de Anápolis e vamos até Estrela d’Oeste, já processo pronto, licitação, para a gente poder ligar o Porto de Itaquí. Você vai trazer todo produto, Roberto, lá de Balsas até o Porto de Santos. Mas se quiser voltar para Balsas, volta.

Este país, havia 15 anos que não produzia um metro de trilho. Este país não produzia locomotiva, nós fomos convencer a GE a fazer locomotiva. Parece que neste ano vai produzir umas cem, ou tem encomenda de cem. Agora, até fábrica de turbina vai ser montada no Brasil. Porque não é possível, companheiros, um país ir para frente se as pessoas daquele país não acreditam nelas.

Na primeira coisa para... Um time de futebol. Veja a Seleção brasileira, agora: tomou um golzinho merreca, aquele golzinho de cabeça que foi meio contra, meio o Júlio Cezar falhou. Mas, se a gente tivesse um Didi que fosse lá dentro da área, pegasse a bola, colocasse embaixo do braço, levasse para o meio do campo, colocasse: “Ó, vamos ganhar esse jogo”. Como nós fizemos em [19]58. Não existe passe, no mundo, para político que não sabe tomar decisão. Não existe. E isso a gente não aprende na universidade, não aprende na universidade, ou seja, a gente vai aprendendo quando o casco da gente vai ficando duro que nem casco de jabuti, quando a chicotada já não dói mais. Porque o jogo é pesado e também porque nós poderíamos ter feito o dobro do que fizemos, se não fossem as amarras que nós, quando deputados, criamos para nós. Este país, hoje, tem uma super máquina de fiscalização, com



peças ganhando muito bem, e uma máquina fraca de execução, ganhando pessimamente mal.

E esse é o desafio da classe política para o próximo mandato: é tentar fazer reforma política, sim; é tentar colocar as coisas no seu lugar. Eu não posso ter um jovem de 23 anos no Tribunal de Contas, sendo engenheiro, para fiscalizar uma obra do Dnit, que tem um engenheiro de 30 anos ganhando R\$ 5 mil. É preciso que haja um equilíbrio. Então, companheiros, eu acho que nós encontramos um caminho de fazer este país ir para frente.

Imagine vocês, gente: eu e o Zé Alencar somos, na história do Brasil, os dois únicos dirigentes deste país que não têm diploma universitário. O Brasil já teve professor, advogado, médico. Mas também tinha gente que teve diploma que não valia muita coisa. Mas já teve, o cara dizia: “Eu sou doutor”, e aí vale. Eu, se não for doutor, posso ser um gênio e não posso prestar um concurso público. Se você não é um gênio, mas tem um diploma de doutor, não importa que seja por correspondência, você pode prestar.

Pois bem, o grande prazer nosso, aquilo que você falou, Paulinelli, o grande prazer nosso é que eu vou terminar este mandato sendo o Presidente da República que mais fez universidade na história do Brasil. Vou terminar este mandato fazendo, em oito anos, tudo aquilo que foi feito em 93 anos de escolas técnicas. Pegamos 140, vamos entregar com 214... ou, não, mais 214, vai para 354 escolas técnicas, e é muito pouco. É muito pouco diante do atraso a que nós fomos submetidos.

Quando a gente fala “pela primeira vez na história do Brasil” é porque ministro da Educação não se reunia com reitores, Presidente da República nunca se reuniu com reitores, Presidente da República não se reunia com prefeitos, Presidente da República não se reunia com empresários. Só aquele que era amigo, que levava ele para tirar férias ali, tirar férias acolá, aí ele... É verdade. Todo presidente tem um amigo empresário que leva ele para (incompreensível). Eu preferi ir às praias das Forças Armadas, que eu me



comprometo menos. Depois que terminar meu mandato, se os meus amigos empresários quiserem me convidar, sem nenhum preconceito. Estou aceitando desde já o convite. Mas enquanto eu estiver no exercício do meu mandato, eu tenho que me manter com a integridade que precisa ter um Presidente da República de um país importante como o Brasil.

Eu lembro como se fosse hoje, como os usineiros de cana tinham medo de mim. Não sei se era medo ou ódio. O primeiro cara que me apresentou para um pouquinho deles foi o Zé Machado, ex-prefeito de Piracicaba, para os fornecedores. Depois, o Palocci me apresentou para outros maiores. Aí depois, então, que eu trouxe o Roberto, eu conheci todos. O Maurício (incompreensível), grande amigo.

Então, uma vez eu até fui criticado porque eu disse: eu acho que eu recuperei a cidadania dos usineiros neste país, porque usineiro era que nem evangélico: na hora da campanha, os políticos queriam dinheiro do usineiro, mas depois tinha vergonha de conversar e a imprensa fotografar um político com um usineiro, porque parecia que ele tinha uma doença feia. Evangélico, era a mesma coisa: políticos modernos conversavam com evangélico escondido, com medo de que alguém soubesse que eles eram evangélicos. Ou seja, o que nós impusemos neste país? Nós não podemos ser governantes de duas caras. Não tem importância que eu tenha divergência de algum de vocês. Antes de tudo, eu tenho que respeitá-los como brasileiros, e tenho que tratá-los em igualdade de condições.

Eu duvido, duvido... Teve oito conferências de prefeitos neste país, oito conferências, as Marchas dos Prefeitos, nós fomos em todas. Recebíamos uma pauta de reivindicação, demorávamos quatro meses estudando ela, depois passávamos para 20 ou 30 ministros e, depois, no ano seguinte, a gente recebia outra pauta e devolvia.

Os trabalhadores rurais, todo ano fazem uma passeata, e são muitas passeatas: é Fetraf Sul, que é uma corrente; é Contag, que é outra corrente; é



Sem Terra, que é outra corrente; é a Marcha das Margaridas, que é outra corrente. Todo ano tem passeata, todo ano nós recebemos uma pauta de reivindicação, todo ano nós colocamos 20 a 30 ministros para estudar cada item da pauta, depois de 30 dias, chamamos e respondemos. O que a gente pode dar, a gente dá, o que a gente não pode dar, a gente não pode dar. Mas você ganha uma coisa: respeito. Você ganha uma coisa chamada respeito, coisa que muitos governantes, neste país, não tiveram, não tiveram.

Então, eu quero dar os parabéns ao Ministério dos Transportes, porque o milagre é que está pagando em dia. Antigamente, o governo fingia que contratava obra, fingia que pagava, os empresários fingiam que faziam e não acontecia absolutamente nada. Hoje, a ordem do governo é a seguinte: “Paulo Sérgio, é pagar. Só não pode pagar adiantado, por causa do Tribunal de Contas, mas, fez a medição, pague”. Porque é assim que a gente ganha credibilidade. É quando as pessoas percebem que é possível olhar um no olho do outro e um dizer a verdade para o outro, nos bons momentos e nos maus momentos.

Então, meus companheiros, eu acho que o Brasil ter um ministério da magnitude do Ministério dos Transportes... E quando nós inventamos o PAC, aí já foi um pouco de malandragem. Porque se você não tivesse criado o PAC, normalmente a tendência do ministro é tentar fazer mais obra na sua região. É.

Você sabe a briga que eu tenho para distribuir os estaleiros pelo Brasil afora, porque senão tem alguém que quer fazer só em um lugar. E eu não sou governo de um estado, eu sou Presidente do país, eu tenho que diversificar isso. Por isso é que nós recuperamos Rio Grande, no Rio Grande do Sul, com um porto extraordinário, produziu já oito plataformas... já estão contratadas oito plataformas para a Petrobras. É por isso que tem o Atlântico Sul, lá em Pernambuco. É por isso que queremos construir no Ceará, por isso queremos construir em Alagoas, mais no Rio de Janeiro, mais na Bahia. Queremos diversificar este país, porque nós não queremos apenas competir com



Cingapura, nós queremos que Cingapura venha encomendar navios aqui, porque a gente vai ter mão de obra mais qualificada.

Eu fui lançar um navio, agora, sabe quem eram as soldadoras do navio? Ex-cortadoras de cana. Meninas de 20 anos, que cortavam cana, que foram formadas pelo estaleiro, estavam soldando. Em uma demonstração de que é plenamente possível a gente revolucionar este país. É preciso que a gente tenha a certeza de que a gente não pode voltar atrás e que a gente precisa, daqui para frente...

Eu disse aos companheiros exportadores: quando a gente exporta, tem que aumentar a nossa responsabilidade e a nossa qualidade. Quem lida com o mercado externo sabe. Essa era uma dúvida para a questão do álcool, nós discutimos muito a questão do álcool. Quando a gente prometer entregar uma quantidade de bilhões de litros, tem que entregar. Quando a gente for vender carne no exterior, a nossa carne tem que ser de qualidade. A gente não pode ficar tentando passar carne de um estado para outro, para ver se engana o comprador lá. A gente pode enganar uma vez, pode enganar duas vezes, mas na hora em que descobrirem, a gente quebra a cara e todo mundo perde.

Um tempo atrás, muito tempo atrás, eu lembro de uma empresa que achava que podia enganar os outros: enchia o frango de água, congelava e vendia um pouquinho de gelo dentro do frango. Ele faz isso uma vez ou duas vezes. Na hora que pegarem, ele nunca mais vai vender lá fora.

É por isso que nós, agora, decidimos fazer investimento em inovação. A palavra agora, Roberto, é inovação. Ontem eu participei de uma reunião exuberante sobre inovação, e esse é o passo do Brasil.

Então, queridos companheiros e companheiras, o coquetel nos espera.

Um grande abraço. Parabéns a todos vocês, que são a razão do sucesso deste país.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de comemoração da venda de 30 mil tratores e 500 caminhões pelo Programa Mais Alimentos e de assinatura de contratos do Programa Minha Casa, Minha Vida Rural

Santa Cruz do Sul-RS, 29 de julho de 2010

Primeiro, eu queria cumprimentar o nosso querido companheiro, ex-governador do estado do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra,

Cumprimentar o nosso querido ministro que acaba de falar com vocês, o companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

O companheiro Marcio Fortes, que também falou com vocês, ministro das Cidades,

E o companheiro Dulci que, junto com o Guilherme Cassel, tem sido responsável por todas as articulações que nós temos com o movimento social no Brasil, e que acaba de falar com vocês,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Kelly Moraes, prefeita de Santa Cruz do Sul, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidenta da Caixa Econômica Federal, aquela senhora simpática ali da ponta, e contar uma coisa que ela estava me dizendo. Ela estava dizendo para mim e para o Guilherme Cassel: “Nossa, como os pobres daqui são bonitos!”. É verdade, é verdade. Qualquer nordestino que venha para cá, ele vê uma diferença enorme, mesmo em se tratando de pessoas pobres, entre as pessoas do Sul, do Sudeste, com as pessoas do Norte e do Nordeste. Porque tem uma máxima que todo mundo sabe: comeu, ficou bonito; não comeu, não fica tão bonito. E quem passa fome tem mais dificuldade, quem passa fome tem mais dificuldade.



Então, se você andar pela região mais pobre do Sul do país, se você andar na metade Sul do país, do Rio Grande do Sul, que é a região mais sofrida, você vai perceber que ainda assim as pessoas tiveram, na década de 50, um tratamento que nós, no Nordeste, não tivemos. Eu, em se falando de nordestino bonito, sou uma exceção. Isso aqui, falando... Tem um companheiro baiano aqui atrás que, como eu, já somos duas exceções.

Mas, então, é isso. E se for, então, na parte mais forte da agricultura familiar, lá em Santa Catarina, se for para a região de Erechim, se for para a região de Caxias, é que ela vai ver que ela vai pensar que está na Alemanha e não aqui, no Brasil.

Então, é isso, Maria Fernanda, que aconteceu: o Sul e o Sudeste tiveram a oportunidade de comer e de estudar primeiro do que nós, do Nordeste. É por isso que eu lembro de uma pessoa já meio antiga que me dizia que o companheiro Brizola, quando foi governador do estado do Rio Grande do Sul, ele teve um cuidado tão excepcional com a educação que eu penso que a geração que nasceu na década de 60, de 50, sabe a importância que teve a educação neste estado do Rio Grande do Sul. Foi uma coisa muito importante.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Miguel Rossetto, que foi companheiro ex-ministro do Desenvolvimento Agrário, que foi companheiro, agora, designado por mim para ser presidente da empresa da Petrobras que vai cuidar de biocombustível, também foi deputado federal, também foi vice-governador do estado do Rio Grande do Sul,

Quero cumprimentar o companheiro Eurides Mescolotto, presidente da Eletrosul, que tem muito a ver com o projeto que vocês estão colocando em prática aqui, em Santa Cruz,

Quero cumprimentar, com muito carinho, dom Sinésio Bohn, bispo emérito de Santa Cruz do Sul. Muito obrigado por estar presente, dom Sinésio. Quero cumprimentar... Dom Sinésio, o senhor sabe que esse gordo que está do seu lado, aí, o Mescolotto, ele e o Gilberto Carvalho eram militantes de



igreja e faziam a opção de morar em favela e de participar muito da Pastoral Operária nos anos 70, nos anos 80. Quando eu entrei no sindicato, eles faziam oposição sindical em Santa Catarina e no Paraná, e hoje virou presidente da Eletrosul e deve ter um salário três vezes maior do que o do presidente da República.

Quero cumprimentar o companheiro José Gilberto e frei Sérgio, por meio de quem cumprimento os demais companheiros do MPA,

Quero cumprimentar os companheiros dirigentes sindicais,

Quero cumprimentar os companheiros e companheiras agricultores da região,

Quero cumprimentar os prefeitos e as prefeitas das mais diferentes cidades que estão aqui,

Quero cumprimentar os companheiros jornalistas que estão aqui,

E quero dizer para vocês da alegria enorme de ter aqui conosco o nosso companheiro, irmão Antônio Sequim. Sequim, o Olívio Dutra estava me dizendo que você tem uma demanda para fazer para o governo federal. Então, é importante que você prepare a sua demanda, ou entregue para o Olívio Dutra, ou entregue ela aqui hoje, porque, aquilo que eu falei na televisão sobre os catadores de papel, não é apenas o que eu penso, é o que eu acredito e o que eu faço. E acho que nós tornamos os catadores de papel, na maioria dos estados brasileiros, cidadãos que não têm mais vergonha de puxar uma carrocinha, que não veem aquilo como uma função secundária, mas, com orgulho, sustentam os seus filhos. E foi por isso que nós, do BNDES, tomamos a decisão de emprestar R\$ 200 milhões, para que os catadores de papéis possam se organizar nacionalmente. Foi por isso que, através de Itaipu, nós fizemos um carrinho, para ninguém precisar puxar mais uma carroçona, um carrinho à bateria, que ela aperta um botãozinho e vai dirigindo nas ruas, para facilitar a vida dos companheiros que catam papel.

Então, se você tem uma demanda, querido, entregue para o Olívio



Dutra, entregue para alguém, para ela chegar na minha mão, para a gente resolver a sua demanda. Lembrando-se que eu tenho apenas cinco meses e dois dias de governo, até o dia 1º de janeiro de 2011.

Segunda coisa que eu queria dizer para vocês, companheiros: eu aprendi muito cedo, do lado de onde eu vim, aprendi para onde eu vou voltar, aprendi a distinguir quem são os meus amigos, quem são os meus aliados, quem são os aliados momentâneos, quem são os amigos momentâneos e quem são aqueles que eternamente vão me chamar de companheiro e eu vou chamá-los de companheiros. E aprendi isso e coloquei isso em prática no meu mandato.

E sei, frei Sérgio, que não foram poucas as vezes em que companheiros como você e outras dezenas de companheiros de qualidade por este país acharam que o governo tinha se desencaminhado, que o governo não ia conseguir construir aquilo que a gente prometia em praça pública. E eu nunca me queixei pelo fato de as pessoas terem dúvida, nunca me queixei. Porque não basta você dizer que quer fazer, é preciso que os resultados comecem a aparecer para que as pessoas comecem a perceber que as coisas foram feitas.

E, tampouco, eu, algum dia, me queixei de qualquer companheiro ou companheira, neste Brasil afora, que fizesse qualquer reivindicação. Até porque eu fui dirigente sindical, eu reivindiquei muito. E quanto mais eu conquistava, mais eu queria. Se um patrão me desse dez em um ano, no outro ano eu queria 15. Se ele me desse um pedaço de carne na refeição, no almoço, em um ano, no outro ano eu queria dois pedaços de carne. E assim eu sei que é a vida. No dia que vocês se contentarem com o que vocês têm, a vida fica monótona. É preciso que a gente esteja sempre querendo melhorar. Na casa da gente é assim: a gente mal acabou de comprar uma televisão, a mulher já vê uma nova e já fala: “Eu quero essa. Eu quero uma bem fininha, daquelas bem fininhas”. Antigamente, a televisão dava para você colocar um vaso desse tamanho em cima. Agora as bichinhas estão tão estreitas que a



gente não coloca nem uma agulha mais em cima, que não cabe. E cada vez mais: “Eu quero um CD mais novo, eu quero...”. A molecada, com computador, então, a gente nem acaba de abrir a caixa do presente, ele fala: “Ah, esse já está velho, eu quero outro”. A vida é assim.

Então, este governo aprendeu a não reclamar das pessoas que reclamam dele. Porque, muitas vezes, um amigo de verdade tem coragem de reclamar, e um traíra não tem coragem de reclamar e finge que as coisas estão bem.

Eu, o maior orgulho que eu tenho, quando deixar a Presidência da República, é poder andar pelos quatro rincões deste país de cabeça erguida, sabendo e tendo a consciência tranquila de que nós fizemos, em oito anos, muito mais do que foi feito em 20 ou 30 anos neste país, mas sabendo, também, que ainda há muita coisa por fazer.

Eu estava falando para o Miguel citar algumas coisas aqui, mas eu vou dar um exemplo: neste estado, aqui, nós fizemos 451 mil ligações elétricas. Este era um estado rico, mas tinha 451 mil famílias que não tinham energia elétrica em casa. Quando nós inventamos o Programa Luz para Todos, em 2004, e começamos a implantá-lo, nós tínhamos uma informação do IBGE de que no Brasil tinha duas mil [dois milhões de] residências sem energia elétrica. Essas duas mil [Esses dois milhões de] residências poderiam significar, se no campo, cada pessoa tem quatro filhos ou cinco filhos, poderiam significar 10 milhões, 11 milhões, até 12 milhões de pessoas.

Quando nós fomos a campo e começamos a fazer, nós descobrimos que além dos dois milhões do IBGE, nós encontramos mais 975 mil famílias que não tinham energia no campo. Então, o que era 2 milhões passou para 3 milhões, três milhões de famílias, três milhões de residências. Ora, três milhões de residências, se morarem, como na minha casa, cinco dentro de casa, já são quantos? Quase 15 milhões de pessoas. Mas vamos supor que o povo está



mais... aprendeu mais, está com o planejamento familiar... só tem quatro. Seriam 12 milhões de pessoas acendendo um candeeiro neste país.

Quando nós tomamos a decisão, dizia-se: “O governo não vai ter dinheiro para fazer”. Então, frei Sérgio, eu quero dar um número para você decorar: nós já colocamos R\$ 14 bilhões, 14, vou repetir: R\$ 14 bilhões. Os estados tinham a responsabilidade de colocar 20% desse dinheiro, a maioria dos estados não colocou, e, ainda assim, o governo federal continuou a fazer o Programa, porque nós entendemos que o cara que mora no meio do mato, na Amazônia tem o mesmo direito de ter a mesma energia que mora um cara da [de um cara que mora na] Rua da Praia em Porto Alegre, em Copacabana ou na Avenida Paulista. Foram R\$ 14 bilhões colocados pelo governo. Foram 1 milhão e 100 mil quilômetros de cabos, de fio. Você sabe o que significa 1 milhão e 100 mil quilômetros de fio? Significa enrolar o planeta Terra 28 vezes. Nós colocamos 6 milhões de postes, tudo de graça. E nós colocamos 860 mil transformadores. Acho que é o maior programa feito em tão curto espaço de tempo, e agora, na Amazônia, como um poste de madeira pesa 390 quilos e, para você levar de barco, você precisa de muitos homens para tirá-lo do barco e muitos homens para colocar o “bicho” em pé, um poste de cimento pesa uma tonelada, precisa de mais homens e um barco maior, nós agora estamos trabalhando com postes de lã de vidro, que pesam apenas 130 quilos, e, aí, três caras como eu, fortes, podem levantar e, se levar o Mescolotto, sozinho ele levanta o poste e coloca lá.

Ora, quando a gente coloca a luz na casa de uma pessoa, o que vem atrás? Vem uma geladeira, às vezes vem uma televisão, às vezes vem um moinho, às vezes vem um liquidificador, às vezes vem um moedor de milho, de cana, de qualquer coisa. O dado concreto é que as pessoas voltaram para a escola; 30% de pessoas voltaram à escola por causa do Luz para Todos no interior deste país.

E muita gente... porque não adianta aquele discursinho nosso sectário



da década 60: “É preciso fixar o homem no campo”. Ora, quem quer ser fixado em campo é estaca! Na verdade, a gente quer morar livremente no campo e, para isso, a gente quer luz elétrica, para isso a gente quer escola, para isso a gente quer saúde, para isso a gente quer transporte escolar para levar nossas crianças à escola, para isso nós queremos garantia de preço para os nossos produtos. É isso que vai fazer a gente voltar a morar no campo, é isso que vai fazer a gente ter vontade de morar a 10 quilômetros da cidade, a 20 quilômetros, vivendo mais confortavelmente do que quem está na cidade, às vezes correndo risco até de não ser assaltado.

A Maria Fernanda é pernambucana como eu. Lá no Nordeste, a gente não está vendo mais jegue. Sabe aquele jeguinho que carregou Jesus Cristo quando era criança, que lá no Nordeste serve para carregar a carga do povo mais pobre? Acabou. Agora o pessoal está... o jeguinho dos caras chama-se moto; agora, em vez de jegue, é moto, moto! O Guilherme sabe, os assessores do Ministério dele e das Emater, que vão dar assistência técnica, não querem mais jegue não, nem cavalo, querem moto. E agora com esse diabo desse frei Sérgio fazendo biodiesel e fazendo álcool, nós vamos encher o tanque das motos e aí vai ter muito mais fiscalização, muito mais assistência técnica e muito mais produção neste país.

Agora, a gente não chegaria aqui se a gente não compreendesse uma coisa: em política, tem que ter uma coisa que nós temos que medir sempre a correlação de força entre o que eu quero e o que eu posso fazer e com quem eu conto para fazer. Se eu não tiver noção de avaliar a correlação de força cada vez que eu quero fazer uma coisa, eu vou quebrando a cara e vou voltando para trás ao invés de caminhar para frente. Veja, nós gostaríamos de fazer muito mais – e eu espero que nos próximos anos a gente faça mais e mais rápido –, mas nós também estamos aprendendo. Porque vocês estão já há algum tempo treinando para fazer isso, e tem que fazer devagar, como se fosse um plano piloto, para ir consolidando cada uma. A segunda já vai ser



melhor, a terceira já vai ser melhor, a quarta vai ser melhor, a quinta vai ser melhor. Daqui a pouco, vocês estão fazendo as coisas perfeitas, tem mercado garantido, a empresa da Petrobras está consolidada, a gente tem preço garantido, e a gente pode dizer, então, que a política deu certo.

Quem sabe organizar cooperativa, sabe que o maior erro da história mundial das cooperativas é quando alguém tentou montar uma cooperativa de cima para baixo. Se um bispo tentar montar uma cooperativa, (incompreensível) com o bispo, com o segundo bispo, com o terceiro bispo, ele não vai dar certo. Ou ele permite que os lá de baixo comecem a montar a cooperativa, errar, quebrar a cara... para poder dar certo, ou não dá certo. A cooperativa é o resultado da evolução da consciência política daqueles que querem ser cooperados. Quando o cara decidir: “Eu quero ir para a cooperativa”, ela dá certo. Mas se eu tentar impor para ele a cooperativa, não vai dar certo nem no Brasil e nem em lugar nenhum do mundo.

Nós tivemos experiência em fábrica. Eu tenho uma fábrica, em São Bernardo, chamada Conforja, muito grande. Ela tinha 3 mil trabalhadores. Ela quebrou. E nós, então, inventamos de fazer uma cooperativa para tocar a Conforja. Ela produz tubo para a Petrobras. Oitenta por cento dos trabalhadores não quiseram participar da cooperativa, preferiram receber a indenização e entrar na Justiça. O que aconteceu? Quem foi para a Justiça ainda hoje não recebeu. E a cooperativa já está com 800 trabalhadores, produzindo com muita capacidade, vendendo para muita gente, e os trabalhadores estão ganhando muito. E cada um que eles contratam, o cara tem um tempo de adaptação para poder virar um cooperado, ele não vira um cooperado assim que ele entra. Ele é um empregado primeiro, até adquirir a condição de ser cooperado.

E assim o Brasil vai evoluindo, assim o Brasil vai crescendo e assim nós vamos nos consolidando e transformando este país em um país cada vez mais rico.



O número que o Guilherme falou aqui, era importante que vocês prestassem atenção. O que está disponibilizado para a Agricultura Familiar do Rio Grande do Sul, através do Pronaf, na safra 2010-2011, R\$ 3 bilhões e 300 mil, é tudo, é quase um bilhão a mais do que tudo o que foi utilizado no Brasil em todo o ano na safra de 2002-2003. Ou seja, nós estamos fazendo, só para o Rio Grande do Sul, um bilhão a mais do que tudo o que foi feito no Brasil antes de eu chegar ao governo.

Pois bem, e nós podemos fazer mais, porque aprendemos, o povo aprendeu, eu aprendi, Guilherme aprendeu, Dulci aprendeu, vocês, do Movimento, aprenderam, evoluíram, e todos nós estamos percebendo... os prefeitos aprenderam. Porque, quando nós criamos o PAC, que nós começamos a chamar prefeitos e governadores para a gente fazer o PAC, quase nenhum prefeito e nenhum governador tinha projeto, nós tivemos que fazer os projetos. Tivemos que fazer o projeto para poder... e demora anos para fazer o projeto.

Por isso, olha, vir aqui a Santa Cruz, participar da entrega de tratores financiados no Programa Mais Alimentos, Mais Alimentos, é isso? Dez anos de pagamento, dez anos para pagar; três anos de carência. Esse “bichinho” novo aqui, recém-casado, que já pegou o trator dele, ele vai ficar três anos sem pagar nada. Ele vai começar a pagar depois de três anos. Aí ele vai pagar só 2% de juros ao ano e vai ter dez anos para pagar. Então, nós já vendemos 30 mil tratores, agora entramos na era dos caminhões. Porque se o cara está com um trator, tratando a terra, movendo a terra e produzindo mais, ele vai produzir mais, vai ganhar mais, e em vez de ficar carregando em um burrico, ele vai ter um “caminhãozito” para ele poder levar as coisas dele para entregar na cidade, porque, também, nós compramos, da agricultura familiar, 30% de toda a comida da merenda escolar, para a gente poder garantir ao pequeno produtor o desejo, o prazer de viver no campo e ter as mesmas benesses que a gente tem morando na cidade, sem correr o risco.



Portanto, frei Sérgio, eu não podia deixar de vir aqui, Prefeita, frei Sérgio, companheiros, porque falta muito pouco para que eu volte a ser um igual a vocês. E eu sei que eu tenho amigo que é amigo por causa do mandato, eu sei que tem gente que gosta de mim porque eu sou presidente, mas eu sei que tem gente que gosta de mim antes de eu ser presidente, e são esses que são os meus amigos para o resto da vida. E sei que eu construí outros amigos, porque eu aprendi na vida que não adianta a gente ter raiva. Engraçado, a gente só aprende quando a gente fica velho. Quando o cara faz raiva para a gente, que a gente fica com raiva, o cara que faz raiva fica vitorioso, porque você começa a ter azia, a ter gastrite, você só fala no nome da pessoa que te fez mal, você fala em vingança e, aos 64 anos de idade... vocês viram quanta gente torceu para que o meu governo não desse certo? E quanta gente falava: “Por que esse peão metalúrgico quer ser presidente? Esse cara não vai dar certo, isso aqui é lugar para doutor”.

Pois bem, eu, quando terminar o governo, frei Sérgio, você vai poder ter orgulho de dizer que um peão metalúrgico que governou este país é o presidente que mais fez universidade na história do país, mais fez escolas técnicas na história do país. E criei um novo paradigma: quem vier depois de mim vai ter que fazer muito mais, porque senão o povo vai dizer: “Espere aí, aquele torneiro mecânico fez 14 universidades, e quantas você fez?”.

E mais, dom Sinésio, mais: criamos uma universidade latino-americana, com um currículo latino-americano, professor latino-americano e estudantes latino-americanos. E mais: acabamos de aprovar no Senado, eu já sancionei, uma universidade luso-afro-brasileira, na cidade de Redenção, no Ceará, 10 mil alunos, 5 mil africanos, 5 mil brasileiros, que é para a gente pagar a dívida que o continente brasileiro tem com 380 anos de escravidão e de serviço prestado a esse povo pelo povo negro que veio da África como escravo, para ajudar a gente. Então, como a gente não pode pagar essa dívida em dinheiro, a gente paga em solidariedade, a gente paga na formação de pessoas. E tudo



isso só foi possível por causa de vocês.

Se tem um Presidente da República que tem orgulho.. Eu, se pudesse, eu dizia: “Ô Obama, você disse que eu sou ‘o cara’. Eu não sou ‘o cara’, Obama, eu sou o Lula. ‘Cara’ é o povo do meu país, ‘os caras’ é o povo trabalhador daquele país, que acreditou nos momentos fáceis, nos momentos difíceis, e fez com que nós chegássemos aqui”. E eu sei que sem vocês eu não teria chegado aqui.

Por isso, eu quero dizer para vocês: muito obrigado, nos veremos muitas vezes, porque quando eu deixar de ser presidente, aí eu vou ser oposição ao frei Sérgio. Eu vou vir aqui saber se ele está produzindo corretamente, saber se está funcionando direitinho. Ele vai ver o quanto é bom eu no calcanhar dele, ali, falando das coisas dele.

Mas, que Deus abençoe a todos vocês. E que a gente possa continuar trabalhando para que o Brasil seja uma grande nação. E, se Deus quiser, daqui... nos próximos cinco ou seis anos, nós seremos a quinta economia do mundo, e vamos ver todo o Brasil tão bonito, Maria Fernanda, quanto você achou o povo desta região.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras de reforma do Estádio Beira-Rio para a Copa do Mundo de 2014

Porto Alegre-RS, 29 de julho de 2010

Primeiro, dizer ao presidente Piffero: essa minha visita aqui é quase que uma coisa marcada de última hora, porque nós estávamos sancionando o Estatuto do Torcedor quando o Piffero me convidou para vir aqui. Como eu tinha uma agenda para o Rio Grande do Sul, eu falei: eu vou lá no estádio do Internacional, primeiro porque eu sou torcedor do Internacional, para tristeza dos meus companheiros do PT que são gremistas. Não vou nem citar o nome deles aqui: Fortunato, o nosso Prefeito, o Clóvis (incompreensível), o Cezar Alvarez, que trabalha diretamente comigo. Teve um tempo em que eu fiquei com bronca do Internacional, porque, em 1976, a turma do Falcão, do Paulo César Carpegiani, foi a São Paulo e tirou o título brasileiro do Corinthians. Era uma grande expectativa que nós tínhamos depois de derrotar o Fluminense, quando enchemos o Maracanã com 80 mil corinthianos. Depois, vai o Falcão marcar gol no Corinthians e foi muito ruim para mim.

Mas, de qualquer foram, para mim, como Presidente da República, que junto com outros companheiros brigamos para que a gente trouxesse a Copa do Mundo para 2014, é uma coisa extremamente importante. Primeiro, porque o Internacional é um time tido e havido no Brasil como um dos mais organizados. Um time que consegue ter um estádio dessa qualidade, que tem uma torcida organizada, não apenas uma torcida organizada que frequenta, mas uma torcida que paga mensalidade habitualmente e que ajuda a sustentar o time – 104 mil torcedores –, significa que é um time que tem uma dosagem muito grande de realismo administrativo, gerencial, para que o time consiga conquistar tanto quanto vem conquistando.



Ora, e vir ao estádio do Internacional para bater a estaca e começar a construir um estádio que vai se preparar pra a Copa do Mundo de 2014 é motivo de muita alegria, porque a gente vai demonstrar ao mundo e ao Brasil que nós temos competência e temos gente preparada para realizar uma Copa do Mundo da melhor qualidade. Uma Copa do Mundo não precisa apenas de um estádio, precisamos de vários estádios, porque as seleções virão com antecedência, vão treinar, vai ter muito amistoso. Depois, não é apenas a Copa do Mundo: antes, nós vamos ter a Copa das Confederações; depois a gente vai ter, em 2015, a Copa das Américas; depois nós vamos ter as Olimpíadas, em 2016, que tem muito futebol também, então, na verdade, nós vamos ter uma concentração de eventos esportivos entre as Olimpíadas Militares, que começam no ano que vem, até as Olimpíadas de 2016, que eu penso que quase nenhum país do mundo teve essa quantidade de eventos esportivos em um período de cinco anos. Então, eu quero dar os parabéns ao Presidente do Internacional e, cumprimentando ele, cumprimento toda a diretoria, cumprimento o povo do Rio Grande do Sul, o povo de Porto Alegre e a torcida do Internacional, a torcida gloriosa que ajuda a sustentar esses time e que motiva esses jogadores a fazer o que fizeram com o São Paulo ontem. Ontem...

_____ : Para a tristeza do (incompreensível).

Presidente: Ontem, ontem... hein?

_____ : Para a tristeza do seu (incompreensível).

Presidente: Não, para tristeza do meu filho mais velho, que é são paulino, do meu neto, que é são paulino, para tristeza, mas futebol é isso. Ontem, acho que o Internacional jogou uma partida, eu diria, bem estruturada, sufocou o São



Paulo o tempo inteiro. Agora, todo mundo sabe que em São Paulo, o São Paulo vai tentar ganhar, não é fácil. Mas, de qualquer forma, é muito prazeroso saber que um time, com as suas próprias pernas, começou a se preparar para a Copa do Mundo de 2014, na expectativa de ceder muitos jogadores para o nosso técnico, que vem com uma experiência muito rica lá do Corinthians.

_____ : O Mano começou aqui, Presidente.

_____ : No Internacional.

Presidente: Não, eu acho que... Está bem, parabéns. Quando o Piffero me convidou, eu vim para cá com orgulho, porque é uma coisa forte, é um começo importante a gente saber que as coisas estão começando, e vai começar em todos os estádios.

Vocês sabem que, no Brasil, nós temos, sempre, um tipo de gente que fica dizendo: “Será que vai dar certo? Será que pode? Será que era a hora? Será que não era melhor fazer não sei onde? Será...”. Tem muita gente que acha que o Brasil está sempre sem poder fazer as coisas. E eu fico pensando: no tempo em que a gente só tinha café para exportar e a nossa economia era à base do café, a gente fez uma Copa do Mundo, por que a gente não pode fazer em 2014, quando o Brasil já estará perto de ser a quinta economia do mundo?

Mais importante ainda, é que vamos sediar uma Copa do Mundo em um momento de renovação da Seleção Brasileira. A meninada que hoje está com 20 anos, com 19 anos, com 18 anos, com 17 anos...

_____ : O Sandro está aqui, Presidente, foi convocado pelo Mano.

Presidente:...tem uma expectativa extraordinária. Você não sabe da alegria de ver a convocação e perceber que a maioria da convocação é de jogadores que



estão jogando aqui, no Brasil. Obviamente que, quando vestirem a camisa da Seleção, todos eles vão ser valorizados e vão embora, vão embora logo. Mas isso faz parte da vida do futebol hoje. Acho que é um momento extremamente importante. Eu fiquei muito triste quando a gente perdeu a Copa do Mundo da África do Sul. Eu, sinceramente, nunca vi uma Copa tão fácil para o Brasil ganhar. Eu não sei se você tem explicação, mas eu não consigo entender qual foi o clima psicológico que caiu dentro da Seleção Brasileira com aquela merreca daquele golzinho de cabeça, fajuto, que fez aquele... Foi o Felipe, até contra, o primeiro, não é?

_____ : O outro foi o Sneijder.

Presidente: O primeiro foi do Sneijder?

_____ : Não, o primeiro foi contra. O segundo (incompreensível).

Presidente: O primeiro foi contra do Felipe, que o Júlio César poderia ter pego a bola, afinal de contas, ele vai com a mão, o outro vai com a cabeça. Eu fiquei muito triste, mas eu acho que... Eu sou daqueles que acha que Deus escreve certo por linhas tortas. Eu acho que se a gente não pôde ganhar 2 [2002] e 10 [2010], é porque Deus sabe que nós não podemos perder 2014, nós não podemos, pelo amor de Deus, repetir 2050 [1950]. Então, essa molecada que comece a passar sebo na canela para correr e não tremer diante do Uruguai, é ou não é? Muito menos da Argentina.

_____ : Não tem chance, não tem chance.

Presidente: Então gente, parabéns, querido. Que Deus ajude o Internacional, que vocês consigam e, quando estiver pronto, me convidar para vir visitar...



_____ : O senhor tenha certeza disso.

Presidente:... e fazer um...

_____ : Amistoso.

Presidente: ...fazer um amistoso de veteranos. Pega os jogadores de vocês de [19]70.

_____ : Valdomiro.

Presidente:... para jogar com os corintianos de [19]60. Um abraço, parabéns.

_____ : Muito obrigado, Presidente.

_____ : Muito bem, Presidente.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de contratos para mobilidade e drenagem urbana e construção de moradias; de assinatura da ordem de início da duplicação da BR-386 Tabaí-Estrela e de lançamento do edital da duplicação da BR-116 Porto Alegre-Pelotas

Porto Alegre-RS, 29 de julho de 2010

Bem, primeiro, companheiros e companheiras de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, dizer da alegria de mais uma vez estar nesta cidade e neste estado.

Queria começar cumprimentando o companheiro Olívio Dutra, ex-prefeito desta cidade, ex-governador deste estado e ex-deputado constituinte comigo em [19]87,

Quero cumprimentar os ministros Orlando Silva, do Esporte; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; Marcio Fortes, das Cidades; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; e o nosso companheiro Alexandre Padilha, das Relações Institucionais,

Quero cumprimentar o companheiro José Fortunati, prefeito de Porto Alegre,

Quero cumprimentar a nossa companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidenta da Caixa Econômica Federal, e cumprimentando ela estou cumprimentando o time masculino e feminino da Caixa Econômica que está aí alerta ao que fala a sua presidenta,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Miguel Rossetto, ex-deputado federal, ex-vice governador deste estado – na hora em que parar o papel, eu pego o microfone na mão –, hoje presidente da Petrobras Biocombustíveis. Nós, ô Miguel, vamos ter que encontrar um nome melhor para a nossa empresa, porque quando nós resolvemos criar a PBio, uma empresa



da Petrobras para cuidar de biocombustíveis, é porque nós entendíamos que a Petrobras poderia dar seriedade ao programa e a Petrobras poderia garantir aos pequenos produtores que serão supridores da matéria-prima da Petrobras um preço mínimo mais justo, muitas vezes, do que o mercado poderia oferecer, e assim a Petrobras elevaria o padrão de ganho dos pequenos proprietários brasileiros. Eu acho que nós vamos precisar encontrar um nome mais pomposo para a nossa empresa de biocombustíveis porque eu sonho com essa empresa como eu sonho com o crescimento do meu neto, meu filho. Eu quero ver essa empresa “bombar” como a Caixa Econômica – que um dia quase quebra – está “bombando” hoje, como o Banco do Brasil, que era deficitário, está “bombando” hoje.

Aqui, embora não seja esse o assunto que eu vim falar, eu tenho demonstrado uma preocupação, para o companheiro Miguel Rossetto, que a gente não pode permitir que a política de biodiesel se subordine apenas à soja, porque como a soja é uma *commodity* importante no mundo, e às vezes, os chineses ou o mercado futuro fazem a soja subir demais, pode chegar um momento em que o preço da soja no mercado externo esteja tão forte que não tenha soja para produzir biodiesel, e aí não compensa, então, você ficar fazendo biodiesel de soja. Então, nós precisamos... o Miguel está trabalhando nisso, a Embrapa está trabalhando nisso, o MDA está trabalhando nisso, para que a gente possa diversificar as oleaginosas que possam produzir o biodiesel, para que a gente tenha na soja um instrumento importante de regulação de preço. No dia em que a soja estiver muito baixa no mercado internacional, que alguém estiver perdendo dinheiro, nós poderemos comprar soja para ajudar a elevar o preço e normalizar o preço. Quando a soja estiver bem alta, lá fora, que ganhem todo o dinheiro que quiserem os plantadores de soja, e nós iremos utilizar outras oleaginosas como o pinhão-mansão, que está sendo bem tratado na Embrapa, e é uma árvore perene que produz, acho que por 30 ou 40 anos; como o dendê, que eu fui agora com o Miguel Rossetto, no Pará - nós vamos



plantar alguns milhões de hectares para recuperar as terras degradadas que já tem no estado do Pará, sem precisar derrubar uma única árvore. Já foi feito, inclusive, um convênio para que a gente possa suprir as necessidades de Portugal, vender para Espanha, é um projeto extraordinário. Além das três plantas que a Petrobras já tem: uma em Quixadá, no Ceará, que eles falam que é de mamona, mas é soja que vai daqui, do Sul, para lá; uma em Montes Claros, em Minas Gerais, e outra em Candeias, na Bahia. E o Miguel sabe que nós precisamos de mais algumas da Petrobras, além das outras privadas, em alguns outros estados, para que a gente mantenha o equilíbrio.

E aí, Miguel, eu acho que nós precisamos procurar um nome, um nome mais... porque esse Pbio, até eu esqueço! Pbio! Tem que ser alguma coisa mais pomposa. Você está lembrado que o Joãozinho Trinta dizia que “quem gosta de miséria é intelectual”. E esse nome é tão pobrezinho, que nós não podemos gostar da finalidade dessa empresa extraordinária que é uma das empresas, uma das empresas de que eu tenho orgulho, porque quando nós começamos no governo, a nossa querida Petrobras não se interessava por álcool, não se interessava por gás, não se interessava por biodiesel, porque a lógica dela era apenas o petróleo. E nós resolvemos dizer para a Petrobras que era preciso que ela entrasse em toda a matriz energética. O Tigre está lembrado que há alguns anos, há três anos, quando a Bolívia começou a criar caso com o Brasil, a gente não tinha alternativa: nós criamos o Plangás e, em três anos, nós já estamos produzindo o suficiente aqui e mais do que o que a gente importa da Bolívia. Significa que quando a gente teima, quando a gente é perseverante, a gente consegue fazer as coisas.

Quero cumprimentar os nossos queridos prefeitos que estão aqui, o Ary Vanazzi, de São Leopoldo; o Cássio Mota, de Canguçu, companheiro que acabou de fazer uso da palavra aqui; o Fábio de Oliveira Branco, de Rio Grande; o Roberto Neli, de Bento Gonçalves, que prometeu vinho para o resto da vida – está que nem o contrato que o Ronaldão fez com a Nike; quero



cumprimentar o Tarcísio Zimmermann, de Novo Hamburgo; por meio dos quais cumprimento todos os prefeitos presentes aqui,

O nosso querido companheiro Hideraldo Caron, diretor da infraestrutura rodoviária do DNIT. Eu ia pedir para ele falar, mas o Paulo Sérgio falou tanto, e falou tantos números, que seria redundância você repetir os números,

Quero cumprimentar os meus companheiros e companheiras do Movimento Nacional de Luta pela Moradia que estão ali atrás, em pé, com as suas bandeiras vermelhas,

Quero cumprimentar mais companheiros. Quero cumprimentar Estrela... Prefeito, Prefeito, feche os olhos e finja que eu estou aí, Prefeito, porque eu não estou de corpo presente, mas estou de alma e coração aí.

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito Paulo Sérgio Passos,

Quero cumprimentar o senador Sérgio Zambiasi,

Quero cumprimentar todos os prefeitos que estão aí, o Celso Brönstrup, de Estrela, e José Cenci, da Fazenda Vila Nova, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos que estão aí,

Companheiros e companheiras,

Eu, na verdade, não tenho muito mais o que falar. Mas, também, um microfone na mão, a imprensa ali do lado, público atrás, público do lado, e ainda televisão, eu vou ter que falar umas palavrinhas.

Uma coisa concreta... Ontem, eu participei do aniversário de 150 anos do Ministério da Agricultura e do Ministério dos Transportes, e lembramos muito do Apolônio Sales, que foi ministro da Agricultura do Getúlio Vargas, e lembramos muito do Barão de Mauá que, de caixeiro-viajante, deu um passo tão importante para a industrialização deste país, ele foi tão à frente do governo que a classe política invejosa, daquele tempo, levou ele à falência, criando todas as dificuldades possíveis para que ele se recuperasse depois da Proclamação da República. E falamos muitas outras coisas. E vocês sabem



que quando vai chegando o final do mandato, eu já não posso mais falar do futuro, já não posso mais ficar dizendo: eu, se for eleito, vou fazer tal coisa, vou fazer... já não posso mais. Eu estou em uma fase em que eu já tenho que prestar contas, ou seja, eu tenho menos tempo pela frente do que eu já tive de mandato. Então, o que eu fiz, fiz; o que eu não fiz, não fiz, e vai ficar para outros fazerem. Quem sabe, mais e melhor.

Mas deixa eu dizer uma coisa para vocês. Eu queria provocar aqui, no bom sentido, o companheiro Tigre, que tem acompanhado algumas viagens que tenho feito ao exterior. E posso dizer na frente dos gaúchos, na frente dos meus companheiros, que eu conheço dirigente de federação de empresários desde 1969, e posso te garantir, Tigre, que eu nunca tive nenhum com quem eu tivesse a relação sincera que eu tenho contigo. Não vou dizer que você é o melhor de todos eles porque, como eu não conheci todos, eu poderia estar cometendo injustiça, porque o melhor ainda não apareceu, e pode aparecer. Mas queria te dizer da relação sincera, da relação honesta, em que falamos um para o outro aquilo que é verdade, aquilo que a gente gosta, aquilo que a gente não gosta, aquilo que a gente pode e aquilo que a gente não pode. Eu acho que é isso que falta no Brasil. Possivelmente, por você ser um empresário de verdade. Porque, muitas vezes, as associações que representam muita gente neste país não têm empresários, são prepostos que não têm a força do empresário, não vivem o mundo do empresário. É por isso que desde de 1974 eu não queria negociar com a Fiesp, eu queria negociar individualmente com a Volkswagen, com a Mercedes, com a Ford, porque eu queria conversar diretamente com o patrão, e não com pessoas de terceiro ou quarto escalão que eles colocavam como os seus representantes da direção. Se todas as federações, na agricultura, na empresa e no comércio, tivessem empresários direto, a gente teria muito mais facilidade de fazer evoluir acordos entre empresários e trabalhadores neste país.

Falo isso como quem tem experiência de muito [tempo como] dirigente



sindical e falo isso com a experiência, hoje, de oito mandatos na Presidência da... de oito anos na Presidência da República. Então, esse é um recado que eu queria dar, para poder dizer algumas coisas aqui.

Ontem eu descobri que nós estamos pagando por ano, no Ministério dos Transportes... ou melhor, nós estamos pagando por mês, este ano, aquilo que a gente conseguia investir por ano em 2002. Nos últimos quatro meses, nós pagamos mais de R\$ 1 bilhão por mês. Em 2002, o orçamento do Ministério dos Transportes era de apenas R\$ 1 bilhão, e o orçamento deste ano é um orçamento de apenas R\$ 15 bilhões. Falo sem medo de errar, olhando na cara de vocês como olho na cara da minha mulher dos meus filhos: não há momento, na história deste país, em que o governo pagou as obras contratadas tão em dia como nós pagamos.

Não faço isso criticando os outros governos ou criticando os outros ministros, porque é preciso que a gente tenha uma noção da evolução histórica e do tempo em que cada um de nós fez as coisas que tinha que fazer. Vamos ser francos! A partir do governo Geisel, este país parou de investir em infraestrutura. E por que este país parou de investir em infraestrutura? Porque o governo Geisel, que governava no tempo da crise do petróleo, ele tinha uma quantidade de dólares muito baratos no mercado, antes da crise. O Brasil tomou muitos dólares emprestados para poder fazer muitos investimentos em infraestrutura; o dólar foi tomado emprestado a 3% de juros. Depois, o senhor Paul Volker, presidente do Banco Central americano - do governo Clinton, se não me falha a memória, ou do governo Reagan - para resolver o problema do déficit fiscal americano elevou os juros de 3% para 21%, e a gente, que tinha uma dívida pagável, ficou com uma dívida impagável, e aí tivemos duas gerações perdidas neste país.

Na verdade, foram quase 25 anos que este país não tinha possibilidade de investimento. Se a gente perguntar qual a grande obra de infraestrutura deste país, a gente vai lembrar que a maioria delas é do governo Geisel para



trás. Para frente, os outros presidentes não puderam fazer porque nós vivemos por conta de pagar a dívida que tínhamos contraído. Os mais velhos devem se lembrar que o ministro Roberto Simonsen, ele nem pediu a conta do governo Figueiredo. Como ele dizia para o Geisel que não era importante fazer [pagar] a dívida porque ia endividar o país, quando o Figueiredo assumiu, ele abandonou o governo, foi embora para o Rio de Janeiro e não voltou mais, porque ele sabia que não era possível pagar. Então, nós ficamos nos anos 80 e nos anos 90, praticamente, sem nenhuma capacidade de investimento neste país, a ponto de você pegar cidades extraordinárias, de potencial turístico exuberante, que não tinham um metro de tratamento de esgoto. Coletava-se, e do jeito que se coletava, jogava-se *in natura* nos nossos rios e nos nossos mares.

O país começou a se habituar com o empobrecimento, e com atitude de ousadia, para que a gente pudesse mudar a lógica das coisas que estavam acontecendo no Brasil. Porque não pode, você não pode governar uma cidade, um estado ou uma casa se todas as vezes que uma mulher ou um homem quiser comprar um sapato novo, a gente disser: “Não tem dinheiro, não tem dinheiro, não tem dinheiro, não tem dinheiro”. Se a gente não pensar num jeito de arrumar um dinheiro ou num jeito de fazer uma dívida, a gente vai morrer descalço.

Vocês estão lembrados que, em 2008, na crise econômica mais profunda, eu lia jornais, eu me assustava. Quero dizer para os companheiros que eu me assustava quando eu lia os jornais, jornais americanos – não que eu lia, porque eu não leio nada em inglês, mas recebo muita coisa de informação –, jornais alemães. E o pessoal me dizia... as manchetes eram todas “O mundo acabou. A crise econômica acabou com o mundo. O comércio está fechando. As fábricas não estão produzindo”. E a imprensa brasileira, ela acompanhava passo a passo as críticas que eram feitas, da crise mundial. Vejam que importante: se o presidente Bush, em julho de 2008, tivesse colocado US\$ 60



bilhões ou algo próximo no *Lehman Brothers*, ele não tinha quebrado um ano depois, e a gente não teria tido a crise de crédito que nós tivemos.

A política... é que tem muita gente que inventa... eu não sei quem foi que inventou o curso de cientista político, foi para criar um pouco de caso, porque a política é a arte do óbvio. Não tem nada mais fácil, para você governar, do que você apenas fazer o óbvio, aquilo que tem que ser feito, sem inventar; aquilo que o povo precisa, sem inventar. Deve ser assim na fábrica, deve ser assim no governo, deve ser assim em qualquer lugar. É fazer apenas o óbvio, e todo mundo sabe o que é o óbvio: é fazer estrada, é fazer ponte, é fazer escola, é fazer universidade, é melhorar a vida do povo, é gerar emprego. Isso é o óbvio. É isso que todo político promete na campanha. Vocês já viram um político ir para um palanque falar mal de catador de papel? Falar mal do movimento de moradia? Falar mal dos pobres que andam com um carrinho, aí, na rua? Não. Essa época é época de desancar empresário, é época de bater em banqueiro, é época de falar mal das pessoas de que eles sabem que não podem falar mal, porque são as pessoas que financiam as suas campanhas. Mas é assim a lógica da política nacional, uma cultura, e a gente tem muita dificuldade de fazer a reforma política, muita dificuldade.

Eu, agora, quando não for mais presidente, vou ser um leão para que o meu partido assuma a responsabilidade de, junto com outros, fazer uma reforma política, que a gente possa ter as coisas mais visíveis, porque não é da responsabilidade do presidente da República fazer reforma política, é da responsabilidade dos parlamentares e, portanto, nós temos que priorizar.

Então, eu fico vendo como as coisas estão acontecendo no Brasil, e eu fico imaginando uma coisa absurda que nós fazemos no Brasil, companheiros prefeitos que já foram deputados, Fortunati, que já foi deputado: é que quando nós somos deputados, nós não pensamos que vamos ser governo; e todo mundo que é oposição desconfia de quem está na situação; e todo mundo quer fazer tudo para criar o maior número possível de obstáculos para as coisas não



funcionarem. Hoje eu estou consciente de que nós temos uma poderosa máquina de fiscalização, com jovens ganhando, de entrada, R\$ 15 mil ou R\$ 20 mil, e temos uma máquina de execução com pessoas de 30 anos ganhando R\$ 6 mil. E tudo, tudo que seja levantado já é tido como corrupção e tudo inibe a pessoa que tem que dar a liberação. Por que as pessoas demoram a dar uma liberação do Ibama? Por que as pessoas demoram a dar autorização de qualquer coisa? É porque pela lei, se ela der autorização e o Ministério Público achar que está errado e colocar o nome dela em dúvida, ela terá os seus bens disponibilizados e terá que contratar do seu próprio bolso um advogado, para se defender. Então fica todo mundo com um pé atrás. As pessoas pensam: “Esse Lula, ele só tem quatro anos de mandato. Espera aí, tchê, eu já tenho 20 anos de serviço público, 25. Esse cara vem aqui, e vai querer mudar o que eu estou fazendo? Deixa ele passar; vem outro, e vamos mudando”. Então, eu comparei assim: o governo é o trem, a máquina pública é a estação, (incompreensível) impávida. Entra passageiro, sai passageiro, o trem passa – o governo, não é? – buzina, grita, fala, promete e vai embora, e a estação está lá, impávido colosso. Se nós não assumirmos a responsabilidade de começar a mudar isso para que a gente tenha mais fiscalização, para que a gente tenha mais transparência, mas para que a gente tenha menos tempo para fazer as coisas. Eu vou poder falar mais isso quando eu não for presidente, porque... Nesses dias, eu contei a história do anel – esse túnel que este rapaz mostrou aqui, eu estou cobrando dele há dois anos, que eu quero passar nesse túnel correndo, porque o Fernando Henrique Cardoso, antes de deixar a Presidência, veio entregar uma ordem de serviço lá em Osório, e não foi possível fazer a obra. Quando eu tomei posse, eu vim a Osório entregar outra ordem de serviço. E quem me devolveu a ordem de serviço do Fernando Henrique Cardoso foi o cara que tinha recebido a ordem dele. Eu não posso permitir que quem seja eleito venha pegar a minha ordem de serviço de volta. Eu falei: Hideraldo, eu quero essa obra, bicho! Trabalhe! Bem, eu sei que o túnel está



pronto, falta só iluminar o desgramado. Mas parou seis meses – vocês sabem da história – por causa de uma perereca! Seis meses! Seis meses, que acharam uma perereca que achavam que estava em extinção, para-se a obra e coloca-se o Brasil todo a serviço de uma perereca. Nós sabemos da importância das pererecas, mas não pode parar uma obra tão importante como essa do metrô. Agora eu estou sabendo que o anel viário do Rio de Janeiro também está com o mesmo problema da perereca, e é daquelas pequeninhas, que...

Bem, esse é um problema sério, esse é um problema sério que nós vamos ter que ver como é que a gente encontra um jeito... No Canal do São Francisco... eu vou contar para vocês porque é hilariante. Houve uma explosão para tirar umas pedras, e o general responsável pela obra estava lá com um... com um... como se chama? Que cuida de pedra, que vê...? Antropólogo? Geólogo? Estava com um geólogo, e estava lá, e pega na mão uma pedra e fala: “Nossa, parece uma machadinha indígena”. Seis meses parada a obra, até analisar se era uma machadinha indígena! Quer dizer, não é a moça que tem culpa, não. Somos nós, que fazemos as leis, que temos que fazer lei com mais responsabilidade. Não é apenas pensando na disputa eleitoral, onde vale tudo. É trabalhar com mais responsabilidade o sucesso deste país, e nós aprendemos a fazer isso, nós aprendemos. Este país aprendeu a crescer, este país recuperou a autoestima. Eu estou vendo pela cara de vocês.

Teve um tempo em que eu vinha aqui, o Rio Grande do Sul... Aquela moça bonita – aqui sempre foi um estado muito rico –, de repente chegou a 38 anos de idade, continuava bonita, mas já achava que não estava tão bonita. Então o Rio Grande do Sul andava um estado um pouco amargo, um estado que estava indo para trás, “Nós estamos ficando pobres”... Vocês estão lembrados disso, aqui? “Nós estamos ficando pobres, nós estamos não sei das quantas”. Aqui é engraçado, que até arroseiro que planta arroz do lado do Uruguai, depois faz fila para não deixar o Uruguai importar para cá, porque aí é



ele mesmo que está importando. Aqui tem de tudo.

Mas o dado concreto é que nós tínhamos um compromisso de não deixar este estado regredir, porque se nós queremos fazer o Nordeste avançar, nós não poderíamos deixar quem já tinha avançado ter qualquer regressão. Era preciso avançar. É por isso que nós pegamos todos os gargalos de infraestrutura para resolver, para ver se a gente faz este estado ser o estado extraordinário que sempre foi, um modelo e símbolo do crescimento e do desenvolvimento da parte mais rica do Brasil. Vocês sabem quantos estados nós temos, em que as pessoas cantam o hino com o orgulho com que vocês cantam? No Brasil: vocês e o Acre. Então, um estado como este merece do governo federal carinho, respeito e tratamento adequado.

Bem, vocês estão lembrados, vocês estão lembrados que o Porto do Rio Grande estava às moscas, ou seja, houve um tempo em que você perguntava: “Quem é responsável por aquele porto?” “Ninguém”. Agora está assim. E todo mundo sabe a briga que nós fizemos, em 2002, para poder construir uma indústria naval neste país.

Na década de 70, a gente tinha a segunda maior indústria naval do mundo, só perdíamos do Japão. Aqui no Brasil nós tínhamos 50 mil trabalhadores. Hoje, graças a Deus... Chegamos ao governo, tinha 1.600, e hoje já tem 48 mil trabalhadores na indústria naval. E vocês vão ver, com a inauguração do dique aqui em Porto Grande, em Porto... Rio Grande, quando a gente inaugurar os diques, que comecem a produzir os cascos das plataformas e das sondas, o que vai gerar de empregos naquela região. Daí porque a necessidade da duplicação da rodovia Porto Alegre-Pelotas e, depois, Pelotas-Rio Grande, para que a gente possa ter este estado realmente se desenvolvendo, com muita qualidade.

Queria terminar, companheiros... Não vou falar das escolas, não vou falar da Unipampa, não vou falar da Universidade de Medicina, não vou falar das escolas técnicas. Eu queria dizer para vocês o seguinte: eu estou deixando



o mandato, oito anos. Eu gostaria, se vocês pudessem me ajudar, a imprensa, que tanto gosta de mim, tanto fala bem de mim, pudesse me ajudar, os nossos adversários, a fazer uma pesquisa, desde o governo Figueiredo, para não pegar nenhum... pegar desde o governo Figueiredo. Teve Figueiredo, teve Sarney, teve Collor, teve Itamar e teve Fernando Henrique Cardoso. Eu estou falando de 25 anos. E estudar se todos, juntos, trouxeram a quantidade de dinheiro do Orçamento Geral da União, ou a quantidade de financiamentos que em oito anos nós trouxemos para este estado do Rio Grande do Sul.

Porque, como eu acho que uma nação é construída de história, e quanto mais verdadeira for a história, melhor para todos nós, eu estou exigindo de cada ministro que, quando me entregarem o mandato, no dia 31 de dezembro, cada um vai me entregar o mandato e vai me entregar um relatório, registrado em cartório, de cada centavo que ele gastou em cada metro quadrado deste país, porque eu quero que as universidades tenham, eu quero que a imprensa tenha, que os empresários tenham, que os sindicalistas tenham, porque quando eu cheguei na Presidência da República, nem agenda de ex-presidente a gente achava.

Então, eu acho que o Brasil vive um momento de ouro. Acho que o Brasil não pode jogar fora o que vocês ajudaram este país a construir. Não foi pouca coisa. Nós, muitas vezes, temos o hábito de esquecer. Eu estou aqui neste Gasene, eu lembro o que era isso aqui antes do companheiro Olívio Dutra chegar ao governo, e estou vendo o que é isso aqui. Isso aqui é a demonstração de que é possível a gente viver mais, numa cidade melhor, se a gente for cuidadoso. É como dona-de-casa, governar não é diferente. Quando a gente chega numa casa, que alguém oferece um café para a gente, vai ao fogão, tem um bule cheio de café para requentar, a louça suja em cima da pia, você já fala: “Eu não quero mais o café”. Você não vai saber de onde vem a xícara! Numa cidade é a mesma coisa. Se você chega numa cidade, está cheio de papel na rua, lixo na rua, não tem... a grama não está cortada, os prédios



estão todos sujos, você fala: “Bem, isso aqui está abandonado”. E é tão bom a gente viver em um lugar limpo, numa rua limpa, na casa da gente limpa. É tão bom a gente saber que a escola do filho da gente está limpa. É tão bom a gente saber que a universidade, além de estar limpa, está ensinando bem.

Então eu quero, companheiros do Rio Grande do Sul, dizer para vocês que eu não estou me despedindo, porque eu tenho mais algumas coisas para fazer aqui. Eu vou passar embaixo daquele túnel, nem que eu tiver que me atarracar com aquela perereca lá, mas eu vou abaixar embaixo desse túnel, andando, quero andar. Quantos metros?

_____ : Mil e oitocentos.

Mil e oitocentos. Virei de tênis, para andar. Quando terminar, eu posso cair ali, de infarto, de cansaço, mas não tem problema. E peça para a perereca sair de perto, porque eu vou vir meio nervoso.

Eu quero, ainda, visitar o Porto de Rio Grande e, certamente, em algum momento, eu estarei por este estado. Eu posso, um dia, contar para vocês, antes de 3 de outubro, que eu vou fazer campanha... Porque tem gente que quer me tirar de campanha, tem gente que quer que eu não participe, mas eu acho que eu tenho obrigação de participar. Vou escolher quem vai ser o meu candidato, a minha candidata, e aí eu direi para vocês, um dia.

Um abraço... Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após encontro com o presidente do Uruguai, José Mujica

Rivera-Uruguai, 30 de julho de 2010

Bem, primeiro, eu queria cumprimentar o excelentíssimo senhor, companheiro José Mujica, presidente do Uruguai, e cumprimentando o presidente Pepe eu quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras da delegação do Uruguai,

Quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras da delegação brasileira,

Quero cumprimentar os companheiros jornalistas,

Quero cumprimentar os prefeitos das duas cidades, de Rivera e de Livramento, que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar a imprensa do Uruguai e a imprensa do Brasil,

Quero começar felicitando os companheiros do Uruguai pela boa *performance* da Seleção do Uruguai na África do Sul, sobretudo pelo Forlán ter sido escolhido o melhor jogador da Copa, porque foi mesmo. Eu disse ao Pepe que eu espero que o Brasil tenha perdido na África do Sul para não perder, em 2014, no Brasil.

Bem, é com muita alegria que mantenho com o presidente do Uruguai, o companheiro Pepe Mujica, mais este encontro, o quarto desde sua posse em 1º de março. É importante lembrar que o último encontro que tivemos, em Montevideu, eu fiquei muito nervoso porque notei que a gente tinha andado muito pouco e que a nossa comissão, a comissão que envolvia gente dos dois países, não estava funcionando como deveria funcionar. Eu e Pepe ficamos muito irritados e marcamos esta reunião aqui. Hoje eu posso dizer que a comissão trabalhou de forma extraordinária, e eu quero agradecer tanto ao



negociador brasileiro, o companheiro Simões, ao embaixador brasileiro, como ao negociador uruguaio, que fizeram um trabalho extraordinário. O resultado dessa reunião foi altamente produtivo para os dois países.

A frequência de nossas visitas demonstra o alto grau de prioridade que Uruguai e Brasil se atribuem mutuamente atribuem mutuamente. Para celebrar nossas excelentes relações, decidimos privilegiar a região de fronteira. Essa vizinhança de mais de mil quilômetros é símbolo de amizade entre uruguaios e brasileiros. Outra coisa importante: aqui, nossos povos aprenderam, com solidariedade e tolerância, a dividir o mesmo espaço físico e a comunicar-se em uma convivência que reflete a complexidade e a riqueza do processo de integração.

Eu espero que Livramento e Rivera possam significar para todos os países do Mercosul o símbolo da convivência pacífica entre dois povos que, embora falando línguas diferentes, embora tendo passaportes diferentes, se sentem todos como irmãos, porque vivem muito próximos dos outros. O que eu vi quando cheguei no aeroporto de Rivera, e o que eu vi quando cheguei aqui em Livramento, a gente não sabia quem era uruguaio, a gente não sabia quem era brasileiro, porque quando não se falava bem o espanhol, sabíamos que era *portunhol*; quando não se falava bem o português, sabíamos que era o *portunhol*, e eu acho que estamos em casa.

Distante dos grandes centros, as populações fronteiriças parecem, às vezes, isoladas ou mesmo abandonadas. Nossa presença aqui hoje procura reconhecer e realçar o papel relevante que esses homens e mulheres desempenharam, historicamente, no fortalecimento dos laços entre os nossos países. Para agradecer-lhes e render-lhes homenagem estamos, conjuntamente, tomando decisões que contribuirão para promover o bem-estar desses cidadãos.

Atendendo à reivindicação antiga promulguei, no último dia 27, acordo que facilitará o acesso a serviços de saúde de uruguaios e brasileiros



residentes em localidades fronteiriças. Assinamos hoje memorando sobre cooperação científico-tecnológica, acadêmica e de inovação, que cria moldura para maior integração entre as comunidades científicas e de pesquisas dos dois países, sobretudo, nas áreas industrial e do agronegócio.

Para realizar o velho sonho de tornar a Lagoa Mirim ponto de união e fator de desenvolvimento econômico e social, assinamos também um acordo de navegação na hidrovia Uruguai-Brasil. Trata-se de primeiro passo na implantação de um sistema moderno de transporte de carga e de passageiros.

Com o presidente Mujica, estabelecemos a Comissão de Planejamento Estratégico e Integração Produtiva, que tornará realidade os projetos prioritários, muitos dos quais de integração física. A reforma da ponte Mauá, que será licitada neste semestre, já tem recursos orçamentários. O Brasil arcará com a maior parte dos custos da construção da segunda ponte sobre o rio Jaguarão. Estamos avançando na construção de uma linha de transmissão de grande porte, que ligará San Carlos e Candiota.

Estamos examinando também a possibilidade de apoiar outras iniciativas, entre as quais a integração ferroviária. Mas só lograremos construir um processo de integração sólido, com raízes profundas, se também ampliarmos o comércio, os investimentos e a integração produtiva com o Uruguai.

Em 2009, apesar do impacto da crise, o fluxo comercial manteve-se estável. Nossas importações do Uruguai alcançaram o nível recorde de 1 bilhão e 200 milhões, com crescimento de 21% em relação ao ano anterior. Essa tendência é mais evidente em 2010. No primeiro semestre, o intercâmbio comercial já é 23,2% maior que o do mesmo período do ano passado.

Para estimularmos mais o comércio bilateral, colocaremos em funcionamento, neste ano, o sistema de pagamento em moeda local entre os dois países. Será uma alternativa adicional para que nossos empresários possam realizar operações comerciais sem ter de pagar comissões e outros



custos associados a contratos de câmbio.

Meu caro companheiro, presidente Mujica,

Nossa relação bilateral tem de ser abrangente e estratégica. Isso ajudará a superar problemas pontuais e pavimentará o caminho para uma integração produtiva. No campo industrial realizamos grande evento empresarial na Federação das Indústrias de São Paulo, em julho, e está em elaboração calendário de rodada de negócios para identificar oportunidades de complementação industrial em setores como o naval, o aeronáutico, de autopeças, metal-mecânico, de biotecnologia e de energia.

Vou insistir sempre em que os empresários brasileiros encarem o Uruguai como parceiro privilegiado. Eles devem aproveitar a segurança jurídica, a alta qualidade dos recursos humanos e a proximidade com o Brasil para colocar em marcha projetos de integração produtiva emblemáticos dessa relação estratégica que construímos diariamente.

Nesse sentido, será fundamental utilizar a presença do BNDES e do Banco do Brasil em Montevideú, para articular esses projetos que têm o setor privado como protagonista e os governos como indutores.

Em poucos dias nos reuniremos na Argentina para a Cúpula do Mercosul. Aos que aqui e ali propalam o suposto fracasso do Mercosul, advogando até mesmo o seu fim, lembramos que as quatro economias que mais cresceram na América são exatamente aquelas do nosso bloco, do Mercosul. O Uruguai e o Brasil atribuem prioridade à sua consolidação, enquanto motor da integração regional.

Precisamos trabalhar juntos para assegurar um balanço claramente positivo do Mercosul em seu aniversário de 20 anos, em 2011. Devemos resolver velhas pendências: a eliminação da dupla cobrança da Tarifa Externa Comum, a implementação de um Código Aduaneiro Comum e uma maior institucionalização. Mas também precisamos reconhecer os avanços, entre os quais o Focem, que deve se consolidar como instrumento de superação de



assimetrias.

No âmbito mais amplo da Unasul esperamos aprofundar entendimentos para construir uma visão comum de defesa e segurança na região, que consolide a América do Sul como zona de paz e democracia. Nesse sentido... nesse espírito, concluímos com o Uruguai, há poucos dias, um acordo de cooperação em defesa, único do gênero.

Companheiro Mujica,

O Uruguai e o Brasil querem uma América do Sul sem conflitos, integrada, para alcançar o desenvolvimento, a prosperidade e a justiça social. Com esse intuito, faço votos de que nossos povos possam caminhar juntos, com perseverança e espírito fraterno.

Quando nossos ministros tiverem divergência, quando um uruguaio tiver divergência com um brasileiro, por favor, olhem para o grau de amizade do presidente Mujica e do presidente Lula e façam as pazes, porque assim nós iremos melhorar a vida do povo brasileiro e do povo uruguaio.

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras de terraplanagem da subestação de Villa Hayes da linha de transmissão de Itaipu

Villa Hayes-Paraguai, 30 de julho de 2010

Eu sempre tenho uma dúvida, quando estou falando em português, se todo mundo entende. Uma vez, eu estava na Bolívia e perguntei a um companheiro meu se ele entendia espanhol [português], e ele me disse que só o essencial. E eu perguntei: e quem define quando é essencial?

E eu queria dizer ao meu companheiro Lugo, aos meus companheiros do governo paraguaio, aos empresários do Paraguai, à imprensa do Paraguai da minha alegria de estar vivendo este momento no meu governo.

Não foi uma tarefa fácil chegarmos até aqui. Nós poderíamos, hoje, estar inaugurando a linha de transmissão, mas, por conta de divergências e de desconfianças, nós perdemos... Só eu, que já vou terminar o meu mandato, perdi pelo menos uns quatro anos do meu mandato quando já poderíamos ter inaugurado esta linha de transmissão.

De qualquer forma, como o companheiro Lugo é um homem cristão e sabe que Deus escreve certo por linhas tortas, está permitindo que seja exatamente agora que possamos dar início a uma construção que vai, não mudar definitivamente a cara do Paraguai ou a cara de Assunção, mas trazer 50 megawatts de energia a mais para Assunção – é praticamente dobrar os duzentos e cinquenta e poucos megawatts que hoje atende a Assunção. E atrás da energia, certamente virá uma empresa, certamente virá a segunda empresa, certamente virá a terceira empresa e certamente terá que vir outra linha de transmissão, de potência maior que 500 megawatts.

Eu estou convencido de que, apesar de muitas vezes as divergências políticas aparecerem com mais destaque do que as convergências, eu estou



convencido de que o Paraguai vive um momento virtuoso na sua vida econômica, política, empresarial e social. As coisas nunca acontecem com a rapidez que a gente gostaria que acontecessem, nunca. E, muitas vezes, quem é governo, vindo de oposição como eu vim ou vindo de oposição como o Lugo veio, como tantos companheiros na América Latina e na América do Sul, há um processo de angústia, porque nós percebemos que a máquina do Estado não está preparada para trabalhar no tempo da necessidade da sociedade. E, portanto, as coisas demoram sempre muito mais do que a gente gostaria que acontecessem.

Portanto, a minha alegria, companheiro Lugo, de coração, de estar aqui junto com os companheiros do Paraguai, dando o pontapé inicial nesta linha de transmissão. Por isso, eu tenho a enorme satisfação de participar deste ato em que se iniciam as obras de construção da subestação de Villa Hayes e da linha de transmissão que trará energia de Itaipu para toda esta região.

O cenário é inspirador. Estamos à margem do rio Paraguai, eixo histórico de comunicação e via natural da integração regional. Estamos em pleno Chaco, fronteira de oportunidade de um país cada vez mais soberano e cada vez mais senhor de si. Temos aqui um governo comprometido com o bem-estar do seu povo. Grandes empreendimentos como este refletem os laços de amizade e cooperação que unem o Paraguai e o Brasil. A linha de transmissão permitirá que o Paraguai se torne o destino de mais investimentos produtivos, que geram mais empregos, que geram mais renda, sustentando seu desenvolvimento econômico e social por meio de energia limpa e renovável, um dos grandes desafios do século XXI.

O Brasil pode e deve atuar como parceiro neste processo. Tenho a firme convicção de que só seremos um país próspero se os nossos vizinhos também o forem. Ao contrário dos que preferem estabelecer a antiga relação de dependência e subordinação com os países ricos, optamos por unir o destino do Brasil à nossa querida América do Sul. Ao contrário dos críticos da



cooperação Sul-Sul, fazemos do Mercosul um fator dinâmico do nosso comércio intrazona e uma plataforma para inserção soberana no mundo.

A tenacidade que demonstramos frente à crise econômica global mostrou que estamos no caminho certo. Veja que interessante, companheiro Lugo: as quatro economias do bloco Mercosul estão entre as que mais crescerão neste ano, o que comprova o êxito e o fortalecimento da nossa integração.

Para facilitar a aproximação e reduzir as assimetrias entre nós, criamos instrumentos próprios. Com base nos recursos do Focem, estamos abrindo novos horizontes para a economia paraguaia, lançando bases sólidas para a sua industrialização. As obras da fábrica, que o presidente Lugo e eu – não se está mantido – teríamos que visitar daqui a pouco, é a prova disso. Empresas paraguaias e brasileiras se associaram, com investimento de US\$ 103 milhões na criação da Yguazú Cimentos. Esta fábrica, que é o maior investimento privado do Paraguai na atualidade, tende a entrar em operação já em 2011, produzindo 400 mil toneladas/ano e gerando 280 empregos diretos aqui no Paraguai.

Estamos, assim, criando as condições para que o comércio bilateral siga crescendo com mais equilíbrio e maior participação das exportações paraguaias. Prestem atenção em um número promissor: em 2010, nossas trocas comerciais já atingiram US\$ 1,5 bilhão, o que representa um aumento de mais de 60%, se comparado ao mesmo período de 2009. Mas precisamos fazer ainda muito mais. É fundamental eliminar os gargalos em infraestrutura para reduzir os custos logísticos e operacionais das atividades de exportação e importação. Este é um dos objetivos da hidrovia Paraguai-Paraná, onde colaboramos para facilitar a navegação e ampliar o fluxo de comércio. Iniciaremos, em breve, a construção da segunda ponte sobre o rio Paraná. A comissão mista encarregada desse projeto tem trabalhado de forma muito ativa. A nova ponte será mais um elo entre Brasil e Paraguai e tornará mais



fluido o transporte de cargas, aliviando o tráfego da Ponte da Amizade. Outra medida positiva virá com a entrada em vigor do Regime de Tributação Unificada. O RTU nasceu da vontade política dos governos, empenhados em construir a formalização da economia da fronteira e esta vontade não arrefeceu. Em poucos meses, já será realidade.

A nossa agenda de cooperação bilateral contém, ainda, um forte componente social. O Centro de Capacitação de Hernandarias vem ajudando na formação profissional de mais de 10 mil jovens paraguaios. Estão em curso vários projetos de cooperação em políticas públicas na área social, como nos programas de transferência de renda, habitação, saneamento e agricultura familiar.

O grande número de paraguaios e de brasileiros no Paraguai evidenciam uma forte comunhão de valores entre nossas sociedades. Nossos governos trabalham em sintonia para resgatar a dignidade e os direitos de cidadania dessas comunidades.

Por isso, eu agradeço o apoio do governo paraguaio nas campanhas de regularização migratória de brasileiros residentes no Paraguai. Já são mais de quatro mil brasileiros beneficiados. Esperamos que, até o final de 2010, outros tantos passem a usufruir dos direitos oferecidos pela situação migratória regular.

Meu caro companheiro presidente Lugo,

Ao completar um ano de uma última visita a Assunção, quero reiterar meu compromisso com todos os pontos da declaração conjunta que lançamos no dia 25 de julho de 2009. Temos feito progressos significativos no diálogo com o Congresso brasileiro para aprovar as Notas Reversais que aumentam a compensação pela cessão de energia ao Brasil. Certamente, na próxima semana entrará em votação na Câmara dos Deputados e, se isso acontecer, possivelmente em setembro estaremos em votação no Senado da República e, quem sabe, aprovaremos isso ainda antes de terminar o meu mandato na



Presidência da República do Brasil.

Também estamos avaliando com toda atenção a recente proposta paraguaia sobre a possibilidade de venda direta de energia no mercado brasileiro. Quero felicitá-lo pela serenidade e firmeza com que o seu governo vem conduzindo a ampla e densa agenda bilateral com o Brasil.

Em seus quase dois anos de mandato, Vossa Excelência tem dado mostras recorrentes de que a soberania e a integração podem andar juntas, e que um Paraguai cada vez mais assertivo, justo e democrático é fundamental para a comunidade de nações sul-americanas.

Companheiro Evo... Companheiro Lugo, eu gostaria de dizer duas palavras sem o meu discurso oficial. Eu sei que tem gente reclamando do sol, mas certamente ninguém está tomando mais sol do que eu estou tomando nas costas aqui. Eu queria dizer isso porque, Lugo, eu, daqui a cinco meses e um dia, não serei mais presidente da República do Brasil. E eu não poderia deixar de dizer, neste encontro contigo, com os seus ministros, com os empresários, que eu aprendi possivelmente muito mais do que se eu tivesse feito uns dez cursos de pós-graduação em Ciências Políticas a realidade da nossa querida América do Sul, as dificuldades internas de cada país.

E muitas vezes eu compreendi por que nós somos vítimas de preconceitos que nós mesmos criamos contra nós. Ou seja, de um lado, muitas vezes, os brasileiros criaram preconceitos de que não adiantava ficar trabalhando com economia de países vizinhos, menores; de que era melhor estarmos ligados às grandes potências europeias ou às grandes potências do Norte porque eles teriam mais dinheiro, mais tecnologia e esse seria o caminho correto que um país do tamanho do Brasil deveria perseguir. E, de outro lado, os países menores ficavam muito preocupados com medo de uma relação mais objetiva com o Brasil. Porque, muitas vezes, também a doutrina reinante em cada país era de que o Brasil era o grande inimigo dos países pequenos vizinhos do Brasil. E, durante tempos, décadas, séculos, nós fomos jogando



tempo fora, acreditando que as coisas que nós deveríamos fazer entre nós viriam de outros lugares. Viriam, quem sabe, da rica Europa, ou que viria dos ricos Estados Unidos, ou que viria do rico Japão, ou que viria de um outro lugar qualquer. E deixamos de fazer as coisas mais elementares que nós deveríamos ter feito ao longo do século XX e ao longo, eu diria, quem sabe, até antes do século XX.

O século XXI é a oportunidade da América do Sul e da América Latina. Nós aprendemos que mentira não dura muito, que as pessoas podem mentir uma vez, duas vezes, três vezes, quatro vezes, mas uma hora a verdade vem à tona. E a verdade é que tanto para o Brasil quanto para o Paraguai, tanto [para] o Brasil quanto para o Uruguai, tanto para o Brasil quanto para a Argentina, nós nunca poderemos nos ver como adversários ou como inimigos, nós temos que nos ver como oportunidades de uns para os outros.

O Brasil, pelo potencial do seu mercado, nunca pode ser visto como um prejuízo ao Paraguai, mas possivelmente tenha que ser visto como um grande receptor das coisas produzidas no Paraguai. Afinal de contas, são 190 milhões de habitantes, um poder de consumo extraordinário. Já há quem diga que, em 2016, o Brasil será a quinta economia do mundo.

Como é que o Paraguai vai jogar fora a oportunidade de jogar os seus produtos, exportando eles, jogando com a mão para atravessar o Oceano Atlântico, o Rio das Pratas, para levar o produto para onde, se nós somos um mercado excepcionalmente grande para atender uma grande demanda de um país como o Paraguai?

E, muitas vezes... esse discurso, Lugo, eu não faço na sua presença, esse discurso eu não faço na presença de empresários do Paraguai, esse discurso eu faço todo dia, na Federação das Indústrias de São Paulo, na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, e por onde eu viajo com os empresários brasileiros, ao meu Ministro da Indústria e Comércio.

Muitas vezes eu brigo com o empresariado brasileiro: por que eles não



se dão conta de fazer mais investimentos no Uruguai, mais investimentos no Paraguai, mais investimentos na Bolívia, para que a gente tenha, até do ponto de vista racional, um equilíbrio na balança comercial? Tem país que o Brasil pode vender tudo para eles e eles não podem vender nada para o Brasil. E caberia à economia brasileira garantir que este país pudesse produzir alguma coisa e o Brasil pudesse comprar para fortalecer a economia deste país.

Eu fico olhando a distância Brasil-Paraguai; eu fico olhando a quantidade de fronteiras que nós temos, e, sobretudo, fronteira seca. E o desafio que nós temos é evitar que essas fronteiras se transformem em problemas para nós. E ela sempre será problema enquanto perdurar o subdesenvolvimento, enquanto perdurar a miséria.

Eu espero, companheiro Lugo, que... daqui a pouco teremos uma outra pessoa governando o Brasil, e que essa pessoa tenha mais sorte, mais oportunidades e, quem sabe, até mais ousadia, pelo aprendizado que nós tivemos nesses anos todos, de transformar todos os focos de problemas que temos na fronteira Brasil e Paraguai, onde dizem que é caminho do narcotráfico, onde dizem que é caminho do contrabando, onde dizem que é caminho da febre aftosa, para a gente transformar parte dessa fronteira em pontos de desenvolvimento, de geração de emprego, de geração de renda, porque é isso que vai garantir o crescimento do Paraguai, o crescimento do Brasil, e é isso que vai transformar o Paraguai e o Brasil em países mais justos neste século XXI.

Portanto, queria, de coração, agradecer a vocês e, sobretudo, companheiro Lugo, agradecer a você a serenidade com que Vossa Excelência tem tratado as divergências que temos vivido.

Um abraço.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
